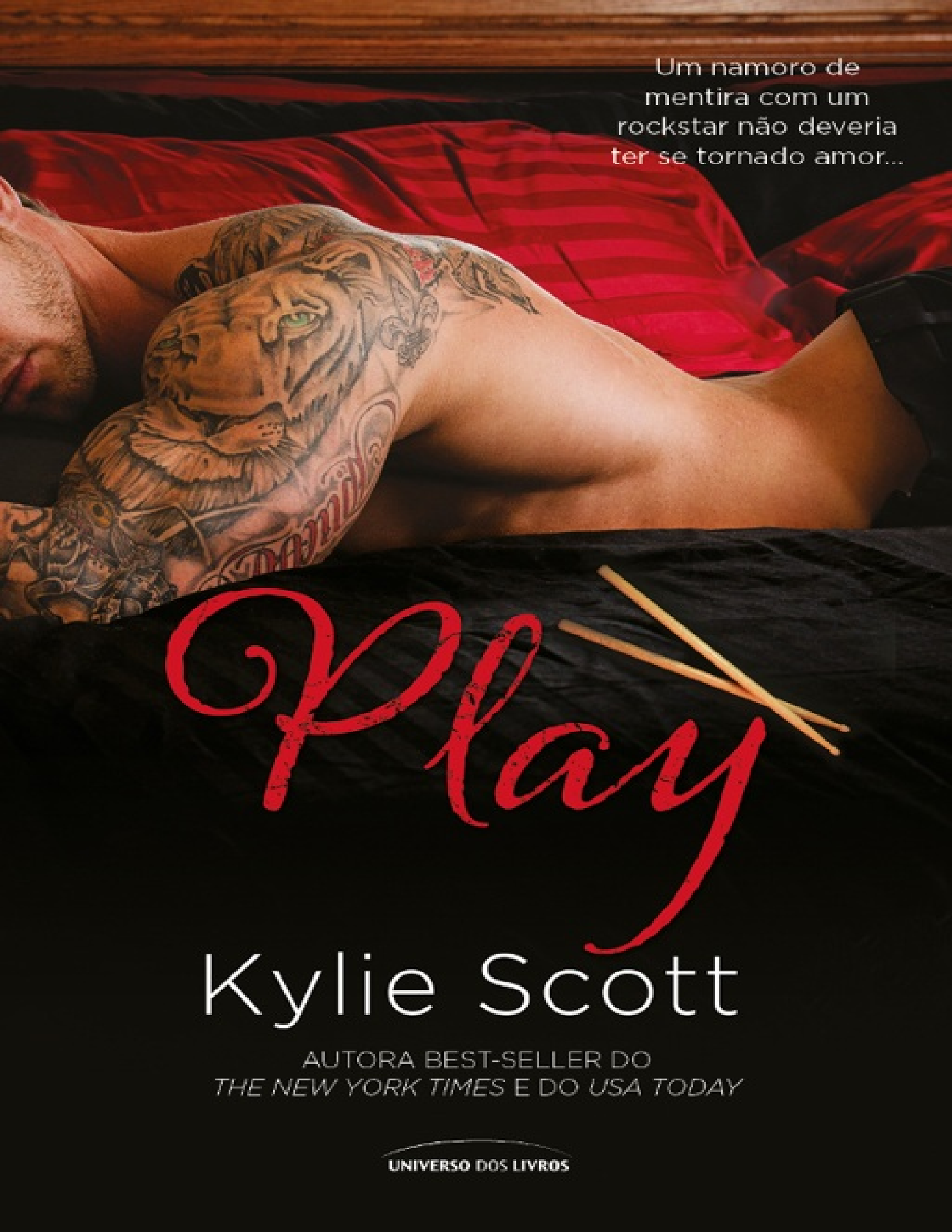
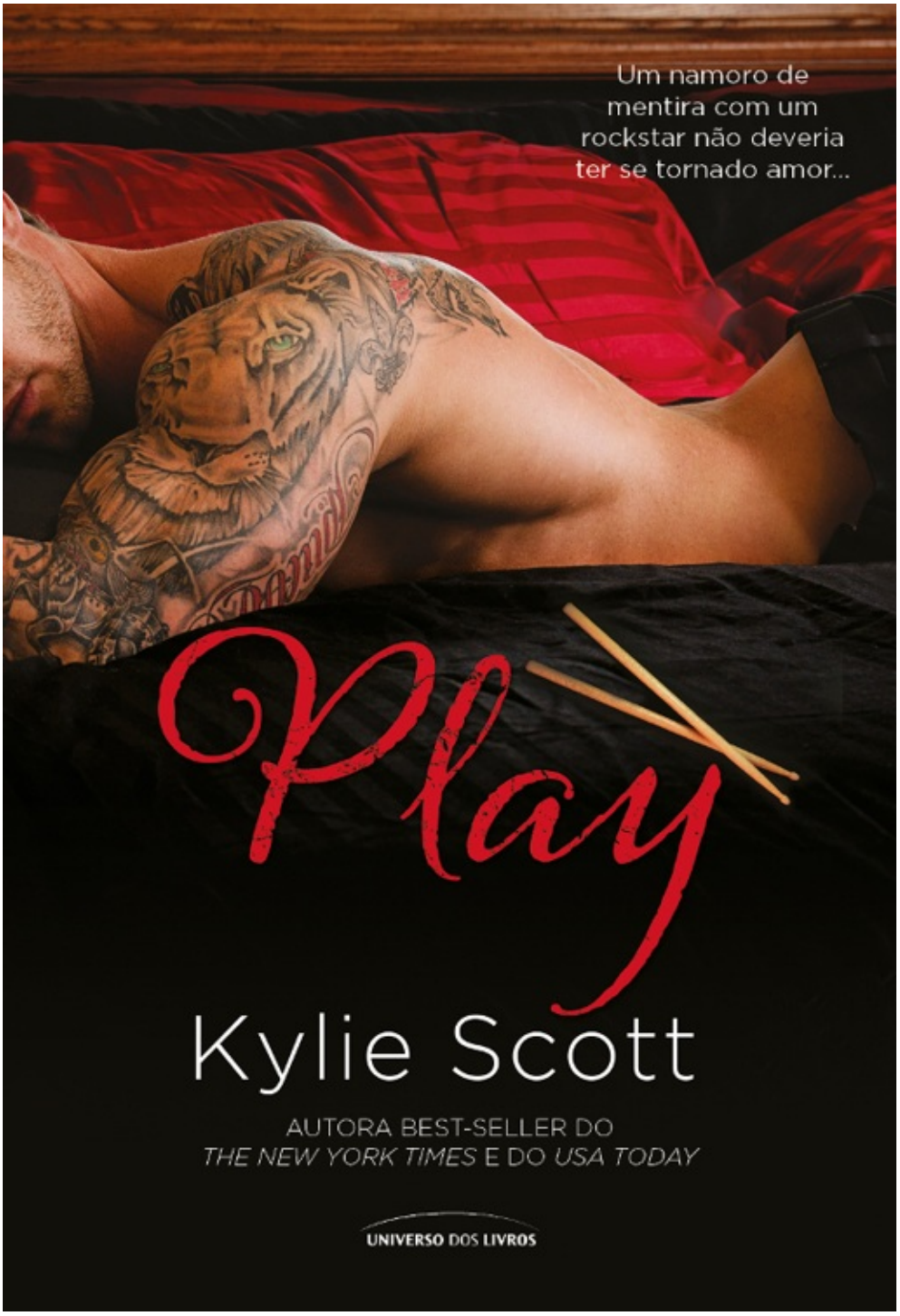

Um namoro de mentira com um rockstar não deveria ter se tornado amor...
Play
Kylie Scott
AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES E DO USA TODAY
UNIVERSO DOS LIVROS


Um namoro de mentira com um rockstar não deveria ter se tornado amor...
Play
Kylie Scott
AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES E DO USA TODAY
UNIVERSO DOS LIVROS

Play

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 • Conj. 603/606
Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo • SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Kylie Scott

Play

São Paulo
2015

UNIVERSO DOS LIVROS

Play
Stage Dive, 2
Copyright © Kylie Scott 2014

© 2015 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos
Editora-chefe: Marcia Batista
Assistentes editoriais: Aline Graça, Letícia Nakamura e Rodolfo Santana
Tradução: Cristina Tognelli
Preparação: Júlia Yoshino
Revisão: Juliana Gregolin e Plínio Zunica
Arte e adaptação de capa: Francine C. Silva e Valdinei Gomes
Design original de capa: Lisa Marie Pompilio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S439p

Scott, Kylie
Play / Kylie Scott ; tradução de Cristina Tognelli. – São Paulo: Universo dos Livros, 2015. (Stage Dive, 2)
320 p.

ISBN: 978-85-7930-949-6
Título original: *Play*
1. Literatura americana 2. Literatura erótica I. Título II. Tognelli, Cristina
15-1081 CDD 813.6

Para Hugh. Para todo o sempre e mais um pouco.

CAPÍTULO 1

Havia algo errado. Soube disso no instante em que passei pela porta. Com uma mão, acendi a luz, e com a outra, larguei a bolsa no sofá. Um pouco além do corredor fracamente iluminado, o brilho repentino era atordoante. Luzinhas pipocaram diante dos meus olhos. Quando sumiram, só o que vi foram espaços... Espaços nos quais, naquela mesma manhã, havia coisas.

Como o sofá.

A minha bolsa bateu no chão e todo o seu conteúdo saiu rolando: absorventes internos, moedas soltas, canetas e maquiagem. Um desodorante *roll-on* rolou até um canto. O canto estava agora vazio, visto que tanto a TV quanto o rack tinham sumido. A minha mesa e as cadeiras retrô de segunda mão permaneciam ali, assim como a estante abarrotada de livros. Mas o resto do cômodo estava vazio.

– Skye?

Nenhuma resposta.

– Mas que merda é essa? – Pergunta idiota, pois o que acontecera ali era bem óbvio. À minha frente, a porta do quarto da minha colega de apartamento estava escancarada. Nada além de escuridão e ninhos de poeira ali. Não havia como negar.

Skye me deixara na mão.

Meus ombros penderam com o peso de dois meses de aluguel; alimentação e contas de água e luz me esmagaram. Até mesmo a minha garganta se contraiu. Então, essa era a sensação de ser ferrada por uma amiga. Eu mal conseguia respirar.

– Anne, posso pegar o seu casaco de veludo emprestado? Prometo que... – Lauren, a vizinha do apartamento ao lado, havia entrado (bater à porta nunca fora seu estilo) e, assim como eu, parou atordoada. – Onde está o sofá?

Respirei fundo e soltei o ar devagar. O que não ajudou em nada.

– Acho que Skye o levou.

– Skye foi embora?

Abri a boca, mas, sério, o que havia para ser dito?

– Ela se foi e você não sabia que ela ia embora? – Lauren inclinou a cabeça, fazendo com que a cabeleira escura balançasse de um lado para o outro. Sempre invejei aquele cabelo. O meu é ruivo e bem fino. Qualquer comprimento abaixo dos ombros faz parecer que eu enfiei a cabeça num balde de óleo, motivo pelo qual eu não costumava deixá-lo crescer abaixo da altura do queixo.

Não que cabelos fossem importantes.

Conseguir o dinheiro do aluguel era.

Ter comida na geladeira era.

Cortes de cabelo? Não tanto assim.

Meus olhos ardiam, a traição ardendo pra caramba. Skye e eu éramos amigas há anos. Eu confiara nela. Falamos mal dos homens e partilhamos segredos, choramos uma no ombro da outra. Aquilo simplesmente não fazia sentido.

Só que fazia.

Fazia sentido de uma maneira dolorosa.

– Não. – A minha voz saiu estranha. Engoli com força, pigarreando. – Não, eu não sabia que ela estava indo embora.

– Estranho. Vocês duas sempre pareceram se dar bem.

– Pois é.

– Por que ela iria embora assim?

– Ela me devia dinheiro – admiti, ajoelhando-me para apanhar o conteúdo da minha bolsa. Não para rezar para Deus. Tinha desistido dele há muito tempo.

Lauren arquejou, descrente.

– Você tá de brincadeira. Que filha da puta!

– Amor, a gente vai se atrasar. – Nate, meu outro vizinho, ocupou o vão da porta, com o olhar impaciente. Ele era um cara grande, com certo charme. De costume, eu invejava o namorado de Lauren, mas naquele instante, toda a glória de Nate se perdeu para mim, de tão ferrada que eu estava.

– O que tá acontecendo? – perguntou, olhando ao redor. – Oi, Anne.

– Oi, Nate.

– Cadê suas coisas?

Lauren lançou as mãos para o alto.

– Skye levou as coisas dela!

– Não – eu a corrigi. – Ela levou as coisas *dela*. Mas levou o meu dinheiro.

– Quanto? – Nate perguntou, o desgosto fazendo com que a voz dele descesse uma oitava.

– O bastante – respondi. – Venho cobrindo as despesas dela desde que ela perdeu o emprego.

– Que merda – murmurou Nate.

– Pois é. – Pois é *mesmo*.

Peguei a bolsa e a abri. Sessenta e cinco dólares e uma única moeda de vinte e cinco centavos brilhante. Como fui deixar a situação chegar àquele ponto? O meu salário da livraria já tinha acabado e o meu cartão de crédito já estava estourado. Lizzy precisara de ajuda para pagar livros didáticos no dia anterior e não havia como eu me recusar a ajudá-la. Ajudar a minha irmã na faculdade vinha em primeiro lugar.

De manhã, falei para Skye que precisávamos conversar. Durante todo o dia me senti péssima com aquilo, meu estômago ardia, pois a verdade era que a minha conversa se resumiria a lhe informar que ela precisava pedir aos pais, ou ao novo namorado chique, um empréstimo para me devolver o dinheiro. Eu não conseguiria mais segurar as contas de nós duas, enquanto ela procurava outro emprego. Então, ela também precisaria conversar com eles a respeito de algum lugar para ficar. Sim, eu estava chutando-a de casa. A culpa me pesara no estômago tal qual uma pedra.

Que ironia.

Qual a probabilidade de ela estar sentindo algum remorso por me ferrar desse jeito? Muito baixa.

Terminei de arrumar a bolsa e fechei o zíper.

– Ah, sim, Lauren, o casaco está no meu armário. Pelo menos espero que esteja. Vá em frente.

O vencimento do aluguel seria em oito dias. Talvez eu conseguisse algum milagre. Deveria existir por aí alguma moça de vinte e três anos que soubesse lidar com dinheiro e tivesse uma poupança no banco. Pelo menos uma que precisasse de lugar para ficar. Antes disso, eu vinha me saindo bem. Mas sempre havia alguma coisa que eu ou a minha irmã precisávamos mais do que estabilidade financeira. Livros, roupas, uma noite na cidade, todas aquelas coisinhas que fazem a vida valer a pena. Já nos sacrificáramos o bastante. E, no entanto, aqui estava eu, quebrada e ajoelhada.

Acho que eu deveria ter pensado melhor sobre minhas prioridades. Saber das coisas tarde demais era uma merda.

No pior dos cenários, talvez eu conseguisse me safar dormindo no sofá do dormitório de Lizzy, se fôssemos bem sorrateiras. Só Deus sabia como nossa mãe não tinha dinheiro. Pedir a ajuda dela estava fora de questão. Se eu vendesse as pérolas da minha avó, talvez poderia adiantar o depósito de outro apartamento, um menor que eu conseguiria pagar sozinha.

De alguma maneira, eu daria um jeito naquilo. Claro que daria. Dar um jeito nas coisas era a minha especialidade.

E se eu voltasse a ver Skye algum dia, eu a mataria, com certeza.

– O que você vai fazer? – Nate perguntou, se recostando no batente da porta.

Coloquei-me de pé e bati a poeira dos joelhos da minha calça preta.

– Vou dar um jeito.

Nate me lançou um olhar, que retribuí com a tranquilidade que conseguia. O que quer que saísse de sua boca na sequência, era melhor que não fosse pena. O meu dia já fora bastante ruim. Com muita determinação, lancei-lhe um sorriso.

– Então, aonde vocês vão?

– A uma festa na casa do David e da Ev – Lauren respondeu de dentro do meu quarto. – Por que não vem com a gente?

Ev, a irmã de Nate e antiga colega de apartamento de Lauren, casara-se alguns meses antes com David Ferris, o maior dos deuses do rock e guitarrista da banda Stage Dive. Uma história meio longa. Para falar a verdade, eu ainda tentava entender. Antes, ela era a vizinha loira e simpática que frequentava a mesma universidade que Lauren e fazia uns cafés incríveis; no instante seguinte, o quarteirão do nosso prédio estava circundado por *paparazzi*. Skye chegou a dar entrevistas nos degraus da entrada – não que ela soubesse de alguma coisa. Já eu saía pelos fundos.

Em grande parte, minha relação com Ev se resumia a dizer "olá" quando nos cruzávamos na escada, na época em que ela morou ali, ou quando eu ia ao Ruby's Café todas as manhãs para comprar um café enorme a caminho do trabalho. Sempre fomos amigáveis, mas eu não diria que somos amigas de verdade. Dada a tendência de Lauren a pegar minhas roupas emprestadas, eu a conhecia muito melhor.

– Ela pode ir, não pode, Nate?

Nate grunhiu sua afirmação. Ou talvez indiferença. Com ele, era complicado determinar as coisas com precisão.

– Não, tá tudo bem – recusei. Havia sujeira no local onde o sofá e o rack costumavam ficar; tudo o que Skye se dignara a deixar para trás. – Tenho um livro novo para ler, mas acho melhor eu começar a limpar isto aqui. Deve fazer um tempo que não limpamos debaixo da mobília. Pelo menos agora não vou ter que afastar muitas coisas para fazer faxina.

– Vem com a gente!

– Lauren, eu não fui convidada – respondi.

– Nem a gente, na metade das vezes – disse Nate.

– Eles nos amam! Claro que querem a gente lá. – Lauren ressurgiu do quarto e lançou um olhar maligno para o namorado. Ela ficava muito mais bonita na jaqueta preta do que eu, um motivo pelo qual escolhi não odiá-la secretamente. Se isso não me desse alguns pontos no céu, não sei o que daria. Talvez eu a desse a ela como presente de despedida antes de ir embora.

– Venha, Anne – ela insistiu. – Ev não vai se importar.

– E aí, vamos? – Nate girou as chaves do carro na mão com impaciência.

Passar o tempo com estrelas do rock não parecia a reação mais apropriada ao descobrir que logo estaria no olho da rua. Talvez, num dia em que estivesse deslumbrante, toda arrumada, eu poderia dar uma passada e dizer um “olá”. Esse dia não seria hoje. Eu me sentia cansada, derrotada. Visto que eu vinha me sentindo assim desde os dezesseis anos, não era a melhor das minhas desculpas. No entanto, Lauren não precisava saber disso.

– Obrigada, gente. Mas eu só quero ficar em casa.

– Mas meu bem, a sua casa está uma droga agora – disse Lauren, passando o olhar no pó acumulado e na ausência de decoração. – Além disso, é noite de quarta-feira. Quem fica em casa numa quarta à noite? Vai com a sua roupa de trabalho ou vai colocar um jeans? Eu sugiro jeans.

– Lauren...

– Não.

– Mas...

– Não. – Lauren segurou meus ombros e me encarou. – Você foi passada para trás por uma amiga. Não tenho palavras para explicar o quanto isso me deixa furiosa. Você vai com a gente. Se quiser, esconda-se num canto a noite toda. Mas você não vai ficar aqui sozinha pensando naquela ladrazinha. Sabe que nunca gostei muito dela.

Estupidamente, eu gostava. Ou gostara. Tanto faz.

– Eu não disse isso, Nate?

Nate deu de ombros e virou as chaves uma vez mais.

– Vá. Apronte-se. – Lauren me deu um empurrão em direção ao quarto.

Na minha atual situação, aquela provavelmente seria a minha única oportunidade de conhecer David Ferris. Ev ainda aparecia ali de vez em quando, mas eu nunca o vira, apesar de “ficar à toa” nos degraus da entrada, só para o caso... Ele não era o meu favorito dos quatro membros da banda Stage Dive. Essa honra estava reservada ao baterista, Mal Ericson. Há alguns anos, eu fora apaixonada por ele. Mas mesmo assim... *O* David Ferris. Pela oportunidade de encontrar nem que fosse apenas um deles, eu tinha que ir. Há alguns anos, eu tinha uma queda pela banda. Não porque eles eram deuses do rock. Não, eu era uma roqueira purista.

– Tudo bem, só preciso de dez minutos. – Era absolutamente o tempo mínimo no qual eu poderia me preparar em espírito, se não fisicamente, para deparar-me com os ricos e os famosos. Por sorte, meu nível de cuidados pessoais estava perigosamente perto do “que se foda”. Hoje provavelmente seria o melhor dia para encontrar o senhor Ferris. Era bem possível que eu conseguisse ficar na boa em vez de causar um atemorizante desperdício de espaço.

– Cinco minutos – replicou Nate. – O jogo já vai começar.

– Dá pra relaxar? – Lauren perguntou.

– Não. – O homem produziu um estalo, e Lauren deu uma risadinha. Não olhei para trás. Não queria nem saber. As paredes ali eram absurdamente finas, portanto, os hábitos de acasalamento noturno de Lauren e Nate não eram exatamente nenhum segredo. Pelo menos durante o dia eu costumava estar no trabalho. Essas horas eram um mistério para mim, e não momentos nos quais eu ficasse pensando.

Ah, tudo bem. De vez em quando eu pensava, porque havia já algum tempo que eu não recebia nada que não fosse autoinserido. E também porque, ao que tudo levava a crer, eu tinha certas tendências voyeurísticas que precisavam de cuidado.

Será que eu estava mesmo a fim de uma noite observando casais se esfregando?

Eu poderia ligar para Reece, ainda que ele tivesse dito que tinha um encontro. Claro, ele sempre tinha compromissos. Reece era perfeito em todos os sentidos, a não ser pela sua tendência mulherenga. Tentando explicar de maneira branda, o meu melhor amigo gostava de distribuir amor. Ele parecia ter relacionamentos na base do primeiro nome com boa parcela da população feminina de Portland entre os dezoito e os quarenta e oito anos de idade. Basicamente todas, menos eu.

O que, para mim, não era nenhum problema.

Não havia nada de errado em sermos apenas amigos, ainda que chegasse a pensar que um dia formaríamos um lindo casal. Era tão fácil ficar perto dele. Com tudo o que tínhamos em comum, poderíamos ir longe. Nesse meio-tempo, eu estava feliz em esperar, cuidar da minha vida. Não que nos últimos tempos eu estivesse com alguém, nem nada assim, mas acho que você me entende.

Reece ouviria as minhas lamúrias sobre Skye. Ele até poderia cancelar seu compromisso, vir até o apartamento e me fazer companhia enquanto eu limpava o chão. No entanto, certamente me diria “eu avisei”. Quando descobriu que eu vinha cobrindo as despesas dela, não se mostrou nada feliz. Reece a acusara de estar me usando. No fim, ele estava 110 por cento correto a esse respeito.

A ferida, entretanto, estava fresca demais para ser cutucada. Então... nada de Reece. Era bem provável que Lizzy fosse me passar a mesma descompostura. Nenhum dos dois se mostrou muito fã do plano de salvar Skye. Decisão tomada. Eu iria para a festa e me divertiria antes que a minha vida virasse uma merda.

Excelente. Eu podia fazer isso.

CAPÍTULO 2

Eu não podia fazer isso.

David e Ev moravam num apartamento luxuoso do distrito de Pearl. O lugar era imenso, ocupando metade do último andar de um lindo prédio antigo de tijolos aparentes. Deve ter sido surreal para Ev passar dos nossos apartamentos apertados, de paredes finas e cheios de correntes de vento para aquele tipo de esplendor. Deve ter sido intimidador. O velho apartamento ficava nos limites do centro da cidade, próximo à universidade, mas David e Ev moravam bem no meio do distrito de Pearl, um bairro caro e descolado.

Por sorte, Ev pareceu contente em me ver. Um momento potencialmente constrangedor a menos. O senhor Ev, a estrela do rock, ergueu o queixo na minha direção, à guisa de cumprimento, enquanto eu me esforçava muito em não encará-lo. Eu estava morrendo de vontade de pedir que ele autografasse alguma coisa. Podia ser a minha testa.

– Fique à vontade para se servir na cozinha – disse Ev. – Temos bastante bebida, e a pizza está para chegar.

– Obrigada.

– Você mora ao lado de Lauren e de Nate? – David perguntou, falando pela primeira vez. Bom Deus, o cabelo escuro dele e o rosto esculpido eram de tirar o fôlego. As pessoas não deviam ser tão gananciosas assim; já não bastava ele ser insanamente talentoso?

– Sim – respondi. – Eu costumava ser vizinha de Ev e sou uma freguesa regular no Ruby’s Café.

– Todas as manhãs, sem falta – comentou Ev com uma piscadela. – Café duplo com leite desnatado e uma dose de caramelo saindo!

David assentiu e pareceu relaxar. Passou um braço ao redor da cintura da esposa, que sorriu para ele. O amor caía bem nela. Eu esperava que aquilo durasse.

Eu amei, de verdade, quatro pessoas na minha vida. Claro que não foram do tipo amor romântico, mas confiei meu coração a todos eles. Três me decepcionaram. Portanto, deduzi que existia uma chance de sucesso de 25 por

cento.

Quando David e Ev começaram a se beijar, aceitei isso como minha deixa para sair explorando.

Peguei uma garrafa de cerveja na cozinha (modernísima e mais do que elegante) e enfrentei a grande sala de estar com uma determinação renovada. Claro que eu era capaz de fazer aquilo. Socialização e eu éramos grandes companheiros. Havia pouco mais de vinte pessoas espalhadas pelo cômodo. Uma imensa tela plana passava o jogo, e Nate estava bem no meio dela, totalmente hipnotizado. Havia alguns rostos dentre os presentes que eu reconhecia, a maioria pertencia a pessoas às quais eu jamais abordaria. Tomei um gole de cerveja para molhar a garganta. Ser a estranha no ninho em uma festa é um tipo de tortura singular, e considerando-se os eventos do dia, faltava-me coragem para iniciar uma conversa. Com meu talento para escolher em quem confiar, eu provavelmente acabaria perguntando o signo ao único assassino ali presente.

Lauren gesticulou para que eu me aproximasse, bem quando meu celular começou a tocar no bolso de trás do meu jeans. A minha bunda vibrou, fazendo-me estremecer. Acenei para Lauren e peguei o aparelho, indo rapidamente ao terraço para fugir do barulho e das conversas. O nome de Reece brilhou na tela assim que fechei a porta de correr.

– Oi – eu disse sorrindo.

– Meu encontro foi cancelado.

– Que pena.

– O que está fazendo?

O vento açoitou meus cabelos, e estremeci mais uma vez. Tempo típico para o mês de outubro em Portland: frio, úmido, sombrio, miserável. Aninhei-me na jaqueta de lã azul.

– Estou numa festa. Você vai ter que se entreter sozinho. Lamento.

– Uma festa? Que festa? – perguntou, o interesse saltando evidente em sua voz.

– Não fui exatamente convidada, então não posso estender a oferta a você.

– Droga. – Ele bocejou. – Tudo bem. Posso ir dormir cedo só pra variar.

– É uma boa ideia. – Andei até perto da grade. Carros se apressavam na rua abaixo. O distrito de Pearl era uma meca de bares, cafés e lugares descolados num modo geral. A toda a minha volta, as luzes da cidade rasgavam a escuridão e o vento soprava. Era algo adorável de um jeito meio crise existencial mal-humorada. Não importava o clima, eu adorava Portland. Era tão diferente do meu lar no sul da Califórnia, algo que eu apreciava imensamente. Ali, as casas eram construídas para a neve e o gelo em vez de para o sol. A cultura era meio

estranha, mais indulgente de algumas maneiras. Ou talvez eu simplesmente tivesse dificuldade para me lembrar de qualquer coisa boa relativa à minha cidade natal. Eu escapara. Era só isso o que importava.

– É melhor eu ir ser sociável, Reece.

– Você parece desanimada. O que aconteceu?

Gemido.

– Vamos conversar amanhã no trabalho.

– Vamos conversar agora.

– Depois, Reece. Tenho que estampar minha cara com alegria e deixar Lauren orgulhosa.

– Anne, deixe de besteira. O que tá acontecendo?

Contorci o rosto e tomei mais um gole de cerveja antes de responder. Já fazia quase dois anos que trabalhávamos juntos. Pelo visto, tempo suficiente para ele perceber minhas reações.

– Skye foi embora.

– Que bom. Já era hora. Ela te pagou de volta?

Deixei que meu silêncio respondesse.

– Pooorra, Anne! Fala sério!

– Eu sei.

– O que foi que eu te disse? – ele grunhiu. – Não disse que...

– Reece, não comece. Por favor. Na época, pensei que fosse a coisa certa a se fazer. Ela era uma amiga que precisava de ajuda. Eu não podia...

– Ah, podia, sim. Ela estava usando você, porra!

Inspirei fundo e deixei o ar sair com lentidão.

– Sim, Skye estava me usando. Você estava certo, eu estava errada.

Ele murmurou uma série de imprecações enquanto eu aguardava com bastante paciência. Não era de se admirar que eu não quisesse ter aquela conversa. Não havia como encontrar o lado bom daquela história. A frustração ferveu dentro de mim, aquecendo-me contra o frio.

– De quanto você precisa? – perguntou, com a voz resignada.

– O quê? Não. Não vou pegar dinheiro emprestado de você, Reece. Afundar-me em dívidas não é a resposta. – Além disso, proprietário ou não de um negócio, eu não tinha certeza se ele tinha dinheiro sobrando. Reece não era muito melhor do que eu em relação a economizar. Eu sabia disso por causa das roupas de marca que ele vestia todos os dias para trabalhar. Ao que tudo levava a crer, ser o Senhor Amado Amante da cidade exigia um vasto guarda-roupa. Mas para ser justa, ele se vestia muito bem.

Ele suspirou.

– Sabe, para alguém que sempre oferece ajuda aos outros, você é uma droga

em aceitá-la para si.

– Eu vou dar um jeito.

Outro suspiro. Inclinei-me na grade e pendi a cabeça, deixando o vento úmido e frio atingir meu rosto. Foi agradável, prevenindo a dor de cabeça de tensão que ameaçava começar na testa.

– Vou desligar agora, Reece. Eles têm cerveja e pizza. Tenho quase certeza de que, se eu me esforçar, vou acabar encontrando o meu doce lar.

– Você vai perder o apartamento, não vai?

– É provável que eu tenha de me mudar.

– Fique comigo. Pode usar o meu sofá.

– Muita gentileza sua. – Tentei rir, mas o barulho que saiu soou mais como uma tosse estrangulada. A minha situação estava ruim demais para ser engraçada. Dormir no sofá de Reece enquanto ele atuava no quarto ao lado com alguma desconhecida... Não. Isso não iria acontecer. Do jeito que as coisas estavam, eu já me sentia pequena e burra o bastante por ter permitido que Skye me usasse. Testemunhar a vida sexual hiperativa de Reece seria demais para mim.

– Obrigada, Reece, mas tenho certeza de que você fez coisas indizíveis com muitas, muitas pessoas naquele sofá. Não acho que ninguém deva dormir nele.

– Você acha que ele está assombrado pelos fantasmas dos coitos passados?

– Isso não me surpreenderia.

Ele bufou.

– Meu sofá nojento está à disposição se você precisar, ok?

– Obrigada. De verdade.

– Ligue se precisar de alguma coisa.

– Tchau, Reece.

– Ah, ei, Anne?

– Oi?

– Você pode trabalhar no domingo? Surgiu um lance para a Tara. Disse que você cobriria o turno dela.

– Passo os domingos com Lizzy – disse com cautela. – Você sabe disso.

A resposta de Reece foi o silêncio.

Eu conseguia sentir a culpa se instalando em mim.

– E se eu trocasse outro turno com ela? É algo que ela possa remarcar?

– Hum, não, não esquenta. Eu cuido disso.

– Desculpe.

– Sem problemas. Falo com você mais tarde.

E desligou.

Guardei o celular, tomei mais um gole de cerveja e fiquei olhando para a

cidade. Nuvens escuras passavam diante da lua crescente. O ar parecia ainda mais frio, fazendo meus ossos doerem como se eu fosse uma velhota. Eu precisava beber mais. Isso daria um jeito em tudo, pelo menos naquela noite. A minha cerveja, porém, estava quase terminando, e eu hesitava em voltar a entrar.

Credo.

Chega disso.

Assim que a bebida terminasse, eu daria cabo da minha festinha particular de garota solitária. Deixaria de me esconder nas sombras, sairia de dentro de mim e voltaria para dentro do apartamento. Aquela era uma oportunidade que não podia ser desperdiçada, como se eu não tivesse desejado um milhão de vezes cruzar com alguém do grupo. Já conheci David Ferris. Então, veja só, desejos podiam ser realizados. Eu deveria aproveitar e pedir peitos maiores, uma bunda menor e um grupo melhor de amigos, já que estava nisso.

E dinheiro suficiente para pagar a faculdade da minha irmã e manter um teto sobre a minha cabeça, claro.

– Quer outra? – uma voz grave perguntou, me assustando. Meu queixo se ergueu, os olhos se arregalaram. Pensei que estivesse sozinha, mas havia um cara largado num canto. Cabelos claros e ondulados na altura dos ombros estavam ressaltados, mas o restante dele permanecia na sombra.

Peraí...

Não. Não podia ser ele.

Bem, claro que podia. Mas, com certeza, não deveria ser.

Quem quer que fosse, ele ouvira metade da minha conversa, e isso mais do que bastava para me marcar como uma das maiores idiotas da nossa era. Ouvi o barulho da tampa da garrafa e o sibilo de uma cerveja sendo aberta, e então ele a estendeu para mim. A luz de dentro refletiu sobre a transpiração da garrafa, fazendo-a brilhar.

– Obrigada. – Aproximei-me o suficiente para distingui-lo na pouca luz, e apanhei a garrafa.

Puta merda. Era ele: Malcolm Ericson.

O auge da minha vida oficialmente acontecia. Pois é, eu tive uma ou duas fotos do Stage Dive na parede do meu quarto quando era adolescente. Tudo bem, talvez fossem três. Ou doze. Tanto faz. A questão era que havia um pôster do grupo todo. Pelo menos o fotógrafo deve ter pensado que a foto era de todo o grupo. Jimmy estava bem na frente, o rosto contorcido gritando ao microfone. À sua direita, meio escondido em sombras e fumaça, estava David, tocando sua guitarra. E à esquerda, na frente do palco, estava o volumoso Ben tocando o baixo.

Mas eles não eram importantes. Não de verdade.

Porque atrás de todos eles, lá estava ele iluminado pelas luzes em meio à bateria. Nu da cintura para cima e pingando de suor, a foto o capturara no meio de uma batida. O braço direito cruzava o peito, sua concentração no alvo, o prato que ele estava prestes a acertar. A esmagar.

Ele tocava com abandono e se parecia com um deus.

Quantas vezes, após um dia cuidando de mamãe e da minha irmã, trabalhando duro e fazendo o que era certo e responsável, fiquei deitada na cama olhando para aquela foto? E agora lá estava ele.

Nossos dedos se tocaram da maneira inevitável numa interação daquele tipo. Não havia como ele não ter percebido o tremor dos meus. Graças a Deus, ele não teceu nenhum comentário. Voltei correndo para o meu canto, apoiando-me com casualidade e com a cerveja na mão. Pessoas descontraídas se recostavam. Pareciam relaxadas.

Ele riu com suavidade, me informando que eu não estava enganando ninguém. Depois se sentou mais para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Seu rosto ficou totalmente iluminado, e eu me vi cativada. Minha mente se esvaziou.

Não havia mais dúvidas. Definitivamente, com toda a certeza, era ele.

O cara tinha lábios de arrasar, sem brincadeira. Ossos salientes na face e uma covinha no queixo. Nunca entendi o apelo de uma coisa dessas. Agora, sim, eu entendia. Mas era ele como um todo que me subia à cabeça. As partes nada significavam sem o brilho divertido em seu olhar e aquele vislumbre de sorriso torto. Deus, eu odiava pessoas com sorrisos afetados, mas, aparentemente, eu também desejava lambê-las por inteiro porque a minha boca começou a salivar.

– Sou o Mal – ele disse.

– E-eu sei – gaguejei.

O sorriso dele se acentuou.

– Eu sei que você sabe.

Puxa. Fiquei de boca calada.

– Parece que alguém teve um dia ruim.

Não, eu ainda não tinha nada a dizer. Um olhar fixo era o melhor que eu conseguia fazer.

Por que ele estava ali fora no escuro? Segundo todas as matérias, ele era o espírito de qualquer festa. No entanto, lá estava ele, bebendo sozinho, escondendo-se como eu. Lentamente, ele se esticou, levantando-se da poltrona. Obrigada, Senhor. Ele voltaria para dentro, e eu ficaria livre. Não teria que tentar sustentar uma conversa. Felizmente, visto o meu repentino ataque de estupidez.

Só que ele não entrou.

Em vez disso, veio na minha direção, sua silhueta magra, porém musculosa, movendo-se com uma graciosidade descuidada. Ele devia ser uns 15 cm mais

alto do que eu. O bastante para intimidar, se esse fosse o seu propósito. Braços musculosos testavam as mangas da camiseta. Braços de baterista. No que se referia a partes de um corpo, eles pareciam bonitos, cobertos de tatuagens e ressaltados nos lugares certos. Aposto como senti-los também era gostoso.

E eu o encarava tão descaradamente que alguém deveria me dar um tapa.

Se eu continuasse com aquilo, eu mesma me daria um tapa. Bem forte.

– Qual é o seu nome? – perguntou, juntando-se a mim na grade. Deus, até a voz dele era gostosa. Os pelos da minha nuca se eriçaram de deleite.

– O meu nome?

Ele estava tão perto que nossos cotovelos se tocaram. O cotovelo despido dele, já que estava apenas de jeans, um par de tênis e uma camiseta justa na qual estava escrito “Queens of the Stone Age”. Mal Ericson tocara em mim. Eu nunca mais iria tomar banho.

– Isso... O seu nome – ele disse numa fala arrastada. – Quando eu disse o meu nome, mesmo você já sabendo qual era, era para você me dizer o seu. É assim que as coisas funcionam.

– Você sabia que eu sabia?

– Seu olhar apaixonado meio que denunciou.

– Ah...

Um instante depois, ele gemeu.

– Tudo bem, isto está demorando demais. Vou inventar um nome para você.

– Anne.

– Anne do quê?

– Anne Rollins.

Um sorriso radiante iluminou o rosto dele.

– Anne Rollins. Viu? Não foi tão difícil assim.

Cerrei os dentes e tentei sorrir. Eu devia estar parecendo uma lunática. Uma que passara tempo demais imaginando-o pelado. Deus, que vergonha.

Com gentileza, ele bateu a cerveja dele na minha.

– Saúde, Anne. É um prazer conhecê-la.

Tomei mais um gole, na esperança de que isso acalmasse o meu tremor. A bebida não estava me afetando nem com a força nem com a rapidez necessárias para que eu conseguisse lidar com aquilo. Talvez eu devesse trocar para algo mais forte. A primeira conversa íntima com uma estrela do rock provavelmente deveria ser administrada com bebida mais pesada. Ev definitivamente soubera das coisas naquela ocasião regada a tequila em Las Vegas. E veja como deu certo para ela.

– O que a traz aqui hoje, Anne?

– Vim com Lauren e Nate. Eles me trouxeram. São meus vizinhos. Moram no

apartamento do lado do meu.

Ele assentiu.

– É amiga da Ev?

– Sim, eu, bem... sempre fui amigável com ela. Mas eu não diria que... isto é, não posso dizer que somos amigas íntimas, precisamente, mas...

– Sim ou não, Anne?

– Sim – respondi, depois fechei a boca para impedir outro acesso de diarreia verbal.

– É, a Ev é gente boa. Davie teve sorte em encontrá-la. – Ele fitou as luzes da cidade em silêncio. O ar de diversão abandonou o rosto dele e uma ruga se formou na testa. Ele parecia triste, talvez um pouco perdido. O certo era que a sua personalidade festeira tão alardeada não estava evidente. Eu devia ter sabido. As pessoas pintavam Ev como a próxima Yoko Ono, no rastro de David, sugando-o de toda a fama e fortuna. Eu não precisava ser a melhor amiga dela para saber que nada estava mais longe da verdade. A questão era, quem quer fosse Mal, tinha pouco a ver com o que circulava na internet.

Mas, o mais importante: quanto eu havia me constrangido?

– Eu não estava com olhar apaixonado, estava? – perguntei, temendo a resposta.

– Estava, sim.

Merda.

– Então, você é amiga de Ev? Quero dizer, você não faz parte da indústria musical nem nada assim? – perguntou, voltando a se concentrar em mim. O rosto dele estava mais tranquilo, o humor mudando. Eu não conseguia acompanhar. Com as palmas das mãos, ele batucava na grade do terraço.

– Não. Trabalho numa livraria a alguns quarteirões daqui.

– Ok. – Olhou para mim, aparentemente satisfeito com a minha resposta. – Então, sobre o que era aquele telefonema?

– Nada.

– Não? – Ele se aproximou. – O que aconteceu com o seu nariz?

Na mesma hora, minha mão subiu para bloquear sua visão do meu rosto. Era apenas um pequeno galo, mas, mesmo assim...

– A minha irmã o quebrou quando éramos pequenas.

– Não cubra. Achei bonitinho.

– Maravilha. – Abaixei o braço. Ele já vira o defeito, então, de que adiantava?

– Por que ela o quebrou?

– Ficou brava um dia e jogou um caminhãozinho de brinquedo em mim.

– Não acredito. Por quê?

Refreei um suspiro.

– Ela queria um gato, e eu sou alérgica a gatos.

– Não podiam pegar um cachorro em vez disso?

– Eu queria, mas nossa mãe disse não. A minha irmã me culpou mesmo assim.

Ele fechou a cara.

– Quer dizer que nunca teve um bichinho quando era pequena?

Balancei a cabeça em negativo.

– Que tristeza. Toda criança deveria ter um bichinho. – Ele parecia genuinamente ultrajado por mim.

– Bem, passou, e já superei isso. – Franzi o cenho e bebi mais um pouco. Tudo me dizia que eu precisaria da cerveja. Aquela conversa estava muito estranha.

Ele se endireitou, me observando com um sorriso leve. Só com isso fiquei obcecada de novo. Por conta própria, meus lábios se curvaram numa espécie de meio sorriso idiota.

Mal.

Mal Ericson.

Caramba, como ele era bonito. Meus hormônios há muito dormentes despertaram numa alegria súbita. Algo definitivamente estava acontecendo nas minhas calças. Algo que fazia muito tempo que não acontecia.

– Lá estão os olhos apaixonados de novo – ele sussurrou.

– Droga. – Fechei os olhos com força. Lizzy me flagrando com o meu namorado sete anos atrás fora algo bem embaraçoso, ainda mais por ela ter corrido para contar para a nossa mãe. Não que mamãe estivesse coerente o bastante para se importar. Isto, no entanto, era muito pior.

– Seu rosto ficou todo rosado. Está tendo pensamentos lascivos a meu respeito, Anne?

– Não.

– Mentirosa – ele caçoou num tom suave. – Claro que está pensando em mim sem calças.

Eu estava mesmo.

– Isso é totalmente indecente, garota. Uma total invasão da minha privacidade. – Ele se inclinou na minha direção, seu hálito aquecendo meu ouvido. – O que quer que esteja imaginando, é maior.

– Não estou imaginando nada.

– Estou falando sério. Ele é basicamente um monstro. Não consigo controlá-lo.

– Malcolm...

– Acho que você vai precisar de um chicote e de uma cadeira para domá-lo, Anne.

– Pare.

– Por você tudo bem?

Cobri o rosto ruborizado com as mãos. Não iria rir. Nem um pouco, pois mulheres adultas não fazem esse tipo de coisa. Quantos anos eu tinha, afinal? Dezesseis?

Dentro do apartamento, Nate começou a gritar. O som só estava levemente abafado pelas portas de correr. Minhas pálpebras se ergueram enquanto ele berrava para a TV, os braços agitados como os de um louco. Lauren gargalhou, e meu cérebro voltou a funcionar, emitindo para o meu corpo todo tipo de sinal de alerta. Como se eu já não tivesse percebido que precisava sair rapidinho dali, antes que acabasse me humilhando ainda mais. Boa, lobo frontal. Pelo menos conseguia pensar se não olhasse diretamente para Mal.

Aquela foi uma descoberta brilhante e conveniente.

E isso funcionou até ele se inclinar, postando-se diante do meu rosto, fazendo com que meus pulmões parecessem estar prestes a explodir.

– Você tem um espacinho entre os dentes da frente – ele me informou, os olhos se estreitando na sua análise. – Sabia disso?

– Sabia.

Ele me avaliou como se eu fosse uma alienígena, uma curiosidade largada nos degraus da frente da casa dele. Seu olhar desceu pelo meu corpo. Não que ele pudesse ver qualquer coisa, já que eu estava de jaqueta, jeans e botas. Mas ter ciência disso não me ajudou em nada. O sorriso preguiçoso e apreciativo fez meus joelhos bambearem. Demorou uma eternidade para o olhar dele voltar para o meu rosto.

Caramba, como ele era bom! Eu fora maculada sem que nenhuma peça de roupa me tivesse sido tirada.

– Seus olhos são de um agradável tom de... azul? – perguntou. – É difícil ter certeza nesta luz.

Pigarreei.

– Sim. São azuis. Pode não continuar, por favor?

– O quê? – ele perguntou, parecendo levemente magoado. – O que estou fazendo?

– Está me encarando e me deixando nervosa. Não gosto disso.

– Você me encarou primeiro. Além disso, você já estava agitada antes de vir para cá. O meu palpite é que, de forma geral, você é nervosa. Mas não se preocupe, estou aqui para ajudar. Vá em frente... conte os seus problemas para o tio Mal.

– Uau, que gentil da sua parte. Mas estou bem.

Ele se aproximou, e eu me afastei. Pena que não havia para onde eu ir.

– Sobre o que estava falando antes ao telefone, Anne?

– Ah, sabe... Coisas pessoais. Não quero falar a respeito.

– Você estava dizendo que uma amiga levou sua grana e você vai perder seu apê, certo?

– Certo. – Meus ombros penderam, meu coração doeu. Maldita Skye. Eu não era de querer agradar a todo mundo, mas cuidava das pessoas que amava. Sou uma idiota, pensei que era isso o que as pessoas faziam. Quando mamãe adoeceu, tomei a frente, fiz o que tinha que ser feito. Não houve escolha. A situação das minhas finanças agora, no entanto, sugeriam que isso se tornara um péssimo hábito. – Pois é, isso mais ou menos resume tudo.

Seus olhos se arregalaram, subitamente alarmados.

– Merda. Não chore, não. Não sou o Davie. Não sei lidar com isso.

– Cale a boca, não vou chorar. – Pisquei repetidamente, desviando o rosto. – Eu disse que não queria falar a respeito.

– Não pensei que você fosse chorar. Droga.

A minha garrafa estava vazia; hora de ir. Além do mais, eu precisava escapar antes que meus olhos marejados me traíssem. E Mal deveria ter coisa melhor para fazer com o seu tempo do que ficar ali conversando comigo. Zombando de mim. Aquela foi a conversa mais desconcertante e maravilhosa que tive em toda a minha vida. Por um instante, eu me esquecera dos meus problemas.

Ele me fizera sorrir.

– Então. – Estendi a mão para cumprimentá-lo, ansiando por aquele contato final, necessitando tocar nele de verdade pelo menos uma vez. Ele estivera na parede do meu quarto por anos. Eu terminaria meu encontro com ele em alta, mesmo que isso me matasse. – Foi um prazer conhecê-lo.

– Está tentando se livrar de mim? – ele perguntou, rindo.

– Não, eu...

– Pare de olhar para o meu ombro, Anne. Olhe pro meu rosto – ele comandou.

– Eu estou olhando!

– Está com medo de me lançar olhares apaixonados de novo?

– Sim, provavelmente. – Estalei a língua, exasperada. – Você costuma atormentar assim as suas fãs?

– Não. Nunca pensei que pudesse ser tão divertido assim.

A minha mão estava pendurada no ar entre nós. Eu estava para retraí-la quando ele a segurou. Encarei-o no rosto, determinada a não me descontrolar dessa vez. O problema com Mal Ericson era que, fisicamente, ele não tinha defeitos. Nenhuma imperfeição o marcava, nem grande, nem pequena. Se ele continuasse a me atormentar, no entanto, eu daria um jeito nisso.

– O que significa esse olhar? – perguntou, inclinando-se na minha direção. –

No que está pensando agora?

Meu estômago se revirou, e todos os pensamentos violentos foram deixados de lado.

– Em nada.

– Hum... Você não mente muito bem.

Tentei livrar minha mão da dele. Mas ele a segurou mais firme.

– Mais uma pergunta rápida. Essa situação com a sua amiga, esse tipo de coisa acontece com frequência?

– O quê?

– Porque, quando estava no telefone, falando com a outra amiga, pareceu que sim. – Ele pairava acima de mim, bloqueando o céu noturno. – Pareceu um problema para você, as pessoas a usarem.

– Não precisamos falar sobre isso. – Torci a mão, tentando me soltar. Mesmo com as palmas suadas foi uma tarefa impossível.

– Notou como seu amigo lhe pediu um favor, mesmo sabendo que você estava triste porque outra amiga a passou pra trás? Como você se sentiu?

Puxei o braço, mas ele o segurou com presteza. Sério, era possível o cara ser mais forte?

– Porque acho que esse foi um golpe baixo. Cá entre nós, não acho que você tenha bons amigos, Anne.

– Ei, tenho ótimos amigos.

– Tá me tirando? Eles arrancam a sua grana e ficam esperando coisas de você quando você está mal. Fala sério! Só cretinos fazem isso.

– Mal...

– Mas o pior é que você está deixando. Não entendo isso.

– Não estou deixando que façam nada.

– Está, sim – disse ele, sua voz se elevando. – Claro que está.

– Meu Deus, você não tem um botão de mudo?

– Isso é espantoso! Estou oficialmente espantado – ele gritou, explicitando a minha vida para todo o bairro. – Isso tem que terminar! Não vou mais tolerar isso. Ouviu, Portland?

– Solte-me – disse entre os dentes.

– Você, senhorita Rollins, é um capacho.

– Não sou capacho nenhum – ralhei, tudo dentro de mim se rebelando contra essa ideia. Ou isso ou correndo dessa ideia. Eu estava tão agitada que era difícil determinar.

Ele revirou os olhos.

– Qualé, você sabe que é. Está escrito na sua cara.

Balancei a cabeça, sem palavras.

– Então! Não pensei absolutamente sobre o assunto e decidi que você precisa de limites, Anne. Limites. São. Seus. Amigos. – Cada palavra era pontuada com um cutucão no meu nariz. – Ouviu o que eu disse? Está entendendo?

Foi nessa hora que eu surtei e comecei a gritar.

– Quer limites? Que tal sair de cima de mim? Gostou desse limite? Nada disso é da sua conta, seu idiota detestável!

Ele abriu a boca para responder, mas eu continuei:

– Você não sabe nada da minha vida, e acha que pode ficar na minha frente e dilacerar a minha psique? Não. Vá se foder, cara. Vá se foder!

Tudo ficou silencioso, até mesmo a música do lado de dentro. Um silêncio horrendo reinou com supremacia. As pessoas olhavam pela porta de vidro com olhares curiosos. A boca de Lauren formava um O perfeito.

– Merda – murmurei.

– Anne?

O que fui fazer? Lauren me convidara para essa festa legal, e eu dei uma de louca para cima de um dos convidados. Senti que era hora de definhar e morrer.

– Por favor, solte a minha mão.

– Anne, olhe pra mim.

Jamais.

– Vamos lá, me mostre os seus olhos.

Lenta e exaustivamente, me voltei para ele. Um sorriso preguiçoso se formou em seus lábios perfeitos.

– Isso foi lindo pra cacete. Estou tão orgulhoso de você agora.

– Você é louco.

– Nãão...

– Sim. Você é.

– Você só está achando isso agora. Mas dê tempo ao tempo. Pense no que eu disse.

Apenas meneei a cabeça em silêncio.

– Foi incrível conhecê-la, Anne. Vamos conversar de novo em breve – disse ele, depositando um beijo no dorso da minha mão antes de soltá-la. Havia uma luz no olhar dele, uma que eu não queria decifrar. Uma na qual, por certo, não confiava. – Eu prometo.

CAPÍTULO 3

Eu mal tinha acabado de entrar e David Ferris se aproximou de mim, provavelmente para me expulsar. Gritar com estrelas do rock com certeza era algo altamente condenado em eventos como aquele.

– Oi – David falou comigo, mas seu olhar estava fixo no outro lado do cômodo, onde Ev e Lauren estavam juntas. Um problema em potencial, já que Lauren falava com as mãos. A cada instante, Ev era atingida no braço. Mas ela não parecia se importar.

– Oi.

– Está se divertindo? – ele perguntou.

– Sim, claro.

Ele assentiu, sua postura distante e fria como antes.

– Maravilha – sussurrei.

As duas cervejas e aquele confronto bizarro haviam me deixado um pouco tonta. Talvez beber não fosse uma boa ideia no fim das contas. Ainda mais se eu tinha que falar com pessoas importantes com alguma coerência, em vez de gritar na cara delas. A música estava alta novamente, as pessoas conversavam entre si. Ninguém sequer se voltou para olhar para mim. Só me restava esperar que caçoar da vida de estranhos fosse um hábito de Malcolm com o qual todos já estavam acostumados.

– Falou com ele? – ele me perguntou.

– Com ele? Com Mal?

– É.

– Hum... Sim, falei. – Pensei que todos tivessem ouvido.

– Hum... – Do outro lado da sala, Ev irrompeu numa gargalhada. Um sorriso em reação se formou nos lábios dele. – Discutiram sobre alguma coisa?

– Não, na verdade, não. – Embaralhei-me com as palavras. – Não foi nada.

David se virou para mim e sua testa estava enrugada, o sorriso desaparecendo. Por um bom tempo, ele apenas ficou olhando para mim.

– Deixe pra lá. – E se afastou, me deixando curiosa.

Eu não deveria ter conversado com Mal? Foi ele quem falou comigo primeiro.

Posso ter começado a encarar, mas, definitivamente, foi ele quem iniciou a conversa. E a gritaria, para falar a verdade. Não era culpa minha se interagi com um dos bateristas mais famosos do planeta. Mas uma lembrança de Mal olhando para a cidade me voltou. O franzido em seu rosto antes de ele se ocupar em me atormentar uma vez mais. O modo como ele oscilava em seus humores. E agora, David me perguntando sobre ele...

Isso estava ficando cada vez mais curioso.

Se dinheiro e conquistas significassem tudo, então Mal estava muito bem. Eu já vira fotos de sua casa na praia em Los Angeles. Fotos com ele coberto por mulheres parcamente vestidas eram regra. Dinheiro não comprava felicidade. Eu sabia disso. Contudo, dada a minha atual situação, essa máxima não me convencia. Além do que, o homem tinha fama, adoração mundial e um trabalho incrível, que requeria muitas viagens. Como ele ousava não ser delirante e ridiculamente feliz? Qual era o problema dele?

Boa pergunta.

– Que cara de preocupação. – Lauren passou o braço no meu, me arrastando para o meio da festa. – Você está bem?

– Tudo bem.

– Ouvi você e Mal brigando.

– Imagino que todos tenham ouvido. – Fiz uma careta. – Desculpe.

Ela riu.

– Ora, por favor... Mal adora provocar reações.

– Com certeza ele arrancou uma de mim.

– Deixe-me adivinhar, aquele que ligou antes foi o seu amigo Reecy? – A voz dela se abaixou em sinal de desdém. Lauren e eu começamos a passar mais tempo juntas depois que Ev se casou e mudou de casa. Muitas vezes, nos fins de semana, Nate acabava tendo que trabalhar. Lauren não suportava muito bem a própria companhia. Então, nós saíamos para tomar um café ou ir ao cinema. Era legal. Principalmente nos últimos meses, quando Skye passou a me evitar. Tinha como pretexto passar mais tempo com o novo namorado, mas agora isso me fazia pensar.

Eu odiava ficar duvidando de tudo o que acontecera. A sensação de perder toda a confiança era de arrepiar a pele, e absolutamente perniciosa.

– O encontro de Reece deu pra trás – disse. – Ev falou em pizza? Estou morrendo de fome.

– Um dia você vai deixar de ser o plano B desse cara.

Minha coluna se endireitou.

– Somos só amigos, Lauren.

Ela me direcionou para a cozinha. Uma boa quantidade de caixas de pizza

estava espalhada na bancada de mármore.

– Ora, por favor... – Ela bufou. – Ele é um provocador. Sabe que você gosta dele e fica brincando com isso.

– Não, não fica. E repito: apenas amigos. – Eu acabara de me envergonhar diante de Malcolm Ericson. Pensamentos a respeito do meu comportamento possivelmente tolo ao redor de Reece Lewis podiam esperar outra hora.

Ou nunca. Para mim, nunca estava bom.

– Caso você se desse ao trabalho, você poderia se sair muito melhor – ela comentou.

Emiti um barulho vago. Tinha esperanças de que bastasse para acabar com o assunto. Em seguida, meu estômago roncou alto. Hum, queijo derretido. Estava tão preocupada com a conversa com Skye que tinha deixado de almoçar. Com duas cervejas balançando na barriga, já era hora de comer alguma coisa, ainda que os sabores ali disponíveis não fossem o que eu esperava.

– Isso é alcachofra com espinafre?

– Provavelmente. – Lauren balançou a cabeça e me entregou uma fatia de pizza de abacaxi com presunto, colocando-a antes num guardanapo. – Experimente esta. Evelyn tem uma coisa com legumes e hortaliças. Eu a amo, de verdade. Mas a garota tem gostos muito estranhos no que se refere a sabores de pizza. Não é normal.

Mordi a fatia de imediato, escaldando a língua e o céu da boca. Um dia eu aprenderia a esperar esfriar. Não hoje, mas um dia.

Na sala de estar, a música subitamente teve seus decibéis aumentados em um bilhão. Meus ouvidos começaram a zumbir. As paredes estremeceram. Black Rebel Motorcycle Club começou a retumbar no apartamento. Alguém conseguiu ser ainda mais alto:

– Fesssssstaaaa!!!

Lauren sorriu e se inclinou na minha direção para se fazer ouvir.

– Mal resolveu se unir à festa! – berrou. – Agora a diversão vai começar!

—

Ben Nichols, o baixista com pescoço de touro do Stage Dive, chegava, fazendo minha cabeça subir um pouco mais às nuvens. Ele e Mal começaram a tomar doses de bebida. Eu me ative à cerveja ainda cheia. Segurá-la conferia uma ocupação para as minhas mãos. O que se seguiu foi basicamente o que eu esperava de uma festa de astros do rock. Bem, não havia drogas nem fãs desvairadas, mas muitos começaram a ficar embriagados, e o barulho era ensurdecedor. Parecia-se um pouco com as festas universitárias que Lizzy de vez

em quando me convencia a ir. Só que, em vez de cerveja barata em copos descartáveis vermelhos, eles distribuíam garrafas de CÎROC e Patrón. Boa parte das roupas das pessoas eram artigos de grife, e estávamos acomodados num apartamento de milhões de dólares em vez de num apartamento estudantil decrépito.

Então, na verdade, não se parecia em nada com as festas a que eu ia com Lizzy. Esqueça que eu disse isso.

Lauren, Ev e eu dançamos e conversamos no começo. Foi divertido. Sem dúvida, Lauren me fizera um favor me arrastando até lá. Eu me diverti muito mais do que se tivesse ficado em casa sozinha. Mal fora com David e Ben para outro cômodo por um instante. Não que eu estivesse de olho nele.

Fiquei na cozinha um tempo, conversando com um técnico de som chamado Dean. Ao que tudo levava a crer, ele trabalhava com alguém chamado Tyler, que estava com a banda desde sempre e era basicamente um amigo da família. Dean era legal, inteligente, tinha cabelos pretos e um piercing no lábio superior. Sim, ele era um bocado sexy. Chamou-me para ir ao quarto de hotel dele, o que foi tentador, mas todo o meu estresse girava no fundo da minha mente. Basicamente, seria necessário um deus do sexo para me desconectar da situação em que me encontrava.

Dei boa noite a Dean na porta da cozinha.

Nessa hora, Mal e os rapazes retornaram, e a música voltou a aumentar. Inevitavelmente, as pessoas começaram a formar casais. David e Ev desapareceram. Ninguém comentou isso. Lauren se sentou no colo de Nate num sofá de canto, as mãos ocupadas com seus corpos. Reprimi um bocejo. Fora divertido, mas já eram quase três da manhã. Eu estava ficando sem gás. Provavelmente iríamos embora logo.

Desejei que logo fôssemos embora. Em poucas horas eu teria que levantar radiante. Essa parte do radiante poderia ser problemática, com as palavras de Mal batendo em meu cérebro. Excessivamente confiante e falida? Sim. Capacho, o caramba!

– Benny! – Mal exclamou. Ele dançava na mesa de centro com uma morena de pernas compridas. A garota parecia determinada a envolvê-lo como uma trepadeira. De alguma maneira, ele conseguia mantê-la a uma distância educada. Bem, quase.

– Manda – respondeu Ben, com modos bem masculinos.

– Já conheceu a minha garota, Anne? – Mal apontou a cabeça para onde eu estava sentada, no canto de um sofá. Fiquei imobilizada. Durante horas ele me pareceu bem ocupado. Pensei que tivesse se esquecido por completo de mim.

– Você tem uma garota? – Ben perguntou.

– Tenho. Não é uma graça?

Recebi um breve olhar de Ben, seguido do queixo empinado, bem parecido com o que recebi de David. Talvez aquilo equivalesse a um cumprimento secreto entre as estrelas do rock.

– Estávamos conversando lá fora no começo da noite. Vamos morar juntos – Mal informou. A morena em seus braços fechou a cara. Ele nem percebeu. Mas, o mais importante: de que diabos ele estava falando? – É sério, cara. De verdade. Ela está com uns problemas com uns amigos dela no momento. Uma tremenda confusão. Bem, de todo modo, ela precisa de mim ao lado dela para apoiá-la e coisa e tal, sabe?

Minhas mãos discretamente enforcaram o gargalo da inocente garrafa de cerveja.

– Vai fazer o que Dave e Ev fizeram? – Ben perguntou.

– Porra, claro. Vou sossegar agora. Sou outro homem. Amor verdadeiro e tal.

– Certo. Isso vai ser interessante – comentou Ben. – Quanto tempo acha que vai durar?

– A paixão desvairada minha e de Anne será eterna, Benny. Espere e verá.

As sobrancelhas de Ben se ergueram.

– Quer fazer uma aposta?

– Diga seu preço, cara!

– Cinco mil que você não aguenta até a gente sair em turnê.

– Mas que porra. Não desperdice o meu tempo. Vinte.

Ben gargalhou.

– São os vinte mil mais fáceis da minha vida.

– Você vai morar comigo? – perguntei, interrompendo toda a bravata masculina e a discussão sobre dinheiro. Eu nem iria tocar na suposta questão dos amigos.

– Sim, moranguinho – disse Mal, com o rosto muito sério. – Vou morar com você.

Retraí-me ante o apelido horrendo, mas decidi me concentrar na real preocupação por enquanto.

– Quando foi que falamos sobre isso exatamente?

– Acho que, na verdade, você já tinha saído. Mas isso não muda os fatos. – Ele se virou para Ben. – Na hora certa, já que minha mãe está vindo para a cidade. Ela vai adorá-la. Mamãe sempre quis que eu encontrasse uma garota decente, sossegasse e essa coisa toda.

– Pensei que você não gostasse de Portland – Ben comentou.

– Não gosto de Portland. Mas gosto de Anne. – Ele me lançou uma piscada. – Além disso, Dave não vai voltar para L.A. tão cedo. Até mesmo Jimmy está

pensando em se mudar, talvez comprar o apartamento ao lado.

– Verdade?

– É. Já conheceu a nova babá dele?

– Não, ainda não. O que aconteceu com o anterior, o negão grandão?

– Ah, não. Faz tempo que ele foi embora. E teve muitas outras depois dele. A garota nova começou já faz um tempo. – Mal riu. O som era evidentemente maligno. – Se Jimmy não quer alguém por perto, ele tem seu jeito de tornar a vida deles absolutamente insuportável.

– Porra... Depois me conta.

Mal riu ainda mais.

– Bem, de qualquer forma, as coisas estão sérias entre mim e Anne. Posso muito bem acabar ficando.

A morena se virou para ele e o encarou com um olhar de laser. O meu olhar devia estar mais confuso. Talvez ele estivesse falando de outra Anne. Uma que soubesse sobre o que ele estava falando.

– Sua garota não se importa em vê-lo com outra pendurada em você? – Ben me lançou um olhar de sobrancelha erguida. – Preciso de uma namorada assim.

– Ah, cacete. Bem pensado. Honestamente, essa coisa de monogamia... É preciso um tempo pra se acostumar, cara. – Mal afastou a morena emburrada, os músculos dos braços se flexionando. Com suavidade, colocou-a no chão. – Desculpe. Tenho certeza de que você é legal e tal, mas o meu coração só bate por Anne.

A morena lançou um olhar destruidor em minha direção, mexeu no cabelo e se virou para sair. Ignorando as bufadas dela, Ben segurou a garota pela cintura, trazendo-a para o seu colo. A transferência de afeto da garota só levou um milissegundo. Sendo bem justa, Ben é um cara grande e forte. Poucas diriam não.

Mal se lançou aos meus pés. Eu fui mais para trás no sofá, tamanha a surpresa.

– Perdoe-me, Anne! Não tive a intenção de vadiar.

– Tudo bem. – Eu não sabia ao certo o quanto ele bebera. Uma carga de caminhão seria um chute bem acurado.

– Sabe do que mais, moranguinho? – Mal subiu no sofá ao meu lado, juntando-se a mim de joelhos. – Você não faz seu olhar apaixonado para Ben.

Eu precisava atirar nele pelo menos umas duas vezes. Uma por me chamar de moranguinho, e de novo por me envergonhar toda vez que tinha a oportunidade. Em vez disso, fiquei estudando a minha cerveja com grande interesse.

– Ela lança olhares apaixonados para você? – Ben perguntou.

– Ah, lança sim. Anne? – Um dedo escorregou por baixo do meu queixo e o ergueu com suavidade, forçando-me a me virar para ele.

Mal me fitou e eu retribuí seu olhar, apesar das minhas intenções. O rosto dele se suavizou. Nada do divertimento ébrio restou. Ele só olhou para mim e toda aquela coisa sobre enxergar a alma de outra pessoa começou a fazer sentido. Era assustador. Eu quase sentia a conexão entre nós. Como se fosse algo que eu pudesse apanhar e segurar com as mãos.

Não podia ser real.

Por um instante de perfeição, no entanto, era só eu e ele. Estávamos na nossa pequena bolha, e nada nem ninguém existia mais. Foi estranhamente tranquilizador.

– Viu só? – disse ele, sem desviar o olhar de mim. – Mas ela não faz isso nem com você nem com o Davie. Só eu recebo esse olhar apaixonado. Porque eu sou especial.

Ben disse alguma coisa. Não ouvi o quê. Em seguida, Mal desviou o olhar e o momento se foi. O feitiço fora quebrado.

– É uma graça, mesmo, de verdade. Ela não consegue viver sem mim.

– Evidentemente. – Ben riu.

Senti a mandíbula travar. Malcolm Ericson que se fodesse com seus joguinhos.

– Ainda não conheci o vocalista, Jimmy – disse eu, encontrando forças para lutar. Podia ser com palavras ou com os punhos. Visto a maneira como ele me expusera ao ridículo, eu topava qualquer um dos dois. – Talvez ele seja o meu predileto e você só esteja tapando um buraco. Já pensou nisso?

A boca dele se escancarou.

– Você não acabou de dizer isso pra mim.

Não respondi. Vamos ver se ele gostava de ser zoado.

– Anne, está tentando provocar ciúmes em mim? Você não vai gostar de mim quando estou ciumento! – O lunático ébrio rugiu e bateu no peito como se fosse King Kong ou Hulk ou sei lá quem diabos ele estava tentando imitar. – Retire o que disse.

– Não.

– Não brinque comigo, Anne. Retire o que disse ou faço você retirar.

Crispei o rosto, incrédula. E ele dizia que a louca era eu. Ou que meu olhar era enlouquecido. Desvairado. Apaixonado. Sei lá.

O louco deu de ombros.

– Ok, moranguinho. Não diga que não avisei.

Sem mais delongas, ele se lançou sobre mim. Gritei alarmada. O barulho foi incrível. Minha cerveja saiu rolando pelo chão.

Pode-se dizer que sou uma pessoa que sente cócegas. Obviamente, eu odeio que me façam cócegas. Os dedos dele dançaram e mergulharam se revezando,

acertando todos os meus pontos sensíveis, maldição. Era como se alguém tivesse lhe dado um mapa do meu corpo. Eu arfava e me remexia, tentando me afastar dele.

– Limites, seu cretino – sibilei.

Seu riso de resposta foi mais do que maligno.

Então, comecei a escorregar do sofá.

Sendo bem justa, ele tentou amparar a minha queda e usou a si mesmo para tanto. As mãos me seguraram, me viraram em vez de me torturarem. Caímos numa confusão de pernas e braços, comigo aterrissando em cima dele. Mal grunhiu quando sua cabeça bateu no assoalho de madeira.

Puxa. Aquilo deve ter doído.

Apesar da batida, os braços continuaram firmes, segurando-me junto dele. O cara era maravilhoso, melhor do que eu imaginara. E você deve saber que já imaginei muita coisa, mesmo lá fora, no terraço. O brilho brincalhão desapareceu do olhar e cada centímetro dele ficou tenso. Ele me fitou, sem piscar, a boca ligeiramente aberta. Fiquei com a distinta impressão de que ele estava esperando para ver qual seria a minha reação. Se eu levaria as coisas adiante. Em grande parte, eu só conseguia me concentrar em respirar. Depois ele olhou para os meus lábios.

Respirar estava fora de questão.

Ele não podia querer que eu o beijasse. Por certo aquilo era apenas mais um jogo. Só que não, não completamente. Eu o sentia enrijecer ao encontro da minha coxa. As minhas partes íntimas se contraíram em resposta. Fazia séculos que eu não ficava tão excitada.

Caramba, eu iria em frente. Tinha que saber qual era a sensação dos lábios dele. Naquele instante, não beijá-lo estava descartado.

– Malcolm, não! – Ev nos encarou largados no chão; seu rosto era o retrato do espanto. – Solte-a. Não com as minhas amigas. Você prometeu.

O transe de toda a tensão sexual se desfez conforme a vergonha foi me preenchendo e se derramando de mim. Todos estavam rindo. Bem, todos exceto David e Ev. Infelizmente, eles haviam escolhido aquele momento para retornarem à festa.

– Sua amiga e eu fomos feitos um para o outro. Vê se aceita isso. – Ele me deu um aperto. – Sabe, pensei que ao menos você fosse reconhecer o amor verdadeiro quando o visse. Estou muito desapontado com você agora, Evelyn.

– Solte-a.

– Davie, controle sua esposa, ela está provocando uma cena. – Distraído, a pegada de Malcolm se afrouxou e eu consegui me afastar dele. Sorte dele que meu joelho não foi parar em sua virilha.

– É você quem está rolando no chão, meu chapa – disse David.

–Minhas. Amigas. Não. – Ev repetiu entre os dentes.

– A sua blusa está do avesso, menina noiva – comentou Mal, a lateral da boca se erguendo. – O que vocês estavam fazendo?

Com as pontas das orelhas rosadas, Evelyn cruzou os braços diante do peito. Seu marido se saiu muito mal na tentativa de esconder o sorriso.

– Não é da sua conta o que nós estávamos fazendo – ele disse com uma voz brusca.

– Vocês dois me dão náuseas. – Mal se levantou e segurou a minha mão, me erguendo. – Você está bem? – perguntou.

– Sim. Você?

Ele me lançou um sorriso bobo e esfregou a parte posterior do crânio.

– Minha cabeça provavelmente estaria doendo, caso eu conseguisse senti-la.

Ali estava a minha resposta. Ele estava totalmente bêbado. Eu não passava de uma diversão. Qualquer sentimento romântico era apenas meu. Na verdade, era a história da minha vida.

Por fim, o riso se abrandou. Entretanto, ainda éramos o centro das atenções.

– Malcolm, essa cerveja no chão é sua? – Ev perguntou, apontando para a bagunça que a minha garrafa caída provocara.

Antes que eu pudesse abrir a boca para me desculpar, Mal se adiantou:

– Sim. É, sim. Mas não se desespere. Cuido disso. – Arrancou a camiseta e se ajoelhou, secando o líquido derramado. Havia uma grande extensão de carnes firmes e pele bronzeada à mostra. Uma quantidade expressiva. Suas costas eram cobertas por tatuagens, uma cena confusa de um pássaro alçando voo, as asas abertas na amplidão dos ombros. Um suspiro percorreu a sala diante da visão dele seminu, de joelhos. E juro que não fui a única a produzir esse som. Ainda que eu definitivamente tenha contribuído.

– Meu Deus, Mal – Lauren disse. – Vista uma roupa antes que você provoque um tumulto.

O cara apenas ergueu o olhar e sorriu.

– Acho que essa é a deixa para irmos embora. – Lauren saiu do colo de Nate. – Foi muito divertido, mas temos que trabalhar amanhã, ao contrário de alguns músicos folgados.

– Você vai levar minha Anne? – Mal perguntou. Os lábios se curvaram para baixo. Ele colocou-se de pé, deixando a camisa encharcada no chão. – Você não pode levar minha Anne. Eu preciso dela para... para umas coisas particulares, no meu quarto.

– Numa outra vez. – Lauren deu um tapinha nas costas dele.

– Fique para brincar comigo, Anne.

– Não – Ev repetiu.

– Boa noite, Mal – eu disse. Eu não sabia dizer se ele estava falando sério ou não, mas de jeito nenhum que na manhã seguinte eu me arrastaria para fora da cama dele, desfilando pela passarela da vergonha pelo corredor da minha amiga.

Na-na-ni-na-não.

– Anne, moranguinho, não me deixe – ele choramingou.

– Corra. Vá. – Ev foi me empurrando até a porta. – Ele fica impossível quando está assim. Dá pra jurar que ele não foi muito abraçado quando era criança.

– Foi bom vê-la de novo, Ev – eu disse.

Ela me puxou para um beijo rápido no rosto.

– Você também.

– Preciso de uma cura sexual – Mal vinha atrás de nós. E logo começou uma nova dança, que consistia em empinadas pélvicas rítmicas enquanto a mão girava no ar, numa mímica como se estivesse batendo na bunda de outra pessoa. Os “ah, isso” e “mais rápido, amor” só melhoraram a situação. Se uma vagina pudesse se sentar e assistir a alguma coisa, seria àquilo. O cara tinha todos os movimentos certos.

– Você está precisando controlar os impulsos sexuais e de café. É disso que você está precisando. – A testa de David se crispou. Empurrou Mal para trás com uma mão, contendo a dança pornô performática. – Melhor ainda, quando foi a última vez que dormiu de verdade?

– Vou dormir com Anne.

– Não, não vai, não.

– Vou, sim. – Levantou uma mão para o alto. – Porque eu, Malcolm, sou o Senhor do Sexo!

Com uma imprecação murmurada, David ficou nariz a nariz com ele. No mesmo instante, Ben se levantou, fazendo com que a morena caísse no chão. Pobre garota, ela não estava numa noite de sorte.

– Você ouviu Ev – disse David, ficando cara a cara com ele. – Não com a amiga dela. Isso não é legal.

O olhar de Mal endureceu.

– Está se metendo nas minhas transas, Davie?

– Pode apostar que sim.

– Isso não é legal, irmão.

Ben passou um braço pelos ombros de Mal, bagunçando os cabelos dele.

– Venha encontrar outro brinquedo.

– Não sou uma criança. – Mal fez beiço.

– E quanto a ela? – Ben apontou para uma loira magra, que sorriu e se pavoneou. – Aposto como ela gostaria de sair com você.

– Uau, ela é bonita.

– Por que não vai perguntar o nome dela? – Ben sugeriu, dando um tapinha nas costas dele.

– Preciso saber o nome dela?

– Já ouvi dizer que ajuda.

– Talvez ajude você – Mal zombou. – Eu digo o meu próprio nome durante o sexo.

O riso se espalhou pela sala. Até mesmo os cantos da boca de David se ergueram.

No que se referia às mulheres, Mal evidentemente era um vadio. Eu vira mais do que o suficiente para ter essa confirmação. David e Ev me fizeram um favor, afastando-o de mim. O ciúme não me atingiu quando o vi cobiçando outra mulher. Outra coisa causou isso. Não sei o que, mas, definitivamente, outra coisa.

Foi a noite mais estranha de toda a minha vida. Com toda a certeza, aquela era a vencedora.

Eu teria contado a história a Skye quando chegasse em casa. Ela se dobraria ao meio de tanto rir. Merda, não, não iria, não. As safadezas de Mal me fizeram esquecer dela por um momento. De maneira surpreendente, e por mais irritante que ele tivesse se mostrado, ele me fazia sorrir.

O homem aparentemente se lembrou de mim de novo. Fiquei ladeada por Evelyn e Lauren como se precisasse de proteção. Talvez precisasse mesmo. Só o que eu sabia era que, quando ele olhava para mim, a minha mente ia longe, muito longe.

O que era aquilo dos *badboys*? Alguém tinha que inventar uma cura.

O objeto do meu desejo me lançou uma piscadela.

– Até mais, olhos apaixonados.

CAPÍTULO 4

– A vadia também me excluiu – disse Reece, encarando a tela do computador da loja, no balcão do caixa. O Facebook expunha sua tela azul reluzente.

– Maldita – murmurei.

Skye tinha um novo nome que não era nada legal. Muito merecido, mas nada legal.

Reece e eu ligamos para todos que poderiam saber do paradeiro dela. Ainda bem que a manhã estivera pacata até então. Não tivemos sucesso em nossa busca. Ou as pessoas não sabiam, ou não queriam contar. Todos pareceram lamentar, mas não podiam ou não conseguiam ajudar. Algumas vezes a humanidade era uma merda.

– Acho melhor pararmos – eu disse.

– O quê? Por quê?

– Pense bem e seja realista. O que eu posso fazer, mesmo que a encontre? – Cruzei os braços e apoiei o quadril no balcão. A pose me ajudava a manter a compostura. – Estapeá-la é ilegal. Por melhor que fosse acabar com a raça dela, isso não me devolveria o dinheiro. Não adiantaria ir à polícia porque seria a palavra dela contra a minha. Estou ferrada.

– Aí está a atitude derrotada que passei a conhecer e que tanto amo.

– Cale a boca. – Sorri.

Reece retribuiu o sorriso, ruguinhas de expressão mostrando-se nos cantos dos olhos, por trás da armação estilosa dos óculos de aro preto. Uma covinha apareceu na bochecha. Ele tinha um sorriso incrível. Não importava quantas vezes eu já o tivesse visto, eu não conseguia me acostumar. Só que, pensando bem, ele não me deixava com cara de idiota como o sorriso arrogante de Mal.

Hum... Interessante.

Havia, no entanto, muito a se dizer quanto a não se reduzir a uma massa hormonal disforme por causa de um homem. Reece e eu nos dávamos bem, mas, por algum motivo, a descarga que eu costumava sentir por estar ao lado dele estava ausente. Mesmo assim, eu sequer conhecia Mal. Reece era real. Mal era apenas um sonho da minha parede de adolescente.

E desde quando eu comparava o sorriso de Reece com o de alguém?

– Em que festa você foi ontem? – Reece perguntou, coçando a cabeça do modo habitual e adorável. O cabelo escuro caía pela testa, e eu sabia que, um dia, ele produziria lindos bebês. Já o casamento jamais estaria em jogo, não para mim. Essa instituição significava tão pouca coisa... Mas havia muito a ser conquistado simplesmente vivendo em pecado, sendo o companheiro de uma vida.

Reece daria um excelente companheiro para o resto da vida.

Quando Lauren mencionou o meu interesse por Reece na noite anterior, podia até ser que ela soubesse o que estava falando.

Ah, Reece...

Comecei a trabalhar na livraria Lewis assim que me mudei para Portland, há dois anos. Lizzy me pedira para vir por um tempo, para ajudá-la a se acomodar. Evidentemente, eu ainda estava aqui. Gostava de estar próxima da minha irmã, e Portland era uma cidade bem legal. Tinha gostado do meu trabalho e dos amigos que fiz. Tudo era melhor aqui.

– Lauren me convidou para uns drinques na casa de Ev – respondi.

O queixo de Reece se retraiu no que pareceu sinal de divertimento.

– A garota que se casou com o cara do Stage Dive?

– Ela mesma.

– E você não me convidou? Caramba, A. Eu gosto de algumas das músicas deles. Aquele disco, *San Pedro*, não é ruim. Mas o último é uma porcaria, tenho que dizer.

– Eu adoro o último disco deles. “Over Me” é uma bela canção.

Ele fez um som de escárnio, o canto da boca se erguendo.

– Ela fala de alguém traindo-a com uma amiga.

– Escolho ignorar esse aspecto.

Uma senhora com roupas *tie-dye* entrou lentamente, indo direto para a seção de autoajuda e filosofia. Dois adolescentes começaram a se beijar ao lado do mostrador de livros de culinária. Uma graça, mas aquele não era lugar para isso. Quando uma mão foi muito para o sul, pigarreei bem alto.

– Mãos acima da cintura, gente.

O sino acima da porta tocou furiosamente quando eles saíram da loja na velocidade da luz. Um deles estava bem corado. Quase me senti mal por ele. Acho que ele queria muito ser apalpado ali embaixo.

Reece riu. Bem, era típico dele. Ele costumava paquerar bastante entre aquelas quatro paredes. Um hábito que ele, quem sabe, conseguiria superar um dia.

– Relaxa. Eles não estavam fazendo mal a ninguém.

– Existe hora e lugar para tudo.

A campainha sobre a porta tocou de novo quando a última pessoa que eu esperava ver entrou na loja. Evelyn entrou com um copo de café na mão e um sorriso hesitante no rosto. Apesar de trabalharmos a poucos quarteirões de distância, acho que ela nunca havia entrado na livraria antes. E com toda a certeza, ela jamais me trouxera café. Se era isso o que estava para acontecer.

Fitei-a, surpresa.

Reece se animou. Depois notou o anel de noivado absurdamente imenso e voltou a sossegar. Como vinha pelo outro lado do rio, ele não passava pelo Ruby's Café como eu. Ele não conhecia Ev.

– Sentimos sua falta hoje cedo – ela disse, passando o grande copo descartável de café pelo balcão à minha frente. – Você não foi buscar o de sempre. Pensei em trazê-lo para você.

– Você é demais. Acordei atrasada, nem sei por quê.

– Ora essa. – Ela sorriu.

Tomei uma golada do café superquente. Perfeito. Estava simplesmente perfeito. Evelyn era basicamente a santa padroeira dos grãos de café. O que eu faria em poucas semanas, quando ela partisse em turnê com a banda, eu não fazia ideia.

Choraria, muito provavelmente.

O longo cabelo loiro de Ev estava preso numa trança. Assim como eu, estava vestida de preto da cabeça aos pés. Só que ela vestia uma saia lápis enquanto eu usava jeans *skinny*. "Ruby's Café" estava estampado sobre seus seios volumosos enquanto "Livraria do Lewis" estava escrito sobre os meus, bem mais modestos. Desconsiderando a pedra que trazia no dedo, ela podia se passar por qualquer outra garota das redondezas. Eu não entendia por que ela continuava trabalhando como barista estando casada com um milionário, mas não cabia a mim questioná-la.

Virei-me para apresentá-la a Reece, mas ele aproveitara a oportunidade para desaparecer nos fundos. Qualquer interesse por Ev sumiu assim que viu a aliança.

– Eu também queria me desculpar por ontem à noite – ela disse, apoiando os braços no balcão.

– Pelo quê?

– Basicamente pela parte em que Mal empurrou-a no chão. A menos que tenha acontecido algo mais pelo qual eu tenha que me desculpar.

– Não. – Dispensei as palavras dela com um gesto no ar, sorrindo. Não havia necessidade de trazer à tona meus gritos para o convidado dela naquela noite. – Está tudo bem. Ele só estava brincando.

– Pois é. Ele parece um filhotinho que tomou esteroides. Não sabe a força que

tem. – Ela olhou ao redor da loja, a expressão franca, curiosa. – Este lugar é incrível. Por que nunca vim aqui antes?

– Falta de tempo, provavelmente. Quando você não estava trabalhando, estava estudando. E agora está casada.

– Verdade. – Ela estava radiante. – Foi muito bom vê-la ontem, Anne. Fico contente em saber que Mal não causou danos permanentes.

– Não, estou bem. E obrigada pelo café. Eu estava mesmo precisando. Não sei como você consegue acordar tão cedo depois de ir dormir tão tarde.

Ela levantou apenas um dos ombros.

– A festa acabou logo depois que vocês saíram. Ben e Mal saíram, levando todos consigo. David e eu fomos dormir. Não vamos a festas com frequência. Se fôssemos sempre, hoje eu estaria um caco.

– Entendi.

– Então... David me disse que você ficou conversando com Mal no terraço por um tempo... – Foi então que a entrega de café começou a fazer sentido.

– É, nós ficamos – confirmei. – E depois David me perguntou se ele me dissera alguma coisa. Ainda não entendi isso muito bem.

Os lábios de Ev se contraíram.

– Ele a mandou aqui para perguntar – deduzi. Corretamente, se a centelha de culpa no olhar dela servisse de indicador.

– De todo modo, você merecia esse café. Mas, sim, ele me perguntou se eu me importaria em vir falar com você.

– Ok. – Lambi os lábios, ganhando um tempo para reordenar meus pensamentos. Fora de vista, meu pé batia no chão, esforçando-se para formar um buraco no carpete. – Francamente, não conversamos muito, nada muito pessoal. Apenas umas coisas a respeito da minha colega de apartamento.

– Lauren mencionou isso comigo. – Uma fagulha de pena inundou os olhos de Ev.

Dei de ombros.

– Bem, não tem problema. Vou dar um jeito. Mas, sério, Mal e eu não conversamos muito sobre ele. Basicamente, ele ficou caçoando de mim.

– É o que ele faz. – Um instante depois, ela me fitou, tentando descobrir a verdade, talvez. Ela estava obviamente preocupada com Mal, mas a verdade era que eu e ela não nos conhecíamos bem o bastante para aquele tipo de conversa particular. Era desconcertante.

– Obrigada por me contar – disse ela por fim. – Mal vem agindo de maneira estranha desde que voltou para Portland, na semana passada. Mais... maníaco do que de costume. Então, depois ele só fica olhando para o vazio. Tentamos conversar, mas ele diz que não há nada errado.

– Sinto muito.

– Não sabemos se ele está depressivo ou usando drogas ou o quê. E depois que Jimmy teve que passar pela reabilitação há tão pouco tempo... – Ela me lançou um sorriso tristonho. – Eu gostaria que você não comentasse isso com ninguém.

– Claro.

– Muito bem, por hoje chega. Melhor eu ir. David deve estar se perguntando onde estou. Foi bom vê-la.

– Você também.

– Venha mais vezes, ok? – Ela recuou até a porta, acenando em despedida. O convite pareceu sincero. E isso acalentou meu coração. Depois do horror com Skye, bem que eu merecia bons amigos.

– Pode deixar. Obrigada novamente pela cafeína.

Ela me deu a erguida de queixo das estrelas do rock e depois foi embora.

Reece voltou, com a própria xícara de café nas mãos.

– Sua amiga já foi embora?

Voltei à realidade, desviando meus pensamentos do enigma de mais de 1,80m que era Mal. Minha mente gostava de se demorar nele um pouco demais. Pelo visto, ele se tornara o meu pensamento recorrente, apesar das outras coisas acontecendo na minha vida.

– Ela tinha que voltar pro trabalho.

– Está franzindo a testa. Ainda preocupada com a vaca?

Assenti ante a mentira. Embora não fosse exatamente uma mentira. Eu me preocupava com tudo. Mal estivera errado. Eu não era nervosa; e sim, preocupada. E, naquele instante, eu estava preocupada com ele. Desfiz a carranca e bebi mais café.

– Por que não trabalhamos um pouco hoje, chefe?

– É por isso que você deveria ser a chefe. – Reece suspirou com dramaticidade. Ele tinha um diploma de administração impressionante para respaldá-lo, enquanto eu mal terminara o Ensino Médio, mas, na maioria das vezes, parecia que eu era a única com alguma ética profissional. Quando mamãe passou por seus momentos mais obscuros depois que papai nos abandonou, eu não podia simplesmente deixá-la sozinha. No dia em que cheguei e a encontrei perfilando codeína e pílulas para dormir na mesinha de cabeceira, me convenci disso. Por isso, tive “educação domiciliar”. O Serviço de Proteção ao Menor nos visitou uma vez e nós mantivemos uma fachada convincente.

Entretanto, fiz de tudo para que Lizzy fosse todos os dias para a escola, de segunda a sexta.

Reece apanhou uma caixa de livros novos da bancada para que pudéssemos

colocar os preços.

– Conte mais sobre ontem.

– Hum... Conheci alguns membros da banda. Foi legal.

– Conversou com eles? – Reece parecia extasiado. Normalmente as nossas conversas na loja se referiam às insinuações e escapadelas dele, já que a minha vida era um tédio. Palavras dele, não minhas. Tenho quase certeza de que não é preciso dar em cima de cada mulher no centro de Portland para ter assunto. Talvez fosse por isso que nunca ficamos juntos. Nossos *hobbies* divergiam consideravelmente.

Meus pensamentos estavam bastante amargos e retorcidos hoje.

Onde foi que deixei minha expressão alegre? Muito provavelmente ainda na soleira de casa, onde ela caíra dezesseis horas antes. Malcolm Ericson ressuscitara brevemente a minha alegria antes de começar a mencionar as minhas supostas fraquezas. Ainda assim, só de pensar nele eu já me sentia mais leve.

Que estranho.

Lizzy ainda não respondera à minha mensagem. Não era uma surpresa. Seu estilo de vida universitário a mantinha bastante ocupada. Ela também era péssima em se lembrar de recarregar os créditos do celular. Mas não duvido que a minha irmã estaria ao meu lado para me apoiar. Ela e o chão do dormitório dela. Deixei uma mensagem para o meu locador, mas também não obtive resposta. Era quase impossível que ele me estendesse o prazo do pagamento do aluguel. Mesmo que eu encontrasse uma colega para dividir o apartamento em tempo recorde, eu ainda não conseguiria juntar a minha metade do aluguel.

Era hora de admitir a derrota, quer Reece gostasse disso ou não. Era hora de me mudar.

O dito amigo balançou a mão na frente do meu rosto.

– Anne, continue. Conseguiu ou não conversar com eles?

– Ah, desculpe. Sim, conversei com Mal, o baterista.

– Sobre?

Era a pergunta na boca de todos.

– Nada de mais, foi jogo rápido. Ele estava ocupado. Havia muitas pessoas ali.

Por algum motivo, eu não queria revelar mais. Na verdade, por muitos motivos. Falar com Reece a respeito de outro homem seria estranho. E também estava claro que, no que se referia a Mal Ericson, eu extrapolara. Não houvera nenhuma conexão, ninguém olhando dentro da alma de outra pessoa. Minha imaginação exaltada obviamente trabalhara demais na noite anterior. Por isso disparei a falar:

– David pareceu legal. Ben também estava lá, mas não cheguei a conversar

com ele de verdade.

– Você está esnobando, mencionando todos esses nomes. – Ele riu.

Dei um cutucão amigável nas costelas dele.

– Foi você quem perguntou. Não estou me achando por responder a uma pergunta.

– Ok, ok, acredito em você. Não precisa bater em mim. Então, você consegue me levar pra próxima festa lá?

– Duvido que irei para mais alguma festa lá, Reece. Foi por pura sorte que acabei lá ontem.

– Pra que você serve, então? – ele caçoou.

A senhora com roupa *tie-dye* se aproximou do balcão com uma cópia do *Alquimista* na mão.

– Esse livro é muito bom. Acho que vai gostar dele. – Marquei a compra dela e devolvi o livro para que ela o colocasse em sua bolsa reutilizável. Havia algo mais maravilhoso do que mandar alguém para casa com um livro que você adora? Não, não havia.

Virei-me para Reece, que estava endireitando alguns comprovantes de cartão de crédito.

– Então, quer passar lá em casa hoje? – perguntei. – Se você não tiver compromisso. Talvez eu tente aperfeiçoar o meu Martini.

– Hum, eu meio que estou deixando a agenda livre hoje. Tem essa garota que ficou de me ligar.

Claro que havia.

– Massss... – Ele esticou a palavra. – Se ela não me ligar, que tal eu passar lá para experimentar esse Martini?

Meu coração disparou um pouco. Coração idiota. Estampei um sorriso falso.

– Claro, Reece, não é como se eu tivesse algo melhor para fazer do que ficar esperando por você.

– Exatamente – disse ele, e eu fiquei sem saber se ele estava brincando ou não. Naquele instante, fiquei me perguntando o que eu vinha buscando e por quê. A resposta: um sonho, porque sou uma idiota. Talvez Mal tivesse alguma razão quanto ao fato de se aproveitarem de mim. Fiquei responsável pela minha mãe por tanto tempo que talvez isso tenha se tornado um hábito.

Agora ele estava mexendo no celular, um sorriso apático no rosto.

– Ela quer sair comigo – ele disse. – Então... vou lhe pedir um enorme favor. Fecha a loja hoje? Já que não vai fazer nada?

– Sabe que eu deveria lhe negar isso. Caramba, Reece. Não sou uma total fracassada. Tenho alguns limites. – Pouco importava o que Malcolm Ericson pensasse a respeito.

– Por favor, me desculpe. Você tem razão, eu não deveria lhe ter pedido isso. E respeito os seus limites, de verdade. Sou um cretino e você é uma festeira que fica mencionando nomes. Pode me perdoar? – Ele não parecia arrependido, apenas vagamente desesperado. O que isso importa? Aquele era Reece. O homem me oferecera seu sofá na noite anterior como um lar temporário.

E, enfrentemos os fatos: ele tinha razão. Eu não tinha grandes planos além de ficar lendo.

– Tudo bem – concordei, o ressentimento queimando a minha alma, o que logo cedeu lugar para a tristeza. Muito provavelmente, eu deveria comprar chocolate e bebida a caminho de casa. Um uso verdadeiramente útil para o dinheiro das horas extras. Martini de chocolate, aqui vou eu.

– Obrigado. Fico devendo essa.

– Tudo bem. Não tenho nada marcado mesmo.

Não era como se eu fosse ver Mal de novo.

CAPÍTULO 5

Havia algo errado. De novo. Mas, desta vez, soube antes de passar pela porta.

O trabalho acelerara à tarde. Não houve mais tempo para preocupações, nem para pensamentos amargos e retorcidos, o que, definitivamente, foi muito bom. Agora, porém, eu estava exausta. Duas horas de sono e a preocupação por causa de dinheiro acabaram comigo. O vento gelado que tomei na saída do monotrilho congelou minha nuca e a ponta do meu nariz. Qualquer plano a respeito de comprar bebida e chocolate saíra voando pela janela. Eu queria um banho e a minha cama. Esse era o meu único plano para aquela noite, e era lindo.

Meio atordoada, inseri a chave na fechadura, e foi nessa hora que a porta se escancarou. Ela não estava nem mesmo fechada. Meu equilíbrio foi pelos ares e caí, batendo a cara num peito quente, firme e suado.

Eu desabei.

Ele grunhiu.

Mãos fortes me seguraram pela cintura, me firmando. O que foi muito bom, porque eu precisava mesmo de uma mãozinha senão meu traseiro encontraria o chão. Talvez eu tivesse entrado no apartamento errado. Minha cabeça estava em outro lugar, mundos distantes da realidade. Outro apartamento certamente explicaria o delicioso corpo quente sobre o qual eu me apoiava.

Desde quando suor cheirava tão bem?

Controlei-me para não esfregar o rosto e inspirar profundamente. Uma fungada ou duas não seria abuso. Discretamente, é claro.

– Anne. Cara! – O peito vibrou debaixo da minha face. – Bem-vinda ao lar!

Eu conhecia aquela voz. Conhecia, sim. Mas que diabos ela estava fazendo no meu apartamento? Atordoada, pisquei para o lindo rosto.

– Mal?

– Claro que sou eu. – Ele riu. – Está drogada ou algo assim? Você não deveria ingerir drogas. Elas não vão lhe fazer bem.

– Não estou drogada. – Ainda que as drogas pudessem talvez explicar minha atual visão, porque o que eu estava vendo era surreal. – Você está aqui.

Sem dúvida nenhuma. Ele, definitivamente, estava ali. Eu sabia disso porque

as minhas mãos estavam em todo o corpo seminu e quente. Os meus hormônios desviaram a ideia de tirá-las dele. E eu não podia culpá-los.

– Eu sei – disse ele. – Não é demais?

– É. Uau.

Ele assentiu.

Eu o encarei. Como foi que ele conseguiu entrar? Tranquei a porta quando saí.

– Como foi no trabalho? – ele perguntou.

– Tudo bem. Obrigada.

Ele me sorriu.

– Pensei que você fosse chegar horas atrás.

– Pois é, tive que fechar a loja, e umas pessoas entraram no último minuto. Mal, por que você está no meu apartamento sem camisa? Como foi que isso aconteceu?

– Fiquei com calor quando comecei a empurrar as coisas. – Ele revirou o pescoço, esticando os músculos. – Você mora só no segundo andar, mas no fim os degraus acabam pesando, sabe? Nate e Lauren me ajudaram um pouco, mas depois tiveram que ir. Mas, tudo bem, você não se importa, né? Tem algum código de vestimenta com que eu tenha de me preocupar?

Eu ainda o encarava. Palavras saíam da boca dele, mas ainda não faziam sentido. Nada daquilo fazia.

Os olhos dele se estreitaram sobre mim.

– Peraí, estou sem camisa e você não está com o olhar apaixonado. O que aconteceu?

– Hum, acho que só estou surpresa em encontrá-lo aqui.

As sobrancelhas dele desceram, assim como os cantos dos lábios maravilhosos. O homem parecia muito triste.

– Fiquei esperando por isto o dia inteiro.

– Desculpe.

– Tudo bem. Vem. Vem ver. – Ele me puxou para dentro do apartamento, o meu apartamento, batendo a porta atrás de mim, sem responder à importante pergunta quanto à sua presença. Mas o que mais me incomodou foi que ele separou as minhas mãos do corpo dele. Elas choraram em silêncio. Ou isso ou eu estava suando. Muito provavelmente esse último. Ele surtia um efeito muito estranho em mim.

– Ta-rãã㠼!!! – ele anunciou, movendo o braço num gesto amplo e me apresentando minha saleta.

– Uau.

– Demais, hein?

– É?

– É! Eu sabia que você iria adorar.

Encarei um pouco mais. Depois esfreguei os olhos, porque eles estavam começando a doer. Devia ser porque eu ficara muito tempo com eles arregalados, mas não tinha como eu ter certeza.

Que diabos estava acontecendo ali?

– De certa forma, você se mudou para cá. – Não havia nenhum outro motivo para uma bateria completa ter aparecido num dos cantos, quanto mais todo o resto. O *Além da Imaginação* oficialmente chegara ali. – Você... hum... puxa, mas que coisa.

Ele fez uma careta e oscilou o peso sobre os tênis.

– Sei o que você vai dizer, também aconteceu mais cedo do que imaginei. Mas Davie me botou para fora hoje, então, pensei, por que esperar?

Eu só pisquei, o restante de mim estava petrificado demais para reagir.

– Ok. Encurtando a história, sem querer vi Ev pelada. – Ele suspendeu as mãos, alegando inocência. – Foi só a lateral de um peito, juro. Nada de mamilo, nem nada assim. Mas você sabe como ele é com ela, dramático pra cacete. E perdeu as estribeiras.

Assenti. Eu não fazia a mínima ideia, mas parecia que uma resposta era necessária.

– Exato. Como se fosse culpa minha. Foi no meio da porra da cozinha! Eu só queria pegar uma coisa pra comer e lá estavam eles, trepando contra a parede. Eu nem sabia que ela já tinha chegado do trabalho. Como se eu quisesse ver aquilo. Foi o mesmo que flagrar seus pais. Bem, com a diferença de que Ev tem uns belos peitos. – Seu olhar culpado desviou para o meu rosto. – Tudo bem, posso ter visto um pouquinho de mamilo, mas juro que não procurei ver aquilo. Não é culpa minha se ela estava sem a blusa. Bem, de todo modo, Davie ficou louco.

– Ficou?

– Ah, ficou. Demais. Disse umas grosserias. Podemos ter trocado uns tapas no chão. Mas eu o perdoo. O amor deixa as pessoas psicóticas, não?

– Certo. – Essa era uma ideia que eu compreendia muito bem. Com dezesseis anos, quando o meu primeiro namorado terminou comigo, meu mundinho foi abaixo. E vejam só a minha mãe. Ela ficou perdida quando o meu pai foi embora.

– É mesmo.

– Por isso você se mudou para cá? – perguntei, conectando as partes da história devagar.

Mal deu de ombros.

– Sim, ué!

– Não, quero dizer, você se mudou mesmo para cá. Para morar comigo. No

meu apartamento. Hum, como foi que conseguiu entrar, só por curiosidade?

– Isso vai ser um problema? – ele perguntou soltando um longo suspiro. – Anne, vamos lá. Falamos sobre isso ontem à noite. Se tem problemas comigo mudando, aquela era a hora de falar, não agora.

– Pensei que você estivesse brincando.

– Cara, que ofensa. Por que eu brincaria com coisas importantes como esta?

– Porque você estava bêbado?

– As minhas melhores ideias aparecem quando estou sob a influência do álcool.

– Nem pensei que você fosse se lembrar.

– Ofendido mais uma vez – disse ele. – Não tenho mais quinze anos de idade. Sei o quanto aguento.

– Desculpe. – Não sei muito bem por que era eu quem estava se desculpando. Deixe pra lá. Minhas pernas estavam bambas. Apoiei-me na ponta do sofá mais próximo. Era incrivelmente confortável, ainda que não ajudasse muito na minha súbita tontura.

Mal Ericson.

Morando comigo.

A ruguinha entre os olhos enquanto ele me fitava era indício de que ele estava falando sério. Com muita sutileza, eu me chutei, só para ver se eu estava mesmo acordada e não sonhando. Caraca, aquilo doeu. A dor se irradiou pela minha canela, fazendo-me retrair. Sim, bem acordada. Sem falar que o salto do meu sapato era poderoso.

– Está me olhando estranho de novo – ele comentou.

– Estou?

Ele revirou os olhos.

– Mulheres. Fala sério. Juro, foi só uma olhadinha no mamilo e nada mais. Não quis desrespeitar Evvie.

Inclinei-me, esfregando meu novo hematoma.

– Acredito em você.

– Que bom. Pode parar de tocar no assunto agora?

Abri a boca para dizer que não havia falado nada. Mas parecia mais seguro manter tal pensamento para mim mesma. Quem podia saber em que direção isso o levaria em seguida? Era difícil acompanhar a linha de pensamentos de Mal Ericson.

– Merda, você não gostou do sofá, não é? – ele perguntou. – Esse é o motivo da sua expressão estranha.

– Do sofá?

– Cara. – Mal pendeu a cabeça, as mãos nos quadris estreitos. – Liguei pra Ev

para perguntar de que cor você gosta, mas aí ela começou a fazer perguntas e depois começou a berrar, e foi a maior confusão. Não posso ficar no meio de uma loja de móveis discutindo com uma garota, sabe? Tenho uma reputação a zelar. Por isso tentei ligar pra Lauren porque imaginei que ela tivesse uma chave reserva sua, coisa que ela tinha mesmo.

– Lauren deixou você entrar?

– Deixou. E ela me disse para comprar este aí, disse que você ficaria louca por ele.

– Não, não... Ele é... muito legal. – Passei a palma da mão pelo tecido aveludado. Era divino, supermacio. Eu nem queria saber quanto devia ter custado.

– Mesmo? – Ele olhou para mim por debaixo das sobrancelhas, a boca contraída em sinal de preocupação. Mas mesmo assim o verde e o castanho do olhar dele estavam límpidos. Ele parecia, de certa forma, infantil e vulnerável. – Tem certeza de que gostou?

Não conseguia desviar o meu olhar do dele para olhar para o sofá como devia. Mas, sem dúvida, ele devia ser tão bonito quando era confortável.

– Ele é lindo, Mal.

– Ufa! – O sorriso súbito dele iluminou meu mundo.

Retribuí o sorriso com tanta força que meu rosto doeu.

– Olha só, não estou negando que você venha morar aqui. Só acho que a minha cabeça está tentando assimilar o conceito. Mas por que quer vir morar comigo?

– Eu gosto de você – ele disse simplesmente.

– Você mal me conhece.

– Você é amiga de Ev e de Lauren. Nós conversamos. Eu te ataquei. Rolamos no chão juntos. Foi uma experiência de união.

Pisquei.

– Quer mais? Sério?

– Por favor.

– Sabe, nunca vivi com uma mulher antes. Bem, não desde a minha mãe e as minhas irmãs, mas elas não contam. Me dá um minuto, isso é bem mais difícil do que parece. – Ele se largou na poltrona de couro preta bem na minha frente. Poltrona muito maneira, aliás. Não chegava à altura do homem sentado nela, mas, ainda assim, era uma bela poltrona. Esperei enquanto ele reproduzia várias expressões de sofrimento, acabando, enfim, por pinçar o alto do nariz. – Você parece ser uma garota legal, sabe?

Eu não sabia se chorava ou ria. O riso me pareceu mais seguro.

– Obrigada.

– Espere – ele gemeu. – Também não estou acostumado a convencer as mulheres a fazerem algo. Normalmente, elas ficam contentes em fazer qualquer coisa.

E eu não as culpava nem um pouco por isso. Mas eu tinha quase certeza de que esse era o caminho para a ruína. Em pouco tempo, eu o estaria seguindo tal qual um filhotinho de cachorro apaixonado. Isso não seria legal.

Seus dedos bateram um ritmo nos braços de madeira arredondados da poltrona. Esse Malcolm Ericson era uma alma inquieta. Nunca ficava parado. Dava para perceber como toda aquela energia o transformava num excelente baterista.

– Sabe, foi divertido passar o tempo com você ontem à noite. Eu gostei. Foi legal que você não ficou psicótica, nem ficou indo atrás das pessoas. Apesar de estar tão ligada na minha que fica com aquele olhar apaixonado, acho que ficar perto de você é meio que tranquilizador.

Uma sombra encobriu o rosto dele, surgiu e desapareceu num instante. Se não fosse pela visita de Ev, eu poderia ter me convencido de que imaginara aquilo. Mas definitivamente algo estava acontecendo com aquele homem.

– Você não fica me incomodando com um monte de perguntas. Bem, não ontem pelo menos. – Reclinou-se na poltrona como um rei, apoiando o tornozelo no joelho. A energia ou tensão que o percorria fazia com que ele continuasse remexendo os dedos, tamborilando sem parar. – Vejamos da seguinte maneira: você precisa de dinheiro, certo?

Hesitei, mas isso era verdade. Nós dois sabíamos disso.

– Certo.

– Eu também preciso de uma coisa.

Meus olhos se estreitaram. Se ele começasse a gritar sobre cura sexual mais uma vez, eu o expulsaria, pouco me importando com a mobília dispendiosa, bateria e tudo o mais. Ou eu o lamberia por inteiro. Dada a minha confusão e os níveis de estresse, as chances eram meio a meio. Uma oportunidade de me jogar sobre ele podia ser boa demais para deixar passar. Afinal, quantas chances mais eu teria? A minha sorte, no fim, acabaria.

– E acredito que você atenderia as minhas necessidades com perfeição – ele continuou.

– Suas necessidades?

Um dos cantos da boca dele se elevou (40 e 60 por cento).

– Todos os homens têm necessidades, jovem Anne. A propósito, quantos anos você tem?

– Vinte e três. Estou bem ciente de que todos têm necessidades. Mas Mal, não vou atender as suas. – O meu nariz se empinou. Meu Jesus... Como eu queria

atender as necessidades dele, mas quando ele me lançava aquele sorriso... Uma garota tinha que ter o seu orgulho.

– Claro que vai. – Ele riu de leve, maliciosamente, enxergando dentro de mim (20 e 80 por cento). – Você está morrendo de vontade de atender as minhas necessidades. Não consegue desviar o olhar do meu corpo seminu desejável. No minuto em que abri a porta, você começou a me apalpar. Foi como se você estivesse no cio ou algo assim.

Caraca.

Fechei os olhos com força por um instante, bloqueando-o numa tentativa de recobrar meu juízo. Se ao menos eu deixasse de ter paradas cardíacas ante a visão e a voz dele, já ajudaria muito.

– Não, Mal. Eu me desequilibrei quando você abriu a porta para mim. Encontrá-lo aqui na verdade foi uma tremenda surpresa. Não estou acostumada com pessoas se mudando para a minha casa sem uma conversa séria antes.

Quando abri os olhos, ele me observava silenciosamente, julgando-me.

– E eu não estava te apalpando.

A expressão tranquila demais dizia tudo. Ele não acreditava em mim, nem um pouco.

– Ora, não fique envergonhada.

Eu não era uma virgem sem noção. O meu cartão de virgindade fora estampado com o meu primeiro e último namorado duradouro quando eu tinha dezesseis anos. Desde que vim para Portland, eu me permiti alguns encontros. E por que não? Sou jovem e desimpedida. Gosto de sexo. Pensamentos de montar em cima de um homem seminu numa poltrona? Nem tanto.

Eu estava descontrolada. Contudo, de jeito nenhum eu permitiria que ele soubesse disso.

– Tudo bem, moranguinho. Não me importo se você me apalpar. Se é assim que você sente a necessidade de expressar o seu afeto, tudo bem.

– Mal. – Aquilo estava indo de mal a pior. Nem sei por que comecei a rir. – Por favor, pare de falar. Preciso de um instante, sim? Considere isto um limite.

Os olhos dele se acenderam em deleite.

– Olha só, você andou pensando no que eu disse. Isso é maravilhoso. Respeito o seu limite, Anne.

– Então por que ainda está falando?

– Certo. Desculpe.

Tentei recobrar minha tranquilidade. Por que nunca antes encontrei tempo para praticar ioga? Exercícios de respiração profunda teriam sido úteis.

Quando abri os olhos, Mal me sorriu com serenidade. O cretino arrogante. Tão confiante. Tão sexy. E tão descamisado. Por que aquilo? Era outono em

Portland, tempo fresco, chovia de vez em quando. Pessoas normais usavam roupas nesta época do ano.

– Pode vestir uma camisa?

Ele esfregou o queixo.

– Hum... não. Esse é o meu limite, desculpe. Gosto demais dos seus olhares lascivos para me vestir.

Merda, eu estava com o olhar apaixonado de novo?

– Você é perfeita – ele murmurou, o sorriso firme no lugar.

Maldição, eu estava mesmo.

– O que você acha que são as minhas necessidades, Anne?

– Sei que está falando de sexo, Mal. Isso é meio óbvio. Mas por que, dentre todas as mulheres à sua disposição, você me escolheria? Isso eu não entendo. E por que se mudar para a minha casa? Isso eu também não entendo. Você poderia ter ido para um hotel ou alugado um lugar próprio muito mais agradável do que este.

– Nãããão. – Ele se largou na poltrona, deitando os dedos na barriga lisa. – Não estou falando de sexo. Gosto de pensar que você e eu estamos acima dessa coisa física e confusa, apesar da sua paixão por mim. Eu preciso é de uma namorada... bem, de uma namorada fictícia, e você, Anne Rollins, é perfeita.

– Porra! O quê?

Ele explodiu numa gargalhada.

– Você está brincando – deduzi, aliviada. Bem, enfurecida e aliviada. Será que os astros do rock estavam tão entediados que tinham que recorrer a tais extremos para se divertirem?

– Não, não estou brincando. É só que a sua reação foi engraçada. – Dedos longos afastaram o cabelo loiro para trás, afastando-o do rosto. – Isto é sério, uma transação comercial, e vai ter que ser mantida em segredo. Paguei o seu aluguel. E comprei mobília para substituir o que a idiota da sua amiga levou. Em troca, quero que finja ser a minha namorada por um tempo.

A minha mandíbula cedeu à gravidade.

– Você não está falando sério.

– Por que você nunca acredita no que eu digo? Anne, estou falando muito sério.

– Por que eu?

Ele suspirou e fitou o teto com determinação.

– Não sei, acho que pelo modo como ajudou sua amiga, mesmo ela não tendo sido honesta com você.

– Mal, isso não faz de mim uma boa pessoa. Isso me torna uma idiota. – Considerando-se o modo como as coisas se sucederam, aquela não passava da

mais pura verdade. – Você basicamente disse isso na noite passada. Eu deixei que ela me usasse.

Mal expôs os dentes.

– Ei, eu nunca disse que você era uma idiota e não quero ouvir você repetindo isso. É mais um limite, e pronto.

– Tá bom... Relaxa.

– Estou perfeitamente relaxado. Olha só, todos temos problemas, Anne. Nunca disse que você era perfeita. – Ele parou e coçou o queixo. – Ah, não espere. Eu disse isso. Bem, não quis dizer exatamente isso... Não que você não seja ótima e tal, mas... Bem, vamos prosseguir?

– Não. Qualé, estrela do rock. O que você quis dizer? – perguntei, reprimindo uma risada. Por causa dele. Eu não tinha como evitar, o homem era hilário.

Ele dispensou a minha pergunta com um gesto.

– Não, seguiremos em frente. Só por curiosidade, você chegou a pensar em procurar Ev para pedir dinheiro na noite passada?

Eu recuei em surpresa.

– O quê? Não.

– Ela teria lhe dado. Todo mundo sabe que ela e Davie têm dinheiro.

– Não é um problema dela.

Ele me lançou outro olhar complacente.

– Isso não diz nada. E se você me escolheu pela minha ética, será que sou a melhor pessoa para mentir para a sua família e os seus amigos, Mal?

– Moranguinho... não vamos magoar ninguém. Nós só vamos ajudar um ao outro, só isso.

– Você disse que eu não sabia mentir.

– Você vai se sair bem. – Ele dispensou meus protestos.

Só fiquei ali sentada, pensando. Será que conseguiríamos enganar alguém?

– Confie em mim.

– Por que você precisa de uma namorada de mentira?

– Porque sim.

– Mal.

Ele revirou os olhos, seu rosto ficou tenso.

– O porquê não é da sua conta, ok? Paguei o seu aluguel. O seu lindo traseiro não será despejado. Em troca, só o que peço é que fique olhando para mim com adoração quando estivermos perto das pessoas. Você já faz isso; qual é o problema?

– Então, não vai me contar?

– Testou a sua audição recentemente? Digamos apenas que eu tenho um bom motivo, um motivo pessoal, e deixamos por isso mesmo. Fala sério, você é tão

ruim quanto Davie e Ev. “Qual o problema, Mal?”, “você está bem, Mal?”. Bem, eu estava, até as pessoas começarem a perguntar isso uma porrada de vezes. – Ele se pôs de pé e começou a andar de um lado para o outro na sala. Por causa da extensão de suas pernas, ele não ia muito longe, três passos para frente, três para trás. Depois de algumas voltas, ele parou e olhou para a rua através da janela.

– Por que as pessoas insistem em ser tão intensas a porra do tempo todo? A vida é curta demais para toda essa partilha excessiva. Você está aqui. Eu estou aqui. Podemos nos ajudar e nos divertir enquanto fazemos isso. É só o que importa. – Ele girou sobre os calcanhares para me encarar, abrindo os braços. – A vida é uma canção, Anne. Vamos tocá-la.

A minha vida não vinha sendo exatamente uma canção... Pelo menos não até aquele ponto.

Nenhum de nós falou por um momento. A expectativa e a impaciência emanavam dele. De fato, eu tinha a sensação de estar sendo manipulada de novo. No entanto, não de uma maneira perniciosa desta vez. Mal não parecia capaz de maltratar uma mosca. Mas ele podia, acidentalmente, esmagar uma.

Vendo de fora, aquele parecia um bom acordo. Eu precisava mesmo do dinheiro. E também gostava de ficar perto dele. Ele era um trilhão de vezes mais divertido do que qualquer experiência que eu já vivenciara. O que quer que acontecesse, aquela seria uma aventura e tanto. E se eu soubesse, desde o começo, que ele partiria, não havia o risco de eu me apegar demais. Eu apenas desfrutaria do período junto dele e depois me despediria. Aquilo podia ser fantástico.

– Muito bem – eu disse por fim. – Você tirou o meu traseiro da fogueira. Obrigada por isso. Mas ainda não estou completamente convencida desse plano de namorada de mentira. Acho que vamos ter que ver como isso vai acontecer.

Ele bateu palmas de felicidade.

– Você não vai se arrepender. Não vou atrapalhar a sua vida. Não muito.

– Não muito?

– E você sabe que é divertido me ter por perto. As pessoas nem sempre entendem isso. Além do mais, posso abrir tampas e erguer coisas pesadas. Ouvi dizer que isso é útil para as mulheres. – Ele pulava pela sala. Bom Deus, aquele homem tinha tanta energia para gastar que era como se ele inalasse açúcar. – Então, o que devemos fazer hoje? Quer pedir comida? O que está com vontade de fazer?

Recostei-me no assento, cansada só de olhar para ele.

– Mal, não tenho dinheiro para isso, mas vá em frente.

– Pode parar de se preocupar com dinheiro? É por isso que estou aqui. Está tudo bem. Agora, está com vontade de fazer o quê?

– O que você quiser para mim está bom.

– Essa é a resposta certa. Nós seremos o casal falso mais perfeito de todos os tempos, moranguinho.

– Por favor, não me chame assim.

– Moranguinhooo – ele disse arrastado, as sobrancelhas se remexendo. – É um apelido incrível. O seu cabelo é meio dessa cor e agora somos um casal. Casais sempre se chamam por nomes esquisitos. Deixa disso, você vai acabar encontrando um para mim.

– Vou começar a pensar agora mesmo.

– Legal. Depois vamos para o tempo do toque. – Esfregou as mãos. – Na verdade, deixa pra lá. Podemos fazer isso mais tarde na cama.

A minha mente tentou se apegar a alguma coisa.

– Cama? Tempo de toque? Isso é algum eufemismo? Pensei que não faríamos sexo. Você disse que a gente só ia fingir.

– Caramba, vê se relaxa. Não vamos fazer sexo, só vamos dormir juntos. O plano inteiro vai implodir se começarmos a transar. O que eu preciso é de um relacionamento durável e respeitável. Se começarmos a transar, você logo vai começar com uns "ai, Mal, nunca imaginei que tamanho êxtase fosse possível. Não consigo viver sem você! Transa comigo, Mal! Por favorrrr!" – Seus joelhos se dobraram e ele caiu no chão. Foi uma atuação impressionante. O homem sabia bater os cílios.

Dei uma risadinha como uma colegial tonta. Um barulho que basicamente me fez querer atirar uma bala na minha cabeça.

– E depois, tudo vai enlouquecer como em *Atração Fatal*. Confie em mim, já vi isso acontecer e não é nada bonito. Portanto, vamos manter o assunto estritamente acima da cintura. Tire a cabeça da sarjeta, Anne.

– Você é bom assim, hein?

Ele pousou o olhar em mim.

– Senhorita Rollins, você não faz ideia.

– Sabe, não consigo decidir se o seu ego é repulsivo ou apenas impressionante.

– Prefere que eu minta para você?

– Mal, eu já nem consigo saber quando você está falando sério...

Ele rolou sobre as mãos e os joelhos, depois engatinhou na minha direção, os olhos cheios de travessuras.

– Se estou falando com você, é sério. Agora, vamos ter que beijar em público, obviamente. E se sairmos para jantar e eu enfiar a minha língua no seu ouvido e você ficar toda esquisita? As pessoas podem começar a imaginar coisas. Por isso precisamos praticar os toques.

– A sua língua? Mesmo? Não sei...

– Felizmente para você, estou aqui e eu sei. – Ele se levantou e apanhou o celular, o dedo escorregando pela tela. – Temos que nos certificar de que estaremos parecendo firmes. Lauren passava aqui a todo instante. Não podemos nos arriscar com quartos separados. Você sabia que ela nem bate antes de entrar? Já vai entrando como se fosse dona do lugar. Algumas pessoas, vou lhe dizer, não têm modos.

Eu estava tão desarmada que nem enfatizei a ironia naquela frase.

– Sim, mas nós podemos trancar a porta – sugeri, voltando ao ponto de desespero em que as palmas da mão suam. Se bem que, pensando bem, elas não tinham parado de suar.

Eu dormindo com Mal? Não. Não era uma boa ideia. Ele andando de um lado para o outro seminu no meu apartamento já bastava. Toques no escuro seriam a minha perdição. Eu o atacaria, a despeito das minhas boas intenções. Visto que estaríamos morando juntos pelo futuro próximo, forçar demais seria um maldito desastre.

– Não podemos simplesmente trancar a porta – ele argumentou. – Lauren iria mandar fazer outra cópia. Você precisa de uma segurança melhor, moranguinho.

– Verdade.

– Ei, você não ronca, né?

Lancei-lhe o meu olhar mais demolidor.

– Só estava perguntando. – Ele se afastou, ainda mexendo no telefone. – E eu lhe asseguro que vou manter qualquer galho meu por debaixo dos panos, ok? Não vou envergonhá-la com isso.

– Obrigada. – Eu não deveria estar surpresa, mas estava. Idiota, idiota que eu sou. – Você armou isso ontem à noite? Aquilo tudo foi para isto?

– Hum... sim.

Arregalei os olhos. Dolorosamente. Inspirei fundo. Não importava muito. O meu orgulho fora atingido, mas eu tinha um teto sobre a cabeça pelo futuro próximo. Hora de aceitar isso.

Essa coisa de dormir junto não daria certo. Não podia dar certo. O fato de eu zunir de tensão só de pensar no assunto era uma confirmação. Mas atuar como namorada dele? Eu lhe devia pelo menos uma tentativa. Isso podia até ser divertido. Bem divertido. E Deus bem sabia que fazia tempo que não havia muita diversão na minha vida.

Sentei-me aprumada, inspirei fundo.

– Ok, concordo com tudo, menos com o tempo de toque.

Ele abriu a boca para protestar, mas eu continuei antes que ele conseguisse dizer uma palavra.

– E amanhã vamos instalar uma trava de correr na porta para impedir que Lauren entre. E você dorme no outro quarto. São essas as minhas condições.

– Olhe só pra você, toda assertiva. Gostei. Apesar que eu gostaria que você me considerasse fora desses limites.

– Estou falando sério, Mal. Aceite ou vá embora. Acabei de sair de um relacionamento com uma colega de apartamento ferrado pra caramba. Não vou cair direto em outro.

Mal cruzou os braços e olhou para mim. A princípio, pensei que ele fosse discutir. Uma parte subversiva maligna minha até desejou que ele fizesse isso, pelo menos na questão de dormirmos juntos. Mas não fez.

– Muito bem, aceito os seus termos. Vejamos... – ele disse lentamente. – E se eu dormir no sofá hoje?

Meus ombros penderam no que foi, basicamente, alívio.

– Isso seria maravilhoso. Obrigada.

– Sem problemas. – Ele me lançou um olhar vagamente divertido. – O que for melhor para você, Anne.

– Maravilha. Vou tomar banho.

– Divirta-se.

– Uhum.

A porta do banheiro foi trancada atrás de mim em tempo recorde. Sentei na borda da banheira antiga de quatro garras, com o sangue bombeando atrás das orelhas. A minha mente era um borrão. Acabara de me livrar de dormir com um astro do rock. O que eu fui fazer?

O desapontamento fez com que minhas entranhas doessem.

Contudo, aquilo era o certo a fazer. Eu precisava me lembrar do quanto eu estava a fim de Reece. Ele era uma opção de paixão muito mais segura. Um dia, ele e eu teríamos uma chance de fazer aquilo dar certo.

Depois que todo o barulho dentro da minha cabeça cessou, observei meu reflexo no espelho. Meu cabelo pendia reto ao redor do meu rosto. Meus olhos estavam arregalados e desvairados. Em apenas vinte e quatro horas, fui virada de ponta-cabeça. Eu podia não dormir com ele, mas, definitivamente, estava morando com um astro do rock. Nunca pensei que isso pudesse acontecer.

– Em que diabos de situação você foi se meter? – perguntei para a garota do espelho.

Ela não tinha nada além de um sorriso pasmo e confuso para me oferecer. Obviamente, ela era louca pelo tipo particular de loucura de Mal. Ainda bem que eu era mais madura.

Tirei a camiseta do trabalho e comecei a desfazer o cadarço das botas. A batida repentina à porta quase me fez cair do meu poleiro. Apoiei uma mão no

chão e me empurrei para cima antes que caísse de cara no chão.

– Anne?

– Oi. – Sentei-me e cruzei os braços diante do sutiã preto, cobrindo tudo apesar de ele não poder me ver.

– Esqueci de agradecer por me deixar morar aqui com você e por você concordar em ser a minha namorada. Sou muito agradecido.

– Bem, obrigada por pagar o meu aluguel e pela mobília e todo o resto.

– Não foi nada. Eu teria feito isso de todo modo. Não gostei de vê-la triste ontem.

– Verdade? – Minha garganta se contraiu e eu encarei o chão, atônita. Aquilo era demais. Eu não sabia o que dizer. Ele mal me conhecia e mesmo assim viera me salvar? Mal Ericson podia ser um *badboy*, mas também era um bom homem.

Um de quem eu gostava muito.

– É. Claro. Vai ser divertido, Anne. – Ele disse, a voz bem perto da porta. – Espere e verá.

– Ok.

Ele parecia precisar que eu acreditasse nele. E o engraçado era que eu acreditava.

CAPÍTULO 6

Comecei a receber mensagens de Mal antes do almoço.

Acordei

Bom dia

Vou correr com o Jim

Divirta-se!

Voltei da corrida. Almoçando

Ok

Onde estão as coisas de limpeza?

Para limpar o quê?

A pizza explodiu no micro-ondas

Spray debaixo da pia

Qdo vc volta?

5:30

Tédio

Pena

Tá fazendo o q?

Trabalhando. Tenho q ir. Até

Seu gosto pra música é uma desgraça

Obrigada

Sério. A gente tem q falar disso. Tudo q n seja Stage Dive tem q ir

Espera. Q cê tá fazendo?

Dando um jeito

Mal, q porra vc tá fazendo?

Listas novas com música que presta. Relaxa

Ok. Obrigada

Tédio de novo

Ben vem jogar Halo

Maravilha! Mas vc n tem q me contar tudo o q faz, Mal

Davie diz q comunicação é importante

Qdo vc menstrua? Davie disse pra descobrir se vc gosta de cupcakes ou de sorvete

N vou falar sobre isso

Tédio. Ben se atrasou

Vamos adotar um cachorro

O prédio proíbe

Lindo sutiã verde de renda

Saia de perto das minhas gavetas, Mal

Calcinha combinando?

SAIA AGORA

:)

Vamos fazer sexting

Vai ser divertido

Por favor?

Alto nível de traços de codependência insalubre demonstrada por ambas as partes, em relacionamento possivelmente beirando o tóxico

?

Fiz um teste de revista. Precisamos de ajuda. Você, especialmente

...

Agendei horário com terapeuta de casais. Ter 4h15. Ok?

Não vamos fazer terapia

O q foi? N me ama mais?

Desligando o telefone agora.

– Problemas? – Reece perguntou, espiando por cima do meu ombro.

– Não. Desculpe. – Enfiei o celular no bolso de trás. – Estou trabalhando. Juro.

– Claro que está. – Ele piscou. Ser amiga do chefe às vezes compensava. –

Fez alguma coisa interessante ontem à noite?

E como. Mal parecia determinado a me atormentar hoje, mas, na noite anterior, fora fantástico. Fizemos um piquenique no chão com as melhores tapas que experimentei em muito tempo, junto com cerveja espanhola. Ele ficou me contando histórias hilárias de alguns músicos famosos. Algumas explorações sexuais espalhafatosas e exigências de camarim insanas, e Mal conhecia todas elas. Ele era uma companhia incrível.

No entanto, eu não estava pronta para explicar Mal para Reece. Olhando para ele, talvez eu jamais estivesse. Por onde eu começaria? Mesmo que eu conseguisse ficar séria, ele me conhecia bem o bastante para saber que eu não mergulhava de cabeça em relacionamentos. Não daquele jeito. Eu não deveria ter me preocupado. O olhar dele se demorou numa jovem procurando títulos na seção de crimes reais. Alguém poderia pensar que ele teria juízo suficiente e se afastaria quando ela pegou um livro sobre assassinos em série, mas não.

– Não fiz muita coisa ontem – menti, sem me sentir nem um pouco culpada.

Ele assentiu de leve, nem devia estar ouvindo.

– Vou lá ver se ela precisa de ajuda.

– Claro. – Peguei meu celular de novo, voltando a ligá-lo. Assim que a tela se acendeu, comecei a escrever, já com um sorriso no rosto:

Ben chegou?

Ele tá aqui. O q cê tá fazendo? Chega logo?

Logo.

Ben estava largado no sofá de dois lugares, as mãos ocupadas no controle do videogame, quando passei pela porta. Havia muito sangue e entranhas na tela da TV. A novidade de encontrar pessoas famosas no meu apartamento provavelmente jamais deixaria de existir. Na verdade, eu esperava que não. Infelizmente, Mal não estava por perto e eu ficara me apressando nas minhas tarefas a tarde toda, ansiosa em vê-lo. Lizzy ligara para mim, e quase morri por não lhe contar sobre ele, mas, sinceramente, eu não sabia que explicação plausível usar para justificar a súbita aparição dele na minha vida. Ela ficara furiosa em relação a Skye. O engraçado foi que não consegui ficar muito brava com a questão. Coisas boas estavam acontecendo. Tudo aquilo já pertencia ao

passado.

Agora eu estava finalmente em casa, meu coração batendo enlouquecido dentro do peito e eu me sentia inexplicavelmente tímida. Quase hesitante. Esqueça isso, aquele era o meu apartamento. O meu lar. E ele escolhera viver ali, comigo, por sei lá qual motivo. Endireitei as costas, empinei os seios, o pouco que havia deles.

– Oi, Anne – ele disse.

– Oi, Ben. Mal está por aí? – A minha habilidade de aparentar tranquilidade estava melhorando. Eu quase nem gaguejei.

– Na cozinha.

– Obrigada. – Passei rapidamente por ele, tentando não atrapalhar a visão da matança na TV.

Mal estava olhando para fora da janelinha da cozinha, com o celular junto ao ouvido.

– O que não está me contando?

Uma pausa.

– Uhum. Ok. O que ele disse?

Outra pausa.

– Não. Só fala de uma vez. Vamos.

A pausa foi maior dessa vez. Depois de um tempo, ele segurou a beirada da bancada, segurando-a com tanta força que as juntas dos dedos embranqueceram. É claro que aquele era um momento particular, mas eu não consegui me afastar. O sofrimento na voz e nas linhas do corpo dele eram evidentes demais. Ele estava sofrendo.

– Isso não pode estar certo. E se a gente...

Ele ouviu em silêncio. Lá na sala de estar, o som de explosões e de tiros continuava.

– Ok. Obrigado por me contar. – Ele apertou um botão para encerrar a ligação e jogou o aparelho de lado. As duas mãos apertaram a borda da bancada, apertando com tanta força que ela rangeu.

– Mal?

O branco dos olhos dele estava imenso, delineado por linhas vermelhas. O que diabos estaria acontecendo?

– Anne. Oi. Não ouvi você entrar.

– Você está bem?

Ele inspirou fundo e sacudiu a cabeça.

– Claro! Dormi pra caramba. Depois a corrida com Jimmy me cansou. Mas está tudo bem. Você não é uma gracinha, se preocupando comigo? Isso é bem característico em um namoro.

– Rá. – Sorri. Ele não retribuiu o sorriso.

– Vamos, hum... Já falou oi pro Ben?

– Sim, falei.

As mãos dele seguraram meus ombros, me viraram e voltou marchando para a sala.

– Você precisa cumprimentar seus convidados como se deve, moranguinho. Não vai querer que ele pense que você é mal-educada.

– Mal, eu...

– Ben, olha só, minha namorada maravilhosa chegou em casa.

– Olá, namorada maravilhosa do Mal. – Ben não desviou o olhar da tela. – Este lugar é menor do que a sua casa em L.A., cara. Vai ficar aqui ou comprar outra coisa maior?

– Anne andou falando sobre adotarmos um cachorro, então, acho que vamos acabar nos mudando.

Ben assentiu.

Não me dei ao trabalho de corrigi-lo. A melhor maneira de lidar com ele era deixar acontecer. Além disso, o humor atual dele me preocupava.

– Hora da bateria – anunciou Mal, esfregando as mãos, depois sacudindo os braços. Ele ainda não estava sorrindo. A energia maníaca obviamente retornara, apesar da alegação de cansaço.

Dessa vez, Ben desviou o olhar da tela.

– Pensei que a gente ia jantar e ficar um tempo aqui com a senhorita Maravilhosa.

– Preciso queimar um pouco de energia. Anne entende, não entende, moranguinho?

Deixei o desapontamento de lado e assenti. Se era aquilo que ele precisava fazer, então que fizesse. Eu só queria saber o que estava acontecendo. Seja qual fosse o assunto daquele telefonema, não eram boas notícias. E também não era da minha conta, eu sei.

– Ela apoia muito a minha carreira. Sempre apoiou. De muitas formas, ela é a minha inspiração.

– Vocês se conheceram há dois dias. – Ben desligou o jogo, deixando o controle de lado.

– E nesse tempo fiz o meu melhor trabalho.

– Tanto faz. Então, é isso o que você vai fazer? Tocar? – Com os olhos estreitados, Ben ficou olhando para Mal se mexendo para cima e para baixo ao meu lado.

– Foi o que eu disse. Vê se me acompanha, Benny. – Cerrou os punhos. – Vamos.

– Ok. – O olhar afiado de Ben se voltou para mim como se ele esperasse minhas respostas. Dei de ombros. Como ele mesmo comentara, eu só conhecia Mal há quarenta e oito horas.

Não, eu não sabia o que estava acontecendo com ele, mas que Deus me ajudasse se eu não descobrisse o que era.

CAPÍTULO 7

Alguém estava gritando. Um homem. Depois, outra voz se juntou à primeira, o barulho atravessando a parede do meu quarto. Ergui-me na cama, confusa, mas totalmente desperta. O meu rádio relógio marcava 5h15 ao lado da minha cama.

Caramba, era cedo.

Por causa dos hábitos noturnos de Mal, a minha noite de sono não foi das melhores. Quando ele enfim retornou, depois das 23h, estava pingando de suor. Eu fora me deitar antes e estava meio que adormecida, mas me arrastara para fora da cama para ver se ele precisava de alguma coisa. Ele dissera que logo iria dormir, por isso eu voltei para a cama. Porém, durante horas eu apenas continuei deitada, ouvindo-o se mover pelo apartamento. Ele assistira TV, falara ao telefone e cantarolara por horas. Na verdade, eu não me incomodava com o cantarolar. Era até que legal. Ainda que cantarolar *heavy metal* fosse mais uma forma de arte do que se possa imaginar. Finalmente eu adormecera ao som de Metallica. Meu Deus, meus sonhos foram estranhos.

Mas por que Mal não conseguia dormir?

Os gritos aumentaram. Saí da cama e disparei para a porta, com pijama de flanela, cabelo bagunçado e tudo mais. Na sala, as costas de Mal estavam viradas para mim, barrando a porta da entrada. Ele só vestia uma cueca samba-canção preta. Não que eu estivesse reclamando porque, bom Deus, a bunda do homem... Quase perdi a língua para o chão ou minha garganta, não sei para onde ela foi. As duas opções eram fortes competidoras.

– Mesmo que você seja um amigo da moranguinho, esta não é uma hora adequada para fazer uma visita – Mal sibilou.

– Quem diabos é você e por que está chamando Anne de *moranguinho*? – Era Reece, e ele parecia muito irritado. Muito, muito irritado.

No entanto, o meu chefe e eu não tínhamos nada um com o outro. Éramos só amigos. Portanto, um homem seminu atendendo a minha porta numa hora estranha, de fato, não era da conta dele.

– Bom dia – eu disse, endireitando-me.

Mal me lançou um breve olhar mal-humorado por sobre o ombro. Por melhor

que o sofá fosse, eu provavelmente também estaria mal-humorada se tivesse que dormir nele. Talvez fosse esse o motivo de ele ir dormir tão tarde. Ele encomendara uma cama para o outro quarto, mas, por algum motivo, ela ainda não chegara. Naquela noite, eu ia perguntar se ele não gostaria de dividir a cama comigo. Como amigos.

Os ombros dele ficavam bem largos com as mãos apoiadas nos quadris. Eu não era leve, mas se ele quisesse ficar parado com os braços afastados, eu tentaria escalá-lo. Há alguns anos, antes daquela merda toda com a minha mãe, eu era diferente, mais valente. Algo em Mal me fazia lembrar daquela minha versão mais moleca. Eu sentia falta daquela menina. Ela era divertida.

– Você a acordou, idiota. – Para variar, Mal não parecia nem um pouco amigável e afável ao brigar com Reece. – Você tem ideia do estresse pelo qual ela tem passado? Além disso, ela teve que trabalhar até tarde ontem.

Por mais relaxado que Reece fosse em relação ao trabalho, aquele comentário não o agradou.

– Mal, tudo bem. Ele é meu amigo *e* meu chefe, Reece.

– Reece? – ele escarneceu. – Era com ele que você estava ao telefone na festa?

– Era.

– Hum. Pensei que fosse com uma garota.

– Pense de novo. – Reece abriu caminho além do baterista praticamente nu e enfiou uma caixa de donuts na minha mão. *Donuts Voodoo*. As minhas glândulas salivares começaram a funcionar, apesar da hora indecente da manhã e da disputa masculina.

Para falar a verdade, também por causa dela.

– Que porra está acontecendo, A.? Quem é esse idiota?

– Reece, não aja assim.

Os olhos vermelhos dele cintilavam de raiva, o cabelo escuro estava espetado. Um perfume enjoativo estava impregnado nele como um miasma. Eu também questionaria a sua sobriedade, porque seus movimentos pareciam um pouco estranhos. Ali estava um homem que ainda não fora para a cama.

Pelo menos para a própria cama.

– A.? – Mal perguntou, cruzando os braços diante do peito. Ele se virou e piscou para mim. – Você a chama de A.? Por quê? Dizer o nome dela por inteiro é muito trabalho para você?

Emiti uma gargalhada. Depois tentei transformá-la num acesso de tosse. Reece não pareceu convencido, mas eu não ligava. O alívio deixou meus joelhos moles. O meu Mal retornara, fazendo piadas e sorrindo. Um sorriso genuíno desta vez, não a paródia maníaca da noite anterior.

Era incrível. Eu conseguia ver a irritação de Reece aumentando, de verdade.

Mal podia ser uma cabeça mais alto do que ele, mas a violência não estava descartada. Nesse meio-tempo, Mal só parecia estar se divertindo. A forma como ele pouco se importava com as coisas era grande parte do seu charme. Nunca conheci alguém como ele.

Não que isso significasse que ele não poderia lutar com Reece. Eu não tinha dúvidas de que o homem saberia se defender.

– Por que não faço café? – Dei um passo hesitante em direção à cozinha minúscula, na esperança de que alguém me seguisse. Nenhum dos dois fez isso. Nenhum dos dois se mexeu, por isso fiquei parada.

As sobrancelhas de Reece se uniram.

– Mesmo para um caso de uma noite, você poderia se sair melhor.

– O quê? – Aquilo não só era algo absolutamente grosseiro de dizer, como também não era verdade.

– Você ouviu direito.

– Cacete, Reece, como você pode... – Olhei para Mal, franzi o cenho, inclinei a cabeça. Tanta pele. Olhei e olhei até chegar aos salpicos de pelos loiro escuros que desciam a partir do umbigo, seguindo direto para a zona não permitida para Anne. Ele tinha um caminho do tesouro. Um mapa para delícias escondidas. A caixa de donuts tremeu nas minhas mãos.

Eu poderia e deveria desviar o olhar, mas não o fiz.

– Anne? – Reece me chamou com raiva, me tirando dos meus devaneios pornôs.

– Hum... – Sim, essa foi a magnitude da minha verbalização.

– E aqui está o olhar apaixonado... – Mal comentou num tom rouco e arrastado. – Acho que a minha moranguinho está pronta para o *round* seis do sexo.

Ai. Cacete. Ele não fez isso.

A testa de Reece se franziu, as mãos se fecharam em punhos.

Tudo bem, ele fez.

Esmaguei a caixa de donuts contra o peito.

– Essa é uma oferta muito gentil, Mal.

– Moranguinho, se você ainda está andando direito, o meu trabalho aqui obviamente ainda não chegou ao fim. Inferno, nem conseguimos quebrar o sofá novo ainda. – Ele se virou para Reece, divertindo-se demais, se o brilho no olhar dele servisse de indicador. – Ela fica se preocupando em manchar o tecido. Como se eu não fosse comprar um novo para ela, não é? Mulheres...

Nenhuma resposta da parte de Reece, a não ser as linhas brancas se formando ao redor da boca.

Mal expirou com força.

– Da próxima vez escolhemos um de couro. Passar um pano para limpar é muito mais fácil e ele não vai esfolar a sua pele macia como você imagina, Anne. Não se a gente...

– Já basta – exclamei, sentindo a caixa de papelão afundar.

– Muita conversa sobre sexo na frente de amigos?

Assenti.

– Desculpe – disse Mal. – De verdade. Sinto muito.

Tanta hostilidade num lugar confinado. E não havia dúvidas, Reece estava genuinamente com ciúmes. Ele estava todo estufado e irradiava fúria. O olhar dele passava de Mal para mim, a boca cerrada.

Você precisa entender, antes daquele momento, eu não tinha certeza de fato se Reece sabia que eu era uma fêmea. No entanto, ali estava ele, indo na minha direção como se eu fosse um território a ser protegido. Algo que Mal não parecia querer permitir, a julgar pela manobra que fazia. Era como uma estranha dança animalesca dos homens das cavernas, os dois me cercavam lentamente. Era até engraçado.

Contudo, o primeiro macho a mijar em mim pagaria com as bolas.

– Ele acha que eu sou um caso de uma noite só – caçoou Mal com um olhar de esguelha. – Explique para ele, moranguinho.

Ante essas palavras, as narinas de Reece inflaram. Fiquei ali, parada no mesmo lugar. O meu coração batia com tanta força que eu tinha certeza que minhas costelas acabariam machucadas no processo. Despenteada ou não por conta da cama, aquele era um momento glorioso. Eu queria que ele estivesse no YouTube para sempre. (Ok, talvez eu não o quisesse no YouTube, mas você entendeu o que eu quis dizer.)

Pigarreei e endireitei a coluna. Naquele instante, minha altura se multiplicava por dez.

– Reece, Mal e eu estamos namorando.

– Estamos morando juntos – Mal me corrigiu.

– Certo. Isso também. Eu quis lhe contar. Mal e eu estamos vivendo juntos, felizes para sempre, desde anteontem.

– Mal? – Meu chefe ficou imobilizado. – Mal Ericson, o baterista?

– Isso mesmo.

Os olhos avermelhados de Reece ficaram ainda mais enraivecidos. Nada mais foi dito.

– Agora que deixamos isso claro, vou tomar uma ducha – Mal anunciou. – Vou dar um momento para vocês dois conversarem.

– Obrigada – eu disse.

– Sem problemas. – A mão dele estapeou a minha bunda, me fazendo pular.

Depois, dedos preguiçosos coçaram a barba por fazer, e ele caminhou lentamente até o banheiro. A minha bunda doeu. Fiz uma anotação mental de matá-lo mais tarde, assim que estivéssemos sozinhos. Matá-lo ou atacá-lo sexualmente, tanto faz. Os meus hormônios estavam tão confusos...

No segundo em que a tranca da porta do banheiro se fez ouvir, Reece agarrou meu braço e me arrastou para dentro da cozinha. O nascer do sol ainda estava por vir. A luz da sala iluminava apenas parcamente o rosto carrancudo. Os óculos de aros pretos estavam tortos, enfatizando sua aparência desleixada. Eu devia estar com ciúmes. Mas, pela primeira vez, eu não estava.

– Que porra é essa, Anne? Você só disse que o conheceu! Cacete, ele me pareceu mesmo familiar...

– Foi meio que uma surpresa para mim também. Mas é demais, sabe? – O cara estava com cabelo de quem acabou de sair da cama, e não por ter dormido. De jeito nenhum ele entraria na minha casa e me passaria um sermão por me encontrar em atividades (supostamente) semelhantes.

– Maravilha – ele replicou seco.

– Ele é um cara bem legal depois que você o conhece.

– Claro.

– Ele me faz sorrir, entende? Não acha que estou sempre à disposição – eu disse, dando o golpe matador. Então, eu estava com sede de sangue logo cedo... Bem que ele mereceu por ter sido grosseiro com Mal. Eu podia não apreciar a maioria das mulheres com quem ele passava seu tempo, mas eu, por certo, nunca as insultei. – Eu agradeceria se você não o insultasse de novo.

A boca de Reece ficou aberta.

– Anne, o jeito como ele falou comigo...

– Ah, vai dizer que foi ele quem começou? Sério? Você não pode bater na minha porta numa hora dessa e chamar a pessoa que atende de idiota, Reece. Isso não é legal.

– Desculpe. – Lançou um olhar raivoso para a geladeira velha.

– O que está acontecendo aqui? Você nunca se preocupou se eu namorava ou não. Não que eu tenha feito isso recentemente.

– Nada. Eu só não esperava...

Aguardei, mas ele não terminou a frase. Talvez fosse melhor deixar o assunto de lado.

– Quer café?

– Não. Vou pra casa.

– Ok. Bem, obrigada pelos donuts. – Deixei a caixa amassada na bancada.

– De nada. – Ele só me encarou, os olhos eram um misto de raiva e de tristeza. Eu não sabia mesmo o que fazer com aquilo. A raiva ainda me envolvia.

– Reece...

– Tudo bem.

– Não quero que isso afete a nossa amizade.

Ele aprumou os ombros.

– Não. Claro que não.

– Que bom. – Não sei o que deu em mim, mas eu tinha que abraçá-lo. Ele estava se sentindo triste, e eu tinha que dar um jeito nisso. Mamãe nunca foi de abraçar, e eu herdei esse talento, ou falta de talento. Desse modo, meus braços ficaram duros, esquisitos. Dei um tapinha nas costas dele e depois me afastei antes que ele conseguisse reagir. Um ataque surpresa, se quiser defini-lo assim.

– Como foi o seu encontro ontem? – perguntei.

– Nada de especial. O que você fez?

– Mal pediu o jantar. Foi uma noite tranquila. – Assim que mencionei o nome de Mal, o rosto de Reece se fechou. Teria sido mais fácil sentir empatia por ele se ele não fedesse a sexo e não se comportasse como um completo idiota.

– Vou embora – disse ele. – Vejo você mais tarde.

– Até.

Eu ainda estava olhando na direção dele mesmo depois que a porta se fechou. Bem no fundo, eu não estava nem brava, nem triste. Apenas um pouco chocada em descobrir que Reece se importava comigo de uma maneira totalmente diferente. Em que direção isso mudaria as coisas, eu não fazia a mínima ideia.

Quando Mal voltou, seu cabelo comprido estava penteado para trás. O loiro ficava bem mais escuro quando molhado e os ângulos do rosto dele ficavam perfeitamente à mostra. Ele vestira um par de jeans e uma camiseta velha e macia do AC/DC. Mas seus pés estavam descalços. Dedos compridos levemente salpicados por pelos. Unhas limpas e cortadas quadradas.

– Café? – perguntei, já lhe entregando uma caneca. Isso me dava um desculpa consistente para desviar o olhar dos dedos, aparentemente fascinantes. Que coisa era essa com pés descalços?

– Sim, obrigado. O seu amiguinho já foi?

Coloquei a caneca na bancada e ele começou a colocar açúcar. Uma, duas, três colheres cheias. Acho que toda aquela energia tinha que vir de algum lugar.

– Reece saiu agora há pouco – confirmei, pegando um donut. Delicioso.

– Difícil não menosprezá-la um pouco.

– Por quê?

Mal sorveu um gole, olhando para mim por cima da beirada da caneca.

– Você gosta do cretino. Gosta muito dele.

Enchi a boca de comida. Uma bela desculpa para não responder. Se eu mastigasse bem devagar, poderia por um fim à conversa.

– Mesmo com o seu olhar apaixonado por mim, deu para sacar. – Infelizmente, ele continuou. – Você tem sorte de eu não ser do tipo ciumento.

Engoli de vez o tanto de comida que tinha na boca.

– É por isso que você começou com as aventuras sexuais?

Ele gargalhou, de maneira baixa e zombeteira. Mas de quem ele estava rindo, eu não tinha como saber.

– Mal?

– Ele aparece aqui, depois de ter passado a noite bebendo e fodendo, na certeza de encontrá-la de braços abertos... Não gostei disso.

– Somos só amigos.

Ele desviou o olhar, lambeu os lábios.

– Anne.

O desapontamento na voz dele doeu. Eu queria arranjar desculpas. Desfiar a velha ladainha. Queria me proteger, mas nem sabia do que estaria me protegendo. Mal não me atacara. Sua reprimenda silenciosa superou minhas barreiras de uma maneira que os sermões de Lauren jamais conseguiriam.

– A coisa é que vocês dois são hétero – ele disse. – Homens e mulheres amigos não dão certo. Um está sempre a fim do outro. É um fato da vida.

– Sim, gosto dele – admiti. – Já há algum tempo. Ele... Hum... ele não me enxerga assim.

– Talvez sim. Talvez não. Uma coisa é certa: ele detestou me encontrar aqui. – Mal apoiou a caneca e se recostou no canto da bancada cinza gasta da cozinha, os braços apoiados ao lado. O cabelo molhado caiu para a frente, escondendo seu rosto. – Você planejou me usar para fazer ciúmes nele?

– Manipulando-o e sendo uma imbecil com você? Não, não planejei fazer isso. Mas obrigada por perguntar.

– Isso não me afeta. – Ele deu de ombros. – E ele é um cretino que merece o que vai ter. Vindo aqui, agindo como se você devesse alguma coisa para ele...

Envolvi o corpo com os braços.

– Lamento que ele tenha sido grosso com você. Já falei com ele. Isso não vai voltar a acontecer.

Ele resfolegou uma gargalhada.

– Você não tem que me proteger, Anne. Não sou delicado assim.

– Não faz diferença. – Tomei um gole de café.

– Sabe, consigo viver com você me usando para atingi-lo. Caramba, já estamos usando um ao outro, certo?

Algo na maneira como ele falou me fez pausar. Se ao menos ele não estivesse se escondendo atrás do cabelo, eu conseguiria vê-lo melhor e entender onde ele queria chegar.

– Não há por que não tirar proveito da situação – disse ele.

– Você faria isso por mim?

Ele meio que sorriu.

– Se é isso o que você quer. Irritar as pessoas é fácil demais, mas estou disposto a fazer esse sacrifício. Poxa, este corpo nasceu para provocar ciúmes nos homens mortais.

Retribuí o sorriso com cautela. Sem me comprometer. Aquela situação exigia reflexão. A tentação de aceitar era grande demais.

– Mas acho que em uma coisa ele tem razão. Você poderia se sair melhor. – Olhos verdes me fitaram. Havia divertimento neles, como sempre. Ele parecia estar me desafiando, me forçando para ver qual seria a reação. E eu senti vontade de corresponder. – Mas tanto faz – disse ele, revirando as omoplatas numa espécie de dar de ombros exagerado. – A decisão é sua. Afinal, você conhece esse cara há quanto tempo?

– Dois anos.

– Faz dois anos que está a fim dele e nunca fez nada? Você deve ter os seus motivos, certo?

– Certo – repeti, não parecendo nem um pouco crível.

Ele gargalhou e nessa hora eu desgostei um pouco dele. Nunca antes admiti abertamente meus sentimentos por Reece para alguém, e ali estava Mal, esfregando a situação com doçura na minha cara. A questão era que o meu *status quo* com Reece era infinitamente preferível a qualquer coisa que eu tive desde os dezesseis anos. Se ele se acertasse com alguém, o meu coração não ficaria partido. Mas, quem sabe, um dia a gente poderia acabar juntos?

Por que agir se não fazer nada estava me servindo tão bem?

O loiro grandão zombava de mim com o olhar e com o sorriso afetado estampado na cara. Ele sabia. Não sei como ele sabia, mas ele, definitivamente, sabia. Caramba, eu detestava ser tão previsível, ainda mais para ele. Odiava com a paixão de mil infernos ardentes.

– Tudo bem – eu disse. – Vamos fazer isso.

Ele parou de rir.

– Estou falando sério. Quero provocar ciúmes em Reece. Se ainda estiver disposto a me ajudar, claro.

– Você disse que não faria isso um minuto atrás. Não achei que fosse fazer isso mesmo, mas... – Pegou a caneca e acabou com o café. – Isso vai ser interessante. Exatamente quanto você sabe a respeito de ser uma destruidora de corações?

– Preciso ser isso? – Do lado oposto da sala, a porta do banheiro estava aberta. Uma toalha molhada estava no meio do chão. A cueca de Mal estava abandonada

bem ao lado.

Eu precisava limpar o apartamento.

– Algum problema? – ele perguntou.

– Não.

Engraçado, quando Skye morava ali, eu costumava fazer grande parte da faxina por ela também, embora não tenha me ocorrido na época. Um hábito antigo, provavelmente por ter começado a cuidar de casa muito jovem.

– O que foi, Anne?

– A sua toalha e a roupa suja estão no chão do banheiro. – Apontei para elas, só para o caso de ele ter se esquecido de onde ficava o banheiro.

– Mudança brusca de assunto. – Mal se pôs ao meu lado, ficando mais próximo do que o necessário. – Mas você está certa. Elas estão mesmo decorando o chão e fazendo um trabalho maravilhoso.

E não disse mais nada.

A roupa suja estava ali, me provocando. E estava bem certa de que Mal em seu silêncio fazia o mesmo. Ou isso ou eu era uma confusão psicótica. Era difícil determinar.

– O que vai fazer a respeito, moranguinho? – ele perguntou em tom baixo.

– Não gosto mesmo que me chame assim.

Ele emitiu um som de dispensa na base da garganta.

Suspirei. Aquela era uma guerra que eu jamais venceria. Se cuidar de uma menina de treze anos me ensinou alguma coisa, foi a escolher as minhas batalhas.

– Isso não é problema meu.

– Não?

– Você vai ter que cuidar das suas coisas – disse com firmeza.

– Estou ouvindo um limite?

Estiquei a coluna.

– Sim. Não sou a sua mãe. Você é responsável por arrumar suas coisas, Mal.

Ele sorriu.

– Já vou fazer isso.

– Obrigada. – Retribuí o sorriso, já me sentindo mais leve. – O que foi aquela história de partir corações?

– Você vai me rachar ao meio, depois que mostrar àquele babaca que namorada maravilhosa você consegue ser, é claro.

Só estive do lado oposto de quem parte corações. Mas dane-se isso também. Maus hábitos podem ser abandonados.

– Consigo fazer isso.

– Não duvido de você, moranguinho. Não duvido nem um pouco.

CAPÍTULO 8

Lauren entrou um pouco depois das seis da tarde. Ou tentou entrar, porque a porta emperrou. Em seguida, ouvi uma imprecação e umas batidas.

– Anne! O que aconteceu com a sua porta?

Deslizei a trava, e Lauren tropeçou para dentro da sala.

– A sua porta está quebrada – ela comentou com uma ruga na testa.

– Não, Mal instalou uma trava nela. Ele estava preocupado com questões de segurança.

Um homem calvo e musculoso surgira pouco depois que Mal saíra para ensaiar com a banda. Ao que tudo levava a crer, estrelas do rock delegavam tarefas domésticas para seus chefes de segurança. O cara instalara a tranca em tempo recorde. Era tremendamente eficiente e educadíssimo. Essa experiência me foi bem estranha.

– Ei, uau! Você está linda – elogiei, olhando para o vestido justo e para o penteado dela. Havia uma linda orquídea atrás de sua orelha. – Para que está tão bem vestida assim? Aonde vocês vão?

– O que, está falando deste farrapo? – Ela deslizou uma mão pelo vestido de seda caramelo. – Obrigada. E deixe-me aproveitar para dizer: belo trabalho em fisgar Malcolm Ericson. Ele provavelmente não a merece, mas parabéns.

– Hum... Obrigada.

– Quando ele me contou a história, não consegui acreditar. Amor à primeira vista. Que lindo! – Caramba, os olhos dela estavam mesmo marejados. – Acho que vocês vão ficar lindos juntos. E por que você não está vestida, a propósito?

– Hein?

Naquele instante, Mal saiu do segundo quarto num terno preto de três peças. Desde quando usar colete deixava alguém tão sensual? Meus pulmões se contraíram. Ou isso ou o oxigênio na sala havia diminuído. Ele estava mais do que lindo com o cabelo penteado atrás das orelhas, a linha do maxilar perfeitamente lisa. Eu mal me acostumara a vê-lo seminu e agora ele vinha de Armani para cima de mim. Eu estava perdida. Prostrar-me aos seus pés era a reação óbvia ante visão tão sublime. Como consegui permanecer de pé, eu não

fazia ideia.

Esqueça Bond e sua turma. Eu prefiro um baterista de terno em qualquer dia da semana.

Com um assobio lupino, Lauren deu uma bela olhada nele.

– Malcolm. Quem é o bonitão?

– Só a moranguinho pode me tratar como objeto – ele disse, ajeitando os punhos da camisa. Punhos com abotoaduras.

– Foda... – murmurei, depois bati a mão na boca, porque, pô, que boca! Ela era uma idiota determinada a me fazer passar vergonha.

– Quando você quiser. – Ele piscou. Que mentiroso.

– A sua moranguinho precisa se aprontar – disse Lauren, ignorando os comentários.

Ele olhou para mim e franziu o cenho.

– Anne, Davie quer todo mundo bem-vestido. Você não pode ir de jeans e camiseta.

– Do que você está falando?

– Da festa. Moranguinho, qualé. Não temos tempo pra brincar.

Balancei a cabeça, sem entender.

– Vocês dois, escutem, não faço ideia do que estão falando. Alguém pode me explicar?

– Eu te falei sobre isso.

– Do mesmo modo que me falou que viria morar aqui?

– Você não avisou a ela que viria morar aqui? – Lauren perguntou com a voz baixa e letal.

– Era uma surpresa – ele disse, recobrando-se rapidamente. – Um grande gesto lindo e romântico porque eu sabia o quanto Anne me queria com ela. Ela só estava encabulada demais para admitir isso. Olhe para ela! A mulher praticamente idolatra o chão em que piso. E você a ouviu exigindo que eu a servisse sexualmente todas as horas do dia. Não posso fazer isso de longe, posso?

Lauren levantou uma sobrancelha.

– Você me disse que ela concordara com isso e que se esquecera de te entregar uma chave, Mal.

– O que, basicamente, é a verdade. – Ele lançou as mãos para o alto. – Vamos lá, senhoritas, não temos tempo para isto.

– Anne, eu sinto muito – Lauren disse.

– Tudo bem. Estou contente por ele estar aqui. – E apesar de ser uma ideia tentadora, jogar alguma coisa em cima dele não ajudaria em nada. Inspirei fundo e tentei manter a calma. – Vamos voltar para a pergunta “que diabos está

acontecendo aqui". Deduzo que vamos fazer alguma coisa formal hoje, correto?

– Eu te contei. – Ele pegou o telefone, passou por algumas telas e o colocou na frente do meu rosto. – Sou um tremendo namorado, viu?

A mensagem na tela dizia: AMEX NA MESA. VISTA-SE COM ELEGÂNCIA HOJE À NOITE. O meu nome, contudo, não estava ali, mas havia mesmo um cartão de crédito sobre a mesa, esperando. Eu deduzi que ele apenas o tivesse esquecido ali. A possibilidade de ele o ter deixado ali para mim para que eu me lançasse em compras desvairadas jamais passara pela minha cabeça.

– Aqui diz que você mandou esta mensagem para alguém chamado Angie – eu disse com secura. – E não para mim, Mal.

– Foi? – Ele encarou o telefone. – Merda. Desculpa.

– Quem é Angie? – Lauren perguntou.

– Sei lá eu, mas, pelo visto, ela ainda deve estar procurando pelo cartão. – Ele riu. – Como se eu fosse dá-lo para qualquer um. Hum, certo, desculpe. De todo modo, Anne, consegue usar outra coisa? Temos que sair.

– Para onde?

– Sair daqui.

Fiz uma careta para ele e não me mexi.

– Tente de novo.

– É uma invenção de David e Ev, uma festa de comemoração do casamento. Não que já tenha se passado um ano, mas tanto faz. Davie se esforçou bastante nisso e pediu que a gente se vestisse bem. Desculpe se meti os pés pelas mãos e você não ficou sabendo. – Ele se pôs de joelhos, as mãos junto ao peito. – Por favor? Desculpe. Sinto muito, pra cacete. Viu, estou de joelhos, Anne. Estou te implorando.

– Ok. Eu vou. Mas, da próxima vez, certifique-se de que eu tenha recebido a mensagem.

– Pode deixar. Obrigado. Muito, muito obrigado – ele disparou. – Você é a melhor, moranguinho.

Eu só tinha um vestido realmente bom no meu guarda-roupa. Um vestido de renda *vintage* dos anos 1950 que comprei para o meu vigésimo primeiro aniversário. Eu gostava de acreditar que acabara de sair do *set* de filmagem de *Mad Men* com ele. Felizmente, meu cabelo não estava feio demais solto. Um pouco de corretivo, rímel e batom eram o máximo que eu conseguia fazer em menos de cinco minutos. Um dia desses, eu conseguiria me arrumar para sair e me encontrar com os membros do Stage Dive. Só que não hoje.

Na sala de estar, os dois discutiam.

– Não consigo acreditar que mandou mensagem para uma qualquer sem querer em vez de mandar para a sua namorada – disse Lauren.

– A minha namorada parece aborrecida? Não. Então, me lembre mais uma vez, o que você tem a ver com isso, hein?

– Se você magoá-la, Ev e eu vamos nos revezar arrancando as suas entranhas com uma pá. Fique sabendo.

Uma imagem mental grotesca, mas eu tive que sorrir. Era gostoso saber que eu tinha amigas na retaguarda.

Mal caçoou.

– Não dá pra estripar ninguém com uma pá.

– Claro que dá. Só que é mais nojento.

Ele grunhiu.

– Só não entendi por que você está no outro quarto. Ela já cansou de você?

– Tenho que colocar as minhas coisas em algum lugar, o armário de Anne está lotado. Vocês, garotas, não sabem dividir.

Fechei a porta do quarto e comecei a tirar os jeans e a camiseta. Depois foi a calcinha. O decote do vestido era amplo e sutiãs sem alça sempre me marcavam na lateral. Havia poucos instrumentos de tortura piores do que sutiãs tomara que caia. Não que meus seios fossem grandes. A garota no espelho estava bonita e feliz, o vestido ainda caía com perfeição. Só que eu não conseguiria subir sozinha o zíper das costas. Calcei meus sapatos superaltos reservados para ocasiões especiais e saí do quarto, tentando segurar o vestido.

– Lauren, você se importa...

– Esse é um trabalho meu agora. – Mal sorriu e se pôs atrás de mim. – Lindo vestido. Classudo.

– Obrigada.

Mal se inclinou para a frente, o hálito aquecendo meu pescoço enquanto subia lentamente o zíper. De pronto fiquei toda arrepiada.

– Nunca notei como o seu pescoço é longo. É muito bonito.

– Hum.

– E você tem lindas orelhas.

– Hum... Obrigada.

– Sem sutiã? – ele perguntou num tom casual.

– É. Com este vestido, não dá... Na verdade, não precisamos ficar falando disso agora.

As pontas dos dedos dele tracejaram minha coluna, acima do zíper. Fiquei trêmula e sem palavras.

– Vai ser uma tremenda distração tentar não olhar debaixo do seu decote a noite inteira, moranguinho – ele suspirou.

O olhar que ele lançou me fez tremer em lugares estranhos. Aquele era o meu problema, a minha incapacidade de saber se ele estava falando sério ou não.

Aquilo tudo deveria servir para nos estabelecermos como casal diante de Lauren, certo? Por algum motivo, não parecia apenas aquilo. Parecia pessoal. Com Mal me tocando, eu meio que esqueci que Lauren estava ali. Ela, contudo, estava bem presente.

Lauren reclamou bem alto.

– Deus, credo, estou ouvindo tudo.

Ele me deixava em ponto de ebulição sem nem se esforçar. Eu precisava resguardar as minhas reações e me controlar. Era a única maneira de aquilo dar certo.

– Obrigada – eu disse enquanto o meu vestido terminava de se ajustar no peito e se acomodava direito.

– O prazer foi meu.

Pensei que ele fosse se afastar. Não se afastou. Na verdade, até chegou mais perto. Seu perfume masculino e sensual, a sensação firme dele, tudo aquilo se aproximou mais e mais. Tentei me afastar num esforço de preservar o que restava da minha sanidade, mas ele me acompanhou. “Irresistível” não conseguiria descrever a cena.

– Pessoal. – Lauren batia o pé no chão. – O que quer que estejam fazendo, parem.

– Ignore-a. Ela só está com inveja do nosso amor. – O braço de Mal passou pela minha cintura, me prendendo a ele. A pressão de sua ereção no meu traseiro era inconfundível. Eu sabia que a gente tinha que fingir ser um casal, mas esfregar o pênis dele em mim era mesmo necessário? Eu gostar disso não era a questão. Melhor nem tocar no assunto.

– Sim, Malcolm, estou com inveja do amor de vocês. É isso. – Lauren balançou a cabeça lentamente. – Venham. Vamos embora. Nate está esperando, e ele não é muito bom nisso.

– Melhor irmos – eu disse.

– Pode crer. – A voz dele era aveludada e sonhadora e dava o presságio de tempos bons na cama. Depois ele balançou a cabeça e me lançou um dos seus sorrisos. – Moranguinho, pare de esfregar a bunda em mim. Temos que ir! Não tenho tempo para comê-la agora. Priorize-se, mulher!

Às vezes, a tentação de dar um tapa nele era grande demais.

—

A multidão duplicara no apartamento de David e de Ev naquela noite. Variavam em idade, desde adolescentes até mais idosos, de conservadores a descolados. E também cada canto da casa deles fora decorado. Velas brancas de

vários tamanhos estavam espalhadas pelo ambiente. Vasos com buquês claros estavam sobre todas as superfícies disponíveis. O som das taças de cristal e das garrafas de champanhe sendo abertas se digladiava com o rock clássico. A vibração daquela noite pendia fortemente para o romântico.

Havia uma vibração no ar, uma expectativa. Era excitante.

Mal ficou segurando minha mão, os dedos longos e quentes enclausurando os meus. Captei as dicas dele apenas por ficar ao seu lado. Toda vez que alguma sereia sensual tentava abordá-lo, ele basicamente me empurrava para a frente dele, dizendo: "Deixe-me apresentar a minha namorada, Anne", tropecei nas primeiras vezes em que ele me usou como escudo humano, mas eu já estava pegando o jeito. Com a última, eu simplesmente estendi a mão e disse "ele está comigo". Ela até que aceitou isso com graciosidade.

– Pensei que aquela ia me acertar – eu disse, observando a garota desapontada desaparecer na multidão. – Ser a sua namorada é perigoso.

– O que posso dizer? Sou um espécime magnífico da raça humana. Claro que todas me querem. Mas agradeço que você esteja protegendo a minha honra.

– Espero que sim. – Sorri.

– Venha conhecer o Jimmy. Isso vai animá-la. – Ele abriu caminho em meio à multidão, me arrastando atrás dele. – Com licença. Deem passagem, por favor.

Jimmy Ferris estava ao lado da lareira, como se um pintor o tivesse colocado ali. O homem era uma peça de arte viva. Cabelos negros penteados para trás, olhos azuis claros. Ele se parecia muito com o irmão, David, alto e magro, porém mais sereno e robusto. Mais intenso, se isso fosse possível. Talvez conhecer Ev tivesse descontraído David. A Jimmy certamente faltavam os olhos perdidos e apaixonados.

Os olhares sombrios que ele lançava para a mulher ao seu lado eram menos que amigáveis. Ela mantinha o nariz empinado e o ignorava. Não tenho certeza se eu conseguiria manter a pose de completa indiferença tão bem quanto ela. Jimmy Ferris tinha muita presença. Houve uma série de boatos a respeito do que ele vinha fazendo desde que saíra da clínica de reabilitação. Olhando para sua silhueta, eu diria que levantamento de peso era uma grande possibilidade. Ben era considerado um cara grande, beirando o território dos lenhadores, mas Jimmy parecia estar se esforçando nesse sentido.

– Jimbo – disse Mal, abrindo espaço para mim ao seu lado. – Esta é a minha namorada, Anne. Anne, este é o Jim.

Sim, Jim me lançou o mesmo levantamento de queixo dos outros. Era um cumprimento secreto. Por isso, retribuí o gesto. Ele sorriu, mas só um pouco. Foi algo passageiro.

Mal se inclinou na minha frente, colocando-se na frente do meu rosto.

– Não. Nadinha. Nada de olhar apaixonado. A sua teoria falhou, moranguinho. Esses olhares são apenas para mim.

– É um prazer conhecê-lo, Jimmy – eu disse, afastando meu namorado fictício da minha frente.

– Ela ainda está fazendo aquilo com os olhos? – Jimmy perguntou.

Astros do rock fofocavam. Quem diria...

– O desejo não tem data de validade, Jimbo. Olá, Lena. Você está muito bonita. – Mal ofereceu a mão livre para a mulher ao lado de Jimmy. Os modos árticos dela se tornaram equatoriais num instante. Que estranho.

– Mal. Como você está? – A mulher apertou de leve os dedos dele, antes de oferecer a mão para mim. Cabelos castanhos passavam dos ombros, e óculos estilosos de acetato vermelho se apoiavam no nariz. – E esta deve ser Anne. É um prazer conhecê-la. Mal me falou um bocado de você.

– Falou? – Apertei a mão dela, retribuindo o sorriso.

– No ensaio de hoje, ele só conseguia falar de você – ela disse.

– Ela é o amor da minha vida – suspirou Mal, passando um braço sobre os meus ombros.

– Viu? Você é o amor da vida dele. – Lena me lançou um sorriso charmoso. Ao que tudo levava a crer, ela só detestava o Jimmy.

– Esta semana – disse Jimmy.

Com um suspiro, Lena meio que virou a cabeça para ele. Só isso bastou.

Jimmy desenhou no rosto um sorriso forçado.

– Desculpe. Foi uma coisa horrorosa de dizer.

– Moranguinho, a Lena é o que chamamos na indústria musical de “babá” – Mal explicou. – Se você é um filho da puta absoluto que não sabe se comportar, você consegue uma linda garota como a Lena para segui-lo em todos os lugares, garantindo que você não seja um desastre de relações públicas para a gravadora.

– Eu pedi desculpas. – Jimmy olhou para o outro lado da sala, reproduzindo a testa franzida do irmão. Aquilo meio que me lembrava de James Dean.

– Ei. – Ben apareceu do meu lado livre, olhando para baixo de toda a sua altura. Algumas trocas de cumprimentos de queixo. Todos os membros do grupo vestiam ternos pretos iguais, mas Jimmy estava sem o colete e acrescentara uma gravata preta fina. Ben estava com a gravata, mas sem colete e paletó, e as mangas da camisa branca estavam enroladas nos braços fortes. Ambos eram todos tatuados. Tatuagens e ternos formavam uma impressionante combinação.

A qualidade do colírio para os olhos naquela noite estava fora de qualquer escala. Mas, claro, Mal ainda ganhava deles.

– Moranguinho, pense rápido.

– O quê?

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele me virou de costas no braço dele. A sala ficou de ponta-cabeça. Cacete, será que o decote estava mostrando coisas demais? Botei a mão sobre a clavícula só para garantir.

– Merda, Mal! Pra cima, pra cima!

Ele imediatamente me endireitou. O sangue se mexeu na minha cabeça e a sala rodopiou. Ao nosso lado, Lena e Ben riam. Acho que Jimmy estava ocupado com o seu olhar entediado. Foi difícil ver, já que a minha cabeça ainda girava. Tenho quase certeza de que as pessoas estavam olhando. Se eu ouvisse uma garota de ponta-cabeça gritando besteiras, eu provavelmente olharia.

– Ninguém viu nada – Mal disse, lendo minha mente. – Você está bem?

Assenti.

– Estou.

Seus polegares formavam círculos em meus quadris por cima do tecido do vestido. Ele postou a cara diante da minha.

– Desculpe, moranguinho. Não pensei.

– Tudo bem.

Ele estreitou o olhar para mim.

– Está tudo bem mesmo ou só está dizendo isso e vai chutar meu saco mais tarde?

Pensei um minuto antes de responder só para ter certeza.

– Não. Mas não repita isso ou vou machucá-lo.

– Entendido. Nada de virá-la de ponta-cabeça.

– Obrigada.

– Não vou envergonhá-la de novo, Anne. Prometo.

– Fico muito agradecida por isso.

– Viu? – Ele disse com um sorriso imenso. – A nossa comunicação como casal é boa pra cacete. Estamos indo muito bem!

– Sim, estamos – concordei com o coração nas nuvens. Era estranho, só nos conhecíamos há poucos dias, mas eu confiava nele. Gostava dele e estava imensamente grata por estarmos passando aquele tempo juntos. Depois do desastre com Skye, era bom ter Malcolm Ericson na minha vida. Diabos, depois dos últimos sete anos, eu precisava dele. Ele fazia o sol brilhar.

– É – ele sussurrou.

Então, ele me beijou e arruinou tudo.

CAPÍTULO 9

Não foi um beijo suave. Apenas um resvalar de lábios ou um se-linho em sinal de afeto não servia para Mal. Inferno, não, claro que não. Foi um beijo farmacológico indutor de amnésia. Não restou a lembrança de nenhum outro. Êxtase químico. Obviamente, nunca antes fui devida e verdadeiramente beijada, porque aquilo... Ele cobriu a minha boca com a sua e me possuiu. Sua língua escorregou sobre meus dentes e as mãos se misturaram ao meu cabelo. Em resposta, agarrei seu colete com as duas mãos. Isso pode ter começado por eu ter ficado surpresa ou brava, mas acabou se tornando com rapidez uma medida de segurança. Meus joelhos estavam fracos.

O homem me beijou até eu ficar atordoada.

A língua esfregou na minha, encorajando-me a me juntar a ele. Pode não ter sido a decisão mais sábia, porém eu não me contive. Gemi dentro da boca dele e retribuí o ardor do beijo. Beijei-o com a intensidade com que era beijada. Minhas coxas ficaram tensas e meus dedos dos pés se curvaram. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram. Ele me abraçou com mais força, como se não conseguisse me soltar. Eu, por outro lado, estava basicamente me agarrando ao terno de três peças. A necessidade de ficar próxima era imensa. Nada mais importava.

À nossa volta, irrompeu uma onda de aplausos, o que era muito justo. Um beijo tão incrível como aquele merecia aplausos de pé. Fogos de artifício não seriam exagero. No entanto, um quarteto de cordas pareceu um pouco estranho. Certamente, um solo de bateria seria mais adequado, algo mais primitivo para se equiparar às batidas enlouquecidas do meu coração.

– Pessoal – Ben sibilou, cutucando-nos com o cotovelo. – Parem com isso. Vocês dois!

Desgrudei-me de Mal, tentando com evidente desespero recuperar o fôlego. Ele também arfava, os olhos verdes estavam dilatados. “Atordoados” provavelmente seria a palavra correta. “Sórdidos” não estaria muito atrás. Afinal, estávamos malhando a boca um do outro em público.

Fiquei ali olhando para ele, tremendo. Puta merda. O que acabara de

acontecer?

– Isso foi divertido! – Ele deu um amplo sorriso, olhando para mim como se tivesse acabado de descobrir um jogo novo. Um que ele gostou, e gostou muito.

Não.

Porra, não.

O meu coração começou a bater fora do meu peito, num estilo *Aliens*. Não podia culpá-lo por querer fugir para se proteger. Aquilo era insano. Eu tinha que refrear aquela coisa. E se ele conseguisse perceber o efeito que ele tinha sobre mim? Cancelaria o nosso arranjo num piscar de olhos.

Hora de controlar os danos.

– Foi legal. – Dei-lhe um tapinha na bochecha.

O sorriso arrogante sumiu.

As pessoas ao redor continuavam a bater palmas. Também estavam olhando para outra direção, ainda que recebêssemos muitos olhares de esguelha. Virei-me e fiquei na ponta dos pés para ver o que estava acontecendo. Na soleira da porta de entrada, Ev aguardava parada num vestido simples de cor marfim. Vi seus olhos arregalados de surpresa do lado oposto da sala. Ao lado dela, David vestia algo parecido com o que o resto da banda usava. Lentamente, ele se pôs sobre um joelho. Eu estava longe demais para ouvir o que ele dizia, pois a sala estava bastante barulhenta. Mas logo Ev começou a assentir e a chorar, os lábios formando um “sim”.

– David quis preparar uma segunda cerimônia surpresa – disse Mal, juntando-se à ovação. – Ela não se lembra da primeira vez: foi um casamento relâmpago embriagado, em Vegas. Por isso ele está refazendo tudo para ela.

– Isso é m-muito gentil. – Lambi os lábios, ignorando o sabor residual dele. Tão bom.

O braço dele envolveu minha cintura, e fiz de tudo para ficar parada, tentando não me mexer, nem me afastar. Ter um espaço para respirar seria bom. Só até eu voltar a ter controle sobre o meu corpo.

– Acho que todos nos viram, não? – ele disse.

– Hum. – Sem dúvida, estabelecemos nosso status de casal. Provavelmente, conseguimos roubar a cena do noivo e da noiva por um instante. Excelente. Seremos convidados de novo, com certeza.

Um homem vestido de Elvis apareceu, vindo do corredor, usando até mesmo uma grande peruca preta. Ele começou a cantar “Love me Tender” enquanto o quarteto de cordas tocava. Todos riram e sorriram. Ev começou a gargalhar e a chorar. Repetiram seus votos e até meus olhos se marejaram depois que consegui recobrar o controle. Foi tudo tão romântico. Jimmy passou lentamente em meio à multidão e entregou um anel para o irmão. O sorriso gentil nos lábios dele me

surpreendeu um pouco.

Bem devagar, meu coração voltou a um ritmo próximo do normal. Relanceei sobre o ombro na direção de Mal. A princípio, não entendi para onde ele estava olhando. Sua atenção estava fixa num casal de mais idade do outro lado da sala. Os pais de Ev ou de David, talvez? Ele parecia infeliz. O distanciamento retornara ao seu olhar, a ruga entre as sobrancelhas também. Mas logo ele percebeu que eu o observava. Franziu o cenho e voltou a olhar para a frente.

– Dá pra acreditar que Davie comprou outra aliança pra ela depois de só três meses? – Mal sussurrou no meu ouvido. – Ele está comendo na mão dela. Isso é ridículo.

– Eles se amam. Acho isso uma graça.

– Do jeito que ele está dando diamantes pra ela, quando chegar o Natal ela já vai ter uma tiara.

Uma coisa era eu ser cáustica em relação à santidade do matrimônio dentro da minha cabeça, mas odiei ouvir Mal sendo tão contrário à ideia de amor ou de união ou do que quer que tenha motivado suas palavras.

– O que foi? – perguntou ao ver minha expressão.

– Não sei definir se você está com inveja, com amargura ou o quê.

– Eu estava fazendo uma piada. – Os olhos dele se arredondaram. – Tiaras são engraçadas. Todos sabem disso.

– Uhum.

Mal apenas piscou. A boca, com aqueles lábios lindos e safados, não se moveu.

Outra rodada de aplausos ecoou pela sala conforme a cerimônia incrivelmente rápida chegava ao fim. Uma vez que já estavam casados, não havia motivo para aquilo se arrastar. Ou talvez tivesse parecido rápido apenas para mim. Eles se beijaram e *flashes* dispararam pelo cômodo. As pessoas se juntaram para cumprimentá-los.

Um momento festivo. Uma ocasião feliz.

– Volto num instante – disse, afastando-me do abraço de Mal. Eu precisava de ar, de espaço, sei lá, de algo assim. Precisava por ordem nos meus pensamentos. Minha reação exacerbada ao beijo dele me agitara demais. O clima no terraço estava mais fresco e mais tranquilo. Eu sabia que seria estranho ter Mal tão perto de mim em eventos sociais. Esperava sentimentos, sensações. Nervosismo, embaraço, até mesmo uma leve excitação eu conseguia entender, mas a mente explodir, submergindo-me em desejo e fazendo o mundo desaparecer? Nem tanto. Ele tinha razão, havia a possibilidade de uma *Atração Fatal* assomar-se logo ali na esquina.

– O que aconteceu? – ele perguntou, vindo atrás de mim.

– Nada. Está tudo bem.

– Até parece.

– Se eu disse que está tudo bem, está tudo bem – disse entre os dentes.

– Você está estranha. – Ele andou na minha direção, os olhos hipnóticos mexendo com a minha cabeça. – Aquele foi um tremendo beijo – disse.

– Foi legal – menti, lançando um sorriso sereno.

– Foi legal? – Uma das suas sobrancelhas subiu até o céu. – É mesmo?

Dei de ombros.

– Anne, você quase arrancou as minhas roupas. Acho que foi mais do que legal.

– Hum, desculpe... aquilo foi exagero? Pensei que, pelo jeito como me atacou, você estivesse almejando a superação.

Ele parou.

– Ataquei?

– Bem, foi bem entusiasmado.

– Foi, é?

Outro dar de ombros.

– Você tem que admitir, houve muita língua.

Ele se aproximou, invadindo o meu espaço pessoal. Aquela não era uma situação na qual eu queria ser vista de cima. Abri e fechei as mãos atrás das costas, toda agitada, embora tentasse não demonstrar. Aquela não era eu. Eu não permitia que a minha vida fosse virada de ponta-cabeça pelos homens. Já passei por isso, cheguei até a vestir uma camiseta com esses dizeres até que ela tivesse buracos no tecido.

– Eu avisei que haveria língua quando fizemos o nosso acordo – ele disse.

Que Deus me ajudasse, como houve língua. Muita, muita língua. Eu sentia a dele deslizando pela minha, excitando-me. Uma língua fantasma. Existiam grandes possibilidades de que Malcolm Ericson estivesse me enlouquecendo. Ele precisava ser detido. No entanto, o melhor que eu podia fazer naquele instante era desviar aquela conversa de qualquer discussão oral, imediatamente.

– Bem, em relação ao nosso acordo... Por que mesmo você precisa de uma namorada falsa?

– Já falamos sobre isso.

– Você não me disse nada.

– Já disse tudo o que vou dizer. – Ele parou, me encarando. – Por que está tentando desviar a conversa? O que foi, Anne, não está se sentindo um pouquinho na defensiva só por causa de um beijinho, está?

– Não. Claro que não. – Cruzei os braços. – Mas concordamos em deixar sexo fora disso. Normalmente, pessoas que não fazem sexo não precisam ficar

falando sobre línguas.

– Discordo.

– Quer mesmo continuar falando sobre isso? Quer?

– Você não faz ideia de quanto eu quero, moranguinho.

– Beleza. Vamos falar. – Talvez eu devesse simplesmente me jogar para fora do terraço. Não devia ser tão alto assim. Deixando as leis da física de lado, talvez eu ricocheteasse. Nunca se sabe. – Você disse que colocaria a sua língua na minha orelha, Malcolm, não até a metade da minha garganta.

– Eu não a coloquei até a metade da sua garganta. – Os olhos dele se estreitaram. – Nunca tive reclamações sobre a maneira como eu beijo.

Eu não disse nada.

– Isso é mentira. Você gostou. Eu sei que gostou.

– Foi gostosinho.

– Gostosinho? – ele repetiu, os tendões do pescoço se esticando como se ele pretendesse dar uma de Hulk para cima de mim. – Você acabou de dizer que o meu beijo é “gostosinho”?

– Só estamos fingindo, Mal. Lembra? Por que não se acalma? – Recuei um passo, lançando um sorriso calmo.

Ele avançou um passo, os olhos verdes queimando.

– Aquele beijo não foi só “gostosinho”.

– Não acha que está exagerando só um pouquinho? – Tentei rir.

Ele não se acalmou.

– Não.

– Acho que a gente não se liga desse jeito. O que acho que é muito bom, dada a nossa situação, certo? Isso faz com que tudo fique descomplicado, bem como você queria, não é?

– Errado.

– Cuidado aí. Acho que o seu ego está dando as caras. Nem todas as garotas têm que cair aos seus pés.

– Você cai.

– Rá! Mal, eu não caio não.

– Cai.

– Não caio.

– Cai.

– Pare. – Encarei-o. Jesus, astros do rock são tão infantis! Garotos mimados...

O silêncio entre eles era ensurdecedor, as profundezas do espaço não tinham como competir. Tínhamos aquela coisa de bolha ao nosso redor mais uma vez. O interior do apartamento não existia, não havia festa alguma, nenhuma música, nem luzes, tampouco conversas. Eu, contudo, poderia controlar a situação. De

jeito nenhum a minha cabeça se perderia por causa de um astro do rock que iria embora em pouco tempo.

– Quero um repeteco. Agora – ele exigiu.

– De jeito nenhum. – Coloquei a mão contra o peito dele, tentando afastá-lo. Seu coração batia forte em minha palma, apesar das camadas de roupa.

Ele se assomou ameaçadoramente mais próximo de mim, lambendo os lábios maravilhosos.

– Agora, Anne. Você e eu.

– Acho que não.

– Consigo fazer melhor. – E mais perto.

– Você não tem que me provar nada, Mal.

– Você vai gostar desta vez, eu prometo.

Se eu gostasse mais dos beijos dele, acabaria enfartando.

– Sério, isso não é necessário.

– Só mais uma vez – ele disse, a voz venenosamente grave e suave, uma tentação para não me submeter. Maldito. – Nada demais. Só me dá mais uma chance.

A boca dele pairou acima da minha, a antecipação provocando nós dentre de mim. Maldição, eu não conseguiria detê-lo. Não mesmo. Eu era péssima.

– Problemas no paraíso? – Jimmy Ferris foi para o terraço, com sua marca registrada de sorriso escarnecedor afixado no rosto. Eu poderia beijá-lo pela interrupção. A não ser pelo fato de que beijar me colocara naquela situação.

– Escondendo-se de Lena? – Mal perguntou com tranquilidade.

Jimmy empurrou o cabelo negro para trás. Seu olhar passou por mim antes de se deter nas luzes da cidade. Ali estava a melhor falta de resposta que eu já vira.

– Hum, foi o que pensei – Mal bufou. Toda a intensidade dele, graças a Deus, evaporara. – Estamos bem, meu irmão. Só escolhendo nomes para os nossos futuros filhos. Anne quer Malcolm Junior para o menino, mas eu me recuso solenemente. O garoto precisa de, pelo menos, uma oportunidade para viver longe da sombra do seu velho pai.

– Que magnânimo de sua parte – Jimmy disse.

– E não é? A paternidade é sinônimo de sacrifício.

Mal escorregou a mão para trás da minha nuca, massageando músculos tensos.

– Relaxa – ele ordenou. – Isso não faz bem para o bebê.

– Não estou grávida.

– Ah, merda, é verdade. Era pra gente não contar pra ninguém. Desculpe, moranguinho. – Ele se deu um tapa na testa. Eu teria ficado satisfeita em fazer isso por ele.

– Não se preocupe – disse Jimmy. – Somos amigos desde criança. Sei quando ele só está zoando.

Ah, como eu queria ser capaz disso.

– Quem está grávida? – David Ferris perguntou, indo para o terraço trazendo a esposa por uma mão e uma cerveja na outra.

Com um olhar muito orgulhoso, Mal esfregou a minha barriga. Qualquer inchaço se devia mais à minha fraqueza por bolos do que por qualquer ato de procriação.

– Não estou...

– Estávamos aguardando por enquanto – Mal disse. – Não queríamos roubar a cena dos dois pombinhos.

– Trabalharam rápido – comentou David com a sombra de um sorriso.

– Os meus garotos sabem nadar. – Mal piscou.

– Não acho que seja possível saber assim em tão pouco tempo, idiota. – Jimmy cruzou os braços, apoiando-se na parede de vidro. – Ciência, essas coisas, sabe?

– Um homem de verdade *sabe* quando a sua mulher foi abatida, Jimbo. Não espero que você entenda.

– Um homem de verdade? – Jimmy se afastou da janela, avançando lentamente na direção de Mal. Seu sorriso faria um tubarão parar para pensar. Caramba, os dois estavam sorrindo. O que era aquilo nos homens que os faziam sentir uma necessidade primitiva de se socarem só por diversão? Por quê?

– Rapazes – Ev disse. – Nada de brigar na repetição do meu casamento, nem de brincadeira.

– E tapa de mulherzinha, pode? – Mal perguntou, girando o braço na direção de Jimmy.

– Melhor não. – Agarrei o braço dele e o abaixei ao meu lado antes que ele fizesse mais estragos. – E Jimmy tem razão. Quarenta e oito horas é pouco tempo para se saber esse tipo de coisa. Não que estejamos tentando. – Acrescentei rápido.

As sobrancelhas de Mal se abaixaram quando ele me lançou um olhar tristonho.

– Não acredito que prefere ficar do lado dele. Isso magoa, Anne. Você, dentre todas as pessoas, deveria saber que o meu esperma é de qualidade superior.

– Você não faz ideia de quanto tempo eu poderia ficar sem ter que ouvir você falar sobre o seu esperma, cara. – Ben balançou a cabeça.

– Não fique assim, cara. É natural que o meu esperma alfa o faça se sentir desprezivelmente inadequado.

Com um gemido longo, Jimmy cobriu o rosto.

– Você deveria ter me deixado bater nele. Se alguém precisa de um pouco de juízo socado dentro d...

– Eu o seguro pra você – Ben se ofereceu.

– Deixem disso – interveio David.

Mal abriu os lábios, os olhos acesos de divertimento. Então, tapei a boca dele com a mão bem rapidinho.

– Mal, por que não discutimos o seu esperma mais tarde? – sugeri. Ele beijou minha palma e eu, lentamente, abaixei a mão. – Obrigada. E não vamos ter um filho.

– Ok, Anne. O que você quiser, Anne.

Ben riu.

– O que é isso? Já tá no chicote da boceta?

Sem dizer nada, David esticou a mão e deu um tapa na parte de trás da cabeça do grandão.

– Ei!

– Obrigado, Davie. – Mal me arrastou de volta para os seus braços.

– Isso foi por Anne – explicou David. – Chega de comentários embaraçosos enquanto as meninas estão por perto. Façam jus à porra da idade de vocês.

– Uma pá, Malcolm. Uma pá enferrujada. Esse é o seu destino se você magoar a minha amiga. Não se esqueça disso. – Ev se adiantou e me deu um beijo no rosto. – Te desejo toda a sorte do mundo em relação a ele. Você é uma mulher de coragem.

– Hum, estou começando a concordar.

– Gosto do jeito como ele a olha – ela disse baixinho. – Isso é uma novidade.

– O seu segundo casamento foi lindo. – Lancei-lhe o meu maior e mais brilhante sorriso, desviando completamente do assunto do meu namorado falso.

Ev passou um braço ao redor do pescoço do marido, estalando um beijo em seu rosto.

– Foi mesmo. Foi maravilhoso.

– Eu te amo, gata. – David retribuiu o beijo.

– Também te amo.

Ele sussurrou alguma coisa no ouvido dela. Algo que fez com que ela soltasse uma risadinha.

– Não podemos... Os meus pais estão aqui. Mais tarde.

A boca de David se curvou para baixo.

– Isso significa que você também vai na turnê, Anne? – Ev me perguntou. – Por favor, diga que sim!

– É claro! – Mal me abraçou, apertando-me junto a ele com tanta força que expulsou o ar dos meus pulmões. Meus pés abandonaram o chão por um

instante.

– Não sei quanto a isso. Não tive tempo de pedir uns dias de folga. – Eu me revirei um pouco até Mal me dar espaço para respirar. Contudo, ele não permitiu muito mais do que isso. Nada demais, eu conseguiria ignorar tanto a ele quando às sensações enlouquecedoras que ele inspirava. Teria sido interessante experimentar a vida da estrada, mas eu não estava convidada de fato. Além disso, trabalho, Lizzy, vida real etc. e tal. – A propósito, quando a turnê começa?

– O primeiro show é em Portland, daqui a cinco dias.

– Cinco dias? – Eu não tinha conseguido dinheiro para comprar ingresso quando eles foram colocados a venda há alguns meses. E claro que eles se esgotaram em questão de minutos. Tendo a entrada negada, eu, deliberadamente, ignorara o que grande parte da cidade vinha comentando. Chame de inveja se quiser.

O meu tempo com Mal era bem limitado. Senti o estômago despencar e o coração doer. Saber disso magoou. Não importava quão tremendamente os beijos dele me assustassem, eu não queria que ele fosse embora. Ele tornava a minha vida melhor, mais brilhante. Que idiotice a minha ficar apegada. Não tive essa intenção, mas as evidências mostravam o contrário.

– Não fique triste, moranguinho. – Ele segurou meu queixo, seus olhos estavam sérios. – Vamos dar um jeito.

– Pessoal, vão tirar as fotos agora. – Lauren apareceu na porta com uma taça de champanhe na mão. Depois de resmungar um pouco, Jimmy entrou. Ev e David, de braços dados, seguiram-no.

– Grande atuação – sussurrou Mal, depositando um beijo suave no meu pescoço. – Cheguei a acreditar que você fosse se debulhar em lágrimas.

Engraçado, pensei isso também. Soltei uma risada e lancei o meu melhor sorriso falso.

– Fui uma das bruxas do *Mágico de Oz* numa produção de teatro da escola.

– Isso explica tudo.

– Foi basicamente ficar deitada no chão logo no começo, fingindo ter sido esmagada enquanto calçava sapatinhos vermelhos.

– Aposto que você foi a melhor garota esmagada de todos os tempos.

– Obrigada. E grávida? Sério?

Ele revirou os olhos e pressionou um beijo no meu rosto.

– Desculpe, desculpe. Eu me empolguei. Consegue me perdoar?

Eu o fiz esperar por dois segundos.

– Tá.

– Obrigado. Muita gentileza sua. Não quis estressá-la nesse seu estado delicado.

Grunhi.

Ele gargalhou.

– Vocês vêm? – David perguntou, olhando por cima do ombro.

– Vou esperar aqui – respondi, afastando-me de Mal enquanto ainda conseguia. No mesmo instante, o vento frio noturno me atingiu e me esfriou.

David balançou a cabeça.

– Não, Anne. Você também. Se está com ele, é da família. Vamos resolver esse assunto logo pra poder relaxar e aproveitar a festa.

– Você ouviu o noivo. – Mal agarrou a minha mão, arrastando-me com ele. – Só mais uma coisa antes.

– O quê?

Com o brilho no olhar dele, eu deveria ter desconfiado. Seus lábios desceram, pressionando os meus. Os braços passaram ao meu redor, ancorando-me a ele. O meu arfar de surpresa foi o acesso que ele precisava para a minha boca. Deu para perceber que ele conseguia gargalhar malignamente e me beijar com loucura ao mesmo tempo. Eu também não deveria ter me surpreendido com isso. Apesar disso, o beijo foi gentil, partindo minha alma. Ele me beijou com doçura até a minha cabeça girar e o meu coração bater forte. Meus joelhos tremeram e minhas partes femininas pediram clemência.

E ele continuou me beijando.

– Como foi? – Ele acabou por perguntar, fitando meus olhos embaçados. – Melhor?

– Hum... Tem certeza?

Ele expirou pelo nariz, as sobrancelhas se unindo.

– Merda, ainda não acertei. Uma hora vou conseguir entender essa coisa de beijo. Ah, se vou. Só precisamos continuar tentando. Nunca desisto!

Eu estava perdida.

CAPÍTULO 10

Avaliei o meu reflexo no espelho do corredor enquanto a festa continuava na sala de estar. Um lado do meu lábio inferior estava ligeiramente maior do que o outro. De verdade, estava mesmo. Eu estava ridícula. O baterista era doido. Ele sempre esteve no limite de necessitar admissão imediata em um quarto branco, gostoso, suave e acolchoado. Por um tempo, isso até se mostrou charmoso de uma maneira pouco convencional, mas agora ele oficialmente perdera qualquer vestígio de controle.

Eu gostava de ser mordida? Não. Não gostava. E o mesmo valia para mordiscadas e chupões. A marca no meu pescoço não impressionava, e eu tinha quase certeza de que havia um hematoma na minha bunda por ele ter me prensado na bancada da cozinha.

Desnecessário dizer que seu experimento de amor violento não foi um sucesso.

– Maldito maníaco.

– O que disse? – Uma mulher que esperava ao meu lado para entrar no banheiro me perguntou.

– Nada. Só pensando em voz alta. – Lancei um sorriso neutro e sociável. – Não ligue para o que digo.

Ela assentiu e reaplicou o *gloss* nos lábios com a precisão de uma artista, antes de ajeitar os seios. Quais seriam as minhas chances de ter um surto de crescimento após os vinte e desenvolver peitos como aqueles? Ah, bem que eu gostaria...

– Você está com Malcolm Ericson, não está? – ela perguntou.

– Estou. – Eu não diria que estufei o peito, mas cheguei a afofar os cabelos.

O sorriso que ela me lançou pareceu menos do que sincero, apesar de radiante.

– Acho que é bastante coragem da sua parte.

– Por quê?

– Namorar um cara tão fora da sua alçada desse jeito. – Os olhos dela se encontraram com os meus no espelho. Eles eram sombrios, malignos, de um lindo matiz de castanho. – Quero dizer, está na cara que você não está à altura

dele. Mas por que não aproveitar enquanto pode, não é?

Olhei para o espelho. Por mais incrível que pudesse parecer, não havia fumaça saindo dos meus ouvidos. Minha boca abriu, mas demorou um instante antes que eu encontrasse as minhas palavras.

– Você disse isso mesmo?

– Isso o quê? – Ela deu uma risadinha e ajeitou os cabelos.

– Sou uma completa desconhecida para você.

– Ei, acho isso incrível. Vá lá, irmã, e tudo o mais.

Que canastrice invejosa. De jeito nenhum eu daria àquela vadia o poder de me diminuir.

– Não sou a sua irmã. Eu tenho uma irmã e ela jamais diria uma coisa dessas para mim.

Os lábios perfeitamente maquilados se abriram.

– Sério, querida – prossegui –, seus modos são deploráveis. Vá se foder.

A porta do banheiro se abriu e eu entrei, fechando a porta com um pouco mais de energia do que o necessário. Os meus ombros estavam na altura das orelhas quando voltei para a festa, o leve latejar nos meus lábios quase totalmente esquecido. Não olhei para a vaca.

Gentinha. Fala sério.

Hard rock retumbava dentro de mim, renovando a minha agitação. Eu queria bater em alguma coisa. Não em alguém, em alguma coisa. Apenas dar um soco inocente numa parede para liberar um pouco da pressão crescente em meu interior. Desacelerei a respiração, tentei acalmar minha mente turbulenta.

Estava tudo bem.

Mal, Jimmy e Ben estavam de lado, bebericando seus drinques, ignorando os olhares esperançosos das garotas por perto. Cacete, era sempre assim para eles? Aquilo devia cansar. Poucos passos além, Lena conversava com uma mulher da idade dela. Seu olhar vivia se desgarrando para Jimmy de uma maneira que não demonstrava nenhum interesse profissional. Quem haveria de imaginar...

Afastada do espaço confinado, eu conseguia respirar de novo. Tudo estava bem.

– O que aconteceu? – Mal perguntou quando se aproximou.

Atrás de nós, a mulher saiu do banheiro, lançando um sorriso falso para o meu falso namorado. Sem nenhuma pontada de culpa.

– Me prometa uma coisa – eu disse.

– Claro.

Parei, sorri.

– Você nem hesitou.

– Você está irritada com alguma coisa. – Ele se inclinou na minha direção,

tornando a nossa conversa mais íntima, apesar do ambiente lotado. – O que aconteceu?

– Prometa que não vai dormir com ela. – Acenei com a cabeça na direção da besta em questão, que estava ocupada conversando com um senhor, sorrindo e acenando. Eram grandes as chances de ela ser uma prima de Ev ou algo assim, e não a Rainha Harpia da Escuridão. Mesmo assim, isso não tornava o comportamento dela aceitável.

E também, num futuro próximo, eu deveria tentar não insultar alguém toda vez que entrasse naquele prédio. Essa era uma grande ideia.

– Não vou dormir com ela – Mal prometeu.

– E também não vai fazer sexo com ela.

Ele revirou os olhos.

– Só para deixar claro.

– O que ela te fez, Anne?

– Ela me insultou. Mas está tudo bem. – Eu só precisava saber que ela nunca chegaria perto dele. Agora a minha alma estava em paz. – Pode continuar aproveitando a festa.

O rosto de Mal endurecera, a boca estava fechada numa linha.

– Que merda ela te disse?

– Não importa. Acho que quero outro drinque. Não faço ideia de onde deixei o meu e, de repente, álcool me pareceu uma boa ideia. Acho que preciso de lubrificante social. – Comecei a andar em direção à cozinha, tudo novamente bem no meu mundo. A justiça prevaleceria. As calças de Mal estavam fechadas para aquela mulher.

Uma mão se enganchou no meu cotovelo, levando-me de volta ao banheiro. Era um banheiro bonito, com superfícies em pedra cinza, instalações cromadas brilhantes. De fato, um belo banheiro, mas eu não precisava passar tanto tempo dentro dele.

– Mal?

Ele bateu a porta. Uau. Os olhos dele. Não havia nenhuma centelha de felicidade neles.

– O que ela te disse?

– Nada. Ei, verdade. Está tudo bem. – Apoiei o quadril contra a bancada, dando o exemplo certo e tentando parecer relaxada. Aquele nível de emoção não era esperado.

– Anne.

– Eu só precisava saber que ela não conseguiria o que quer, ou seja, você. Atribua isso ao meu coraçãozinho negro e vingativo – brinquei.

Ele não riu.

Com o rosto ainda marcado por linhas furiosas, ele veio na minha direção, acuando-me num canto. A pedra dura se chocou com o hematoma provocado antes. Doeu.

– Ai. – Esfreguei o ponto dolorido com uma careta.

– O que foi?

– Acho que estou com um hematoma por causa da bancada da cozinha. Culpa sua.

Ele pigarreou de uma maneira bem sensual (nunca me ocorreu, de verdade, que esse som pudesse ser excitante).

– Eu já pedi desculpas por isso.

Ele me segurou pela cintura e me colocou sobre a bancada. Suas mãos hábeis afastaram os meus joelhos o tanto que a saia permitia, e ele se colocou entre eles.

– Ei, calma aí. – Apoiei as mãos em seus ombros, pressionando o tecido do terno. – Afaste-se um pouco.

– Diga-me o que ela disse.

– Por quê? Vai desafiá-la para um duelo? Pistolas ao amanhecer?

– Você leu livros demais.

– Nada disso! – exclamei chocada.

– Nada de duelos. Mas com certeza vou expulsá-la daqui.

– Mal, sério. Já cuidei do assunto. Está tudo bem.

Ele só me encarou.

– Educadamente, eu agradeci a opinião dela e disse para ela ir se foder.

A tensão no rosto dele se atenuou um pouco.

– Você disse para ela ir se foder?

– Disse. Canalizei a minha Scarlett O'Hara interna e não levei desaforo para casa.

– Que bom. Gostei dos seus limites. E você está bem agora? – Ele apoiou as mãos ao meu lado na bancada, significando que estávamos muito próximos. Mais perto do que isso e com menos roupas e estaríamos juntos quase que num sentido bíblico.

– Estou bem. Apesar de o meu lábio inferior estar doendo. Chega de mordidas.

Ele emitiu uma gargalhada.

– Tá bom, tá bom. Deduzi isso quando você quase arrancou meus cabelos para me afastar de você. Sabe, você consegue ser bem malvada, moranguinho. Gosto disso.

Sorri, ele sorriu em retorno, e tudo ficou maravilhoso.

– Mas você, definitivamente, não vai dormir com ela – eu disse, só para garantir. Não gostei mesmo daquela mulher. – Sério.

– O meu pau não chega perto de quem é grosseiro com os meus amigos. Isso não é legal.

– O seu pau tem bom gosto, então.

Os olhos dele ficaram meio enevoados.

– Mal?

– Hum? O que foi? Gostei de como você disse “pau” e “gosto” na mesma frase.

– Certo... – Eu não comentaria esse assunto. Remexi-me muito discretamente sobre a bancada. – Obrigada por se preocupar comigo. Mas acho melhor voltarmos para a festa. As pessoas provavelmente vão querer usar o banheiro.

– Existem outros quatro. – Suave como uma pluma, ele resvalou os lábios nos meus. Todos os nervos do meu corpo vibraram com o contato.

– Vou fazer você se sentir melhor, Anne.

– Hum, bem... Eu já disse que estou me sentindo bem. E você se lembra de que traçou uma linha estabelecendo que não nos envolveríamos sexualmente nem nada do tipo? Esta noite você está estragando o combinado.

– Isso não é um problema.

– Meio que é. Não quero ser o seu brinquedo, Mal.

– O meu brinquedo? Que diabos você está falando? – Suas mãos escorregaram por trás da minha bunda e, subitamente, fui arrastada para junto dele. Para todo ele. E, pelo contato, boa parte dele estava num humor firme.

Guinchei e passei as pernas ao redor dos quadris dele. Juro por Deus, não tive essa intenção. Foi um acidente. Quando ele pressionou seu pau contra mim, isso impossibilitou qualquer raciocínio. Os meus hormônios estavam assumindo o controle. Toda aquela conversa sobre bebês obviamente lhes dera algumas ideias. Ainda assim, concentrei esforços para resistir.

– Ok, meu chapa. Já basta.

Com suavidade, ele beijou meu lábio inferior.

– Ainda está doendo?

– Está totalmente curado. – Ah, doía, como doía. Um pouco mais de pressão da pélvis dele, fazendo minha mente rodopiar, no entanto, cuidaria do assunto. Embalei-me na direção dele, sem conseguir resistir. Minhas pálpebras penderam para baixo. Maldição, ele era tão gostoso.

– Você não é o meu brinquedo, Anne. É minha amiga. Uma a quem estou muito ligado por uma porrada de motivos.

Não consegui deixar de sorrir.

– Você também é meu amigo.

– Sabe, tudo bem a gente relaxar e se divertir um pouco. – Ele enfatizou seu ponto de vista ao apertar a minha bunda. – Você não tem que ficar tensa o tempo

todo. Não vou deixar que nada de ruim aconteça.

Malcolm Ericson podia ser muitas coisas, mas não era onipotente. Coisas ruins aconteciam. Isso era um fato da vida.

– Em que está pensando? – ele perguntou, enterrando-se em mim uma vez mais, descarrilando a minha tristeza.

– Em nada. – Em sexo. Em preocupações. Um pouco dos dois, na verdade.

– Gosto muito do seu vestido.

– Obrigada. O seu terno é bonito. Você está lindo.

– Tenho pensado nesse problema de beijo que temos.

– Não temos nenhum problema com beijo. Todos acreditam que nós estamos juntos... Bom trabalho, equipe Mal e Anne. – Ergui a palma da mão para um cumprimento. – É isso aí!

Ele riu com leveza.

– Viu? Você consegue ser engraçada.

Lancei-lhe o que só podia ser um sorriso entorpecido. Cara, ele era lindo, ainda mais assim de perto. Ele pendeu a cabeça num ângulo e esfregou o nariz no meu rosto, beijando o canto da minha boca. Dedos brincavam com o zíper atrás do meu vestido. Sem fazer nada, apenas casualmente ameaçando sua descida iminente. Meu Deus, como eu gostava de ser ameaçada assim por ele. Meus mamilos endureceram, mais do que prontos para serem revelados. Eles não tinham juízo algum.

– Andei pensando – ele disse. – Talvez você precise ser beijada em outros lugares.

O cara era um tremendo gênio.

Muito devagar, ele puxou o zíper um ou dois centímetros. Seu sorriso me desafiava a detê-lo. Uma pena que eu perdera o poder sobre meus membros. O zíper desceu mais, afrouxando o corpete do vestido, fazendo a frente ceder um pouco. Mal passou um dedo pelo decote, abaixando um pouco a renda preta.

– Não vai me deter? – ele perguntou numa voz suave.

– Daqui a pouco. – Nem pensar.

Então, ele olhou para baixo. Com um pouco de sorte, ele gostava de seios de todos os tipos. Se ele fosse um cara que gostava de volume, aquilo não terminaria bem.

– Anne. Cacete. – Ele engoliu em seco. Um sinal muito bom. Lentamente, seus dedos tracejaram a base da minha garganta.

– Hum?

– Você é tão...

Alguém esmurrou a porta, arrancando-me dos meus devaneios lascivos.

– Mal, está na hora – uma voz berrou.

Não. NÃO!

– O qu... – Mal se virou, franzindo a testa, enquanto eu me apressava em colocar o vestido no lugar.

A porta se abriu e Ben enfiou a cabeça dentro do banheiro.

– Puta merda, cara! – Mal disse, a voz contraída e furiosa. – Anne podia estar nua.

Ben escarneceu.

– Você nunca se importou com quem via o quê antes. E se isso for um problema, a porta tem tranca, idiota.

– As regras mudaram.

– Caraca – disse Ben, revelando os dentes num sorriso amplo. – Você tá falando sério mesmo.

– Claro que tô falando sério. Esta é a porra da minha namorada, idiota.

O olhar de Ben se deteve no meu corpo.

– Bem, a *porra* da sua namorada é bem bonita. Sabe de uma coisa? Acho que gosto dela.

Todo o corpo de Mal ficou tenso. Havia fogo no olhar dele.

– Seu...

– Não. – Eu o agarrei pelas lapelas do paletó. – Nada de brigas.

Ele olhou para mim, as narinas inflando. O que é que os casamentos têm que provocam tanto drama?

– Estou falando sério – eu disse. – Esta é a noite especial de David e Ev.

Ben, no entanto, parecia estar se divertindo demais para parar ali.

– Lembra aquela vez em que partilhamos uma garota em Berlim? Aquilo foi bom... bom demais. Sempre pensei em tentar isso de novo. O que me diz, Anne? Tá a fim de se divertir um pouco? Prometo que a gente cuida de você direitinho.

Mal rosnou e atacou, pegando-o pelo pescoço. Eu, basicamente, estava pendurada nele. Caramba, como o homem era forte! Ben podia ser imenso, mas dado o atual humor de Mal, eu não apostaria contra ele numa briga. Os músculos no seu pescoço estavam protuberantes.

– Mal? – pronunciei seu nome numa voz supercalma e controlada. Em outras circunstâncias, eu teria saído uma excelente terapeuta.

– Oi. – As mãos dele seguravam meu traseiro, suportando um pouco do peso. Uma boa decisão. Ficar pendurada pelo pescoço de alguém é mais difícil do que se pensa.

– Está tudo bem. Ignore-o – eu disse. – Ben, saia.

O imbecil ainda balançou as sobrancelhas na minha direção.

– Agora.

– Claro, Anne. Não esquenta. – Ele piscou para mim, fechando a porta.

– Acalme-se, Mal. O homem malvado foi embora.

– Estou calmo – ele grunhiu, segurando-me contra ele.

– Ele não falou sério. Só estava brincando com você.

– Você não viu como ele estava olhando pra você? O idiota falou sério, sim. – Mal me abraçou com força. – Às vezes, o merdinha é pior do que Jimmy. Eu deveria ter chutado o traseiro dele.

– Ei, ei, segure o seu homem das cavernas interno. Hoje você está muito agressivo.

– Não gosto de ninguém falando sobre você. Você não tem que aguentar esse tipo de coisa.

– Bem, isso é muito gentil, mas você não precisa bater em ninguém por minha causa.

– A gente tem batido um no outro desde que éramos crianças. Acontece. – Com apenas uma mão, Mal subiu meu zíper. Depois me cravou um olhar firme. – Você não queria, né?

– De modo geral, prefiro um pênis de cada vez. É um defeito meu, acho...

– Que bom.

Eu lhe dei um beijo no rosto porque Mal ciumento era uma visão maravilhosa.

– O que ele quis dizer com “está na hora”?

– Davie quer tocar algumas músicas para Ev. Temos que ir. – Ele suspirou e me recolocou na bancada. Suas mãos me esfregaram nas laterais. – Você está bem?

– Sim.

Ainda assim, ele estava com a testa franzida.

– Sabe, você consegue ser bem intenso, às vezes, Malcolm Ericson.

Ele me observou em silêncio.

– Você tem essa fachada de cara feliz e contente na maioria das vezes, mas, na verdade, é um homem com muitas camadas. Você é meio complicado.

– Surpresa?

– Sim. E não.

– E você me chama de complicado. Vai dançar comigo mais tarde? – perguntou, dispensando o mau humor.

– Eu adoraria.

– Você queria outro drinque, né? Venha, vamos pegar antes de eu arrumar a batera. – Ele me desceu, as mãos nos meus quadris, tratando-me com o maior dos carinhos.

– Você é o melhor dos namorados. Falso ou não.

– Quantos você teve?

– Namorados? Dois. – Levantei os dedos, só para o caso de ele precisar de

uma ajuda visual. Era bom ser útil.

– Então, sou o número três?

– Não, você é o número dois. Relacionamentos não são a minha especialidade.

– Não? – Ele levantou o queixo e me olhou de cima para baixo. – Você está se saindo muito bem, Anne.

– Obrigada, Mal.

CAPÍTULO 11

Eu me diverti muito até a hora em que voltamos cambaleando para casa. Dividimos o táxi com Lauren e Nate lá pelas três da manhã, depois de uma festa incrível.

Finalmente, consegui ouvir o Stage Dive tocar ao vivo. Eles eram espetaculares tocando acústico. As vozes de Jimmy e de David se mesclavam lindamente. Cada um daqueles homens era tão talentoso que fazia meus dentes doerem. Ben, no baixo, e até mesmo Mal, mesmo sem seu conjunto completo de bateria, marcaram presença de uma maneira maravilhosa. Estavam todos em perfeito equilíbrio, integrados à música.

Já podia ter passado da minha hora de ir dormir, mas eu não queria que a noite acabasse. Ainda não. Fiquei deitada de costas, fitando o teto do quarto. Ele parara de girar há algum tempo. A fenda na minha cortina permitia que luz suficiente da rua entrasse iluminando um pouco o interior. Há alguns anos, em noites como aquela, quando o sono não vinha, eu costumava conversar com Mal... quero dizer, com a sua versão em pôster. Triste e psicótico, mas verdade. Agora, o homem em carne e osso dormia logo ali ao lado.

A vida conseguia ser estranha e bela às vezes.

Em outros momentos era simplesmente um desastre. Mas, de vez em quando, o belo vencia.

Passei os dedos sobre meus pobres lábios machucados, beijados quase até se extinguirem. Depois que Mal colocava alguma coisa na cabeça, ninguém o controlava. E, ao que tudo levava a crer, dançar com ele envolvia uma minissessão de amassos. Ficava cada vez mais difícil fingir insatisfação toda vez que ele tentava algo novo. Eram tantas maneiras de beijar que eu nem imaginava. Suave e firme, com ou sem dentes, variações na profundidade da penetração da língua – isto foi o que mais se destacou. E posicionamento das mãos. Uau, o posicionamento das mãos... Ele fizera de tudo, desde afagar minha nuca com suavidade até apalpar a minha bunda. Um homem que sabe o que fazer com as mãos é de fato uma qualidade a ser reconhecida. Só parei de impedir que a mão dele subisse pela minha saia à meia-noite.

Que noite incrível.

Assim que chegamos em casa, ele se despira, ficando apenas de cueca samba-canção. Eu fora até o banheiro para pegar a minha escova de cabelos e lá estava ele, escovando os dentes. Um homem escovando os dentes nunca foi algo tão excitante, mesmo com a baba branca escorrendo pelo canto da boca. O meu palpite era que ele não usava pijama. Não, um cara como ele devia dormir pelado. Uma dedução científica brilhante baseada no homem sensual e rijo que agora ocupava o meu sofá. Sem hesitação nenhuma, eu conseguia imaginar a pele bronzeada e quente toda exposta. Será que ele dormia de costas, de barriga ou de lado? Sob uma perspectiva estética, de costas seria mais agradável... por uma série de motivos.

Mas se ele se deitasse de barriga, a curva longa da coluna estaria à mostra com o bônus do seu traseiro. Eu venderia algo importante para ver seu traseiro nu. Meus livros, meu *tablet*, minha alma, o que fosse necessário.

Eu poderia pensar em qualquer outra coisa quando eu bem entendesse, mas por que se dar a esse trabalho?

Não, masturbação era um modo de ação muito mais sensato. Eu estava agitada e desperta, meus mamilos, túrgidos e os seios, doloridos. Chegara a hora de resolver esse assunto com as próprias mãos.

– Hum, Nate...

Mais gemidos.

Alguns grunhidos.

Uma batida.

– Gato, ah...

– Lambe, Lauren.

Mas. Que. Foda.

Cobri o rosto com o travesseiro e gritei em silêncio. Se eu colocasse música para abafar os sons deles (que era o que eu costumava fazer durante os arrebatamentos noturnos de Lauren e Nate), provavelmente acordaria Mal.

Duas batidas mais. A cama do apartamento ao lado estava rangendo. Tão alto que nem ouvi a porta do meu quarto sendo aberta.

– Moranguinho, estou no inferno? – Mal entrou e se sentou na beira da minha cama.

– Sim. Sim, você está. Lamento. Este é o primeiro e o pior nível do inferno, aquele em que você ouve seus vizinhos transando através das paredes finas como papel.

Lauren produziu um pouco dos gritos agudos que ela tendia a fazer em encontros como aquele. Fiz uma careta.

– Faça isso parar – Mal sussurrou, com a boca aberta em sinal de horror. – Ai,

caralho, não. Isso é tão horrível.

Nós dois começamos a rir baixinho. Era a única reação plausível.

– Vamos para um hotel – sugeriu ele, avançando mais na minha cama.

– São quatro da manhã.

– Quanto tempo eles costumam demorar nisso?

– Eles beberam, então deve durar um pouco. – Ergui os joelhos e abracei-os junto ao peito. Ele não precisava ficar sabendo da situação dos meus mamilos. A triste verdade era que ouvir pessoas numa transa boa e barulhenta não estava ajudando. Que sorte que eu estava usando as calças de pijama mais confortáveis que tinha e uma camiseta velha. Eram tão folgadas que escondiam tudo. De qualquer modo, ter Mal sentado na minha cama tão à vontade podia ficar um pouco embaraçoso.

– Não tem alguma coisa errada nesta história? – disse ele, fechando a cara para a parede como se ela o tivesse ofendido pessoalmente. – Sou o baterista do Stage Dive. Eu não fico acordado porque outras pessoas estão fazendo sexo loucamente. Sou eu quem mantém as pessoas acordadas. Mantenho a porra de um bairro inteiro acordado.

– Caramba, gata. Você é boa nisso – Nate rosnou do outro lado da parede.

– Você ouviu isso? – Mal perguntou.

– Ouvi.

– Certo. Já chega. – Mal se pôs de pé na cama. Só havia uns 30 centímetros entre ele e o teto, no máximo. – Ele está caçoando de mim. Está me desafiando.

– Ele...?

– O filho da mãe.

– Sempre pensei que Nate fosse um cara legal.

Ele estendeu a mão para mim.

– Venha, Anne. Temos que defender o nosso sexo falso.

– Merda... – Segurei a mão dele, permitindo que ele me erguesse. – Não me deixe cair de lado. E não bata a cabeça.

– Não vou bater a cabeça. Pode parar de ser tão adulta só por um minuto? Relaxe e divirta-se.

– Mais forte, Nate! – Ecoou do apartamento vizinho.

Mal pigarreou bem alto.

– Anne!

– Mal.

– Mais alto – ele sibilou, conforme começamos a pular. A estrutura de madeira da cama começou a ranger. De um jeito que há muito não rangia, se é que já tinha rangido assim. Se ao menos fosse por estarmos na horizontal e nus... Isso teria sido maravilhoso.

– Mal!

– Você é uma garota tão legal, Anne – Mal disse para o benefício dos nossos vizinhos. – Gosto muito de você.

– Sério? É isso o que você diz quando transa?

– Vamos ouvir o que você tem a dizer, então.

Fechei a boca. E assim a mantive.

– Covarde. – Mal virou o rosto para a parede que partilhávamos com Lauren e Nate. – Seu gosto é bom pra cacete.

– Como o quê? – perguntei sem ar, os músculos das coxas se enrijecendo. O homem tinha sorte por eu não o atacar com a minha vagina. – Qual o meu gosto?

– Hum, mel e creme... e, sei lá, pão?

Enruguei o nariz.

– Pão?

– Sim. Pão sexy que eu poderia comer o tempo todo porque você é tão deliciosa, como um pão integral.

A rodada seguinte de risadas fez os músculos do meu abdômen se contraírem com câimbras, mas continuei pulando. Que estranho que era gargalhar e pular e estar excitada ao mesmo tempo. Uns amigos meus e de Lizzy tinham uma cama elástica quando éramos crianças. Contudo, nunca me diverti tanto como naquele momento.

Em seguida, Mal pulou mais alto e bateu a cabeça no teto.

Ele caiu sobre sua cobiçada bunda, esfregando o topo da cabeça.

– Ai, porra...

– Você está bem?

A cama despencou de súbito, uma das pontas da estrutura de madeira caindo no chão. O barulho foi bem impressionante. Assim como o repentino silêncio no apartamento ao lado. Tropecei e escorreguei, acabando aterrissada pela metade em seu colo. Felizmente, um braço me envolveu, impedindo que eu rolasse ainda mais. Ficamos ali, basicamente peito contra peito, com uma das minhas pernas sobre as dele.

– Quebramos a minha cama – eu disse, declarando o óbvio.

– Numa batalha, sacrifícios têm que ser feitos, moranguinho.

– A sua cabeça está bem? Precisa de gelo? – Afastei os cabelos bagunçados da frente do rosto dele. Talvez ele precisasse de uma cura sexual. Eu toparia. A sugestão já estava na ponta da minha língua. Coragem ébria era a melhor de todas.

– Está sim. – O sorriso dele surgiu bem devagar.

Alguém bateu na parede do lado de Nate e Lauren.

– Vocês estão bem?

– Estamos – respondi. – Obrigada. Podem continuar.

Consegui ouvir risadas abafadas. Senti o rosto arder. Um ardor de chamas vivas, tanto que era bem possível cozinhar um bife em mim. Caramba, todos acabariam sabendo daquilo. Todos mesmo. Nós nunca deixaríamos de ouvir sobre isso.

– Estão zoando a gente – eu disse.

– Tolice. Nós transamos com tanta vontade que quebramos a sua cama. Eles bem que queriam ser a gente. A ordem natural do status sexual foi reestabelecida.

Nós dois gargalhamos. Aquilo era tão ridículo.

Mas logo o riso definhou para um silêncio e ficamos ali, nos contemplando. O rosto dele estava na sombra. Foi impossível interpretar a sua expressão. Mas seu pau enrijecido marcou presença contra minha coxa. Ah, o que eu não daria para saber o que ele estava pensando! Toda a minha percepção estava direcionada para o interior das minhas pernas e, ah, caramba, como era gostoso. Desejei que ele fizesse alguma coisa porque eu não sabia se eu podia. Ele reagia a mim, mas o que aquilo significava? Pintos fazem coisas. Coisas misteriosas, como endurecer sem motivo aparente. Sexo, definitivamente, não fazia parte do nosso acordo. Ele fora bem específico. Mas, mesmo assim, todos aqueles beijos e aquelas provocações a noite inteira...

Nunca estivera tão confusa em minha vida. Confusa e cheia de tesão.

No apartamento ao lado, seguiram meu conselho de retomar de onde tinham parado e os barulhos recomeçaram.

– Tenho bastante certeza de que não estão pensando em nós agora – eu disse.

– Só por curiosidade, você está muito bêbada agora?

– O quarto está girando um pouco. Por quê?

– Nada. Melhor sairmos daqui – ele disse com uma voz gutural. Com cuidado, ele me tirou de cima dele e depois saiu da cama destruída. Ficamos ali, ignorando em conjunto o volume na cueca dele. Nem um pouco desconfortável. Uma coisa, porém, tinha que ser dita: era muito mais fácil esconder uma calcinha úmida.

– Vamos assistir a algum filme – ele disse. – Já que ninguém vai conseguir dormir logo mesmo.

– Boa ideia – menti e deixei que ele me erguesse dos destroços. – Pobre cama... Mas foi divertido.

– É, foi mesmo. Não tanto quanto transar, mas, mesmo assim, nada mal.

A minha curiosidade levou a melhor. Ou isso ou eu não tinha educação e estava bêbada de fato.

– Falando nisso, o que aconteceu com os seus casos? Pensei que fosse visitar

uma das suas amigas depois que a gente voltasse da festa.

– Eu?

– Eu? – repeti. Ele estava de pau duro e ficava ali dizendo “eu”?

– Entre os ensaios para a turnê e o compromisso deste namoro falso, fiquei sem tempo.

– Justo. – Não acreditei nem um pouco nele.

Em vez disso, a minha mente entorpecida pelo álcool deu saltos enormes na lógica. Pouco ou nenhum raciocínio estava envolvido. E se a ausência de libido tivesse a ver com a necessidade de uma namorada falsa de algum modo? Talvez ele tivesse uma namorada verdadeira e misteriosa escondida em algum lugar em L.A., e eu existia puramente para despistar as pessoas. Não, não podia ser. E essa teoria magoava. Mas talvez isso se devesse apenas à aposta que ele fizera com Ben. Ele acabara acuado nesse canto ridículo com suas piadas insanas e agora seu orgulho seria ferido se ele ousasse recuar. E essa teoria feria ainda mais. No entanto, nenhuma probabilidade esclarecia o fato de às vezes ele ficar triste. Deixei que ele me levasse até a sala de estar, meu coração e a minha mente estavam em uma confusão não muito sóbria.

– E você? Não estava braços cruzados esperando aquele babaca voltar à razão, estava? – Ele se sentou no meio do sofá de veludo, puxando-me para o seu lado, mantendo-me perto.

– Não, eu saía por aí. Só que não nos últimos tempos.

– Como assim, não nos últimos tempos? – Ele pegou o controle remoto e a imensa TV voltou à vida. O braço ficou apoiado no encosto atrás de mim, a palma batendo algum ritmo.

– O que está com vontade de assistir? – perguntei.

– Não vai me contar?

– Alguns meses.

Estava passando um filme de terror. Dos anos 1980, se o cabelão com permanente servisse de indício. Um par de seios mal escondidos balançou na tela. Uma mulher gritou.

– Isso parece bom – comentou Mal.

– Uhum.

– Você não se assusta fácil, né?

– Não. Mas fico triste quando Johnny Deep vira sopa de tomate.

– Aposto. – Ele sorriu. – Sabe, falei sério antes.

– Sobre o quê?

– Sobre você. – Ele ficou olhando para a frente, sem se virar para mim. A luz da TV iluminava os ângulos e as planícies do rosto perfeito. – Gosto de você.

– Obrigada, Mal.

Então, por que não estávamos transando? Obviamente, ele não gostava *gostava* de mim. Ele só gostava, como acabava de dizer.

A minha cabeça começou a girar de novo.

– Você não disse que gosta de mim também – ele me incitou, parecendo um tantinho inseguro, se é que os meus ouvidos não estavam me traindo.

– Ah, bem... – Virei-me para olhar para ele, semicerrando os olhos, ignorando os gritos vindos da tela. – Você é...

– Sou o quê?

– Tão...

– Vai logo, moranguinho, cê tá demorando demais. Fale de uma vez.

– Muito...

– Cacete. Eu mesmo vou me elogiar.

Libertei um longo suspiro, adorando tudo aquilo.

– Você não leva o mínimo jeito para isso – ele reclamou.

– Que tal "estupendo"? Está bom para você?

– Hummm. – Ele me lançou um sorriso lento e satisfeito. – Uhum. Isso não é nada mal. Quero dizer, definitivamente começa a descrever toda a minha glória.

– E seu ego é grande. Imenso.

– Você está mentindo. – Os dedos dançavam ao meu lado, fazendo-me rir e me retorcer. – Sou uma humilde perfeição.

– Não. Pare de fazer cócegas.

– Admita que sou a razão do seu viver. Admita! – O braço dele me cercou, aproximando-me dele uma vez mais enquanto eu tentava fugir. – Caramba, vê se não cai de novo. Não aguento mais levar pancada na cabeça pra salvá-la.

– Então pare me fazer cócegas – bufei.

– Fazer cócegas em você, ora, por favor. Como se eu fosse imaturo assim. – Uma mão subiu e puxou com gentileza a minha cabeça para o ombro dele, e o braço me apertou. – Psiu! Hora do silêncio agora.

A alegria gostosa que me preenchia agora era dez vezes melhor do que qualquer coisa provocada pelo álcool. Não, um milhão de vezes, porque vinha com o bônus do cheiro e do toque de Mal Ericson junto de mim.

– Relaxa – ele disse.

– Estou relaxando. – Coisas aconteciam na tela. Nada daquilo importava. Meus olhos foram se fechando enquanto eu me concentrava nela. Quaisquer que fossem os motivos de ele estar ali, havia poucas chances de eu conseguir aquilo que almejava. Era da condição humana sempre querer mais. Dito isso, o que eu tinha naquele momento era bom demais.

CAPÍTULO 12

Mais uma vez, havia pessoas discutindo quando acordei. Só que, desta vez, não havia gritos. Sussurros acalorados eram trocados acima da minha cabeça.

– Por que a minha irmã está dormindo em cima de você? – Lizzy perguntou.

– Porque sou o namorado dela – Mal respondeu. – Quem é você? Anne não me contou que tinha uma irmã.

– Não contou?

– Não. E quantas pessoas têm a porra da chave deste apartamento, caramba? A gente se esquece de passar a trava na porta e é como se isto fosse uma cidade aberta ao público.

– Com Skye fora de cena, só eu e Lauren, que eu saiba.

– Não repita esse nome. Ela fica triste quando ele é pronunciado. Os olhos dela ficam todos tristonhos, e isso acaba comigo.

– O quê, "Skye"?

– É – ele grunhiu.

– Tudo bem, tudo bem. – Uma pausa. – Você é bem gostoso, sabia?

Um grunhido desinteressado.

– Não estou dando em cima de você, idiota. Ela é minha irmã e esta é minha voz cheia de suspeitas. Não o conheço de algum lugar? O seu rosto me parece familiar...

Os dedos ligados à enorme mão que segurava minha nádega se apertaram. O que ela estava fazendo ali, eu não tinha a mínima ideia. Mas se eu gostava? Sim. Gostava, sim. Eu estava dormindo em uma cama formada por Mal. Pense no paraíso. Não me lembrava de ter adormecido. Obviamente, aconteceu no meio do filme de terror porque ainda estávamos no sofá de veludo da sala de estar. Minha irmã estava ali, portanto devia ser manhã de domingo, o dia em que cumpríamos o nosso dever de ligar para mamãe. Sempre fazíamos aquela tarefa desagradável juntas.

Eu não queria me mexer. Não até lá pela quarta-feira, no mínimo. Eu estava levemente de ressaca, mas, mais do que isso, eu não queria me afastar de Mal.

– Que diabos você fez com ela? Os lábios estão todos inchados e machucados.

– Estão? – O corpo de Mal se mexeu debaixo do meu quando ele, provavelmente, levantou a cabeça para conferir o estrago. – Merda. Hum, pois é... Ela está meio machucada, não está? Mas como é que eu ia saber se ela gostava de mordidas ou não sem tentar?

– Ela não gosta – respondeu Lizzy. – Ou, pelo menos, eu acho que não gosta. Anne nunca me pareceu do tipo que gostava de morder. Ela é mais... contida.

– Contida? – Mal deu uma risada de leve. – Uhum. Por que não vai dar uma olhada na cama dela, e depois me diz o quanto ela é contida?

Passos foram seguidos por um arquejo.

– Cacete! Que B.O.

– Meu moranguinho é um animal quando começa a se animar.

– Você a chama de moranguinho? – A voz da minha irmã estava tomada de surpresa. – E ela atende?

– Bem, ela finge que detesta. Mas, bem lá no fundo, eu sei que ela adora. O rosto dela fica todo relaxado e coisa e tal.

Ah, meu Deus, já era o bastante. Eu basicamente educara aquela menina; ela não precisava ficar ouvindo esse tipo de coisa. Qualquer autoridade que um dia tive sobre ela viraria pó. Entreabri um olho.

– Calado, Mal.

– Sou seu criado para todo o sempre.

– Que horas são? – perguntei quando um bocejo quase partiu minha mandíbula ao meio.

– Mal? Ela te chamou de Mal? – Lizzy perguntou, aproximando-se de nós. Minha irmã e eu não éramos muito parecidas. O cabelo dela estava muito mais para um tom de caramelo, enquanto o meu chegava mais no de cenoura. As feições dela eram mais delicadas do que as minhas, embora nós duas tivéssemos a linha firme do queixo de mamãe. – Não. Pode. Ser.

Rá. Aquilo seria divertido.

– Por mais estranho que possa parecer, pode ser – eu disse, com um tom de voz um tantinho presunçoso. – Mal, está é a minha irmãzinha, Lizzy. Lizzy, este é Malcolm Ericson. – Minha irmã nunca foi uma fã tão ardorosa do Stage Dive quanto eu. Isso, porém, não a impediria de dar uma de fã desvairada.

Conforme imaginado, Lizzy gritou como uma lunática. Tanto Mal quanto eu fizemos uma careta, nos retraindo.

– Ai, meu Deus, Anne te ama! Ela tinha uma parede inteira do quarto dedicada a você!

– Não! – Merda, como foi que não pensei nisso? O medo me engasgou. Alguém tinha que derrubar a minha irmã agora. Segurá-la e prendê-la no guarda-roupa. Isso era absolutamente necessário para o bem dela, mas, principalmente,

para o meu. Tentei avançar na direção dela, mas braços fortes me prenderam. – Lizzy, fique calada. Por favor, não diga nada. Ele não precisa saber disso.

– Conte mais, Lizzy – pediu Mal. – Uma parede inteira, você disse? Que fascinante. Definitivamente, preciso saber mais.

– Não precisa, não.

– Quieta, Anne. Estou prestando atenção.

Meus braços não eram longos o bastante para cobrir a boca de Lizzy. Tive que me contentar com os ouvidos do Mal. Lutei com ele, mas ele se livrou das minhas mãos com muita facilidade, o espertinho.

– Ela costumava escrever o seu nome na coxa com caneta permanente – relatou a traidora. Era oficial: Lizzy não prestava. Havia grandes chances de logo eu me tornar filha única, caso ela continuasse falando. Visto que mamãe raramente percebia que tinha filhas, a perda não seria debilitante a longo prazo.

– Isso é mentira! – exclamei, começando a suar frio.

– Ela escrevia na parte interna da coxa? Aposto que sim, a atrevidinha. – Mal segurou meus pulsos contra seu peito. Uma maneira eficaz de impedir que eu batesse nele até não poder mais. – Ela desenhava coraçõezinhos com flechas também?

– Não sei. – Minha amada irmã se acomodou na poltrona, cruzando as pernas. – Mas treinava a assinatura dela como Anne Ericson o tempo todo.

– Estou emocionado por você ter adotado meu sobrenome, moranguinho. – Mal tentou acarinhar meus punhos. – Sério, isso foi incrível da sua parte. Significa tudo para mim. A minha família vai amá-la.

– Lá-lá-lá-lá – cantarolei a plenos pulmões, abafando as vozes deles o melhor que pude.

– E ela assistia aos vídeos dos shows do Stage Dive sem parar. Exceto aquele em que você beijou uma garota. – Lizzy estalou os dedos, o rosto tenso em concentração. – “Últimos Dias de Amor”, isso mesmo. Ela simplesmente se recusava a assisti-lo, até saía da sala se ele estivesse passando.

Debaixo de mim, o corpo de Mal estremeceu, porque ele estava gargalhando sem controle algum. O homem estava histérico. Até seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas, o idiota. Uma mão grande se curvou atrás da minha cabeça, pressionando meu rosto ao encontro do pescoço dele.

– Ah, Anne. Você ficou com ciúme?

– Não. – Sim. Com um ciúme enorme e doentio. Aquele beijo devastara minha alma adolescente e me fez ouvir canções tristes por quase um ano.

– Minha pobre menina...

– Cale a boca.

– Não tive a intenção de beijá-la. A minha boca escorregou – ele disse,

tentando ser franco e fracassando por completo. – Juro que estava tentando me manter puro para você. Diga que acredita em mim, por favor.

Chamei-o por um nome obsceno.

Ele riu ainda mais, fazendo o sofá inteiro tremer.

Já que ele parecia não querer me soltar tão cedo, escondi o rosto na curva do seu pescoço, conforme fui convidada a fazer antes. Eu odiava todos os ali presentes. Odiava com todas as minhas forças. Fiquei tentada a mordê-lo, mas ele muito provavelmente apreciaria. Na festa da noite anterior, ele bem que passara boa parte do tempo mordiscando meus lábios e queixo depois de me encurralar uma vez mais. Sua cruzada de beijos quase representou a minha ruína, mas foi preciso que a minha irmã realizasse o verdadeiro estrago, o meu próprio sangue!

Agora Mal sabia de tudo. Eu estava condenada.

– Lizzy, seja boazinha e pegue uma caneta para mim – disse Mal. – Preciso escrever o nome da sua irmã no meu bilau, agora mesmo.

Verdade seja dita, tentei não rir. Tentei muito.

– Que tal se, em vez disso, eu for fazer café? – Lizzy se pôs de pé. – Sabe que, normalmente, a esta hora eu já preparei o café dela. Todos os domingos às dez da manhã em ponto. Você é uma má influência para ela, Mal.

– Deixa eu ir me vestir que eu levo vocês duas para comer fora. – Ele alisou as minhas costas com a mão. – Não posso permitir que a minha futura cunhada já fique brava comigo.

– Você não vai ser perturbado? – Lizzy gritou da cozinha.

– As pessoas normalmente têm sido legais quando estamos por aqui. Mas vou colocar um boné e óculos escuros. E eu chamo os seguranças se for preciso.

– Por que não preparo eu mesma alguma coisa? Já deve ser a minha vez de cozinhar – disse Lizzy. O bater de panelas e a água corrente acompanharam sua declaração. Talvez, no fim das contas, a minha irmã não fosse tão ruim assim.

– Obrigada – agradeci.

– Entãããão... – Mal me deu um beijo no topo da cabeça. – Você não estava só um pouquinho a fim de mim. Você é a minha maior fã. Você me ama.

– Não te amo.

– Ama pra caramba. – Ele me deu um aperto. – Sou o seu tudo. Sem mim, você estaria perdida.

Ainda bem que, dessa vez, quando saí de cima dele, ele não tentou me segurar. Abaixei minha velha camiseta e ajeitei meu cabelo desgrenhado, recompondo-me.

– Foi só um caso de paixonite adolescente sem fundamento. Não deixe que isso suba à sua cabeça já inflada.

– A grande ou a pequena?

Gemi.

Mal só continuou deitado, os dedos apoiados sobre o peito nu. Ficou me olhando sem fazer comentários. Aqueles olhos enxergavam longe. Depois de um instante, ele se sentou, os pés batendo no chão. Ele bocejou e se espreguiçou, estalando o pescoço.

– Sabe, esse é o primeiro sono decente que consigo em décadas.

– Comigo desmaiada em cima de você? Isso não pode ter sido confortável.

As olheiras dele haviam sumido e ele parecia mais relaxado, esticando os membros longos. Ainda assim, ele esfregou os músculos da nuca.

– Não, sem problemas. Vai saber. Acho que, daqui por diante, é melhor a gente dormir no sofá.

– A minha cama está quebrada.

Ele afastou o cabelo e me deu um sorriso.

– Tem tido problemas para dormir? – perguntei.

– Um pouco, acho.

– Tem algo te preocupando?

– Não sei. Não é nada. – Ele evitou o meu olhar.

– É alguma coisa. – Aquele era a primeiro indício verdadeiro que ele me dava. Ou indício vago que ele me dava. Tanto faz, eu precisava aproveitar. – O que tá acontecendo? O que você tem? Às vezes, olho para você e você me parece tão...

– O quê? Eu pareço o quê?

– Triste.

O rosto dele ficou impassível, as mãos se apoiando nos quadris. A tensão irradiava de seu corpo como um campo de força.

– Não tem nada acontecendo. Eu disse que isso não estava aberto para discussão.

– Desculpe. Eu só pensei que, talvez, você quisesse conversar a respeito.

– Não estar aberto à discussão significa que não quero falar sobre isso. Entendeu? – A voz dele endureceu e ele a usou como uma arma. Como esperado, ela feriu.

– Ok – eu disse baixinho.

A raiva afinou seus lábios.

– Sabe, Anne, você devia ser a última pessoa a forçar a barra nessa porra. Nós tínhamos um combinado, um acordo.

Ah, não, ele não disse isso. Ergui o queixo.

– Realmente, coisa que você obedeceu muito bem.

– Que porra isso quer dizer?

– Fui à festa. Fiz a minha parte.

– E daí?

– E você passou a noite tentando provar que é o maior amante do mundo ou algo assim. Em alguns daqueles beijos nem tinha ninguém por perto, Mal. Eles só serviram para você querer provar que é o tal porque resolveu fazer isso.

– Eles significaram mais do que isso. – Um músculo saltou da mandíbula dele. Foi impressionante e um pouco assustador. Mas ele que fosse ao inferno.

– Significaram?

– Claro que sim, porra.

Fiquei encarando-o, um pouco surpresa.

– Ok. Não percebi isso. Mas não arranque a minha cabeça por ultrapassar alguns limites por estar preocupada com você. Também não gosto de vê-lo triste.

– Droga – ele praguejou e o rosto ficou imóvel. Cruzou as mãos atrás da cabeça, murmurando alguns xingamentos. Depois soltou o ar lentamente, sem desviar o olhar de mim. O humor dele se alterou, a raiva evaporando no ar. Muito gentilmente, ele esticou a mão e resvalou meu lábio inchado. – Parece estar sensível.

– Está tudo bem. – Minha voz titubeou.

– Exagerei. Desculpe.

Murchei. A raiva saiu de dentro de mim. Os olhos dele estavam tristes novamente e, desta vez, por minha causa. Eu não tinha defesas contra isso.

– Se o pior que me acontecer é você achar engraçado me beijar e mentir para as pessoas sobre eu estar grávida, a minha vida, provavelmente, vai ser ótima.

Faltava comprometimento no sorriso dele, que surgiu e desapareceu num instante.

– Mal, se um dia quiser conversar comigo, eu estou aqui. – Eu deveria ter ficado de boca fechada, mas continuei: – Está tudo bem.

Ele desviou o olhar.

– Para ser bem franca, também não sou muito de me abrir. – As minhas mãos se fecharam e se abriram, e depois de novo, como para enfatizar essa questão. Por mais embaraçoso que fosse, eu detestava me sentir impotente. Por que ele simplesmente não me contava o que estava acontecendo para eu tentar consertar o que estava errado?

– Podemos parar de falar sobre isso agora? – ele perguntou para a parede.

– Claro.

– Obrigado. – Ele esticou a mão, ajeitou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Depois a mão foi para trás da minha nuca e me arrastou para junto dele. Maldição, como o cheiro dele era bom. Fiquei tonta. Talvez também houvesse um pouco de alívio com o fim da discussão. Difícil precisar o real motivo. Com a bochecha pressionada no peito de Mal, meu cérebro não funcionava direito.

Passei os braços ao redor da cintura dele, segurando firme só para o caso de ele mudar de ideia e me desgrudar dele.

– Essa foi a nossa primeira briga – ele murmurou.

– É. E eu ganhei.

– Não ganhou, não.

– Ganhei, sim.

– Pfff... Ok. – Seus braços me apertaram mais. – Vou deixar você ganhar essa. Mas só porque está sendo infantil.

– Obrigada.

Ele respirou fundo.

– Não quero mais brigar.

– Também não – concordei do fundo do coração.

– Já posso sair? – Lizzy perguntou, espiando da porta da cozinha. Ela deu uma olhada de cima a baixo em Mal, mas quando percebeu o que estava fazendo, desviou o olhar. Não a culpei, mas também não gostei. Caramba, agora eu estava ficando com ciúme da minha irmã. Ridículo, ainda mais levando em consideração o exército de mulheres atrás dele. Se eu pretendia ficar perto de um astro do rock, eu precisava me acostumar com isso.

– A sua irmã e eu temos que transar para fazer as pazes agora. Isso é muito importante para um relacionamento duradouro. – Mal começou a me forçar para o outro quarto junto com ele. – Mas fique à vontade, tome o seu café da manhã e tenha um bom dia. Pode deixar a louça, cuido dela depois. Foi legal conhecê-la, Lizzy.

– Mal, você está me estrangulando. – Ou, pelo menos, tentei dizer isso. Com meu rosto pressionado contra o peito dele, só o que saiu foi um grunhido. A maioria das minhas palavras saiu ininteligível.

– O que disse? – Ele afrouxou seu abraço de polvo o suficiente para que conseguisse respirar. Ufa, oxigênio, meu bom e velho amigo.

– Por que não vai se trocar? Vou ajudar Lizzy com o café da manhã – sugeri.

Lizzy nos observava com os olhos saltando do crânio. Era bem compreensível. Aparentemente, estávamos num universo alternativo no qual Mal Ericson não desgrudava de mim tal qual uma alergia. Incrível. Simplesmente de tirar o fôlego. Eu precisava aproveitar ao máximo antes que ele partisse para a turnê. Encher-me de lembranças.

– Você é a pior de todas as namoradas que já tive. – Ele fez beiço. Aquilo não deveria ser charmoso. Mas claro que era.

– Sou?

– Sim. A pior de todas.

– Sou a única namorada que você teve. – De mentira ou não, isso era verdade.

– Bem, é mesmo. – Ele segurou meu rosto e o cobriu de beijos. Em todos os lugares, exceto meus pobres lábios. Não sei ao certo o que fiz para merecer tamanho sinal de afeto, mas fiquei profundamente grata do mesmo modo. Meu coração se revirou, cedeu à luta. Eu tinha esperanças de que as minhas calcinhas fossem feitas de um material mais resistente. No entanto, considerando a noite anterior, eu duvidava muito disso.

– Estamos bem? – ele perguntou, resvalando os lábios na minha bochecha.

– Estamos ótimos.

– Ok.

– Roupas, Mal.

Ele riu e seguiu para o quarto extra, chutando a porta com um passo de dança falso de Fred Astaire. O homem era cheio de classe nas suas cuecas samba-canção justas.

– Nunca te vi sorrir assim. – Lizzy se apoiou contra a porta da cozinha, observando. – Você está parecendo chapada.

– Rá. Bem, é, ele surte esse efeito.

Ela estava com a sua expressão resguardada. Eu raramente gostava do que quer que ela dissesse quando ela estava com a boca firme daquele jeito. Sendo a irmã mais velha, isso não acontecia com frequência. Mas, quando acontecia, nunca era bom.

– Eu, hum... não quis ouvir a conversa, mas é que o seu apartamento é bem pequeno.

– Por favor, não pergunte nada.

– Só uma perguntinha.

Não concordei com nada.

– O que quer que esteja acontecendo entre vocês, esse acordo que vocês têm, ele não vai acabar magoando você, Anne?

Pendi a cabeça, raspei a sola do pé no chão. A minha irmã e eu não mentíamos uma para a outra. Essa era a regra. Uma a que nos atínhamos sem exceções. Pouco importando a situação de mamãe, Lizzy e eu sempre fomos sinceras uma com a outra.

– Eu não sei.

– Acha que vale a pena?

– Desse jeito são duas perguntas – respondi com um sorrisinho.

– Considere um presente de Natal antecipado.

– Ele é demais, Lizzy. Maravilhoso. Nunca conheci ninguém como ele.

Ela assentiu lentamente, bateu uma mão na outra, como se as limpasse, depois as apertou. Mais traços nervosos que herdamos da nossa mãe viciada.

– É como se ele tivesse te trazido de volta. Sair de casa ajudou, mas... Parece

que ele te reencontrou.

– Me reencontrou? Sempre estive aqui, Lizzy.

– Não, faz tempo que você está ausente.

Fixei o olhar no chão, sem palavras.

– Então, pensei que fosse convidar Reece para ficar com a gente hoje.

Abri a boca em sinal de surpresa. Sempre havia uma primeira vez para tudo.

– Droga. Eu falei que ligaria para ele. Esqueci!

– Pobre Reece. Sabe, acho que isso vai fazer bem para o caráter dele. – Lizzy sorriu com malícia e parou, cheirando o ar. – O bacon está queimando!

Corremos para a cozinha a tempo de ver a fumaça subindo da panela e tiras de bacon pretas que cozinharam para nada. Que desperdício. Desliguei a chama e despejei os restos da comida na lata de lixo. Normalmente, a geladeira estaria cheia para o nosso *brunch* dominical. Mas estive ocupada durante aquela semana.

– Tudo bem, a gente come torrada.

– Desculpe.

– Vocês duas vão assistir ao ensaio da banda, não vão? Os rapazes não vão se importar. – Mal entrou na cozinha, ainda subindo o zíper de um agasalho com capuz. Aqueles jeans ficavam perfeitos nele... E eu ainda estava com minha elegante roupa de dormir, sem nem ter lavado o rosto, além do que só podia ser considerado cabelo ensebado. Ele espiou a bagunça da panela queimada. – Deixa eu adivinhar. No fim das contas, vou levar vocês para tomar café da manhã?

– Não, nós vamos comer torradas. Vocês têm ensaio hoje depois da festa? – perguntei. A alegria da noite anterior perdurara até de madrugada. – Isso que é dedicação.

– Só temos mais quatro dias até o início da temporada. O tempo está passando... – Mal fez uma pausa. – E nós vamos sair. Não pode esperar que eu viva de pão e água. Mulher, seu homem tem que se alimentar bem.

Fiz o que pude para não ficar toda mole com as palavras “seu homem”, com isso recuando o movimento feminista em cinquenta anos.

– Tudo bem. Só preciso de uma chuveirada antes.

– Boa ideia. Eu lavo as suas costas – ele disse, me seguindo até a sala de estar.

– Por que não faz companhia para Lizzy?

– Por que não te faço companhia? – O volume da voz dele abaixou. – Eu posso limpar aquele seu lugar especial com a minha língua. Prometo fazer direitinho.

– Uau. Quanta gentileza sua. – Ai, caramba. Segurei a maçaneta do banheiro como apoio. – Duas palavras para você, Mal: atração, fatal.

O sorriso dele ficou ainda mais amplo ao descartar as minhas preocupações.

– Ei, eu nem tenho um coelho. E, vamos enfrentar os fatos, você não é forte assim, moranguinho. Eu conseguiria desarmá-la com facilidade, caso fosse preciso. Temos nos dado tão bem. Vamos, vai ser divertido!

– Aff! Para! – gritei num murmúrio para ele. – Não consigo saber quando você está falando sério ou não. Você está confundindo a minha cabeça.

Ele se inclinou para baixo, aproximando-se.

– Olhe pra mim. Estou falando totalmente sério. Hoje você não está bêbada, Anne, sabe o que está fazendo, e eu estou com vontade de transar. Vamos renegociar. Este acordo já não está funcionando para mim. Quero meu advogado!

– Ah, cê tá com vontade de transar?

– Ué, estou. Não estou acostumado a passar mais do que um ou dois dias sem transar. Estou ficando agitado. – Deu uns passinhos no lugar para demonstrar. – Não gosto disso. Vamos, Anne. Ajude um amigo. Vai ser bom.

– Puxa vida, este é o momento mais romântico que já vivi. Estou praticamente sentindo minhas pernas se abrindo para você agora.

– Mas o que você quer, alguma babaquice sobre amor?

– Não. – *Mas talvez* algo terrível sussurrou bem dentro de mim. E essa coisa precisava se calar.

– Quer uma canção? Sem problemas. Vou pedir para o Davie te escrever uma mais tarde. – Ele apoiou uma mão em cada batente da porta do banheiro. – Sei que você queria ontem à noite. Mas eu queria que você estivesse sóbria. Agora você está. Eu quero você. Você me quer. Vamos transar.

Meu coração disparou, mas eu me forcei a ficar calma.

– Você tem razão, eu te desejei ontem. Ainda desejo. Mas agora não é a hora, Mal. A minha irmã está aqui.

– Eu faço rapidinho. – As sobrancelhas dele se uniram. – Espere, não foi isso o que eu quis dizer. Vou ser rápido, mas vai ser uma delícia. Anne, você pode desprezar o meu beijo, mas estou te garantindo agora, as minhas habilidades de sexo oral vão além de qualquer expectativa. Sei tudo sobre essa região daí de baixo. Deixa eu te mostrar, por favorzinho?

– Mal... – Eu não sabia o que dizer quando ele me lançava aquele olhar suplicante. Ele me fazia pular de emoção em emoção tão rápido quanto ele mudava de humor. Raiva, excitação e diversão, tudo se misturava em uma única sensação. – Lizzy está ali na cozinha. Ela consegue ouvir tudo o que estamos dizendo.

– Fechamos a porta do banheiro, ligamos o chuveiro. Com a água corrente, ela não vai ouvir nada.

– Deus, você me confunde. Acho que a minha cabeça não parou de girar desde

que você passou por aquela porta.

– Você pode ficar confusa mais tarde. Mas vem gozar na minha cara, por favor?

Foi nessa hora que acho que comecei a arfar. A excitação definitivamente estava ganhando a corrida. Por sorte, a minha blusa folgada escondia boa parte das evidências dos meus mamilos duros. Empurrei-o com uma mão enquanto ainda tinha forças.

– Falamos sobre isso mais tarde, quando estivermos sozinhos. Vá fazer amizade com a sua suposta futura cunhada. Por favor.

– Tudo bem. – Todo o seu corpo se curvou. – Mas você não sabe o que está perdendo.

– Não duvido.

– Mais tarde, talvez eu nem esteja mais com vontade, Anne. Você pode acabar ficando na mão e pronto, a sua vida estará arruinada.

– Considero-me devidamente avisada.

– Última chance. – Ele rolou a grande língua rosada para fora como um cachorro. Ainda que talvez soasse ofensivo aos cachorros. Era bem possível que os caninos fossem mais discretos.

– Ziu? Elha é beim complida.

– Pode, por favor, guardar essa língua? – Eu gargalhei.

Em vez disso, ele segurou a parte posterior da minha cabeça, me arrastou para perto dele e lambeu a lateral do meu rosto. Fiquei estática ante o ataque.

– Você não fez isso...

– É uma demonstração de afeto. Você acha que eu fico salivando em qualquer uma?

– Você... Eu... Sei lá!

– Existem mulheres que matariam para que eu lambesse o rosto delas. Você sequer demonstra gratidão pela sorte de agora estar coberta com a minha saliva. Pode me lamber. Agora. – Ele apontou para a mandíbula, exigente. – Anne, faça isso. Faça isso agora, mulher, antes que eu me ofenda.

Deu uma risadinha, meu corpo inteiro entrando no jogo, que estava começando a ficar perigoso.

– Preciso usar o banheiro. Vá embora. Pare de me fazer rir.

– Eu gosto de te fazer rir.

– Hum, bem, fazer xixi nas calças não seria tão legal assim. Vai lá.

– Espere. – Ele segurou meu pulso, a voz se acalmou. O modo com o qual ele conseguia passar da patetice para a tranquilidade num instante era algo incrível. – Um: isso foi informação demais. Dois: você e a Lizzy vêm para o ensaio comigo?

– Tem certeza que tudo bem?

– Tenho.

– Então, a gente ia adorar ir com você. – Assenti. Aquele tinha que ser o momento mais insanamente perfeito de todos. Eu com a bexiga e o coração cheios ao mesmo tempo. – Só temos que dar um telefonema antes, depois podemos ir.

– Que bom. Três: admita que mentiu sobre não gostar dos meus beijos ontem à noite. – Seu olhar me prendeu.

Não havia mais por que continuar negando. Eu gostava dele, tanto que isso chegava a doer. No minuto que o tivesse sozinho só para mim, aquilo seria revelado. Os dedos dele ainda seguravam meu pulso quando espalmei o queixo dele. O arranhar da barba crescida contra a minha palma e o calor da pele dele eram divinos. Mas não era o bastante. Eu precisava dar algo em troca. Alguma pequena parte da alegria louca, confusa e ardente que ele me dava. Ele ficou perfeitamente imóvel enquanto eu me aproximava e depositava um beijo cauteloso no rosto.

– Você tem razão, eu menti.

As linhas de tensão ao redor da boca dele diminuíram.

– Mentiu.

– Sim. Sinto muito. Você só me desarmou completamente e... bem, você é o melhor.

Ele socou o ar com os punhos.

– Eu sabia! Sou o melhor.

Uma simples declaração da verdade, mas que iluminou os olhos dele assim mesmo.

– Obrigado, moranguinho.

O sorriso dele... me emudeceu.

CAPÍTULO 13

Ligamos para mamãe do meu quarto, empoleiradas na ponta do meu colchão afundado. Mal se ocupou em ver TV com uma caneca de café na mão.

Assenti para Lizzy, que pegou o celular dela, selecionou um contato e ajustou a ligação para o viva-voz. Depois segurou o aparelho entre nós. Minha pele formigou. O ar pareceu frio e quente ao mesmo tempo. Droga, eu odiava aquilo. Odiava com paixão. Mas na minha mente, mamãe estava tão misturada com raiva e frustração que não conseguia dissociá-la das minhas emoções. Um dia, isso não seria assim.

– Oi, mãe – Lizzy a cumprimentou, soando feliz como um raio de sol engarrafado. Ela já perdoara mamãe. Eu ainda tinha que chegar lá.

– Olá, meninas. Como vocês estão? – Só o som da voz dela trazia tudo à tona. Sentar-me no escuro com ela, pedindo e implorando para que comesse mais uma garfada, para que saísse da cama e, quem sabe, tomasse uma chuveirada, agisse como um ser humano. Que começasse a agir como adulta e cuidasse das filhas para que eu pudesse voltar a ser criança.

– Estamos ótimas, mãe – eu disse, esforçando-me para demonstrar normalidade. – Como você está?

– Bem. O trabalho vai bem.

Assenti como se ela conseguisse me ver, aliviada por ela estar firme num trabalho, sendo responsável pelas próprias finanças. Isso era bom. Por anos, fiz o que pude com o que restara na poupança, e depois com aquilo que papai achava que precisava mandar.

– Estou indo bem na faculdade – Lizzy passou o aparelho para a outra mão, discorrendo sobre o curso por um tempo. Em seguida, passou o braço à minha volta e começou a esfregar minhas costas. Um gesto gentil, mas, para falar a verdade, ser tocada naquela hora não ajudava.

Minha irmã era excelente naquelas conversas. Ela conseguia tagarelar por uns bons dez minutos. E, sério, dez minutos era bastante coisa num telefonema semanal para casa, certo?

– E quanto a você, Anne? – ela perguntou depois que Lizzy se cansou.

– Estou bem.

– Anne está namorando – Lizzy informou.

Lancei um olhar para ela.

– Não é nada sério.

– Ele é ótimo, mãe. Tão ligado nela, dá pra ver nos olhos dele.

– Ah... – disse mamãe, seguindo-se um momento de silêncio. – Você está tomando cuidado, não está, Anne?

Isso podia significar tantas coisas, mas eu sabia exatamente ao que minha mãe se referia. Eu teria esquecido que os homens são o inimigo? Ora, veja o que o seu pai fez ao nos deixar! Engraçado que a lição que aprendi na minha adolescência não foi que os homens eram malignos, e pouco importava a intenção de mamãe.

– Sim, mãe. – Passei meu cabelo recém-escovado para trás da orelha e me sentei mais ereta. – Está tudo bem.

Mamãe emitiu um pequeno suspiro.

– Que bom. Eu não gostaria que...

– Na verdade, ele está nos esperando para tomar café da manhã, mãe. Então, é melhor a gente desligar.

– Tudo bem, eu só queria perguntar se vocês talvez gostariam de vir para cá no Dia de Ação de Graças. – A voz dela soou esperançosa, suplicante. – Seria muito bom ver vocês duas.

– No Dia de Ação de Graças? – Lizzy perguntou, como se nunca tivesse ouvido falar na data. – Bem, nós vamos pensar... Sim, claro.

Até parece.

– Acho que não consigo folga no trabalho, mãe – eu disse. – Desculpe.

Mamãe emitiu um som triste e o coração que eu endurecera para ela há muito tempo fez uma pausa. Havia uma pontada de remorso, mas não o bastante para me fazer voltar para lá. Nem de longe o bastante para tal. Agora eu era dona da minha própria vida.

– Mas, Anne, você nunca descansa – ela argumentou. – Isso não pode ser bom para você.

– Reece depende de mim, mãe.

– Por certo você tem direito a alguns feriados. Tem certeza de que ele não está tirando vantagem de você?

Só fiquei olhando para o aparelho.

– Ai, caramba, mãe – disse Lizzy. – A bateria está pra acabar. Sinto muito.

– Você sempre se esquece de carregar.

– Eu sei. Olha só, a gente te ama. Foi ótimo falar com você. Conversamos de novo na semana que vem.

– Está bem. Cuidem-se, meninas.

– Tchau – exclamou Lizzy, dando prosseguimento ao teatro.

Eu apenas articulei a palavra. Para ser bem franca, era o máximo que eu conseguia fazer. Ainda bem que conseguimos passar por aquilo mais uma semana.

Lizzy encerrou a ligação, a mão esfregando minhas costas de cima para baixo de uma maneira um tanto quanto frenétic, como se eu precisasse de cuidados. Fui eu quem se sentou com ela para explicar o que era menstruação. Ah, e sexo também. Eu verificava as tarefas dela, garantindo que ela entregasse os trabalhos no prazo. Eu conseguia me controlar. Então, eu ainda não tinha superado aquela questão com mamãe... Um dia eu chegaria lá.

– Não vamos para casa – ela anunciou.

– Nem pensar. – Voltei a ficar de pé, alisei meu vestido de lã cinza e ajeitei as meias finas. Abri a porta do quarto. Mal estava na poltrona, olhando para a TV.

– Ei, prontas para ir? – ele perguntou.

– Sim, estamos.

Ele inclinou a cabeça.

– O que foi, moranguinho?

Forcei um sorriso, andando na direção de Mal. Ele fazia com que eu quisesse sorrir. Não era uma mentira completa. No entanto, a preocupação não sumiu do olhar dele.

Minha mãe não arruinaria aquilo para mim.

Eu me inclinei sobre ele, apoiando as mãos nas laterais do encosto da poltrona, aproximando-me.

– Oi.

– Oi – ele disse, segurando meus braços. Apesar da sensação de não querer ser tocada, algo se desfez dentro de mim com aquele contato. E com a proximidade dele.

– Preciso de um beijo.

– Ah, precisa, é? Então está com sorte. Para você, o meu estoque é ilimitado.

Deus, como ele era fofo...

Pressionei meus lábios nos dele, beijando-o de leve a princípio. A mão dele desceu pelo meu cabelo, apoiando minha cabeça. Em seguida, a língua escorregou para dentro da minha boca. Um calor, um resplendor, uma alegria me invadiram. Aquele homem... tinha magia. No mínimo, ele tinha uma língua mágica. E, na verdade, a vida não era isso? Não, tudo bem. Não tente acompanhar a minha lógica.

– Hummm. – Meu lugar feliz fora encontrado.

– Um esforço razoável – ele disse, esfregando os lábios. – Acho, no entanto,

que você se beneficiaria com um pouco de treino.

– Haha.

– Recebeu más notícias? – ele perguntou.

– Não. Minha mãe só mexe com a minha cabeça. – Pronto, que conste nos autos, eu me abri.

– É mesmo?

– É. Vamos comer. Não quero que se atrase para o ensaio.

Ele não foi tão facilmente distraído.

– Não fique com olhos tristes, Anne. Não suporto quando você está triste.

– Você melhora tudo.

– Cara, é claro que melhoro. Não me viu por aí recentemente? – Ele deu um amplo sorriso, e eu gargalhei. – Assim está melhor. Venha, vamos lá. Senão, vou continuar beijando você e não vamos a lugar algum a não ser para a cama.

CAPÍTULO 14

Chegamos dez minutos atrasados no ensaio da banda, e os ovos do café da manhã podiam levar a culpa. Mal se sentara de costas para o salão, com um boné enfiado na cabeça. Somente a garçonete o reconheceu e pediu, discretamente, pelo seu autógrafo. Ele lhe deu uma gorjeta generosa. Tenho quase certeza de que vi amor reluzindo no olhar dela quando saímos. Lizzy não devia estar muito atrás nesse sentimento. Por certo, ele se desdobrara com ela, fizera perguntas sobre os estudos e a vida de modo geral. Fora sincero em seu interesse, sentando-se para a frente no assento e ouvindo atentamente às respostas. Ela também se mostrara muito impressionada com o Jeep preto dele, equipado com todos os acessórios conhecidos pela humanidade.

Desconsiderando o SUV moderno, Mal Ericson era um homem merecedor de admiração. Meu coração e os meus hormônios o levavam muito a sério. Além da superfície, toda a minha precaução voava pelos ares. Ele me conquistara, e se a mão colada no meu joelho durante o café da manhã servia de prova, ele sabia disso. Por mais estranho que pudesse parecer, eu não conseguia me preocupar com isso.

Essa preocupação em relação a ele que se danasse. Com Mal sorrindo para mim, nada daquilo tinha relevância.

O Stage Dive ensaiava numa antiga construção próxima ao rio. Mal ativou seu modo profissional no minuto em que pisou no imenso espaço. A diferença era fascinante. Ele me deu um beijo rápido no rosto e depois prosseguiu para onde os rapazes o aguardavam. Um palco fora montado numa das pontas do espaço. Amplificadores e instrumentos ocupavam boa parte do chão. Cabos serpenteavam em todas as direções. Um punhado de fãs, ou de técnicos de som, ou sei lá o que eles eram, se apressavam de um lado para o outro.

Mal alongou os dedos e revirou os pulsos, aquecendo os músculos. Depois despiu a jaqueta e se sentou atrás da bateria, girando uma baqueta na mão. O homem, evidentemente, estava no seu território, a concentração era total. David e Ben mexiam em seus instrumentos, ligando cabos e afinando as cordas. O mais interessante era Jimmy, que estava fazendo flexões. Muitas flexões. Em seguida,

ele se pôs de pé e gesticulou para que os rapazes se juntassem ao redor da bateria de Mal.

Lizzy e eu nos aproximamos de Ev e de Lena, sentadas em caixas de estoque próximas à parede dos fundos.

– Olá, fãs e frequentadoras habituais do Stage Dive. Como foi a manhã de domingo? – Ev perguntou, sentada sobre as mãos, as pernas balançando.

– Boa. – Retribuí os sorrisos dela e de Lena como um cumprimento. – Como está se sentindo, senhora Ferris?

– Estou me sentindo muito, muito casada, obrigada por perguntar. Como você e Mal estão indo?

– Hum, bem. Muito bem. – Tudo estava bem. Estacionei a bunda na ponta da caixa. – Esta é a minha irmã, Lizzy. Ela frequenta a PSU[1]. Lizzy, esta é Ev, esposa de David, e Lena... – Fiquei sem saber o que dizer.

– Assistente de Jimmy. Olá. – Lena a cumprimentou com o queixo.

– Olá. – Lizzy acenou.

– Prazer em conhecê-la – disse Ev. – Anne, rapidinho, antes que eles comecem a tocar. Conte-me a sua história com Mal. Ainda não fiquei sabendo como, exatamente, vocês acabaram juntos. Mas Lauren disse que ele, basicamente, invadiu o seu apartamento.

Minha mente ficou confusa. Na minha próxima vida, eu, com certeza, me estressaria menos e me prepararia mais.

– Hum... bem... nós nos conhecemos naquela noite em sua casa e nos demos bem.

Lizzy me lançou um olhar demorado, que eu ignorei.

– Só isso? – Ev perguntou, a expressão mostrando sua incredulidade.

– É. Basicamente isso – respondi.

Ela não pareceu satisfeita.

– O que é isso, Ev, um interrogatório? – Gargalhei.

– Sim, é um interrogatório – disse Ev com um sorriso esperançoso. – Dê-me informações, por favor?

– Ele é maravilhoso e sim, meio que se mudou de repente para a minha casa. Mas adoro que ele esteja lá comigo. Ele é incrível, sabe? – Deus, desejei que aquilo bastasse. Definitivamente, era hora de mudar o rumo da conversa. – Então, me diga, por que você ainda está trabalhando no café?

– *Touché*! – ela disse. – É complicado. Eu devia dinheiro aos meus pais, e era importante que eles me vissem ganhá-lo em vez de simplesmente recebê-lo do meu gostoso e rico marido. As coisas se acalmaram no aspecto familiar, e agora estou seguindo para outros projetos. Sempre achei engraçado como as pessoas reagem ao fato de eu trabalhar. Como se eu devesse ficar em casa, gastando o

dinheiro de David, sendo a sua esposa troféu. Até parece. Eu ficaria entediada em dois minutos.

Ev balançou a cabeça.

– Não estou dizendo que foi tranquilo. Tivemos que emitir uns mandatos de restrição contra uma fã doida e um fotógrafo cretino. Por um tempo, Sam, o segurança, ficou comigo no trabalho. Não gostei, mas é assim que funciona. Depois que deixei de fazer qualquer coisa que fosse interessante, os *paparazzi* desistiram. Qualquer um que me incomodasse na loja era expulso. Não estou dizendo que foi fácil, mas tenho o direito de ter a minha própria vida.

– Sim – concordei. – Tem mesmo.

– Você vai acabar descobrindo isso por si mesma. Namorar um desses caras é uma tremenda dor de cabeça, mas eles valem a pena. Agora, vamos voltar para você. Mal, de repente, está morando com você. Nunca o vi com a mesma garota duas vezes. Não pensei que fosse possível. – Fez uma pausa, arregalando os olhos para mim para enfatizar essa informação. Dentro do peito, meu coração meio que estremeceu. O que aconteceria quando a novidade se desgastasse e Mal se cansasse de brincar de casinha comigo?

– Anne? Oi? Por favor, conte mais.

– Hum... – Fiquei tentada a sair dali, mas isso revelaria muito. – Ele é muito persuasivo. E... ele é Mal Ericson. Então, é isso. Como eu poderia dizer não?

Ela fez uma pausa.

– Essa é a sua história de amor? É a pior que já ouvi. E pensar que acabei de abrir o meu coração para você.

– Os olhos deles se encontraram em meio à sala lotada – Lena sugeriu, ocupada com seu celular.

– Foi amor à primeira vista? – Ev perguntou.

– Definitivamente. Não sentiu o chão tremer?

– Então, foi assim que aconteceu. Entendi. – Ev se aconchegou na sua jaqueta cinza. – Tudo bem, vou cuidar da minha vida agora. Só estou feliz por vocês dois estarem felizes.

– Obrigada – agradeci, ignorando o estado de tristeza contínua do meu coração. Eu só tinha que viver para o momento. Apreciar a companhia dele enquanto possível. Claro. Nenhum problema nisso.

Lizzy não se sentara comigo. Nesse meio-tempo, ficou de pé contemplando o palco, hipnotizada por alguma coisa. Ou por alguém. Para ser justa, era uma visão e tanto. O grupo tinha terminado de conversar e se separaram, dirigindo-se para as respectivas posições. Então, Mal fez a contagem e *bang!* A música explodiu, preenchendo a sala. Não era de admirar que Ev tivesse querido conversar antes que os rapazes começassem a tocar. A guitarra gritou e o baixo

retumbou, ecoando na minha caixa torácica. A bateria bateu, e eu senti o ritmo das batidas da música no compasso do meu coração. Em seguida, Jimmy começou a cantar. “Um sentimento indo e vindo, dez dedos quebrados, o nariz partido...”

Era uma canção antiga do álbum *San Pedro*, uma das minhas favoritas. Todos os pensamentos quanto ao que o futuro podia ou não reservar para mim e para Mal abandonaram minha mente. A música de Mal e a canção me possuíram, a fluidez dos movimentos dele e seu foco absoluto. Sua energia. O meu rosto doía de tanto sorrir, até eles chegarem ao refrão. No final, nós quatro nos pusemos de pé e começamos a aplaudir. Jimmy sorriu com suavidade e se curvou. Um grupo de pessoas que estava do lado oposto do palco se virou e nos lançou olhares nocivos. Não entendi qual era o problema deles.

– Aquele é empresário deles, Adrian, e umas pessoas da gravadora – Ev explicou, a voz nem um pouco afetuosa. – Aqui vai um conselho, fique longe deles.

– Adrian é um idiota. – Lena voltou a se sentar sobre uma das caixas. – Mas é um empresário e tanto.

O homem em questão era de meia-idade, usava camisa social e uma corrente grossa de ouro no pescoço.

– Ele estava ontem à noite?

– Não. – Ev jogou o cabelo por cima dos ombros com raiva. – Adrian e eu não nos damos bem. Ele prefere que a banda se concentre na música em vez de desperdiçar tempo com relacionamentos pessoais.

– Como se você seduzir David não o tivesse inspirado na composição do último álbum – comentou Lena.

– Exato. Ele devia me agradecer – Ev deu uma gargalhada. – Se ele se meter com você, Anne, conte para Mal. Ele saberá lidar com o cara.

Quatro horas mais tarde, a banda enfim parou de tocar e entregou os equipamentos para os ajudantes. Minha garganta doía de tanto gritar e minhas mãos estavam vermelhas de tanto bater palmas. Que Deus me ajudasse se um dia eu chegasse a ir a um show. Houve algumas pausas enquanto eles faziam ajustes até aperfeiçoarem determinadas partes das canções. Também se reuniam apenas os quatro ou com um representante da gravadora. Brincavam com os efeitos sonoros com a ajuda dos rapazes da equipe técnica e seus painéis cheios de botões. Nós, meninas, dançamos e nos divertimos muito. Cada um dos integrantes da banda era extremamente talentoso.

Mas Mal e eu... Nós precisávamos voltar para o meu apartamento e terminar de destroçar a minha cama.

Seu cabelo estava escuro pelo suor e já fazia um tempo que ele despira a

camiseta.

– Divertiu-se?

– Sim, muito – disse com voz rouca.

– Está ficando sem voz? Achei mesmo que era você quem estava gritando. – Ele vestiu o agasalho.

– Ai, meu Deus, aquele é David Ferris? – Ev se colocou de pé sobre uma das caixas onde estivemos sentadas. O marido apenas sacudiu a cabeça e abriu os braços, os olhos brilhando de divertimento. Ela se lançou na direção dele, e sem nenhuma dificuldade, David a apanhou. As pernas dela o envolveram e suas bocas se fundiram.

– Vão logo para um quarto – grunhiu Ben.

Mal me entregou as baquetas.

– Uma lembrança do seu primeiro show do Stage Dive.

Alguém riu, mas não liguei. Segurei as baquetas junto ao peito.

– Vou guardá-las para sempre.

– Ela nos ouviu tocar ontem. – Jimmy ficou para trás do grupo, com os braços cruzados. Pelo visto, sua boa disposição desaparecera.

– Aquilo foi acústico – replicou Mal. – E não vou dar um par de escovinhas frágeis para o meu amor, vou? Apenas coisas em formato fálico, bem duras e compridas servem para uma garota com o apetite dela.

– Fiquei sabendo de vocês dois. – Com cuidado, David depositou sua esposa no chão, mantendo um braço ao redor dela.

A minha cabeça se virou.

– O quê?

– Opa! O que aconteceu? – Lena perguntou, as orelhas praticamente erguidas, bem ao estilo de um filhote de cachorrinho curioso.

– Eles quebraram a cama. – A expressão no rosto de Ev... Inferno, nós nunca nos livraríamos dessa história. – Consegue acreditar nisso?

– Claro que quebramos a cama. Eles têm sorte que não quebramos o maldito prédio – Mal anunciou com orgulho, curvando-se para um aplauso.

David meneou a cabeça.

– Vocês dois fazem algo de interessante e Lauren liga antes da porra do nascer do sol pra contar pra minha esposa. Por que não se mudam de lá?

– Anne gosta de lá – disse Mal. – Não temos pressa.

– Tem o problema da segurança. As pessoas vão saber que você está lá, e não terá mais privacidade. E aqueles apartamentos são pequenos pra cacete!

– Relaxa, Davie. Vamos pensar nisso. Vocês, caras, são tão viciados em suas mansões e vidas luxuosas. Ora, eu e Anne poderíamos morar numa caixa de papelão e nem notaríamos, pois o nosso amor é épico. Não é verdade,

moranguinho?

– Hum... Sim?

– Viram? – Mal exultou. – Ela é absolutamente louca por mim. Bens materiais não significam nada diante de tamanha adoração.

David apenas balançou a cabeça.

– Tanto faz. – Ben passou a mão sobre os cabelos curtos. – Estou morrendo de fome. Vamos encontrar um lugar para comer e beber?

– SIM! – Essa foi Lizzy. Uma Lizzy muito barulhenta e determinada.

Os olhos do baixista se desviaram para ela com súbito interesse. Um sorriso lento e sedutor curvou seus lábios.

– Ora, muito bem, então.

Alerta vermelho. Nada estava muito bem. Minha irmãzinha não iria se juntar a um músico que devia ter uns oito ou nove anos a mais do que ela. Se eu queria dar uma de burra com o meu coração, esse era um problema meu. Já Lizzy, eu permitiria que se magoasse apenas sobre o meu cadáver.

– Você não tem que voltar para a faculdade, Liz? – perguntei.

– Não, estou de boa aqui.

– Pensei que você tinha um trabalho para fazer... – Transmiti muitas coisas com o meu olhar.

Ela ignorou tudo.

– Não.

– Lizzy. – Forcei seu nome entre meus dentes cerrados.

– Senhoritas, senhoritas – disse Mal, sentindo a hostilidade. – Temos algum problema aqui?

Uma mulher que estivera com os executivos da gravadora se aproximou, os saltos altos clicando no piso. Seu sorriso era experimental. A mulher era linda, os seios um bilhão de vezes maiores que os meus (tudo bem, isso não era muito difícil de acontecer) e o cabelo loiro em um corte curto.

– Mal?

Ele se virou e seu rosto inteiro se iluminou ao ver a garota. Minhas entranhas se contorceram. Sim, muito bem. Eu posso ter sentido com uma pontada de ciúme.

– Ainslie, quando você chegou? Você está ótima. – Ele me pareceu superfeliz. Eles se abraçaram. Depois se abraçaram um pouco mais. A moça deu umas risadinhas, pressionando-se contra ele. Puta merda, essa vadia está mesmo apalpando o meu namorado fictício bem na minha frente? Ela estava praticamente montando na perna dele. Por causa da dinâmica entre os dois, não havia dúvida quanto ao tipo de relacionamento que tinham. Finalmente eu conhecia uma das amizades coloridas de Mal. Isso tinha que acontecer. Ficar

surpresa seria estupidez, e eu não tinha nenhum direito de fato de ficar magoada. Uma pena que não esvaísse a dor.

Eu sentia o olhar das outras mulheres sobre mim, cravando furos no meu crânio. De jeito nenhum eu retribuiria esses olhares. Mal, obviamente, encontrara alguém para dar conta do seu desconforto. Nesse meio-tempo, o meu rosto enrubescera. A cena toda era horrível e embaraçosa pra cacete.

– Oi, Mal – Lizzy o chamou, interrompendo o encontro do casal. – Será que podemos convidar o amigo de Anne, Reece, para ir comer com a gente? Ele costuma passar os domingos conosco.

Ah, minha linda e leal irmãzinha. Fiquei agradecida pela atenção, mas suas intenções de nada serviriam ali. Eu não precisava de proteção.

– Acho que Reece está ocupado – comentei.

Minha irmã interpretava a inocente muito bem.

– Não, na verdade. Por que não liga pra ele só pra ter certeza, Anne?

Balancei a cabeça.

– Quem sabe outro...

– Caraca, Lizzy. Quero dizer, acho que não vai caber. – Os braços de Mal continuavam ao redor da mulher. Então, ele notou os rostos dos amigos, tantos os curiosos quanto os desaprovadores. Por um instante, ele pareceu confuso, piscando, a testa enrugada. Em seguida, afastou-se dela e enfiou as mãos nos bolsos dos jeans. Pense numa saia justa. O nosso relacionamento inventado desaparecera por completo dos pensamentos dele. Seu All-Star se mexia sem cessar.

E, pelo visto, a sua disposição em provocar ciúmes em Reece já não era mais tão atraente. Mas eu também não queria ligar para Reece. Eu andava bem feliz com o modo como as coisas estavam. De toda forma, aquilo já não importava. Aquela mulher mudara tudo.

Ainslie pôs uma mão no braço dele.

– Algo errado?

– Tudo bem – eu disse, sem estar à beira das lágrimas. O ambiente estava bem empoeirado, mesmo ali naquele prédio antigo. – Por que não sai para beber alguma coisa com a sua amiga e põe a conversa em dia?

– Pensei que a gente fosse fazer alguma coisa... – ele disse.

– Sim, mas...

Com os olhos desconfiados, Mal olhou para mim. Depois olhou através de mim. Eu não estava mais ali. O que quer que ele estivesse pensando, não deixou transparecer em seu rosto. Não devia ser fácil para alguém que estava acostumado a conseguir tudo o que queria, quando queria, recusar uma evidente oferta de sexo. Sejamos honestos: o controle dos impulsos dele era limitado, no

melhor dos cenários.

– Desculpe, mas você é...? – Ainslie perguntou. Perfeitamente educada. Eu não podia censurar os bons modos da mulher.

– Ainslie, esta é a namorada de Mal, Anne. Anne, esta é Ainslie. – Que maravilha, até Ev a conhecia. Aquela ali era uma assídua frequentadora. O que aconteceu com o fato de ele nunca sair duas vezes com a mesma mulher?

– Namorada? – Ainslie deu uma gargalhada incerta, os olhos disparando pelo grupo. Ninguém riu com ela. Jesus Cristo, que cena desagradável.

Mal se aproximou.

– Eu só estava cumprimentando uma amiga. Qual é o problema? – Não tem problema nenhum. Está tudo bem.

– É óbvio que existe, sim, senão você não estaria me olhando assim – ele disse, em tom duro e irritado, como se eu o estivesse atrapalhando ou algo assim.

– Você não pode usar esse tom de voz comigo – eu disse. – Ainda mais na frente de outras pessoas. Saia com a sua amiga, divirta-se. Podemos falar sobre isso mais tarde.

– Podemos, é?

– Sim.

Ainslie recuou um belo passo. Pobre mulher.

Mal, por sua vez, olhou para o grupo, irritado e confuso. Uma veia parecia prestes a explodir no seu pescoço.

– Porra.

Ele se virou e voltou para o palco, solicitando um novo par de baquetas a um dos auxiliares. Logo as batidas na bateria começaram a tomar conta do armazém. Todos olharam para outro lugar. Que desastre.

David olhou para Jimmy. O irmão assentiu, afastando-se na direção do palco. Ben o seguiu, enquanto Ainslie meio que voltou sorrateira para o grupo de pessoas da gravadora.

– Caramba, esqueci. – Ev deu um tapa dramático em sua testa, como se tivesse sido atingida por um pensamento súbito. – Nós, mulheres, temos que encontrar Lauren. Hoje é a nossa noite.

– Mesmo? – David perguntou.

– É. A noite das mulheres. – Ela cravou um olhar nele. – Vamos começar mais cedo.

Ele entendeu o recado.

– Certo. Tudo bem.

Não me lembro muito de a gente ter saído. Entre Ev e Lizzy, fui levada dali bem rápido para dentro de um Escalade preto estacionado lá fora. O homem careca e forte parado ao lado dele me parecia bem familiar.

– Oi – eu disse. – Não foi você quem colocou a tranca no meu apartamento?

– Sim, senhorita.

– Este é o Sam. Sam, esta é Anne. Ela está com a gente. – Ev escorregou no banco de trás e afivelou o cinto, enquanto Lizzy se acomodava no banco da frente. Ela deu uns pulinhos no banco de couro macio. Foi bom saber que alguém estava se divertindo com tanto luxo. Eu nem perceberia se estivéssemos dentro de um táxi fedorento.

– É um prazer conhecê-la, senhorita – disse Sam. – E sempre bom vê-la, senhora Ferris.

Entrei e ajustei o cinto.

– Não entendo – disse Lizzy.

– O quê? – perguntei.

Lizzy se virou no banco para poder olhar para mim.

– Isso. Ele te deixa feliz como eu nunca vi. É como se você fosse uma pessoa diferente. Ele olha para você como se você tivesse inventado o chantilly. E agora isso. Não entendo.

Deu de ombros, tentando parecer calma, neutra.

– Romance turbulento. Começou rápido, vai terminar rápido.

– Vou precisar de uma pá enferrujada, Sam – anunciou Ev.

– Vou providenciar, senhora Ferris. – Ele saiu do estacionamento.

– Excelente. É melhor irmos apanhar Lauren. Ela vai querer participar disto.

– E o que é isto? – perguntei. – Não vamos ter uma noite das mulheres mesmo, ou sim?

O rosto dela me deu a entender que teríamos, sim. Ah, se teríamos.

– Sabe, não estou com muita vontade, mas é muito gentil da parte de vocês.

– Sam? – Ev o chamou quase que com alegria.

– Sim, senhora Ferris?

– Se eu precisar de sua ajuda para sequestrar nossa querida Anne e obrigá-la a beber comigo, isso seria um problema para você?

– Claro que não, senhora Ferris. Faço qualquer coisa pela senhora.

– Ah, que homem gentil você é – ela arrulhou. – Sabe, ele costumava ser da Marinha. Eu não brincaria com ele, mas faça o que acha que tem que fazer, Anne.

– Você é meio maligna quando se empolga. – Fiquei olhando pela janela, deixando o cenário se desenrolar.

Ev ficou na dela. Por um instante apenas.

– Não sei no que Mal estava pensando para deixar aquelazinha se pendurar nele daquele jeito.

Lizzy bufou.

– Não tenho certeza se ele estava pensando.

Nem eu. Mas não disse nada.

A verdade era que talvez Mal e eu tivéssemos rompido. O nosso relacionamento de mentirinha podia ter acabado. Quem sabe? Que falta de noção mais horrível. Pisquei furiosamente. Eu devia ter alguma coisa nos olhos. Sabe, não sou do tipo que chora. Tudo bem, minha paixão fora dizimada. A vida continua. O que quer que Lizzy soubesse, ou achasse que sabia, ela não diria uma palavra sequer. Quanto a mim? Eu não tinha nenhum comentário a respeito do assunto.

Nenhum.

Embora lá estivesse o motivo pelo qual as pessoas não deviam se apegar. Se existir alguma possibilidade de a ausência da pessoa provocar tristeza, fuja. Ninguém deveria ter o poder de fazer você querer se lançar num episódio maníaco-depressivo, engolindo uma garrafa inteira de gim (o método predileto da minha mãe para lidar com tais decepções). Acho que eu precisava reaprender essa lição. Bem, acho que aprendi agora. Tudo certo.

—

Mal não voltou para casa no domingo à noite. Não que o meu apartamento fosse sua casa, mas você sabe o que estou dizendo.

Apesar dos drinques que me fizeram beber, não consegui dormir muito.

Universidade Estadual de Portland. (N.E.)

CAPÍTULO 15

Quando enviei a quinta mensagem de texto do dia, a hora do almoço já tinha chegado e passado.

> Posso deixar as suas coisas no apê de David e Ev se vc quiser. Só me avisa.

Como as anteriores, a mensagem não obteve resposta. Nenhuma. Nada mesmo. Não consegui me segurar. Precisei tentar mais uma vez.

> Espero q a gente possa ser amigos.

No minuto em que a mandei, o arrependimento me assolou. Era uma frase padrão tão cretina e sem imaginação. Por que os *smart-phones* não vinham com um botão "desfazer"? Valeria a pena ter um aplicativo como esse. Eu deveria ter tentado ser mais original. Talvez se eu tivesse sido mais engraçada, lançado alguma coisa perspicaz sobre a bateria dele, ele me responderia. Mais uma vez fiquei sem resposta.

– Ainda escrevendo pra ele? – Reece perguntou de onde arrumava os livros, na seção de ação e aventura.

– Uhum.

– Nenhuma resposta ainda?

– Não.

A pior segunda-feira da história. Consegui convencer Reece a me deixar organizar as coisas na parte dos fundos a manhã inteira, com isso eliminando qualquer necessidade de interação. Com duas, ou no máximo três horas de sono, eu não me sentia humana. Não mesmo. Eu me materializara em uma dor de cabeça dolorosa e maldita. Será que Ainslie aplacara o sofrimento masculino de Mal? Imagens dos dois enroscados enchiam a minha imaginação. Eu já vira grande parte do corpo dele, portanto os detalhes eram vívidos.

Sim, meus delicados sentimentos foram devidamente feridos. Ainda bem que Mal foi embora agora. Apenas mais um momento juntos e eu acabaria devastada quando ele fosse embora na turnê.

Ainda nada no meu celular. Verifiquei duas vezes, só para ter certeza.

Ele estava certo quanto àquele lance de *Atração Fatal*. Por enquanto. Contudo, até agora, eu só o perseguira via mensagem de texto. Que bom que ele mantivera o pau dentro das calças. Sua mera presença já me inspirara o bastante. O pensamento de que eu o perderia por completo me dava vontade de me derramar em lágrimas e de quebrar as coisas (de preferência em cima da cabeça dele). A raiva e a tristeza me possuíam.

Quantos dias se passaram desde que o conheci? Não muitos.

– Que ridículo.

– O que você disse? – Reece perguntou, lançando um olhar nervoso para o casal moderninho que vagava pela seção de decoração.

Droga.

– Nada. Nada. Desculpe.

Reece se aproximou do balcão. Continuei apertando teclas no computador, fingindo processar faturas. Talvez, se eu o ignorasse, ele iria embora. Em mais alguns dias eu estaria bem. Hoje, no entanto, eu só precisava de um pouco de espaço. Não queria ficar ouvindo os detalhes sobre sei lá quem com que meu chefe tenha trepado durante o final de semana. Por favor, entenda, eu não estava com ciúme, pela primeira vez. Ou seria já a segunda? A minha paixonite por Reece misteriosamente (ou não tão misteriosamente assim) desaparecera. Mal Ericson era algo muito potente.

– Está triste mesmo por causa desse cara, né? – ele perguntou, como se aquilo desafiasse por completo qualquer lógica.

– Não quero falar sobre isso, Reece. Mesmo.

– Então... – Ele suspirou, apoiando as mãos no balcão. – Que tal se eu levá-la para tomar uns drinques hoje à noite? Abriu um bar novo em Chinatown. Podemos ir lá dar uma olhada.

– É muito gentil da sua parte. Mas quem sabe outra noite?

– Você tem planos?

– Mais ou menos. – Porque ficar sentada sozinha choramingando, vestindo uma das camisetas de Mal, constituía um plano.

Reece esfregou o queixo com a palma da mão, as sobrancelhas se abaixando.

– Anne, falando sério, você tinha que saber que isso ia acontecer. Ele é Malcolm Ericson. O cara é uma lenda viva.

– Eu sei, eu sei. – Meus ombros afundaram. Em proporção, eu me sentia com 60 cm de altura. Jamais conseguiria me sentir menor do que isso.

– Caras como ele não têm reputação de manter um relacionamento.

– Eu, hum... sei disso. Sei mesmo.

– Ei, você é demais. É ele quem está perdendo.

– Obrigada.

Aff. A piedade nos olhos de Reece... Pode me matar agora. Uma garrafa de tequila fora incluída em meus planos para aquela noite. Manda ver. Era por isso que eu nunca me dei muito ao trabalho de namorar, por causa daquele exato instante. Pênis estavam descartados e o amor-próprio estava de volta. Não que tivesse restado muito dele.

Eu precisava recolocar a minha vida em perspectiva. Foi Mal quem agiu como um idiota. Eu não fiz nada errado. A não ser por não ter a mínima ideia de como lidar com situações difíceis, claro.

– Acho que a gente devia voltar para o trabalho. – Eu não estava fazendo muito progresso ali, ainda assim, um mínimo esforço deveria ser feito, já que eu recebia para isso.

Reece cruzou e descruzou os braços, observando-me.

– Olhe só, por que não tira o resto do dia de folga? Eu fecho a loja.

– Sério?

– Sério. – Ele sorriu, as covinhas aparecendo. – Deus bem sabe que eu te devo algumas horas. E você nunca nem faltou por estar doente.

– Obrigada, Reece.

—

Minha banheira grande com pés em garra era o melhor lugar do mundo. Nada se comparava a ela. A vida parecia bem melhor dentro do seu confinamento de água quentinha e borbulhante. Se eu, um dia, tivesse que me mudar, era daquilo de que eu mais sentiria falta. Fiquei ali, mergulhada, por uma boa meia hora. Fala sério, eu não tinha planos de um dia sair dali. Estava perfeitamente satisfeita em ficar lá, preguiçosa, admirando os azulejos da parede sem pensar em nada.

Oceanos imensos cheios de nada.

Até ouvir a porta da frente ser escancarada. Ergui-me, a adrenalina me percorrendo.

– Mas que porra...?

– Anne? – Mal berrou.

Em seguida, a porta do banheiro foi escancarada também. Agarrei a toalha que estava pendurada na barra acima, segurando-a contra o peito. Na mesma hora, o tecido começou a se encharcar.

– Anne. – Mal avançou numa raiva eletrizante que arrepiava seus cabelos e escurecia seus olhos. A porta do banheiro se fechou num baque atrás dele.

– Mal?

– O que é isto? – ele rosnou, colocando o telefone dele na minha cara.

– Hum... O seu celular? Que diabos você está fazendo aqui?

– A porra das mensagens que você ficou me mandando...

– O que tem? – Encarei-o, perplexa. – Saia daqui.

– Não.

– Quer discutir as minhas mensagens, vai ter que esperar até eu sair da banheira e vestir algumas roupas.

– Vamos discuti-las agora.

Para aquele tipo de conversa, eu precisava de armadura. A maldita toalha não estava funcionando muito bem. Cruzei os braços sobre o peito, aninhando-me em mim mesma.

– Essas mensagens foram uma tentativa minha de ser amigável depois do que aconteceu ontem. Mas com você invadindo desse jeito? Não estou mais me sentindo tão amigável. Droga, saia daqui, Mal.

– Você está terminando comigo via mensagem. – Não era uma pergunta, apenas uma constatação. Uma que simplesmente me deixava furiosa, ainda que a invasão do apartamento e os gritos também fossem parte do motivo.

Ele era louco? Não, sério, era mesmo?

– Aquele merdinha do Reece incitou-a a fazer isso?

– Não – repliquei. – Reece não tem nada a ver com isso. E não posso estar terminando nada com você; lembra-se da parte em que nunca estivemos juntos de verdade? Em que tudo era de mentirinha?

– Era? – Ele se agachou ao lado da banheira, as mãos agarrando a beirada com tanta força que as juntas embranqueceram.

– Saia.

– Não vou a parte alguma até a gente conversar sobre isso.

Os vestígios de autopiedade sumiram, sendo substituídos por raiva pura. Como ele ousava?

– Se quer conversar sobre isso, então talvez seja bom parar de agir como um babaca, entrando aqui desse jeito, gritando comigo, me acusando de sei lá o quê... Isso não é muito inteligente.

– É mesmo? Então, por que não me diz o que eu devo fazer já que não sou nem um pouco inteligente? – Ele se assomou na lateral da banheira, os olhos quase maníacos. – Diga como eu devo lidar com isso, Anne. E, por favor, use palavras simples.

Tentei me sentar, a água escorregou pelas laterais. Ele não podia ter escolhido

um momento e um lugar mais inoportunos para fazer cena. E como foi que *ele* virou a vítima?

– Eu não... – comecei mas, droga, ele que fosse para o inferno. Se queria se sentir ofendido, então que fosse à merda com meus cumprimentos. Pigarreei, tentei de novo. – Resumindo: você não voltou para casa... para cá, ontem. Deduzi que tivesse ficado com Ainslie. Seus amigos provavelmente vão ficar sabendo disso, certo? Portanto, a sua mentira não faz mais sentido.

– Não fiquei com Ainslie – ele resmungou.

Tudo parou.

– Não ficou?

– Não. Toquei batera até me acalmar, depois bebi um pouco com os caras. Davie me disse para lhe dar um tempo pra esfriar a cabeça. Dormi no quarto de hotel de Ben.

– Um conselho: da próxima vez que tivermos um problema, tente falar comigo em vez de Davie.

Ele exalou lentamente.

– Ok.

– Dormiu no quarto de Ben? – A versão real dele era tão diferente da odiosa versão que vinha se desenrolando na minha mente. E não foi tão facilmente compreendida.

– É, dormi. – O olhar verde escurecido vasculhou meu rosto. – Não pensei quando Ainslie se aproximou depois do ensaio. Como aquilo ficou parecendo e tal. Não pensei mesmo e não soube lidar com a situação.

Ele fez uma pausa, mas eu não sabia o que falar. Faltou bem pouco para eu não me derramar em lágrimas de alívio. Não que eu fosse uma chorona. Eu poria a culpa numa TPM, mas esse período do mês estava bem longe.

– Fodi com tudo e te magoei – ele disse, murchando. – Desculpe.

– Ah, não, você não me magoou. – Fiquei com os olhos bem abertos, tentando me controlar. – Quero dizer, teria sido legal se você tivesse respondido as minhas mensagens, mas... bem, não, isso não me magoou *de verdade*.

As sobrancelhas dele se ergueram um instante, mas ele não disse nada.

– Você pareceu magoada.

– Bem, não fiquei. Estava tudo bem.

Ele apenas me observou.

– Mesmo?

As olheiras voltaram debaixo dos olhos dele. Parecia que Mal, assim como eu, não conseguira dormir muito.

– Está tudo bem – reafirmei sem convicção, mas desejando que ele acreditasse. Nesse meio-tempo, eu ainda estava com o traseiro pelado na

banheira, terrivelmente exposta. – Agora, você pode, por favor, sair?

As sobrancelhas de Mal se ergueram.

– Você está bem?

– Sim. Ali está a porta.

– Eu não te magoei?

– Nãããão.

– Ok – ele disse por fim, um polegar batendo um ritmo na beirada da banheira. – Então, o nosso acordo ainda está valendo e tudo está bem?

– Sim, claro, acho que sim. Por que não? – Lancei-lhe o meu melhor sorriso corajoso, agarrando a toalha molhada junto aos seios, os joelhos erguidos para ajudar a cobrir a parte de baixo.

Ele respirou fundo pelo nariz, se acomodou sobre os calcanhares. Aquilo era bom. Ele estava aceitando e seguindo em frente, graças a Deus.

– Estamos bem. Não se preocupe.

Então, muito lentamente, ele meneou a cabeça.

– Jesus, Anne. Você é tão enroladora que nem sei que porra te dizer agora.

– O quê? – Meu grito ecoou pelas paredes azulejadas ao nosso redor.

– Você me ouviu.

– Mas...

A mão dele me segurou com firmeza pelo pescoço e ele esmagou minha boca com a dele. Minhas palavras se perderam. A língua entrou na minha boca, atiçando-me. A mão dele protegia minha cabeça, segurando-me acima da água. Entreguei-me à pressão exigente dos lábios e ao raspar da barba de um dia. Inclinei a cabeça, aproximando-me, indo mais fundo e atraindo-o para mim. Se eu me afogasse, valeria a pena.

Não houve *finesse* alguma. Uma avidez desmedida assumiu o controle.

Não percebi que ele estava entrando na banheira até metade da água se derramar do recipiente. Nada daquela bobagem de molhar um pouquinho o chão: produzimos uma verdadeira cascata. Ele entrou, de jeans, camiseta e tênis, as pernas se enroscando nas minhas. Um braço forte me prendeu pela cintura, o outro se apoiou na beirada da banheira. Alguém tinha que nos manter na superfície porque eu estava ocupada demais tentando enfiar as mãos debaixo da camiseta dele. Eu poderia beijá-lo por dias inteiros, mas deixá-lo nu também era importante.

– Tire – exigi, arrastando a malha para cima.

– Espere. – Ele se apoiou sobre os joelhos. Com uma das suas mãos e duas das minhas, conseguimos arrancar a maldita roupa.

A sensação da pele quente e dos músculos rijos era mais que deliciosa. Meus dedos não conseguiam se mover nem com rapidez suficiente, nem alcançar o

bastante. Eu queria descobrir cada centímetro dele. Minha boca encontrou a dele uma vez mais e, ah... gemi, e ele me agarrou com mais força. Estávamos pressionados um contra o outro, pele contra pele. Meus mamilos duros se esfregaram de novo no peito dele.

Cacete, ah, aquela fricção...

Fricção era algo maravilhoso, mas os jeans eram um porre. Escorreguei uma mão debaixo do cós da calça dele e apertei a bunda firme. O quadril dele se flexionou, empurrando-se contra mim, enterrando-se em mim. Eram grandes as chances de a banheira não ser grande o bastante para nós. Mas daríamos um jeito. Meu cotovelo se chocou na lateral, fazendo o osso vibrar. Doeu pra caralho. Ele deve ter notado porque, em seguida, vi que estávamos rolando. Mais água cascateou para fora.

– Por cima – ele grunhiu.

– Ok.

As mãos dele escorregaram pela minha pele, tentando me segurar.

– Droga, você está escorregando.

O homem sabia usar o corpo. Eu só consegui me segurar, as mãos enfiadas nos cabelos longos emaranhados. A boca viajou pela minha clavícula, subindo pelo pescoço, terminando com os dentes na minha mandíbula. Cada centímetro da minha pele estava arrepiada. Meu abdômen estava tenso. Uma mão grande espalmava minha bunda, apertando-a. O jeans molhado, no fim, até que não era tão ruim. Enterrar minha boceta no volume da ereção dele era bem gostoso. Não tão gostoso quanto se ele estivesse pelado, mas, ainda assim...

– Ouviu isso? – ele perguntou.

– O quê? Não. – A única coisa que eu conseguia ouvir era o meu coração batendo forte. E quem se importava? Aquela não era hora de ficar ouvindo nada. Era hora de sentir, e eu me sentia fantástica pra caralho sentada em cima dele. Felizmente, eu sabia priorizar. Ajustei meus lábios aos dele, beijando-o com sofreguidão.

Ele se afastou, virando a cabeça de lado.

– Espere – ele disse, seguido de um baixo “merda”.

Bem ao longe, muito, muito longe (no cômodo ao lado), ouviu-se um som.

– Malcolm? Meu bem? – Era a voz de uma mulher, acompanhada de vários pares de passos. Tínhamos companhia.

Mas quem seria?

– Mãe? – ele respondeu, o rosto crispado em descrença.

Ai, merda, ele deixara a porta destrancada.

– Pegamos um voo mais cedo – a mãe dele explicou. E, para que fique registrado, ela tinha a voz de uma mulher muito legal. Mas, porra, eu não queria

conhecê-la assim. Que maravilha de primeira impressão.

– Pegaram, é? – Mal perguntou.

– Isso não é um problema, é?

– Os seus pais vieram visitá-lo? – perguntei num sussurro furioso. – Agora?

Ele comprimiu os olhos e respondeu sussurrando:

– Esqueci de te contar isso?

– Mal? Querido? – a mãe o chamou. – Está tudo bem?

– Sim, sim. Problema nenhum. Está tudo bem.

– Só estávamos muito animados em conhecer Anne.

– Ela tem bastante ânimo mesmo. – Ele lançou um olhar demorado para os meus seios. – Tenho que concordar.

– Nós só queríamos chegar logo para conhecê-la. Acho que devíamos ter te avisado...

O sorriso dele era basicamente maligno. O próprio inferno ficaria com inveja.

– Ah, vocês querem conhecê-la? Porque ela está...

Cobri a boca dele com a minha mão.

– Não ouse! – sibilei.

Droga, as coisas que ele achava engraçadas acabariam matando a gente um dia. Naquela situação, era a vida dele, sem dúvida, que estava em jogo. Apesar do riso no olhar dele, ele assentiu, pressionando um beijo na palma da minha mão. Bem lentamente, eu a afastei, os olhos estreitos cravados nele.

– O que você disse? – a mãe perguntou.

– Eu só estava dizendo que logo ela vai chegar do trabalho, mãe.

– Perfeito.

– Desculpe – ele disse baixinho para mim, sorrindo silenciosamente.

– Babaca – respondi.

Ele agarrou a parte posterior da minha cabeça, aproximando meus lábios dos dele. Se ao menos eu não gostasse tanto de beijá-lo...

– Filho – uma voz grave disse do outro cômodo.

– Oi, pai. – Mal apoiou a testa no meu ombro. – Não entre aqui.

– Não, não. Não vamos fazer isso.

– Tem muita água no chão – disse a mãe, constatando o óbvio. – Você não está um pouco crescidinho para ficar derramando água desse jeito? O que andou fazendo? Onde Anne guarda o esfregão?

– No armário da cozinha – sussurrei.

– Hum... Armário da cozinha, mãe. Obrigado. Acho que acabei me empolgando. – Mal apoiou a cabeça no encosto da banheira. Ele virou os olhos para o chão. – Olha só o que você fez, mocinha.

– Foi você quem entrou na minha banheira – respondi baixinho. Era verdade,

o banheiro estava praticamente inundado. Havia água em todo o piso, uma parte escoando por baixo da porta, em direção à sala. – Que bagunça. É melhor limparmos isso.

– Sinto muito, moranguinho. Não me importo em apanhar as minhas coisas, nem nada disso, mas sou uma estrela do rock. Estrelas do rock não enxugam o chão. Isso simplesmente não existe.

– Se você ajuda na confusão, vai ajudar na limpeza. Limites, Mal.

– Você não entende. – Ele fechou os olhos, o rosto crispado em desespero falso. – Estas são as mãos de um artista. Você esperaria que Bonham enxugasse o chão?

– Quem? – perguntei confusa.

– John Bonham.

– Certo. Bem... Se John Bonham molhasse o chão, eu esperaria que ele o enxugasse.

– Só que ele não pode. Está morto.

Inclinei a cabeça.

– O que... De quem você está falando?

– Você não conhece John Bonham? – Mal perguntou, sua voz se elevando.

– Shiu. Os seus pais vão nos ouvir.

– Desculpe. Mas, pare com isso, moranguinho, você tem que saber quem é Bonham. Tá de brincadeira comigo, né?

– Sinto muito.

– Ah, droga. – Ele suspirou, balançando a cabeça devagar, com pesar. – Não sei se posso enfiar meu pau numa mulher que nem sabe quem John Bonham é.

– Enfiar o seu pau? – Perguntei, as minhas sobrancelhas provavelmente se juntando. – Você disse isso mesmo?

– Fazer amor. Quis dizer fazer amor... claro. Eu jamais apenas enfiaria o meu pau em você. Eu faria amor de uma maneira louca e apaixonada com esse seu corpinho doce, ah, tão doce... por dias, não, semanas. Seria maravilhoso, moranguinho. Haveria anjinhos e passarinhos, e você sabe... eles voariam ao redor, observando tudo. Que pervertidos.

– Certo. Você é cheio dos papinhos... – Sorri, tomando cuidado ao me colocar de pé.

– E que tal Kerslake, você o conhece? E o Wilk, já ouviu falar dele?

– Conheço o Grohl. Ele é bom.

– Ah, não. Droga, amor. Dave Grohl não. Quero dizer, ele é um cara legal e teve um toque de genialidade na época do Nirvana, claro... – As mãos dele escorregaram da minha cintura para as coxas, segurando-me firme. – Ué, para onde eles foram?

– Hum? Mal, pare com isso.

Ele estava contemplando o meu sexo, avaliando-o. Havia uma ruguinha entre as sobrancelhas. Bem no fundo, eu conseguiria viver sem ser submetida àquela avaliação. Os pais do homem estavam do outro lado da porta. A mulher que o dera à luz estava ocupada limpando a bagunça que nós fizemos. Aquela não era a hora de se familiarizar comigo. Fazer um teste para determinar meu conhecimento sobre bateristas também poderia ficar para mais tarde.

– Pode não fazer isso, por favor? E onde o que foi parar? – Passei uma perna sobre a lateral da banheira, tomando cuidado para não escorregar no chão molhado. Afastando-me dos olhos extremamente intrusos. O meu roupão estava pendurado num gancho na porta, por sorte. Eu não levara uma troca de roupa, e as minhas do trabalho estavam numa pilha molhada no canto.

– Os seus pelos pubianos – perguntou com a voz angustiada. – Onde eles estão?

– Eu faço depilação.

O nariz dele se enrugou em desgosto evidente.

– Cara, pare com isso. Quero pelos pubianos cor de cenoura como os seus cabelos. Mereço isso.

Refreei um sorriso.

– Você andou pensando bastante nisso, não é?

– Já faz quase uma semana. Eu precisava de alguma coisa para bater punheta.

– Você tem se masturbado pensando em mim? – perguntei, excitada. Bater palmas provavelmente não seria legal, sem contar que os pais poderiam ouvir.

– Por acaso não tenho um pau, Anne? – Mal saiu da banheira, a água escorrendo pelos jeans, chegando até os All-Star. Que bela bagunça molhada.

– A julgar pelo volume da frente do seu jeans, vou responder que sim, Malcolm.

– Então, sim, claro que andei pensando bastante nisso. Tenho pensado na sua boceta constantemente, como ela é, qual o gosto dela, qual a sensação... – Ele se juntou de mim, seminu e pingando. A parte do pingando estava demais. – Por que você acha que fiquei no sofá de Ben ontem? Não quero transar com ninguém mais. Tem que ser com você.

– Uau – sussurrei.

– Vai brigar comigo de novo por eu não ser romântico como da última vez?

– Não.

– Não? – Os dedos dele brincaram com o colarinho do meu roupão. Sem abri-lo, só afastando um pouco.

Segurei a cintura dos jeans dele e levantei o rosto, pressionando meus lábios nos dele.

– Só ouvi você dizer blá-blá-blá pensando em você. Blá-blá-blá tem que ser com você. Foi perfeito. Puro romance.

Ele sorriu.

– Você é louca.

– Talvez tenhamos isso em comum.

– Eu, definitivamente, preciso que você saiba que eu tenho um pau. – Ele esfregou os lábios no meu maxilar, fazendo-me estremecer.

– Mostra pra mim mais tarde?

– Já que você pediu com tanta educação... – Ele se afastou ligeiramente. – Droga, a gente não vai começar a agir daquele jeito enjoado de Davie e Ev, vai?

– Não é assim que as pessoas esperam que a gente aja?

– Sim, mas foi divertido enquanto a gente estava fingindo. Se for de verdade... – Ele deixou o pensamento sem concluir.

Meu desejo esfriou consideravelmente, gelando-me. Porque “de verdade” significava pessoas se magoando. E com *pessoas se magoando*, provavelmente essa seria eu. Também podia ser ele, mas a maior probabilidade recaía sobre mim. Eu já previa o quanto doeria quando o nosso falso namoro terminasse. Mas um namoro real? Isso seria muito pior.

– Eu... hum... por que a gente não vai devagar? Pra ver como essa coisa se desenrola – sugeri.

– Não dá pra parar agora. – Ele apoiou a testa na minha. – Precisamos mesmo transar, Anne.

– Sim, mas as coisas não precisam mudar se começarmos a dormir juntos.

– Não precisam?

– Não. Vai ficar tudo bem. – Deus não me atingiu. Quem sabe aquilo poderia ser verdade.

– Legal – ele disse, o sorriso malicioso retornando com toda a força. Ele ergueu a palma no ar, esperando que eu batesse nela com a minha. – Caramba, somos bons.

Bati nossas palmas, antes de entrelaçar meus dedos nos dele, segurando firme.

– Somos mesmo.

CAPÍTULO 16

No que se referia à visita dos pais, Mal deu o seu melhor.

Vestiu roupas secas e enxugou o piso do banheiro, enquanto eu me escondia atrás da cortina da banheira. Considerando a situação, ele saiu do apartamento com os pais até que rápido. Ouvi a mãe dele perguntar a respeito da minha cama destroçada (porque a porta do quarto também estava escancarada). O nosso relacionamento vai-não-vai, falso-verdadeiro estava aos poucos destruindo o meu apartamento e seus pertences. No entanto, ainda tinha esperanças de que a inundação não tivesse causado muitos estragos.

Mal murmurou uma explicação sobre a cama e o pai dele mudou de assunto. O que será que ele lhes disse? Agora eles deviam estar pensando que sou uma viciada em sexo, conhecendo-o como eu o conhecia. Apesar de o real motivo, o fato de termos pulado na cama como dois idiotas, não ser também algo que eu gostaria que os pais dele ficassem sabendo.

Enxuguei-me e terminei de secar o chão. Quinze minutos mais tarde, Mal me mandou uma mensagem.

Carro chega em 15 min

Aonde vamos?

Surpresa

Odeio surpresas. Aonde vamos?

Responda ou te machuco enquanto vc estiver dormindo. Preciso saber o q vestir etc

Não vista nada

... Estou esperando

Restaurante no centro. Vista uma saia Por favor?

O seu desejo é uma ordem

HAHA e como eu desejo

Fiquei perto da sarjeta, congelando os joelhos no vento frio. Também um pouco em pânico quanto ao que os pais dele pensariam de mim, falida e com educação incompleta. Em seguida, uma limusine reluzente encostou.

Puxa. Uau.

Meus olhos deviam estar maiores do que os pneus. Aquela era a primeira vez que eu entraria em uma. Não tive baile de formatura. Não tive tantas coisas. Meu primeiro namorado me largou para ficar com alguém que tinha mais tempo disponível para brincadeiras e festas.

Um homem jovem de chapéu e num terno cinza moderno saiu do carro.

– Senhorita Rollins? – ele perguntou.

– Eu mesma. – Abri a porta, ansiosa em investigar a parte interna do veículo. Depois parei. – Droga. Eu deveria ter deixado você fazer isso, não é?

– Está tudo bem, senhorita. – Ele se posicionou ao lado da porta, esperando que eu entrasse. Que sorte a saia chegar até os joelhos. Por causa do tamanho do veículo, não havia uma maneira elegante de entrar no carro.

Couro macio, taças e um decânter de cristal me receberam. Pense em luxo. A limusine me conduziu até uma costelaria chique no distrito de Pearl. Parecia que sempre acabávamos naquela parte da cidade. Nunca tinha ido àquele restaurante, mas ouvira falar dele. Certa vez, Reece levara uma mulher ali no intuito de impressioná-la. E funcionou. Aquele lugar recendia a estilo, com seus tons discretos de vermelho e luz fraca. As instalações elétricas pareciam verdadeiras instalações artísticas. Eram um tipo de órbita reluzente gigantesca. Eu precisaria de um daqueles em casa quando eu ganhasse o meu primeiro milhão.

Mencionei o nome de Mal e um cara descolado, que fazia as vezes de

recepcionista, me mediu de cima a baixo várias vezes. Ainda que, depois da primeira vez, aquele tipo de olhar deixasse de ser avaliativo e passava a ser simplesmente mal-educado.

– Assim que você dispuser de tempo – acrescentei, sem me dar ao trabalho de ser simpática.

Mal estava sentado com as costas para o salão, o cabelo preso num rabo curto. Foi tentador perguntar a ele se estar perto da mãe o fazia se arrumar, mas em qualquer troca de comentários sagazes era eu quem acabava perdendo. Meus nervos já estavam tensos o bastante por ter que conhecer seus pais, portanto, fiquei de boca fechada, apenas admirando os detalhes de seu rosto.

– Aqui está ela. – O orgulho na voz de Mal tanto me surpreendeu quanto me aqueceu. Ele deslizou para fora da área reservada e passou um braço ao redor da minha cintura. – Mãe, pai, esta é Anne.

A mãe de Mal era pequena e seu sorriso iluminou todo o seu rosto. Neil, seu pai, ergueu-se assim que me aproximei. Alto e de cabelos loiros, ele parecia ter sangue viking nas veias. Fazia sentido quando se via o filho.

– É um prazer conhecê-los – eu disse, esforçando-me para parecer alegre, vibrante, confiável... essa coisa toda. Nunca antes fui apresentada aos pais de ninguém. Mal e eu estávamos forjando novos caminhos. Cruzei os dedos para não desapontá-lo.

Sua mãe me estendeu a mão delicada. Os ossos dos dedos eram frágeis e evidentes ao toque.

– Olá, Anne. Sou Lori. E este é Neil. Estamos muito felizes em conhecê-la.

– Olá, Lori. O prazer é meu.

Cumprimentos feitos, escorreguei para o assento, sendo seguida por Mal. Sua coxa coberta por um par de jeans pressionou a minha, e uma de suas mãos cobriu meu joelho exposto. Depois de ficar olhando para o meu armário, escolhi um vestido de lã azul marinho e botas na altura dos tornozelos. Um toque tradicional com uma pitada de extravagância para equilibrar. Talvez tivesse sido uma má escolha. O que eu sabia sobre as famílias das estrelas do rock? Neil estava de camisa social e gravata; Lori, um conjunto de linho. Eu não esperava encontrar couro e tachas de metal, exatamente, mas linho branco? Eu teria derramado alguma coisa em mim nos primeiros dois minutos de refeição, a julgar pelas minhas mãos trêmulas.

– Ei – disse Mal, inclinando-se na minha direção.

Eu, definitivamente, não queria estragar aquilo, mas um bolo ocupava o meu estômago. As coisas não eram muito boas com a minha mãe, assim, qual a probabilidade de eu conseguir conquistar a dele? Senti minhas mãos úmidas e grudentas de suor. Francamente, coloque-me numa situação estressante e eu

poderia rivalizar com um rinoceronte no quesito transpiração. Isto é, se rinocerontes suassem.

Mal depositou um beijo suave debaixo da minha orelha.

– Respire, moranguinho. Está tudo bem.

– Tá. – Levantei os dois polegares para ele.

– Hum, ok. Não tão bem assim. – Olhou ao redor, ergueu uma mão. Um garçom se apressou. – Oi. Pode trazer para ela um... bem, o que você tiver de mais potente, ok?

– Que tal um *Rocket Fuel*, senhor?

Mal juntou as mãos.

– Puxa, parece maravilhoso! Excelente, mande um *Rocket Fuel*. Peça um duplo.

Os olhos do garçom se arregalaram.

– Hum, sim, senhor.

Fotos foram dispostas sobre a mesa, uma variedade de bebês loiros. Rostinhos rechonchudos e mãozinhas em formas de estrela eram abundantes. Lori me lançou outro sorriso afetuoso.

– Estes são todos os nossos netos.

– Eu não sabia que Mal era tio.

– Oito vezes, minha querida. – A mãe começou a apontar para rostos, informando os respectivos nomes. Visto que as três irmãs eram assim férteis, fiz uma anotação mental para criar um estoque de preservativos. Onde quer que Mal e eu estivéssemos em nossa relação, era evidente que não estávamos prontos para um Mal Junior, brincadeiras à parte. Eu nem sabia se queria ter filhos. Eles estavam, com a mais absoluta certeza, sob o rótulo “talvez, um dia”.

As histórias de Lori sobre os netos nos mantiveram entretidos durante todo o jantar. Ela falava, enquanto todos nós comíamos. Golinhos do *Rocket Fuel* me relaxaram consideravelmente. Até onde eu conseguia distinguir, o drinque era composto por todo tipo de bebida alcoólica transparente com uma dose de suco de limão. Ele, muito provavelmente, deveria ser considerado ilegal, ou então ser flambado para que parte de seu teor alcoólico evaporasse. Deixei-o de lado depois de beber uns três ou quatro centímetros, dando-o para Mal. Ele roubava comida do meu prato e sorvia o meu drinque, e eu adorei isso, aquela intimidade e a sensação de estarmos juntos. Provavelmente, aquilo era apenas e tão somente um roubo, mas da maneira como ele fazia, distraindo-me com uma piscada ou um sorriso, fazia a brincadeira valer a pena.

Eu estava tão na dele...

– Quer dizer que você tem três irmãs mais velhas – eu disse. – Sabe, eu consigo vê-lo como o filho caçula.

A mãe dele deu uma risada. Ela podia ser pequena, mas a risada era poderosa. Isso dizia muito sobre a infância dele. A adoração nos olhos dela quando olhava para o filho apenas confirmava isso. Eu nem me lembrava do som da risada da minha mãe. Já fazia muito tempo que eu não a ouvia.

– Por quê? – Mal perguntou, encarando-me por cima do nariz. – Está dizendo que sou escandaloso e imaturo? Porque dizer uma coisa dessas é simplesmente uma puta grosseria de sua parte, moranguinho.

Sua mãe pigarreou, num alerta ao linguajar dele.

Mal estava com o braço apoiado no encosto do nosso banco. Vestira uma camisa preta para esconder as tatuagens, e um par de All-Star secos. Procurei não olhar demoradamente para ele, aterrorizada com a possibilidade de acabar com meus olhos apaixonados na frente dos pais dele. Lembranças do que estávamos fazendo na banheira aguardavam bem próximas à superfície.

– Explique-se – ele comandou.

– Tudo o que estou dizendo é que você é um artista instintivo. Isso faz sentido por você ser o mais novo.

– Certo. – Ele levantou uma sobrancelha, o olhar passando para os pais. A mão, contudo, subiu pela minha coxa, escorregando por baixo da saia. Detive os dedos, apertando-os com força num aviso, antes que ele partisse para algo mais vigoroso. Apenas um curvar dos seus lábios o traía.

– Anne é a mais velha. Você tem que ver como ela é com a irmã, mãe. “Protetora” não serve para descrevê-la. Estou surpreso de não ver a irmã protegida num plástico bolha.

A mãe sufocou um sorriso.

– Não sou superprotetora – repliquei. – Ela tem vinte anos. Já é adulta. Respeito isso.

– Respeita mesmo? – Caramba, como eu gostava quando ele caçoava de mim! Gostava da familiaridade em seu olhar. – Ben disse que temeu pela vida dele quando você o flagrou olhando para ela. Pensou que precisaria proteger as joias da família.

Lori, mais uma vez, o repreendeu com um som ante a referência a testículos, mas Mal continuou:

– Ele disse que você parecia disposta a aniquilá-lo.

Gostei menos ainda dessa informação.

– Ele falou de Lizzy com você? – Meus olhos se estreitaram, todo o meu bom humor desaparecendo. Eu nem queria que Ben Nicholson soubesse da existência dela. – Ela é nova demais para ele. Lizzy precisa se concentrar nos estudos.

– Relaxa, mamãe ursa. Só para você saber, concordo com isso. – Mal deu um amplo sorriso, esfregando minha nuca, acalmando-me de imediato. Jesus, que

mãos. Por mais que eu tivesse gostado dos pais dele, tinha esperanças de que aquele não fosse um jantar demorado. Curto e agradável seria o jeito certo. Mal e eu tínhamos afazeres a completar.

– Vamos manter Benny afastado de sua irmãzinha – ele prometeu baixinho. – Não se preocupe.

– E quanto à sua mãe, Anne? – Lori perguntou. – Onde ela está? Retraí-me, e os dedos de Mal se detiveram em meu pescoço. Eu não precisava ver para saber que tipo de olhar ele estava me lançando. O que eu precisava era dar prosseguimento àquela conversa.

– Ela... hum... ela mora no sul da Califórnia. Está bem.

– E o seu pai?

– Ele foi embora. Há muito anos. – Isso era melhor do que dizer “e eu sei?”. E por que dourar a pílula, certo? Fatos eram fatos. Peguei a metade restante do meu pãozinho e comecei a mordiscar a crosta. Estava gostoso, mas eu já estava satisfeita. Precisávamos de um assunto neutro para conversar, mas meu prato vazio não me oferecia nenhuma inspiração. Meu cérebro não conseguia formular nada.

– Vocês dois vão ficar para os primeiros shows? – Mal perguntou. Eu poderia ter beijado seus pés por me salvar.

– Veremos – o pai respondeu.

– Claro que vamos. Pelo menos o primeiro – Lori o corrigiu. – Adoramos ver você e os meninos tocando. Como estão todos? Jimmy está se sentindo melhor?

– Ele está bem, mãe. Todos estão bem. Davie quer apresentar Ev para vocês assim que possível.

A mãe dele suspirou.

– Eu adoraria conhecê-la. Sempre soube que David seria o primeiro a se assentar. Ele é uma alma sensível, mais do que todos vocês.

– Sou sensível. Não passo de um monte de coisas melosas e sensíveis por dentro. Diz pra ela, moranguinho.

– O seu filho é muito sensível – recitei, obediente.

– Isso não me pareceu muito convincente. – Ele ajeitou uma mecha do meu cabelo com suavidade, puxando-me para perto. – Meus sentimentos foram feridos. Você me magoou. Dê um beijo pra passar.

– Peço desculpas. – Eu dei-lhe um beijo breve e suave nos lábios.

– É o melhor que consegue fazer? – Ele esfregou os lábios nos meus, tentando me incitar a aprofundá-lo. – Você deveria se envergonhar. Acho que consegue fazer muito, mas muito melhor do que isso. Oras, nem encostou na minha boca. Passou longe.

– Mais tarde – sussurrei, esforçando-me para manter as coisas na indicação

para menores de dezoito anos na frente dos pais dele. Mas, caramba, como era difícil.

– Promete?

– Sim.

– Uma pena que você não estava quando passamos em sua casa, Anne – Lori comentou. – Mas você tem um belo e aconchegante apartamento.

– Obrigada.

– Malcolm precisa parar de quebrar a sua mobília e provocar inundações.

Mal grunhiu.

– Um homem precisa ter a liberdade de pular na cama e se banhar como bem entende, mãe.

– Você já tem vinte e sete anos, meu bem.

– E?

– Não está na hora de começar a agir como adulto?

– Pago minhas contas e cuido das minhas responsabilidades. Além disso, o que importa? – Mal se sentou mais ereto, olhando para a mãe com um sorriso. Impossível não perceber que já tiveram aquela conversa muitas vezes antes.

– Engraçado – disse Neil, falando pela primeira vez em muito tempo. – Eu podia jurar que tinha ouvido duas vozes naquele banheiro.

– Paredes finas – Mal e eu dissemos ao mesmo tempo. Ah, o meu sorriso... Duvido muito que tivesse sido minimamente confiável. Excelente.

O pai grunhiu.

Lori tentou encobrir o sorriso dando pancadinhas nos lábios com o guardanapo.

Droga. Fui encurralada.

– Coma mais, querida. – Neil aproximou o prato de Lori. Nós três tínhamos raspado o prato, a comida estivera deliciosa, mas Lori mal tocara no dela.

– Não estou com tanta fome assim. – Ela deu um tapinha na mão dele.

Os dedos esfregando minha nuca pararam.

– Mas... – Neil se inclinou, sussurrando algo no ouvido dela.

Depois de um instante, Lori o silenciou com um beijo rápido. Ela formou um sorriso no rosto, um sorriso falso. Era uma expressão que eu conhecia bem demais. O dela não era ruim, mas, ainda assim, era dissonante. Acho que não esperava vê-lo nela. O que estaria acontecendo? Claro, poderia haver centenas de explicações. Casais brigam.

Uma versão animada de “parabéns pra você” começou do lado oposto do salão. Um grupo grande de pessoas, mais ou menos da idade de Lizzy, começava a ficar realmente exaltado. O recepcionista na frente os observou com olhos desconfiados.

– Malcolm, você tem que levar Anne à festa para que ela possa conhecer suas irmãs – ela disse. – Vamos ter uma grande reunião familiar na semana que vem em Coeur d'Alene, e vocês dois têm que estar lá. Será entre as apresentações de Seattle e Chicago, por isso todos os rapazes poderão ir.

– Você é de lá? – perguntei para Mal sem pensar. Uma namorada de verdade saberia essas coisas. Mas Mal e eu não chegamos a ter uma conversa normal sobre coisas corriqueiras. Embora o passado não fosse algo que eu encorajasse. Felizmente, Lori não pareceu se importar.

– Sou. – Ele assentiu, os olhos fixos no pai.

– Como é lá? – perguntei.

O olhar dele se concentrou nos pais e ele não estava sorrindo.

– Árvores, lagos, um punhado de bares legais. É bom o bastante.

– É adorável. Ainda mais no outono – disse Lori com entusiasmo. – Você tem que ir, Anne.

– Verei se posso ir. – Mexi-me inquieta no meu lugar. Algo mudara. Tanto Mal quanto o pai pareciam calados, preocupados. Nenhum deles olhou para mim. O clima na mesa esfriara, e eu não entendia o motivo.

– Você vai se certificar de que ela venha, não vai, meu bem? – Lori esticou o braço e apertou a mão do filho, ignorando qualquer esquisitice que tivesse se instalado na mesa. Seu sorriso estava ainda mais amplo do que antes, como se tentasse compensar. – Nós vamos nos divertir muito mostrando os arredores para você.

– Claro – Mal disse, a voz vazia. Alguém apertara algum botão, desligando-o. Ele simplesmente já não estava mais ali. Eu também reconhecia isso.

– Melhor voltarmos para o hotel – anunciou Neil. – Não quero que você se canse.

Lori deu um sorriso abatido.

– Acho que sim. Então, você acha mesmo que ele é assombrado, Anne? Vi algo sobre uma visitação assombrada. Isso não seria divertido?

– Claro que sim.

Tirando o celular do bolso, Mal enviou uma mensagem.

– Estão trazendo o carro.

O braço dele desapareceu de trás das minhas costas, e ele saiu deslizando do assento. Subitamente, duas garotas, de talvez uns dezoito anos, apareceram do nada. Mal recuou um passo como se tivesse se assustado.

– Ai, meu Deus, achamos mesmo que fosse você! – a primeira disse efusivamente, dando risadinhas.

– Somos suas maiores fãs.

– Ah, oi. Obrigado. – Mal pegou a caneta que elas ofereceram e assinou

guardanapos, cadernos, sei lá o quê. A assinatura dele não passava de um borrão. Obviamente, ele fizera aquilo milhões de vezes ou mais. Saí da nossa mesa atrás dele, enquanto Neil ajudava Lori, a mão no cotovelo dela.

Cabeças se viraram, e logo mais pessoas do grupo grande se juntaram às garotas que circundavam Mal. A multidão se juntou com uma rapidez incrível. *Flashes* espocavam, cegando-me, e eu levantei uma mão para proteger meus olhos de todo aquele brilho. Já havia duas ou três pessoas entre eu e ele. Mãos me empurraram, e tropecei na ponta da mesa, batendo forte nela com o quadril. Um copo caiu no chão perto dos meus pés e, subitamente, Mal apareceu ao meu lado.

– Você está bem? – ele perguntou, equilibrando-me.

– Sim. Só fui pega desprevenida. – O que eu estava era envergonhada.

– Vamos. – Ele me enfiou debaixo do braço, conforme as pessoas ao nosso redor começaram a reclamar e a demandar mais atenção. Um cara tentou empurrar seu número de telefone para Mal, que o ignorou, fazendo com que atravessássemos a multidão basicamente à força. Quando alguém gritou alguma coisa bem na minha cara, meu coração disparou e eu comecei a suar frio. Aquelas pessoas só podiam ser loucas, ricas ou não. O que teria acontecido se ele fosse reconhecido numa lanchonete qualquer?

Saímos apressados do restaurante, gritos vindo atrás de nós. Neil acompanhou Lori até a limusine, e nós fomos logo atrás. Mãos batiam nos vidros enquanto o motorista se esforçava para fechar a porta sem machucar ninguém. Um minuto depois, o veículo se afastava, mesclando-se ao trânsito, e eu consegui voltar a respirar. Estávamos livres.

Ninguém disse nada, e aquele silêncio estava me matando. Mesmo Lori se limitara a esboçar um sorriso, aparentemente sem energias, como Neil previra. Na pressa de entrarmos no carro, Mal acabou ficando distante de mim. Uma pena, pois eu agradeceria se tivéssemos ficado de mãos dadas.

– Isso foi excitante – eu disse.

– A maioria fica satisfeita em apenas olhar. Mas, de vez em quando, as pessoas se empolgam – explicou Lori. – Não deixe que isso a assuste, Anne.

Ninguém disse mais nada.

Ela me deu um beijo no rosto antes de sair da limusine quando chegamos ao hotel. O clima do jantar não mudara. Fiquei olhando para Mal, instigando-o a retribuir o olhar. Ele não tivera tempo de se barbear, e uma sombra de barba emoldurava seu maxilar, bem como sua boca. A necessidade de beijá-lo, de acabar com aquele distanciamento entre nós, fez meu coração acelerar.

– Você está bem? – perguntei.

– Sim. Você? – ele perguntou, sentado diante de mim no banco de trás. Ele era

o retrato da frieza, da quietude, da desconexão. – Sinto muito pela cena no restaurante.

– Tudo bem. Não foi nada demais.

Ele esfregou o rosto com as duas mãos.

– Às vezes acontece.

– A comida estava maravilhosa. Obrigada por me convidar.

– Uhum.

– Os seus pais são adoráveis. Gostei muito de sua mãe.

– Legal.

– O seu pai também parece legal.

Ele assentiu, olhando para o nada.

– Sério, Mal, o que aconteceu? – perguntei de repente. Precisávamos voltar para casa e voltar para aquela banheira. A situação estivera melhor lá.

– Nada.

Aquela conversa estava uma droga. Em algum momento, as coisas ficaram uma merda, e eu não fazia ideia de como consertar aquilo. Faltava-me essa habilidade.

Eu queria tanto me sentar ao lado dele, mas algo me impedia. Por algum motivo, eu não sabia se seria bem recebida. Aquela noite era para ser *a* noite, pele contra pele, sexo quente, a coisa toda. Agora eu já não tinha tanta certeza. Não quanto ao fato de eu desejá-lo ou não, porque eu desejava, sim. Meu desejo por ele era tamanho que me fazia atrevida. Eu só não queria estar sozinha nessa.

Do lado de fora, começou a chover.

– Vou tocar bateria um pouco – ele disse. – Mas vou deixá-la no apartamento antes.

– Vocês têm ensaio hoje?

O sorriso dele nem chegou perto do olhar.

– Não. Só estou precisando tocar um pouco.

– Não quer voltar comigo? – perguntei, e ele sabia a que eu estava me referindo; ele tinha que saber.

Mal deu de ombros.

Ah, não. Não acredito. Ele acabou de desconsiderar que finalmente transaríamos. Aquela não era uma situação em que a ambivalência podia ser considerada legal, de maneira alguma. A limusine se misturou ao trânsito noturno, sem dúvida aguardando a notificação quanto ao próximo destino.

Mal sacou o celular e começou a passar pelas telas. Cruzei os braços diante do peito. Tudo bem, era assim que ele queria agir. Do lado de fora, o centro de Portland passava por nós em todo o seu resplendor. As árvores, em um dos pequenos parques, estavam iluminadas. Tudo reluzia no clima úmido. Fios de

água escorriam pelas janelas do carro, borrando a vista.

Droga. Se ele queria mesmo ir tocar bateria, que fosse. Obviamente, ele não estava no clima de ter companhia. Abri minha boca para concordar com esse plano, mas nada saiu dela. Aquilo não estava dando certo. A verdade era que eu podia ser bem teimosa, e ficar excitada não combinava comigo muito bem. Seria melhor se eu me afastasse um pouco.

– Pode pedir para o motorista encostar? – Afastei uma mecha de cabelo ruivo do rosto. – Você não precisa se desviar do seu caminho. Posso ir sozinha pra casa. A gente se vê mais tarde.

Os olhos dele se estreitaram.

– Não vou deixá-la numa esquina qualquer debaixo da chuva, Anne. Vou levá-la para casa.

– Tudo bem. Obrigada.

Ele abriu a boca. Depois a fechou de novo.

– O que foi?

Ele não disse nada.

Aff, a fuga. Eu a conhecia tão bem... Eu não podia ficar exigindo que ele se abrisse comigo quando eu não tinha intenção nenhuma de revelar minha triste história para ele. Ninguém precisava ouvir aquilo.

Ainda assim, éramos melhores do que isso. Ou deveríamos ser.

– Que droga – murmurei.

– O que você disse?

– Que. Droga.

Ele inclinou a cabeça.

– A segurança de veículos em movimento é algo tão superestimado...

– O q...

Fui para o banco ao lado dele. Ainda melhor, subi no colo dele, sentando com as pernas abertas. Ele piscou, as mãos pairando sobre meus quadris, como se incerto quanto ao lugar onde acomodá-las. O celular dele caiu de lado, aparentemente esquecido. Ainda bem que eu estava de vestido. A saia era meio curta e feita de um material elástico, útil em tantas situações, especialmente numa daquelas.

– Anne.

– Mal.

– O que está acontecendo?

– A noite não vai acabar assim – eu lhe disse, absolutamente calma. – Não vou deixar.

Ele olhou para mim como se eu tivesse começado a falar sem parar. O que seria uma excelente ideia, visto que eu não tinha a menor noção de qual era o

problema ali.

Passei as mãos por trás da nuca dele. Agora eu entendia por que ele sempre fazia isso, a pele era suave e quente ali. Para ser bem sincera, eu não sabia o que dizer; beijá-lo fazia muito mais sentido do que dizer algo errado de novo. Resvalei meus lábios nos dele, fartos e perfeitos. Seu leve arquejo foi como música para os meus ouvidos. Se eu tivesse tempo, homenagearia aqueles lábios a noite inteira. Lábios gostosos. Nenhum outro homem era “beijável” assim.

– Odeio te ver triste.

Olhamos um para o outro, os rostos bem próximos. O que quer que estivesse acontecendo com ele, ferindo-o, precisava se distanciar do ali e do agora. Mal e eu havíamos ganho o direito àquele momento. Ele só se esquecera disso no caminho, tendo se distraído. Sorte dele que eu não me distraí.

– O que quer que seja, deixe que eu conserto. Só um pouquinho... Inclinei a cabeça e o beijei, tracejando os lábios com a língua. O gosto dele era maravilhoso. Meu quadril já se remexia inquieto em seu colo, querendo mais. Eu estava no cio e era tudo culpa dele, portanto, ele tinha que dar um jeito. Com um gemido, ele cedeu e abriu a boca. Caramba, eu adorava a sensação da língua dele, seu sabor doce. Isso me subia à cabeça e me entorpecia.

Ele não hesitou. As mãos subiram pelas minhas pernas, debaixo da saia, indo direto para o alvo, que Deus o abençoasse.

– Precisa de alguma coisa? – ele perguntou, os dedos afagando minhas coxas.

– De você.

– Cacete. Anne. – A boca dele perseguiu a minha, invadindo mais, penetrando mais. E, puxa vida, eu estava feliz em ceder. As pontas dos dedos ágeis afagaram a bifurcação da minha calcinha, fazendo cada canto meu se acender em resposta. Se alguma coisa nos impedisse dessa vez, eu não seria responsável pelos meus atos.

– Continua – arfei, soltando o rabo de cavalo dele.

– Não prefere isto? – Seu polegar pressionou meu clitóris, movendo-o em pequenos círculos.

– Ai, Deus. – Pendi a cabeça para trás, sensações me atravessando. Eu estava tão excitada que chegava a ser embaraçoso. O tecido úmido da minha calcinha revelava tudo. Mas tivemos dias e dias de preliminares, para falar a verdade. Muito antes de conhecê-lo, eu já o desejava, apesar de a realidade exceder as minhas expectativas. Mal Ericson era o meu sonho se realizando. A maratona de beijos na casa de David e de Ev, ter ficado acordada na noite anterior sentindo saudades dele, aquelas coisas já tinham me levado ao limite. A sensatez e a segurança que se danassem. Arrancaria dele o máximo que conseguiria enquanto pudesse.

– Isso... – ele murmurou.

Empurrei o corpo ao encontro da mão dele, à procura de mais. Ele sustentou minha cabeça na mão, segurando-a para poder me ver.

– Você é linda pra caralho. Já te disse isso?

Não sei. Se ele esperava uma resposta, ficaria esperando por um tempo.

– Eu devia ter te dito isso – ele disse.

Fiquei só olhando para ele, hipnotizada. Ele era, sem dúvida, o homem mais bonito que eu já vira. As linhas elegantes de seu rosto faziam com que eu quisesse escrever poesia de má qualidade. E o som de sua voz, suas palavras, era tudo tão perfeito e tão bom. Então, minhas entranhas se apertaram, e não havia nada em que eu pudesse me apoiar. Eu estava tão terrivelmente vazia que chegava a doer.

– Preciso... – Esqueça essa coisa de falar. Em vez disso, comecei a puxar o cinto dele, forçando o botão e o zíper do jeans. Os músculos das minhas coxas ardiam pela força com que me segurava a ele, e caso o carro freasse de repente, eu estaria em sérios apuros.

– Você pode ter tudo o que quiser, Anne. É só pedir.

– Eu quero você.

Dedos tracejaram a entrada do meu sexo, fazendo minha cabeça flutuar.

– Como você me quer? – ele perguntou, a mão coagindo um gemido de dentro de mim. Apoiei a bochecha contra a dele, os pulmões se esforçando para respirar. – Hein?

– Dentro de mim. – As palavras eram um incômodo, assim como o zíper. – Mal... por favor. Pare de brincar comigo.

– Mas você adora quando eu brinco com você.

Segurei o rosto dele entre as mãos, a boca inflexível.

– Chega.

Ainda bem que eu estava sentada, de outro modo, seu sorriso teria me derrubado. Bastardo lindo e arrogante.

– Ok. – Mal tirou a mão de dentro da minha saia.

Quase chorei de saudades daquela pressão adorável. No entanto, muito mais importante era fazer com que ele entrasse em mim o mais rápido possível.

– Levante um segundo – ele pediu.

Ele me ergueu de lado e abaixou o jeans e a cueca, pescando um preservativo do bolso. Parei no instante em que vi o pau dele, erguido grosso e imponente. Eu precisava de mais tempo para olhar. Será que ele ficaria muito bravo se eu tirasse uma foto? Claro que para uso estritamente pessoal.

– Anne – ele disse, interrompendo a minha concentração. – Tire a calcinha. Agora.

– Certo. – A minha saia já estava erguida ao redor da cintura. Enganchei os polegares nas laterais e desci a calcinha, chutando as botas ao mesmo tempo. Coordenada e tranquila, eu não estava nem um pouco, pois só ficar nua da cintura para baixo era o que importava.

Ele rasgou a embalagem do preservativo com os dentes e o desenrolou.

– Vem. – Mãos grandes me seguraram pelo quadril, voltando a me acomodar em seu colo. Segurei seus ombros para me equilibrar e encarei seu rosto, memorizando-o. Aquele momento precisava ficar registrado na história, impressa em cada mínimo detalhe por toda a eternidade: desde a curva dos ossos do rosto até a linha da mandíbula e o leve ângulo no meio do lábio superior que eu estava morrendo de vontade de beijar e lamber... Eu não queria me esquecer de nada.

Ele escorregou um dedo para dentro de mim e os meus músculos sofreram um espasmo ante o choque da invasão.

– Ok? – ele perguntou, imóvel.

Assenti.

– Só fui pega desprevenida.

Devagar, ele mergulhou mais fundo, fazendo com que eu me contorcesse. Com tremenda habilidade, ele foi mais e mais fundo. O polegar esfregou meu clitóris enquanto ele acariciava um sensível ponto interno meu. Alguém, em algum lugar, lhe confiara os segredos da minha boceta; o homem sabia de tudo. Não conseguia me lembrar de ninguém me excitando tanto com tamanha facilidade.

– Caralho, como você é gostosa, o meu dedo está no céu.

– Mal, por favor... – Eu não sabia ao certo pelo que estava implorando. Queria seus dedos, seu pau, sua boca, tudo. O homem me deixava gulosa.

O dedo dele escorregou para fora, provocando meus lábios, abrindo-os gentilmente. Minha pélvis se moveu por vontade própria, enterrando-se contra a mão dele. Meus gemidos eram tão altos que o motorista devia estar ouvindo, apesar da divisória. E eu me importava? Nem um pouco.

– Estamos prontos – Mal anunciou.

Ah, se estávamos.

Uma mão segurava meu quadril enquanto a outra posicionava o pau. A pressão dele deslizando contra meus lábios me fez ver estrelas. Eu não sabia como aguentaria mais. Lenta e firmemente, enterrei-me nele. Suas narinas inflaram conforme eu o envolvia. Não parei até estar sentada em suas coxas nuas, os pelos das pernas me roçando.

– Lá vamos nós. – O seu foco em mim era absoluto, o olhar vasculhava meu rosto, absorvendo tudo. Não me deixava espaço para que eu me escondesse. O

que era um problema, já que eu senti o estúpido impulso de explodir em lágrimas ou algo assim.

Desde quando sexo significava tanto assim?

– Quero me mexer – eu disse. Mas a mão na minha cintura me segurava. A sensação dele me preenchendo não podia ser descrita. Beirava algo absolutamente extasiante.

– Espere. – Ele levantou a cabeça, beijando-me com doçura. – Só me dá um minuto. Perfeito pra cacete. Faz uma eternidade que espero para senti-la assim.

Balancei ao seu encontro, de tão desesperada que estava.

Ainda estávamos vestidos da cintura para cima, mas, ai, cara, as coisas que estávamos fazendo embaixo...

– Mal – sussurrei –, agora.

Dedos se enterraram na minha bunda, erguendo-me ao longo da sua extensão antes de me descerem de novo, fazendo com que eu me acostumasse à sensação da grossura do seu pau. Aquele mesmo movimento, uma vez seguido de outro, e mais outro, era o paraíso. O deslizar ao seu redor fez meu sangue arder. Devagar era bom. Derretia a minha mente.

Aos poucos, comecei a acelerar o ritmo; suas mãos foram em meu auxílio. Mais rápido e com mais firmeza, eu o cavalguei. Nada se comparava com o calor sólido dele me arrastando para todos os lugares sensíveis dentro de mim, liquefazendo-me. Desci com força, levando-nos a um frenesi. O suor molhou nossas peles. Minha coluna formigava; meu corpo inteiro tremia de desejo. Aquilo era vida e morte e um bilhão de outras coisas que eu nem sabia que existiam. A tensão dentro de mim aumentou para proporções deliciosamente gigantescas. O polegar se movia para frente e para trás sobre meu clitóris, e o mundo inteiro explodiu. Meu quadril arremeteu e escondi meu rosto em seu ombro quando gozei, mordendo-o por cima da camiseta. Uma bocada de algodão tentou abafar o barulho que escapava da minha garganta.

O clímax perdurou até eu cair inerte sobre ele, achada e perdida e tudo o mais.

Mal gemeu, me segurando em seu pênis. Ele estava grunhindo alguma coisa. Pode ter sido o meu nome e, nesse caso, eu ficava muito agradecida. Assim que eu conseguisse, era o que eu faria.

Não queria me mexer. Nunca mais. Ou, pelo menos, até a próxima rodada.

Ficamos largados no banco de trás da limusine, em silêncio. Suor e fluidos corporais colavam nossas coxas e nossas virilhas. Todos os meus músculos tremiam. Puta que o pariu. Aquilo fora épico.

– Está viva? – ele perguntou depois de um tempo, penteando meu cabelo para trás das orelhas com os dedos.

Olhei para ele, o queixo relaxado, sexualmente embriagada. A melhor

sensação do mundo.

– Acho que foi bom.

Nossa, as palavras saíram arrastadas. A minha língua ficara grossa e entorpecida.

– Foi? – Ele nem se deu ao trabalho de esconder o sorriso.

– Tenho certeza de que se esforçou.

– Aprecio o seu voto de confiança.

Repliquei com um resmungo incoerente, nada feminino, por falta de energia.

– Docinho? Moranguinho? Você gritou tão alto nos meus ouvidos que eles ainda estão tinindo. Não consigo ouvir as asneiras que você está dizendo agora. Repete depois que eu levar uns pontos no ombro, ok? – Ele riu, o som retumbando no peito de um jeito gostoso. – Uma mordedora e uma gritadeira. E você parecia uma mocinha boazinha, inocente. Estou chocado.

Afastei a gola da camiseta, inspecionando o ombro.

– Você não está sangrando. No máximo, vai ficar com uma marca.

– Que vou carregar com orgulho.

Caramba, como o cheiro dele era bom. A limusine deveria continuar andando em círculos pela cidade até ficar sem combustível só para eu poder ficar sentindo o cheiro dele. Sexo, suor e homem.

– Ainda quer ensaiar? – perguntei, mais por educação. O desejo de tê-lo só para mim fez com que meus braços ainda o envolvessem pelo pescoço, quase o estrangulando. Mas se ele quisesse ir, eu iria. Orgasmos tendiam a me deixar num estado de humor benevolente. – Posso assistir, se você for tocar de novo.

– Porra, não – ele disse.

– Porra, não?

Ele bufou, os lábios retorcidos como se eu tivesse uma deficiência no departamento mental.

– Casa. Cama. Agora.

– Entendido. – Sorri.

CAPÍTULO 17

Saímos da limusine, quase caindo e ainda ajeitando as roupas. As coisas entre minhas pernas estavam grudentas e inchadas. Pensando nisso, acho que eu não seria uma boa *cowgirl* porque os músculos das minhas coxas ainda não tinham se recuperado da cavalgada. Eu precisava mesmo voltar para as aulas de pilates. Contudo, uma dorzinha de nada nos músculos não diminuiu o sorriso idiota no meu rosto. Seria necessário praticar mais; porém, levando em consideração o fato de que Mal não tirava as mãos de cima de mim, ele não se importaria com isso.

– Tantas estrelas. Olhe como está claro. – Deixei a cabeça cair para trás, inspecionando o céu. Recém-saída de um orgasmo, com Mal ao meu lado, o mundo era um lugar lindo pra caralho.

Mal beijou o meu queixo. Enfiou um dedo no cós da saia e me guinchou na direção da porta do nosso prédio.

– Vem, a sua blusa parece desconfortável. Você precisa tirá-la.

– Mas a natureza, ela é linda e tudo o mais.

– Os seus peitos são bonitos e tudo o mais. Estou mais do que disposto a ficar um bom tempo a admirá-los. Tudo bem assim?

– Tudo!

Ele gargalhou.

Enfiei a chave na porta, atrapalhada na minha pressa. A trava virou, a porta se abriu, batendo na parede. Que barulho. Ele ecoou pelo corredor da entrada, subindo pelas escadas. A senhora Lucia nos passaria um sermão por fazermos tanto barulho. Ela morava no primeiro andar e se considerava a xerife daqueles domínios. Ninguém tinha coragem de contrariá-la. Caso necessário, entretanto, eu vestiria minhas calcinhas de menina crescida e lidaria com a senhora Lucia.

O que eu não sabia era como lidar com a visão de Reece sentado nas escadas, com um buquê de flores na mão, de todas as cores do arco-íris. Parei de repente, Mal ao meu lado.

Reece me trazia *donuts* de vez em quando. Uma garrafa de vinho quando saíamos para jantar no meu aniversário ou no dele. Mas ele nunca ficara na

minha escadaria com ar abandonado, uma mecha de cabelo caída no meio da testa.

– Reece... – Subi os degraus na direção dele.

Mal ficou parado, a mão escorregando da minha.

A cor sumira do rosto de Reece. Ele parecia tão branco quanto uma folha de papel. O meu estado desgrenhado e o de Mal não podiam ser interpretados de muitas maneiras. Reece parecia uma criancinha que acabara de perder seu brinquedo predileto. Acho que nunca avaliei as diferenças entre Mal e ele antes. Apesar de todas as brincadeiras, Mal era um homem, tanto na cabeça quanto no coração. Reece era um garoto. Não sei bem se eu saberia explicar a distinção. Eles simplesmente brincavam de maneiras diferentes.

– Anne. – Reece olhou meio perplexo para as flores, como se não soubesse muito bem como elas acabaram ali na sua mão. – Não pensei que você tivesse companhia. Desculpe.

Muda, estendi as chaves para Mal. A boca dele formou uma linha reta. Ele balançou a cabeça num movimento ríspido e eu empurrei as chaves para ele. Que diabos ele esperava que eu fizesse? Eu não podia deixar Reece ali, sentado na maldita escada. Mal me encarou e eu encarei de volta, silenciosamente pedindo-lhe que me entendesse. Deus, aquele era basicamente o meu melhor amigo.

Depois de um instante, Mal arrancou as chaves da minha mão e foi em frente, pisando ao redor de Reece. Entrou e fechou a porta (ainda bem que sem batê-la).

Reece me lançou um sorriso meio rijo.

– Isso foi estranho.

No mínimo. Sentei-me ao lado dele, apoiando os cotovelos nos joelhos.

– Belas flores.

– São para você. – Ele as entregou, o perfume adocicado e forte. Não olhou para mim.

– Obrigada. Elas são muito bonitas.

– Fiquei preocupado com você.

A declaração pairou tal qual uma acusação. Eu não sabia o que dizer. A emoção nunca fora um ponto forte meu. Estava despreparada para aquela mistura de tristeza e culpa e o que mais ele tivesse trazido nas solas de suas botas. Mamãe me ensinara há muito tempo como me proteger, mantendo a boca calada.

– Vocês dois se entenderam – ele disse.

– Sim. – Por outro lado, a minha mãe era um péssimo modelo a ser seguido. Reece merecia mais do que aquilo. – O que está acontecendo?

– Fiquei pensando sobre as coisas. Sobre nós. – Ele passou uma mão pelos cabelos, afastando a franja. Sempre adorei a maneira como ele faz isso, seguido

de uma jogada de cabeça. O meu coração não deu cambalhotas, nem se entregou a ele. Não como fazia com Mal. Reece demorara tempo demais.

– Nós? – repeti, tanto zangada quanto atônita.

O sorriso dele estava longe de ser contente. Ele acenou com a cabeça para o andar de cima.

– Pensei que ele estava fora de cena.

– Eu também. Pelo visto, foi um mal-entendido.

– Parece bom pra você. Acha que vai durar? – A voz dele não foi exatamente agradável, mas a pergunta provocou uma reação imediata.

Inspirei fundo, faltava-me uma resposta franca. Meu êxtase sexual ainda não se dissipara o bastante para eu ser brutalmente honesta, não com Mal no andar de cima. A minha cabeça não queria saber. Mamãe sempre dizia que o amor nos tornava estúpidos. Acho que, no fim das contas, não aprendi essa lição.

– Não sei. Mas espero que sim.

Ainda estava relativamente cedo, mas o prédio estava silencioso. Nossas vozes mal eram ouvidas.

Reece se pôs de pé, movendo-se vagaroso como se tivesse sido golpeado.

– É melhor eu ir. Vejo você amanhã.

– Reece – eu o chamei com voz contraída e alta. Algo estava se partindo bem ali ao meu lado e, como tantas coisas recentemente, eu achava que não conseguiria consertar. Não conseguiria dar a Reece o que ele finalmente decidira que queria. – Sinto muito.

Ele deixou a cabeça pender.

– A culpa é minha, Anne. Fui um idiota. Fui estúpido e enxerguei tarde demais o que estava bem na minha frente.

Eu não tinha nada a dizer. Absolutamente nada.

Esperei um momento, os lábios distorcidos de desapontamento, talvez. Depois começou a se mover.

– Boa noite. – Trotou escada abaixo, descendo dois degraus de cada vez, obviamente ansioso em ir embora.

– Tchau.

Fiquei sentada ali, segurando as flores, olhando para o nada. Eu só precisava de um instante para ordenar os pensamentos. Nada fazia sentido. Um minuto depois, Mal apareceu e se sentou ao meu lado. Inclinou-se, cheirou as flores. As mãos batiam um ritmo nas coxas, mas ele não se pôs a dizer nada. Tamborilar os dedos significava inquietação ou profunda reflexão. Aquela percussão selvagem era algo completamente diferente.

– Reece foi embora – comuniquei, quebrando o silêncio.

– Hum.

– Hoje foi um dia estranho – eu disse, muito possivelmente fazendo a constatação mais óbvia do século.

– Estranho bom ou estranho ruim?

– Os dois.

– Hum. – Ele segurou a nuca e inspirou fundo. – Você está terminando comigo?

Virei a cabeça para ele bem rápido.

– Você quer terminar?

Ele não respondeu. Por um minuto ou mais, eu não emiti nenhuma palavra, nem ele. Aparentemente entramos numa zona turbulenta de disputa de vontades. Quando lancei um olhar questionador, ele simplesmente levantou a sobrancelha, num sinal de espera.

– Eu não podia deixá-lo aqui na escada. Ele é meu amigo.

Mal levantou o queixo.

– Era para eu ter deixado vocês brigarem por minha causa? Isso nunca vai acontecer.

– Nós transamos e agora você me manda para casa com um tapinha nas costas. – A maneira baixa e fria com que ele disse isso não ajudou nada.

– Não – rebati, equiparando seu tom de voz. – Pare com isso, Mal. Você sabe que não foi assim que aconteceu. Eu mandei Reece para casa. *Você*, eu pedi para esperar na *minha* casa. Para eu poder conversar com ele.

Ele me encarou e eu o imitei.

– Não faz assim – pedi.

– Deus! – Ele esfregou o rosto com as mãos, grunhindo em frustração. – Odeio sentir ciúme. Odeio!

– Nem me fale. – Ergui as mãos em sinal de frustração equivalente. – Você sabe que uma porção generosa da população detentora de vaginas te deseja? Nem me peça para falar das pessoas com pênis, porque existe uma bela porção delas que também te quer.

– Olha as merdas que você diz... – Ele se pôs a gargalhar. – Caramba.

A tempestade parecia ter passado, graças a Deus. Recostei-me em seu ombro, precisando ficar próxima. Felizmente, ele permitiu.

– Não costumo brigar com as pessoas – ele disse, esfregando o rosto no topo da minha cabeça. – Na banda, sou eu quem costuma apartar um do outro por causa de algum motivo idiota. Conto uma piada e faço com que voltem a sorrir.

– Você é o promotor da paz, mas esteve pronto a arrancar a garganta de Ben na outra noite.

– Por sua causa. Você meio que confunde a minha mente, moranguinho.

Franzi a testa.

– Não estou dizendo que você faz isso de propósito.

– Hum, isso não faz com que eu me sinta melhor.

Ficamos em silêncio. No fim, ele tirou as flores das minhas mãos, se levantou, e desceu as escadas. O único barulho foi o das passadas suaves dos tênis dele nas tábuas gastas de madeira. Com cuidado, ele depositou as flores na soleira da porta da senhora Lucia, antes de voltar a se sentar ao meu lado. Uma declaração fora feita com o confisco daquelas flores, mas o que, exatamente, aquilo significou? Era o "x" da questão. Mal Ericson também me confundia. E ele logo partiria em turnê. Seria tolice ignorar um fato tão representativo. Fiquei mexendo nas fivelas das minhas botas, toda agitada. Emoções demais se desenrolavam dentro de mim.

Ele provocava isso.

– Enquanto eu estava lá em cima sentado, esperando por você, algumas coisas me ocorreram – ele disse.

– É mesmo?

– Bem, agora você é minha namorada de verdade.

Parei de respirar por um instante, abalada.

– Acho que eu precisava ouvir isso de você.

– Você é minha namorada de verdade já faz um tempo. Não quis que fosse, mas é. Acho que só tenho que me acostumar com isso.

Claro que quando ele colocava daquela maneira, fazia com que eu quisesse machucá-lo fisicamente.

– Não fique brava – ele disse. – Só estou explicitando um fato.

– Não estou brava.

– Mentirosa. Viu? É por isso que a gente devia ter ido para terapia de casal quando sugeri, logo no começo.

– O quê? – Enruguei o nariz. – Quando foi que isso aconteceu?

– No dia seguinte ao que me mudei, enquanto trocamos mensagens sensuais.

– Não mandamos mensagens sensuais, apenas mandamos mensagens. Você também disse que queria um cachorro, se bem me lembro. Por isso não achei que estivesse falando a sério sobre a terapia.

O curvar lento dos lábios dele fez com que algo ardente e delicioso se abrisse dentro do meu estômago.

– Moranguinho, sempre sou sério em relação a você. Mesmo quando estou brincando, estou falando muito sério. O que você precisar, o que eu tiver que fazer... Foi assim desde que nos conhecemos. Ainda não percebeu? Estamos destinados um ao outro ou alguma merda do tipo, sei lá. Não consigo evitar. É bem patético, na verdade.

– Hum. – Enfiei as mãos debaixo das coxas, permitindo que suas palavras se

registrassem em mim. – Foi isso que você pensou enquanto esperava ali em cima?

– Uhum. – Ele se aproximou, pressionando o quadril no meu. – Pense nisso. As coisas estavam uma droga, daí a conheci na festa e você me alegrou. Quis passar mais tempo com você e, então, vi o peito de Ev, Davie me expulsou, e tive que vir morar com você. Quis dormir com você e nós, acidentalmente, quebramos sua cama, por isso você teve que dormir comigo no sofá. Quis transar com você, e você ficou entediada no caminho para casa e me atacou. Viu? Destino.

Disparei a rir.

– Que lindo. Mas não sei se faz muito sentido.

– É o destino, Anne. Está escrito nas estrelas. Deixe essa porra de lado.

– Você é louco. – Pendi cabeça e suspirei. O que mais eu podia fazer? – Assim está melhor. Também não suporto quando você está triste. – O braço dele me envolveu pelos ombros, atraindo-me para ele. Segurei os seus dedos, só para ficar junto.

Assim estava melhor. Tudo ficaria bem. No entanto, ainda existia uma questão que me deixava curiosa.

– Por que me pediu para ser a sua namorada de mentirinha?

Ele deu de ombros e desviou o olhar.

– Quis passar mais tempo com você. Você me faz feliz.

Enruguei a testa.

– Só isso?

– Isso é importante pra caramba. Acho que, com Davie se amarrando, acabei me sentindo meio sozinho ou algo assim. Achei que a gente podia ser amigos.

Só fiquei olhando para ele.

– Eu precisava de uma oportunidade para te conhecer melhor, só você e eu, sozinhos. Me mudar para a sua casa pareceu uma bela maneira de fazer isso. E você precisava de ajuda. Ok?

– Ok.

Ficamos em silêncio por um momento.

– Sei lá que merda está se passando pela sua cabeça, mas pode parar – ele disse.

– O quê? Do que cê tá falando?

– Do Reece. – Ele apoiou a cabeça na minha. – Você está preocupada com ele. Pode parar.

– Mal... – Como eu poderia explicar para ele? As palavras pareciam chumbo, incapazes de sair. Não estava pensando em Reece, mas agora que ele o mencionou...

– Você não fez nada errado.

Remexi-me debaixo dele, precisando ver seu rosto. Desde quando ele conseguia me interpretar tão bem assim e por que eu não conseguia fazer o mesmo com ele? Ele parecia calmo, seguro, lindo como um pecado. Os lábios estavam ligeiramente abertos; os olhos, serenos. De uma hora para a outra, já não era mais impossível pronunciar as palavras.

– Eu o magoei.

– Talvez. Mas foi ele quem te deixou esperando. Ele também te magoou.

– Mas eu conserto as coisas – repliquei. – É o que eu faço.

– Você não pode consertar isso. – Ele brincou com o meu cabelo, enrolando as mechas curtas num dedo.

– Por que não?

– Vai me dar um pé na bunda? Vai me mandar embora?

– Não. Claro que não.

Ele sorriu e deu de ombros.

– Eis a sua resposta.

– Você faz com que pareça tão simples.

– Mas é. Sou o seu namorado agora, o que significa que não há espaço para o seu admirador metido a besta. Ele vai ter que lamber as feridas, enquanto nós lambemos outras coisas. – Ele ergueu uma sobrancelha demoníaca.

Minha cabeça se encheu de tantas perguntas carentes. Cento e uma maneiras de implorar por garantias. Contudo, de jeito nenhum aquilo sairia pelos meus lábios. Ele era tão insanamente perfeito e esteve dentro de mim. Meu corpo zunia com as lembranças, ficando de súbito sobrecarregado. Desejei-o de novo. Talvez eu devesse apenas me acorrentar aos pés dele e resolver o assunto. Essa podia ser a solução.

– Não quis magoá-lo – eu disse. – Mas precisava conversar com ele sozinha.

– Eu sei, eu sei. Fui um idiota. – Ele gemeu, olhou para o alto. – Isso basta como pedido de desculpas?

– Você está arrependido?

– Sim. Sei que Reece faz parte da sua vida. Vou tentar ser legal com ele.

– Obrigada.

O cabelo caiu no rosto dele de novo. Com suavidade, passei-o para trás da orelha e depois segurei seu rosto.

– Ei, olhos apaixonados, a operação namorada falsa foi cancelada – ele murmurou. – Só para o caso de você estar se perguntando.

– Foi mesmo, né?

– Do meu ponto de vista, estamos juntos até decidirmos não estarmos mais. Não vamos forçar. Que tal deixar rolar?

Era um bom plano, considerando-se que tínhamos começado a ficar juntos menos de uma hora antes.

– De acordo.

– Feliz que esteja a bordo, senhorita Rollins. – Cobriu a minha mão com a dele, pressionando-a em seu rosto. – Não quero ser grosseiro, nem nada assim, mas estou preocupado com uma coisa.

– Que coisa?

– A sua blusa.

Abri a boca, fechei-a.

– A minha blusa?

– Esta que está te esfolando. Subconscientemente. – Seus olhos estavam intensos; a expressão, séria.

– A minha blusa está esfolando o meu subconsciente?

– Não, acredito que esteja esfolando a pele delicada dos seus mamilos e a região ao redor... Qual é o nome mesmo?

– Aréola?

– Isso, essa parte. Porque é rosada e sensível, sabe? É delicada, portanto, acredito que as minhas preocupações em relação à natureza áspera e não maleável da sua blusa sejam muito importantes, mesmo que você ainda não tenha ciência do desconforto que ela está te causando.

– Sabe, você seria um vendedor e tanto. – Ele era tão convincente que quase tive pena da minha blusa de algodão de mangas longas. – Estou de sutiã. Os meus mamilos agradecem a sua preocupação.

– Bem, o seu sutiã também tem participação nisso. Os dois estão contra você.

– Não pode ser! – respondi. Ele tornava impossível não sorrir.

– Pois é... Ainda bem que estou aqui para cuidar dessas coisas.

– Que tal se a gente subir e eu tirar a blusa e o sutiã, isso deixaria você mais tranquilo?

– Eu me sentiria infinitamente melhor se você fizesse isso.

– Tudo bem, então. Você não me pega! – Saltei de pé, avançando escada acima, rindo. O braço de Mal me segurou por trás, suspendendo-me e me levando de volta para junto do peito dele.

– Ganhei – ele disse, carregando-me de volta para o apartamento onde nós dois ganhamos. E como.

CAPÍTULO 18

Dedos mexiam em mim. Dedos astutos.

O meu alarme ajustado para a hora de ir trabalhar ainda não tinha tocado. Não amanhecera ainda. Voltar a dormir, porém, não era uma opção com ele me atiçando daquele jeito. Desde quando Mal era uma pessoa madrugadora? Resposta: desde que quisesse sexo.

Que Deus o abençoasse pelas suas necessidades básicas.

Fiquei deitada de barriga para baixo com ele ao meu lado, maravilhada por despertar junto à rigidez e ao calor do seu corpo. Muito suavemente, ele afagava o interior das minhas coxas. Tracejou as juntas dos dedos para a frente e para trás na abertura do meu sexo. Todas as minhas partes baixas ficaram tensas em sinal de aprovação. Arqueei a pélvis, dando-lhe melhor acesso à minha boceta. Tínhamos arrastado o colchão para a sala, longe da destruição da estrutura da cama, e transado de novo à noite.

– Acordada? – ele perguntou, com a voz rouca de sono.

– Não.

Ele trilhou beijos pela minha coluna, fazendo-me estremecer. O raspar da barba curta provocava uma deliciosa sensação tátil por onde passava. Sim, eu ainda estava semiadormecida.

– Ok, não se preocupe. Só preciso de uma coisa. Não deve demorar muito... Vou tentar não atrapalhá-la.

– Hum... obrigada.

Sua ereção me cutucou na coxa. Em seguida, uma mão forte escorregou por debaixo do meu quadril, suspendendo-o.

– Subindo – ele disse, deslizando um travesseiro debaixo de mim. – Hum, maravilha. Anne, a sua bunda fica linda assim empinada.

Dedos circundaram meu clitóris, excitando-me como nunca. Ele circundou e afagou e atiçou alternadamente, tocando em mim bem do jeito certo. Os músculos da coxa ficaram tensos, os joelhos se afundaram no colchão. Agarrei os lençóis, já arfando. Seria inútil tentar expressar o quanto eu apreciava suas carícias. Ainda mais enquanto meu cérebro estivesse desligado. Gemi

desapontada quando ele, em vez disso, passou a afagar minhas nádegas, descendo os dedos pelas minhas coxas.

– Mais afastado – ele murmurou, empurrando minhas pernas para os lados. O colchão se mexeu debaixo de mim quando ele se posicionou. Por trás não era a minha posição predileta, mas eu não duvidava que Mal fizesse valer a pena. O homem era habilidoso.

Ouvi a embalagem do preservativo sendo rasgada enquanto ele me estimulava com apenas uma mão. Mesmo apenas uma mão era bom pra caramba. Em seguida, a cabeça grossa do seu pau pressionou meu sexo. Fechei os olhos, empurrei-o contra ele, gemendo conforme ele escorregava dentro de mim. Com seu pau me preenchendo, não restava espaço para pensamentos. Eu só conseguia sentir.

Que delícia.

O modo como ele agarrava minha bunda, os dedos se enterrando na minha carne, provocava pequenos tremores doloridos. Ele era, de fato, uma experiência de corpo inteiro, muito possivelmente envolvendo o plano astral. Os cinco sentidos estavam ativos e algo mais que eu não conseguia descrever. Havia algo viciante que só ele podia me fornecer. Se meu cérebro parasse de funcionar, eu ficaria preocupada com isso.

Mãos grandes acariciavam minhas costas. Em seguida, o calor do seu corpo me envolveu. Dentes mordiscaram o lóbulo da orelha, ferroando. Os ombros penderam, e meus músculos se contraíram.

– Ah... porra... bom demais. – Mal se empurrou com força para dentro de mim. Como se conseguisse ir mais fundo... Como se. – Você é uma transa preguiçosa pela manhã, Anne.

– Hummm. Fiz todo o trabalho ontem na limusine.

Ele riu, o peito se movendo nas minhas costas. Depois, mexeu o quadril, para dentro e para fora, fazendo cada centímetro meu tremer. Com os braços ancorados ao meu lado, ele prosseguiu num ritmo lento, muito sossegado. Meu traseiro sacolejava, mas nem liguei. Não com Mal enterrado dentro de mim. Parecia que ele demoraria uma eternidade para acelerar o ritmo. E ele me chamava de louca. Eu precisava de mais. Pressionando o quadril contra o dele, incitei-o. Ele entendeu o recado e acelerou, indo mais fundo. O suor pingava dele em mim.

Sons preencheram meus ouvidos, e uma luz branca tomou conta da minha cabeça. Estava tão perto que eu quase sentia o gosto. O nó sublime de tensão se contraiu mais, mas não o bastante.

Sim.

SIM.

Mas não. Droga. Maldição.

Mal se enterrou em mim, gemendo. O pênis dele esguichou dentro de mim.

Não percebi que estive me contendo tensa até cair de cara no colchão, o que dificultou um pouco a respiração. Virei a cabeça de lado, concentrando-me em voltar a respirar, em deixar de lado o desejo. Quase cheguei lá, algo inédito para a posição.

Tudo bem, eu só precisava pensar em coisas boas. Coisas alegres. Não dá para ganhar todas as vezes.

Mal saiu de dentro de mim e caiu ao meu lado na cama. Do lado de fora, passarinhos cantavam. O zunido abafado do trânsito vinha de não muito longe. Nate já se movia no apartamento ao lado.

– Anne?

– Hum? – Rolei de costas.

Mal estava ocupado tirando a camisinha e dando um nó na ponta. Depois, rolou para fora do colchão e foi para o banheiro.

– O que foi, Mal?

Ele deu a descarga. Voltou, o rosto neutro. Só fazia uns cinco minutos que estávamos dormindo juntos e aquilo já estava estranho. Como se os relacionamentos não tivessem seus momentos de sexo mais ou menos. Será que ele sabia? Não dava para eu saber. Talvez ele só fosse perguntar do café da manhã ou comentar sobre o tempo.

Puxei o lençol, cobrindo-me com ele.

– O que foi?

– Algo errado aí? – ele perguntou, apontando com o queixo.

– O quê, comigo? Não, nada.

– Tem certeza?

– Sim. – Mais ou menos...

Ele se ajoelhou na beira do colchão, observando-me.

– Precisamos conversar.

– Ok...

– Você não precisa disto. – Ele agarrou o lençol, abaixando-o e me expondo.

Certo, muito bem. Comecei a me erguer, na busca por uma posição de um pouco mais de poder. O gorila me segurou pelos tornozelos, arrastando-me para baixo. Bati a cabeça na cama, os dentes se chocaram.

– Ei! – exclamei.

– Deixe-me explicar o que quis dizer com “conversar”.

As mãos dele subiram para as pernas, afastando-as. Muito tranquilamente, ele se deitou sobre a barriga e ficou de cara com o meu sexo.

– Mal.

– Não estou falando com você – ele disse, os dedos suavemente afastando as dobras do meu sexo.

– Não está?

– Não. Você teve a sua chance de se comunicar comigo e escolheu não fazê-lo. Você desapontou esta relação. Sinta-se mal por isso, Anne. – Seu hálito resvalava em minha boceta ainda sensível. Era difícil eu me sentir mal. Impossível quando ele correu a ponta da língua no meu clitóris. Meu quadril quis se erguer, mas suas mãos estavam ali, me segurando. – Olá, clitóris da Anne. Sou eu, Malcolm, seu amo e senhor.

– Ah, Deus, isso não. – Cobri o rosto com as mãos. – Por favor, não.

– Psiu. Esta é uma conversa particular. – Ele depositou beijos ardentes nos lábios do meu sexo, subindo e descendo. Meu estômago ficou tão tenso que doeu. – Olha só pra você, rosada e excitada. Não se preocupe, vou cuidar de você.

– Se você não parar de falar com a minha vagina, eu mato você. – Abaixei uma mão, tentando me cobrir. O bastardo me deu um tapa. Forte. Ele pagaria por isso mais tarde.

– Você é linda, boceta da Anne. Simplesmente linda. E eu não sou malvado como ela. Estou do seu lado e te amo tanto porque você é incrível quando fica toda em volta do meu pinto.

– Malcolm, sério. Você está arruinando sexo oral para mim. Pare com isso.

– Besteira. Você está toda molhadinha. Nunca vamos conseguir limpar estes lençóis.

– Ai, Deus. – Minhas costas se arquearam quando ele arrastou a língua para o meu centro, terminando com um floreio no topo. Vi estrelas. – Demais.

– Nem perto disso.

Choraminguei.

Ele riu.

A boca dele cobriu meu clitóris, e a língua atingiu o ponto certo da minha boceta. Debati-me, descontrolada, mas aquilo não fez diferença alguma. As mãos prendiam minhas coxas, segurando-me a ele. Não havia como escapar daquele prazer terrível e tão irresistível. Ele sugou, mexeu a língua e, de forma geral, desatrelou um incomparável talento oral no meu pobre sexo.

O maldito.

Quem haveria de saber que dentes podiam ser usados daquela maneira?

Gozei rapidinho, gritando seu nome. As batidas do meu coração retumbaram no crânio e meu corpo inteiro estremeceu. Fiquei largada no colchão, deixando que os tremores remanescentes acabassem comigo. Endorfina inundou minha cabeça. Lágrimas escorreram pelo rosto, pois o orgasmo me atingira com muita

força e rápido demais, como nunca tinha acontecido antes. Enxuguei-as logo. De repente, meu coração pareceu grande demais para caber dentro do peito. De alguma maneira, o orgasmo o inflara. Isso não podia ser saudável.

Do apartamento ao lado, veio uma batida na parede.

– Já sei o nome de Mal, Anne. Mas obrigada por me lembrar.

Usei as últimas reservas de energia de que dispunha para mostrar o dedo médio para a parede.

– Bom dia, Lauren.

Bem ao longe, ouvimos risadas, tanto masculinas quanto femininas. Os nossos vizinhos não prestavam.

– Precisamos matá-los ou nos mudar daqui – eu disse. – Aceito qualquer uma das alternativas.

– Sabe, você parece durona – Mal disse –, mas, por dentro, é toda suave, macia e molhadinha, além de muito saborosa.

Refreei uma gargalhada.

– Que bom que você aprova.

Mal engatinhou para cima, parando para enxugar a boca no lençol. Deitou a cabeça no meu ombro, aninhando-se em mim. Isso foi bom, eu precisava dele por perto. A fartura de emoções parecia mais administrável com ele próximo de mim, mesmo sendo a causa de todo o caos.

– Acho que as minhas pernas estão quebradas; não vão mais andar. – Não que eu tivesse tentado. Meu cérebro estava longe demais para eu me movimentar.

Ele depositou um beijo na minha bochecha.

– Da próxima vez, é só você me dizer que precisa de algo de mais.

– Você é um monstro – sussurrei.

– Ok. – Ele não parecia nem um pouco perturbado.

– Estou falando sério.

– Uhum.

– Mas a pior parte é que eu sinto alguma coisa por você – eu disse, porque o certo era certo. Amor era uma palavra idiota. Eu a ouvi de diversas pessoas, e raramente ela significava aquilo que você achava. Em algum lugar ao longo do caminho, a palavra se tornara um agrado, e não algo profundo e significativo como deveria ser. Não, eu não sentia amor. Isso era diferente, mais complexo. Nem conseguia pensar numa palavra para defini-lo. – Sinto só alguma coisinha... Provavelmente por causa do orgasmo magnífico, por isso não é nada de muita importância. Vai passar.

Com um suspiro, ele se apoiou num cotovelo e passou um braço ao meu redor, puxando-me para perto. Quando rolou de costas, me levou junto. Fiquei deitada em cima dele. Não havia nada melhor. A não ser pelo que ele acabara de fazer

comigo, claro. Uma mão me afagou as costas, enquanto a outra ficou dobrada atrás da cabeça de lá.

– Uma coisinha minúscula, na verdade. – Meu polegar rolou sobre o mamilo dele, de um lado, depois do outro. Eu parecia ter entrado num estado de fluxo de consciência e não tinha força para sair dele. – Acho que você não enxergaria nem com um microscópio.

Outro suspiro vindo do homem.

– Bem, talvez com um daqueles modernos, de laboratório, mas não com um de brinquedo de criança. A amplificação não bastaria p...

De repente, ele nos rolou de novo e fiquei por baixo, com o peso de seu corpo me empurrando no colchão.

– Oi – eu disse, apenas um pouco confusa pela abrupta mudança de posição. Ele mal dera chance para a minha cabeça parar de girar por causa da mudança anterior.

– Andei pensando. – Ele me observou com olhos intensos. – Quero que faça uma coisa para mim.

– Ok.

– Preciso que você venha comigo na turnê, pelo menos por um tempo. Veja o que consegue fazer a respeito, ok?

Meu coração inflado quase explodiu. Minhas entranhas estavam oficialmente um caos.

– Precisa?

– Sim, preciso. – A testa dele se enrugou. – Tem umas coisas acontecendo, e sei que você tem perguntas, mas preciso que você não as faça agora. Eu só... preciso de você comigo. Lido melhor com as coisas quando você está perto.

– Coisas como o outro motivo que te fez me querer por perto e que você não quis admitir ontem à noite?

A culpa atravessou o rosto dele.

– É.

– Um dia vamos ter que falar sobre essas coisas.

– Sim, vamos. As suas e as minhas.

Fiquei imóvel debaixo dele, sem responder, mas ele esperou com paciência. As palavras emperraram dentro do meu peito, junto com todo o resto da desordem. Era difícil encontrá-las.

– Você tem razão. Eu sei. E vou tentar arranjar um jeito de te acompanhar na turnê.

O trabalho sobreviveria. Reece estava me devendo. Ele não iria gostar, mas ele me devia, sim. Considerando Tara e o cara novo, Alex, eles dariam conta de cobrir os meus turnos.

– Obrigado. – Ele assentiu, me lançando um sorriso enorme. – E tudo bem sobre esse papo de sentimentos. Eu entendi.

– Mesmo? – Que alívio, porque eu mesma ainda não sabia se eu havia entendido. Nunca dissera nada parecido com aquelas palavras.

– Uhum. Você não precisa ficar balbuciando isso toda hora.

– Eu não estava balbuciando.

– Estava, mas tudo bem. – Seus dedos brincaram com meus cabelos. – O momento não é o ideal para mim, moranguinho. Eu não precisava de nenhuma complicação. Mas, como eu disse ontem, vamos ver onde isso vai dar. Tudo bem?

Parecia um bom plano.

– Tudo bem.

– Você faz bem para mim. Me aceita, independente do meu humor. Eu não tenho que ficar sempre feliz perto de você. Você ouve todas as minhas asneiras e reage à altura. Não me deixou forçá-la a nada que não te agradasse e não me pediu pra te comprar nada.

Levantei as sobrancelhas e fiz um “uuu”.

– Deus, como sou devagar. Nunca me passou isso pela cabeça. Posso ganhar um Porsche?

– Claro. De que cor?

Puta merda, ele era bem capaz de fazer isso. Só para me provocar. Inspirei fundo e soltei o ar devagar, balançando a cabeça.

– Você nunca hesita quando peço alguma coisa.

– Você não faz isso com muita frequência. Imagino que se você está me pedindo é algo importante para você.

Meus olhos não ficaram marejados de novo. Eu estava com algum tipo de alergia, provavelmente a sentimentos. E você precisa saber, esse homem, ele me faz sentir coisas o tempo inteiro.

– Eu não preciso de um carro esporte. Mas obrigada.

– Avise se mudar de ideia. – Ele deu um sorriso maroto, sabendo muito bem que o fato de ele ter concordado sem hesitação me assustava. Homem astuto.

– Ev quer organizar um jantar hoje à noite para os pais e todo mundo – ele disse. – Tudo bem pra você?

– Claro. Eles são gente boa, e a casa deles é linda.

Ele parou, estudando meu rosto.

– Uhum, legal. Que bom que você gosta de lá. Eles significam muito pra mim.

– São ótimas pessoas. – Meu alarme disparou no quarto, tocando algum sucesso esquecido nos anos 1970. – Tenho que ir.

– Suas pernas voltaram a funcionar? – A travessura brilhou no seu olhar.

– Acho que sim. – Gargalhei.

– Ligue pra mim hoje. Quero saber se você vai ficar bem, lidando com Reece e tal.

– Venho lidando com várias coisas há muito tempo. – Meu maxilar ficou duro. – Sei lidar com Reece.

– Ei, você esteve a fim do cara por mais de dois anos. Tenho permissão para me sentir um pouco vulnerável e inseguro em relação ao idiota. Pare de tentar impedir o meu crescimento emocional, Anne.

– Pensei que você ia tentar ser legal com ele. E "impedir o seu crescimento emocional"? De onde você tira essas coisas?

– *Com* ele, não *a respeito* dele. E isso é um dom. – Considerando o que marcava presença mais uma vez ao encontro do meu quadril, amor e compreensão não era só o que ele queria. – E tenho outro dom meu para te mostrar.

– Não temos tempo para você me mostrar seu dom. Além disso, a sua boa e velha amiga, a minha vagina, precisa de descanso.

A boca dele se curvou nos cantos, e ele se ergueu sobre os braços, caindo de costas novamente sobre o colchão. Levantou-se e me estendeu a mão.

– Ligue pra mim. Não estou tentando forçar os seus limites, nem nada assim. Só quero saber se você vai estar bem.

Com muita facilidade, ele me levantou.

– Tudo bem, eu ligo.

– Obrigado.

Inclinei a cabeça.

– Vai me ligar se as coisas não ficarem muito bem em relação às suas "coisas"?

Uma ruguinha apareceu entre as sobrancelhas dele. Agora talvez ele apreciasse a dificuldade que era permitir a alguém entrar em certos lugares. Ele desviou o olhar e levantou o queixo.

Que par a gente formava. Às vezes, parecia que precisaríamos de um milagre para fazer aquilo funcionar. Mas o meu costumeiramente precavido coração já estava comprometido.

– Obrigada. – Apoiei a mão no peito dele. – Não precisa se preocupar com Reece.

– Eu sei, eu sei. Ele não é nada comparado com a minha magnificência. – Seus dedos afagaram os meus e os olhos brilharam. – Mas, só por curiosidade, como você se sentiria com o meu nome tatuado na testa?

CAPÍTULO 19

Eu estava a dois quarteirões do trabalho quando vi Reece vindo na minha direção em meio ao fluxo de pessoas da manhã. Seu rosto estava marcado por linhas fundas. Cinco minutos de atraso. Cinco. Ok, sete (no máximo), e ele vinha atrás de mim. Até pulei o meu café da manhã para me apressar. Desculpas passaram pela minha cabeça, escudadas por todas as vezes em que fiquei até tarde para fechar a loja só porque ele tinha um encontro. Eu devia ter anotado tudo. Isso seria bem útil agora.

– Reece, eu...

– Vire. – Ele enganchou o braço no meu e me virou de frente, na direção em que eu viera. – Continue a andar. Você não vai querer ir para a livraria agora.

– O que está acontecendo? – Meu celular começou a tocar na bolsa. O nome de Mal apareceu na tela. – Mal?

– Oi. Tenho boas e más notícias. Qual quer ouvir primeiro?

– Isso tem alguma coisa a ver como fato de Reece estar me impedindo de chegar ao meu local de trabalho?

– É, ele me ligou agora há pouco. – Ele emitiu um som sofrido. – Olha só, apareceram umas fotos de ontem no restaurante. Alguém te reconheceu e contou para um repórter, que agora está na frente da livraria atrás de uma matéria sobre o nosso *amorrr*.

– Certo. – Minha mente ficou oficialmente confusa. Reece me fez atravessar a rua e descer um quarteirão. – Qual a boa notícia?

– Todos sabem sobre a gente. Não temos mais que nos esconder.

– A gente não estava se escondendo.

– Bem observado. Lamento, moranguinho, não tenho boas notícias. A situação vai ficar difícil por um tempo.

– Você tem sorte de eu gostar muito de você. O que vai acontecer agora? – Viramos na entrada de um café. Havia uma mesa disponível num canto, e Reece e eu fomos até ela.

– Os repórteres provavelmente vão esmiuçar todo tipo de informação sobre você e vão inventar coisas, o bastante para ter alguma história pra contar. Vão

querer fazer isso bem rápido, pois as notícias se espalham. Em seguida, mais pessoas vão cavar a história da sua vida. Não vai ser nada parecido com o que aconteceu com Ev porque não demos uma de loucos casando em Vegas. – Ele parou para respirar. – Se você não faz nada que mereça aparecer no jornal, eles perdem o interesse. Enquanto isso, como se sente em ficar um tempo num hotel?

– E quanto ao trabalho? – perguntei para ele, depois sacudi a cabeça e me virei para Reece. Essa era uma pergunta a ser feita para o meu chefe. Perguntei para ele: – E quanto ao trabalho?

Reece levantou as sobrancelhas numa pergunta enquanto Mal pigarreava.

– Bem, imaginei que gostaria de acertar esse detalhe com ele – disse Mal.

– Sim, quero.

– Mas, Anne, só para variar, não se preocupe em relação ao dinheiro, ok? Eu ajudo você.

Hummm. Não tinha certeza quanto a isso. No entanto, sendo bem realista, se eu ficasse com Mal, estaria no quarto de hotel dele. O meu aluguel já estava pago. A não ser por alguma refeição ocasional, eu não precisaria de muito dinheiro.

– Ok. Só me dá um minuto, por favor, Mal. – Afastei o celular um pouco. – Sinto muito. Reece?

– Nós conversamos – disse Reece. – Ele disse que muito provavelmente a próxima semana vai ser uma loucura, mas depois tudo deve se acalmar.

– Lamento pelo repórter. Mas eu ia mesmo te perguntar se eu poderia tirar uns dias de folga. Sei que está meio em cima da hora, mas, dadas as circunstâncias...

Reece se retraiu, e uma onda de pânico se formou dentro de mim. Ele não pareceu zangado na noite anterior, mas não significava que ele não estivesse guardando ressentimentos, ou que talvez não me quisesse mais por perto, o que poderia culminar na minha demissão. As coisas podiam piorar bem rápido.

Mas ele suspirou e voltou a relaxar.

– Vai acompanhá-lo na turnê?

– Eu gostaria. Por um período. Isso possibilitaria que as coisas se acalmassem por aqui.

– Acho que isso faz sentido. Apesar de que, se você grudar nele, esta situação pode se prolongar. Já pensou nisso?

– Está querendo que eu peça demissão?

– Claro que não.

– Não vou desistir dele, Reece.

Ele desviou o olhar.

– Posso te dar cobertura por uma semana, Anne. Assim, sem sobreaviso, acho que não consigo fazer mais do que isso.

– Não, uma semana seria ótimo. Obrigada.

– Já passou da hora de você tirar férias. E não posso ficar com repórteres por perto, afugentando os clientes. Vou mudar os turnos de Tara e Alex.

– Agradeço muito mesmo.

Ele fez uma careta.

– Você é um amigo incrível.

– Eu sou incrível – Mal disse ao meu ouvido. – Sou muito mais incrível do que ele, eu nem... Não há comparação. Por que você foi usar essa palavra se referindo a ele?

– Quieto – disse a ele.

– Volte a tempo para o seu aniversário, ok? – Reece pediu com um sorriso hesitante. – Ainda vamos sair para jantar, certo?

– Deus, nem pensei nisso. Vou estar de volta. – Sempre saíamos para jantar nos nossos aniversários. Era uma tradição nossa. Mal ainda estaria com o pé na estrada, então eu poderia antecipar uma comemoração com ele. Seria uma boa chance de eu me entender com Reece, saindo apenas como amigos. – Eu gostaria muito.

– O quê? – Mal perguntou. – Quando é o seu aniversário? Moranguinho?

– Cuide-se – disse Reece. – Se precisar de alguma coisa, é só me chamar.

– Obrigada. De verdade, eu... Você é um bom amigo.

– Um bom amigo... Ok – ele repetiu meio amargo. Depois se inclinou, me deu um beijo no rosto. – Tchau.

– Ele deu um beijo em você? – Mal berrou no meu ouvido, fazendo-o tinir.

Fiz uma careta, afastando o aparelho.

– Ei. Abaixa o tom, rapaz.

Reece se movimentou entre os fregueses do café e saiu pela porta. Talvez sobrevivêssemos a este transtorno, no fim das contas. Na noite anterior, não tive tanta certeza disso.

– Quando é o seu aniversário? – Mal perguntou.

– Vinte e oito de outubro.

– Daqui a uma semana e meia. Vou ter que bolar alguma coisa pra você.

– Só você já está bom para mim. Vamos ter que comemorar antes. Só vou ter uma semana de folga e devo me considerar sortuda por conseguir isso assim tão em cima da hora.

– Não acredito que ele beijou você. O cara tem colhões, mas, ainda assim, ele está morto. – Mal murmurou mais algumas coisas que presumi serem ameaças vãs. – Não volte para cá, só por precaução. Vou pedir para Lauren ajudar, separando umas malas pra você. Vá direto para o hotel The Benson, ok? Um quarto estará reservado para a hora que você chegar.

– Obrigada.

– Não está brava por eu virar a sua vida de ponta-cabeça, está?

– Sou bem crescidinha, Mal. Eu sabia quem você era quando me meti nisso e vi o que aconteceu com Ev. Sempre houve uma possibilidade de algo assim acontecer.

– E se continuar a acontecer, você vai ficar de saco cheio e me largar?

Meu coração se rebelou contra tal pensamento.

– Não. Nós damos um jeito.

– É, daremos – ele concordou. – Você fica bem maleável depois de uma noite de sexo ardente. Vou anotar isso.

– Faça isso, meu amigo.

Ele deu uma risada.

– Vejo você em uma ou duas horas. Vamos quebrar o colchão do hotel, pedir serviço de quarto e ficar juntos, ok?

– Parece maravilhoso. – Com um sorriso enorme, me afundei na cadeira. Eu estava oficialmente de férias. Nas minhas últimas, fui para a Flórida com mamãe, papai e Lizzy. Eu tinha catorze anos, foi um ano antes de tudo virar uma zona. E de jeito nenhum eu ia perder tempo pensando no passado.

A vida, aqui e agora, com Mal, era uma montanha-russa. Assustadora e excitante. Pouco importava se a situação ficasse estranha, eu apreciaria aquele momento.

—

O jantar com a banda e a família foi adorável.

Em seguida, fomos para um *dive bar*, perto de Chinatown. Ele ficava ao final de uma escada estreita subterrânea. Nem muito limpo, nem tão sujo. Havia máquinas de *pinball* e uma mesa de bilhar, uma *jukebox* berrando Joy Division. A clientela estava de olho num cara modernoso que estava em um dos cantos. Fora um ou dois olhares, ninguém ficou animado quando chegamos. Acho que eram todos descolados demais para se importarem com os mesmos e velhos astros do rock.[2]

Embora Sam, o guarda-costas, tivesse ido junto, só como garantia.

Meu celular vinha tocando devido à minha fama recente. Recebi muitas mensagens, mas falei com Lizzy, e ela estava bem. Eu não precisava falar com ninguém mais, a bem da verdade. Ev me instruíra quanto a como lidar com toda aquela atenção: era só manter a cabeça abaixada e não alimentar o monstro. No fim, eles acabariam perdendo o interesse por mim e seguiriam para outra história.

No hotel, Mal e eu assistimos a filmes e só relaxamos. Foi maravilhoso. Lori me convidara para ir ao bar e tomar um drinque antes do jantar. Ela parecia mais preocupada com a atenção da mídia do que eu, embora tivesse conseguido me esconder até então. Garanti-lhe que eu e o filho dela estávamos bem. Bem mesmo.

De modo geral, fora um dia maravilhoso. E aquele *dive bar* era interessante, com uma atmosfera descontraída, do jeito que tinha que ser. Acomodamo-nos ao redor de uma mesa junto à parede dos fundos. Com um aceno para os garçons, Ben pediu canecas de cerveja (água para Jimmy e Lena).

– O proprietário é amigo nosso. A gente vem aqui para jogar si-nuca de vez em quando – disse Mal, puxando a minha cadeira para mais perto da dele. Ele parecia agitado, batendo um ritmo no tampo da mesa com a palma da mão. Seu estado de humor era contagioso, fazendo com que eu também ficasse desperta.

Acho que eu não tinha noção de quanto a banda e as famílias eram unidas. Durante o jantar, David e Jimmy cuidaram de Lori. Trataram-na basicamente como se ela fosse a própria mãe deles, ali para visitá-los. Mesmo Ben demonstrara seu afeto de uma maneira mais branda. E todos pareciam respeitar o mais calado Neil, pai de Mal. Pai e filho ficaram com os olhos pregados em Lori durante toda a noite. Praticamente pairavam acima dela. Mais uma vez Lori se cansara e Neil a levara de volta ao hotel.

Sim, eu tinha muitas suspeitas sobre o que vinha estressando Mal, mantendo-o acordado à noite, mas estávamos nos dando bem. Ele me pedira para não interrogá-lo. Ainda não. E eu não estava pronta para lhe dar respostas sobre os meus problemas. Portanto, mantive minhas preocupações por ora. Contudo, o dia do julgamento estava se aproximando para nós dois. Eu pressentia.

Faltavam poucos dias para o início da turnê, e todos pareciam agitados demais para encerrar a noite depois que Lori e Neil saíram. Era cedo ainda, passava pouco das nove.

Olhares estranhos começaram a ser trocados entre David e Jimmy. Lançaram olhares curiosos na direção de Mal e depois falaram entre si. Eu tinha a sensação de que Mal havia percebido, pois se virara de costas para eles.

– Ei – Mal me chamou com um sorriso nervoso. – Vamos voltar para o apartamento e terminar de quebrar a cama?

– Acabamos de chegar.

– É, mas mudei de ideia. Quero ficar sozinho com você. – Seu pé começou a bater acelerado no chão. – Que tal? Vamos só ficar pelados e ver o que acontece.

– Parece uma experiência fantástica, mas posso terminar minha bebida antes de irmos? Seria grosseria nossa sair agora.

– E daí? Davie e Ev vivem sumindo.

– Bebo rápido – prometi, antes de tomar uma bela golada da caneca de cerveja. Um pouco escorreu pelo meu queixo e molhou meu suéter verde justo. Apressar-me podia não ser muito elegante, verdade, mas com Mal querendo me deixar pelada para ralar e rolar, você pode me culpar?

Claro que não.

Com todos os sussurros das coisas atrevidas agitando meus hormônios, não notei a conversa acalorada entre os irmãos Ferris. Na ponta da mesa, faltava pouco para berrarem um com o outro.

Jimmy bateu na mesa, fazendo as canecas de cerveja tremerem e chamando a atenção dos fregueses em torno.

– Porra, Dave. Pergunta pra ele e pronto.

– Falei pra deixar quieto por enquanto – o irmão replicou.

Ben estava recostado na cadeira, os braços grossos cruzados, sem dizer nada, apenas observando. Uma música nova começou, as notas da introdução tocando muito alto.

– Isso! – Um homem todo tatuado e de cabelos longos gritou atrás do balcão do bar. Que bom que pelo menos alguém estava se divertindo. A atmosfera ao redor da mesa tornara-se definitivamente sombria.

Um músculo começou a latejar no pescoço de Mal. Ele olhou para os irmãos Ferris com o rosto irritado.

– O que foi?

– Você sabe – respondeu Jimmy, berrando acima da música.

Mal afastou as mãos.

– Jimbo, sou um homem de muitos, muitos talentos, mas ler a porra dos seus pensamentos não é um deles.

– O que tá acontecendo com Lori?

O olhar de Ev disparou para o meu. Eu não sabia mais do que ela. Ainda.

– Tomou umas, Jimbo? – Mal perguntou, sentando-se mais na ponta da cadeira. – Fale a verdade.

– Não seja idiota. – David apoiou os cotovelos na mesa, olhando para Mal com fúria. – Gostamos dela. Lori perdeu peso demais. Parece que uma brisa consegue levá-la voando. Você e Neil não desgrudam os olhos dela. Você sabe muito bem do que Jimmy tá falando.

Eu quase sentia os dentes de Mal rangendo.

– Temos o direito de saber – disse Jimmy.

David sugou as bochechas.

– Pare com isso, cara. Fale de uma vez.

Merda. Mal ficou duro na cadeira ao meu lado e depois começou a se balançar. Precisávamos ir embora.

Coloquei a mão no braço dele. Ele vibrava de tensão. Eu não sabia como confortá-lo, mas tinha que tentar.

– Mal?

Ele se livrou da minha mão sem nem olhar para mim.

– Ela ficou gripada, uma coisa assim – respondeu Mal. – Só isso. Não precisa fazer drama.

Jimmy se sentou mais para a frente.

– É mais do que isso. Pare de mentir.

– É isso que tá mexendo com a sua cabeça, não é? – David perguntou. – Lori está doente. Muito doente.

– Não sei do que vocês dois estão falando. – O riso de Mal era uma coisa horrível. – Isso é ridículo. Jimmy tá assim porque deve ter voltado a cheirar, mas qual é a sua desculpa, Davie?

Lena se levantou. Pegou o resto de uma caneca de cerveja e jogou na cara de Mal. Um líquido espumante respingou em mim, e Mal recuou surpreso.

– Mas que porra foi essa? – rosnou, levantando-se rapidamente da mesa.

Do lado oposto, Jimmy se levantou também, colocando uma Lena agressiva atrás de si. Todos pararam, a conversa no bar silenciou. Os planos para uma noite tranquila, tomando uns drinques, obviamente foram pelos ares.

– Não grite com ela – disse Jimmy, as mãos fechadas em punhos.

Os ombros de Jimmy se ergueram. Os dois homens se enfrentaram por cima da mesa, evidentemente furiosos. Bem lentamente, David e Ben ficaram de pé. Aquilo estava esquentando bem rápido.

– Mal, vamos embora – eu disse. – Vamos sair para que todos esfriem a cabeça.

Mais uma vez ele me ignorou.

– Vai embora, cara – disse Ben, com a voz calma e sinistra.

Cerveja pingava dos cabelos de Mal. A frente da camisa estava ensopada. Atrás de nós uma luz pipocou. Um cara estava de pé, com o celular na mão. Filho da puta.

Sem dizer nada, Mal se virou e disparou escada acima, quase derrubando uma moça que segurava uma garrafa qualquer. Fiquei perplexa um momento, sem saber o que fazer e fedendo a cerveja. Ben e Sam foram atrás dele.

– Anne, deixe que a gente cuida disso – David disse.

David e Jimmy também saíram, trotando pela escada escura e estreita. Até parece que eu obedeceria.

Mal deixara a jaqueta no espaldar da cadeira. Acabaria congelando lá fora. Peguei-a e uma mão segurou meu pulso. Era Ev.

– Por favor, dê um tempo para eles poderem conversar – ela disse, ficando na

minha frente. – Esses caras estão juntos há muito tempo.

Peguei a minha bolsa e segurei a jaqueta dele junto ao peito.

– Não.

– Mas...

Eu não tinha tempo para aquilo. O que eu precisava fazer era encontrar Mal e ver se ele estava bem.

Apressei-me escada acima, passei pelo bar do térreo e saí pela porta. O ar noturno me esfriou, cortesia das partes molhadas do suéter e dos jeans. O meu coração batia duplamente acelerado. Droga. Não havia sinal deles em nenhuma direção. O Jeep preto não estava mais do outro lado da rua. Eles podiam estar em qualquer lugar àquela altura.

– Droga.

O que fazer? Para onde ir? Talvez ele tivesse voltado para o hotel. Sim, claro. Um táxi estava passando, e eu estendi o braço. Devagar demais, ele parou na minha frente.

Escancarei a porta e entrei.

– The Benson, por favor.

Eu o encontraria.

Um *dive bar*, conceito surgido nos Estados Unidos no fim do século XIX, refere-se aos lugares de ambiente malconservado e clientela suspeita, onde, com a intenção de se proteger de uma possível confusão, era preciso “mergulhar” embaixo da mesa. (N.T.)

CAPÍTULO 20

A mensagem de texto de Ev chegou às 22h45. Eu estivera bem acordada, fitando o teto, porque me cansara de ficar olhando para as paredes. Ele não voltara para o hotel. Fazia mais de uma hora que eu o esperava. O celular vibrou e me deparei com uma mensagem de Ev.

Lauren me deu o seu número. Os rapazes falaram com Mal, depois ele foi embora. Não sabem para onde.

Ok

Sabe onde ele pode estar?

Se eu o achar, aviso

Obrigada

Ele podia estar dirigindo pela cidade. Contudo, mais provavelmente, se ainda estivesse zangado, ele estaria descontando na bateria.

Peguei um táxi. O dinheiro podia estar curto, mas não ficaria mais esperando ele voltar para mim. Felizmente, David e os rapazes falaram com ele, acalmaram-no. Agora era a hora de eu fazer a minha parte, qualquer que fosse ela. Fiquei sentada no banco de trás, pensando no que dizer. Resumindo, as palavras eludiram-se de mim.

Um chuvisco começou a cair assim que cheguei ao local em que costumavam ensaiar. Meu hálito evaporou no frio. Ah, Portland... nunca me desapontava. O melhor clima de todos. O jipe de Mal estava parado no estacionamento. Graças a

Deus, ele estava ali.

As batidas frenéticas da bateria atravessavam as paredes da construção, estremecendo sua fundação. Alguns insetos corajosos voavam ao redor da fraca luz sobre a porta de metal, que, por sorte, ele deixara destrancada. Entrei, preparando-me para enfrentar o barulho. No palco, Mal estava sentado sob um foco de luz, criando uma tempestade poderosa de barulho.

Perto dele, baquetas quebradas bagunçavam o local. Mal quebrara uma quantidade impressionante delas em pouco tempo.

Subi no palco, dando a volta nele. Ele estava sentado, a postos, atrás da bateria, com os olhos fechados, as mãos se movendo com tamanha rapidez que mais pareciam um borrão. O suor brilhava e já cobria a parte superior do corpo. O cabelo loiro estava grudado nas laterais do rosto. Uma garrafa de Johnny Walker Black Label com um quarto de seu conteúdo faltando estava ao seu lado, no chão. Os contornos dos seus músculos e os ângulos dos ossos da face estavam destacados sob a luz berrante.

Ele parecia perdido em seu mundo, totalmente desconectado. Hesitei um instante antes de me sentar de pernas cruzadas. Cobri as orelhas com as mãos, mas não fez muita diferença em relação ao ressoar ensurdecedor da bateria. Tudo bem. O som metálico dos pratos me atravessou. A batida forte do bumbo acertou meu coração. Ele tocou e tocou, passando de um ritmo a outro, sem nunca desacelerar. Nem para beber. Ele pegava a garrafa e a segurava com apenas uma mão, enquanto a outra e os pés continuavam a marcar o ritmo.

Entretanto, depois da segunda golada de uísque, ele não levou a garrafa até o chão antes de soltá-la. Ela caiu de lado, vertendo seu conteúdo. Deslizei até lá e a ajeitei, recolocando-a em seu lugar, ao lado dele. Pela primeira vez, ele pareceu notar minha presença, inclinando o queixo numa saudação, num agradecimento ou sei lá o quê. Talvez eu tivesse apenas imaginado. Em seguida, ele voltou para a música, conectando-se a ela.

Peguei meu celular, depois hesitei. Ev me irritara ao me segurar, mas aquelas pessoas também eram sua família. Mereciam saber que ele ainda estava inteiro. Assim, enviei uma mensagem a Ev.

Ele veio tocar

Obrigada

David Ferris chegou em menos de quinze minutos. Acenou para mim, depois apanhou uma guitarra e a ligou. Nos primeiros acordes, Mal abriu um olho e viu David diante dele. Nada foi dito. O tempo passou, ao mesmo tempo lenta e rapidamente. Os dois tocaram por horas. Caí numa espécie de torpor. Precisei de um momento para perceber quando eles, por fim, pararam.

– Ei – ele disse rouco, as palavras abafadas como se estivéssemos debaixo d'água. O barulho pode ter danificado meus tímpanos.

– Oi.

Ele levou a quase vazia garrafa de uísque para os lábios e engoliu um pouco. Seu olhar ficou cravado em mim. Com cuidado, ele rosqueou a tampa. Precisou de algumas tentativas para conseguir.

– Estou um pouquinho fodido, moranguinho.

– Tudo bem. Vou ajudá-lo a voltar para o hotel.

Ele assentiu, cheirou as axilas.

– E estou fedendo.

– Também te ajudo a tomar banho. – Aproximei-me e me ajoelhei entre as pernas dele. – Sem problemas.

As mãos se curvaram ao redor do meu rosto, moldando-o. Com lentidão, ele pressionou os lábios nos meus.

– Hum, sinto alguma coisa por você, Anne. O que é impressionante pra cacete no meu estado entorpecido de agora.

– É demais – concordei.

– Não sou assim sempre... Bebendo desse jeito. Quero que saiba disso. É só que... – Um músculo sofreu um espasmo em seu maxilar, e ele ficou olhando ao longe.

– Eu sei, Mal. Tá tudo bem.

Nenhuma resposta.

– Vamos superar isso.

– Anne... – Num movimento atabalhoado, ele caiu do banquinho. Segurei os jeans dele, tentando mantê-lo ereto. Não foi a minha melhor ideia. Um dos enormes All-Star dele me acertou na lateral da cabeça, o que doeu. O outro pé bateu no suporte dos pratos, e eles caíram estrondosamente no chão.

– Droga. – Passos apressados se aproximaram.

Mal estava deitado de costas, rindo.

Ajeitei-me sobre os calcanhares, esfregando o ponto dolorido no crânio. Que noite...

– Tudo bem com você? – David perguntou, agachando-se ao meu lado.

– Tudo! – gritou Mal, ainda rindo como um louco.

– Não estou falando com você, seu idiota. Você chutou Anne.

– O quê? – Mal rolou de lado, agarrou o banquinho e o jogou de lado. Apressou-se para junto de mim, afastando David do caminho. – Moranguinho, você tá bem?

– Foi de raspão. Nenhum dano foi feito.

– Cacete. Ah, merda, Anne. – Os braços me envolveram, abraçando-me tão apertado que quase me sufocou. – Desculpe. A gente tem que levá-la pra fazer uma tombografia. Tomografia. Porra, esse negócio aí...

– Não preciso ir para o hospital, nem fazer nenhuma tomografia. É só um galo.

– Certeza? – David perguntou, avaliando os meus olhos.

– Sim – respondi. – Foi um acidente, Mal. Pode se acalmar.

– Sou o pior dos namorados.

– Com certeza eu não te namoraria – comentou David.

– Não enche, Davie.

– Acabou a festa. Hora de todo mundo ir pra casa. – David o afastou de mim e o colocou de pé.

Mal pareceu perplexo por estar ali. Só ficou de pé, oscilando, olhando para mim com a testa franzida.

– Cê tá bem?

– Sim.

– Sinto muito mesmo, moranguinho. Quer chutar minha cabeça? Isso vai fazê-la se sentir melhor?

– Hum... Não, mas obrigada.

David passou um braço dele por cima do ombro, arrastando-o ou carregando-o pelos degraus para descer do palco. Difícil determinar o que ele fez.

– Espere. Onde está a camisa dele? Ele vai congelar lá fora.

– É pra ele aprender.

– Cale a boca, Ferris. Você parece uma menininha resmungona.

– É, e você está bêbado.

Corri na frente e abri a porta para os dois. Mal tropeçou e eles quase caíram, mas David os fez andar para frente em vez de cair de cara no chão. Foi por pouco.

– Eu tô bem, cara – disse Mal, afastando-se dele para vacilar precariamente por conta própria. Segurei-lhe a mão para apoiá-lo, e ele me puxou para baixo do braço dele, equilibrando-se. – Viu? Tá tudo bem.

David apenas assentiu, ficando por perto.

– Dei um belo trato na minha Ludwig hoje. Também quebrei um monte de baquetas. – Mal passou o outro braço ao meu redor, segurando-me bem perto. Ele precisava mesmo de um banho. – Nogueira americana. Da Zildjian. Feitas

para dar porrada, mas devo ter quebrado umas oito ou dez... Isso acontece em shows, mas ninguém fica sabendo. Você só pega o par seguinte e continua, sem perder o ritmo. É assim que a gente faz. As coisas quebram, sem problemas, o espetáculo continua.

Ele suspirou, passando seu peso para mim. Afastei as pernas, mantendo os braços apertados em sua cintura. O homem não era leve.

– Estou perdendo o ritmo, Anne. Estou sentindo. As coisas não vão bem.

Levantei o olhar para o seu belo rosto. Meu coração se partiu por ele.

– Eu sei, mas está tudo bem. Nós cuidamos de você.

Ele só franziu o cenho ao olhar para mim.

– Eu cuido de você – eu disse.

– Certeza?

– Absoluta.

Ele assentiu devagar.

– Ok. Obrigado, moranguinho.

– Vamos levá-lo de volta para o hotel.

Por sorte, a chuva parara de cair. David se aproximou de novo, ajudando Mal a chegar até o Jeep, encostando-o na lateral. Um dos Escalades reluzentes estava estacionado ali perto.

– Cara, onde você colocou a chave? – David perguntou, enfiando a mão nos bolsos de Mal.

– Puxa, Davie. Eu estava guardando isso só para Anne.

– Não estou interessado no seu pau. Onde está a chave do seu carro?

– Não me entenda mal, cara. Eu te amo, mas não desse jeito.

– Achei! – David pescou a chave com um dedo. – Anne, consegue dirigir? Eu sigo vocês e ajudo a levá-lo para o quarto.

– Boa ideia. Obrigada.

– Maravilha – Mal murmurou. Largou a cabeça para trás e fechou os olhos. A boca, por sua vez, ele abriu muito. – EU TE AMO, ANNE!

Dei um salto, meio que assustada com o barulho.

– Puta merda.

– EU TE AMO.

David apenas olhou para mim com uma sobrancelha erguida.

– Hum. Ele está muito bêbado – eu disse, e David deu um meio sorriso. Melhor simplesmente ignorar meu mini-infarto por Mal ter dito aquelas coisas.

– PORRA, COMO EU TE AMO, ANNE.

– Uhum, ok. Cale a boca agora. – David tentou botar a mão na boca de Mal.

– AAAAAANNNNNE! – Meu nome foi um barulho comprido meio uivado, por fim abafado quando David conseguiu cobrir a boca dele. Grunhidos e

rosnados sufocados vieram na sequência.

– Maldição – David praguejou. – Esse puto acabou de me morder.

– Meu amor não pode ser silenciado.

Dei o melhor de mim para não gargalhar.

– Mal? Estou com dor de cabeça por você ter, acidentalmente, me chutado. Importa-se de ficar calado?

– Ai, cacete, puxa, ok. Desculpe, moranguinho. Sinto muito, muito mesmo. – Ele fitou o céu. – Olhe, Anne, estrelas e tal. É lindo, não é?

Ergui o olhar, e de fato as nuvens se abriram o bastante para que um punhado de estrelas valentes brilhasse.

– É mesmo. Agora vamos voltar para o hotel.

– Hum, é, vamos. Tenho uma coisa nas calças que quero te mostrar. – Os dedos atrapalhados começaram a se mexer no cós da calça. – Olhe, é muito importante.

Segurei os dedos dele e os apertei.

– Isso é ótimo. Pode me mostrar lá no nosso quarto, ok?

– Ok. – Mal deu um suspiro de contentamento. O ar ao redor dele rescendia a uísque.

– Obrigada por mandar a mensagem pra Ev. – David abriu a porta lateral do passageiro, agarrou o braço de Mal e seguiu empurrando-o para dentro do carro. – Se você acha que hoje foi divertido, espere até a gente sair em turnê. Acho que as coisas vão ficar bem interessantes. É a primeira vez com namoradas ou esposas.

– Do jeito que você fala... Será que é pra eu ter medo?

Mal socava a janela do passageiro.

– Anne, as minhas calças estão me dando coceira. Acho que sou alérgico a elas. Venha me ajudar a tirá-las.

Nós dois o ignoramos.

David coçou a cabeça.

– Acho que vai ser uma curva de aprendizado para todos nós, sabe?

– Hum... – O futuro era um enorme ponto de interrogação. E, de maneira inédita, eu estava bem com isso.

CAPÍTULO 21

Um gemido, alto, longo e explicitamente dolorido. Parecido até com o de um animal ferido. Com a diferença de que, com animais, haveria muito menos imprecações. Aqueles ruídos, vindos de trás de mim, não remetiam a momentos felizes. Não, aqueles barulhos remetiam a um nível determinado e muito específico de inferno chamado “a manhã seguinte” de uma ingestão absurda de álcool.

– Moranguinho. – Mal enterrou o rosto na minha nuca, pressionando a pele quente na minha. – Cacete.

– Humm?

– Tá doendo.

– Humm.

A mão enfiada na parte da frente da minha calcinha se flexionou e se curvou. Pressionando todo tipo de lugar interessante, ele fazia com que eu me retorcesse.

– Por que colocou a minha mão na sua calcinha enquanto eu dormia? Pra que isso? – ele murmurou. – Jesus, mulher. Você está descontrolada. Estou me sentindo violado.

– Não fiz isso, meu bem. Foi você mesmo.

Ele gemeu de novo.

– Você foi bem insistente em manter a mão aí. Pensei que depois que você dormisse, eu conseguiria tirá-la, mas não deu. – Esfreguei o rosto no meu travesseiro: o bíceps dele.

– Essa bocetinha é minha. – Os dedos se esticaram, forçando o tecido da calcinha e acariciando sem querer a parte interna das coxas. Não era hora de ficar excitada. Tínhamos que conversar.

– Pois é, você disse isso. Várias vezes.

Ele grunhiu e bocejou, depois esfregou o quadril em mim. A ereção matinal pressionou minha nádega.

– Você não deveria ter me dado tanta bebida. Foi muita irresponsabilidade sua.

– Acho que isso também foi por sua conta. – Tentei me sentar, mas ele me segurou.

– Não se mexa ainda.

– Você precisa de água e de Advil, Mal.

– Ok...

A mão dele se afastou da minha virilha, e ele rolou de costas com muitos grunhidos e bufadas. Não consegui levá-lo para o chuveiro na noite anterior. Como era de se esperar, agora de manhã, tanto ele quanto eu fedíamos a suor e uísque.

Peguei uma garrafa de água e dois comprimidos, sentando-me na lateral da cama.

– Levante. Engula.

Ele abriu um olho turvo.

– Engulo se você engolir.

– Fechado.

– É melhor estar falando sério. Nenhum homem gosta que lhe mintam sobre esse tipo de coisa. – Muito lentamente, ele se levantou, o cabelo liso e louro pendendo da cabeça. Pôs a língua para fora e eu larguei os comprimidos nela, depois lhe entreguei a água. Por um instante, ele só ficou ali sentado, sorvendo goles de água e me observando. Eu não sabia o que viria em seguida, o que eu deveria dizer. Era muito mais fácil só fazer piadas sem graça em vez de tentar dizer algo profundo e significativo para ajudá-lo.

– Eu sinto muito – disse, só para quebrar o silêncio.

– Por quê? O que você fez? – ele perguntou com suavidade.

– Sobre Lori.

Ele ergueu as pernas, apoiou os cotovelos nos joelhos, e deixou a cabeça cair. Nada além do barulho do ar condicionado e do som de talheres no quarto ao lado. Quando ele, por fim, olhou para mim, seus olhos estavam avermelhados e líquidos. Os meus logo o imitaram em solidariedade. Não havia nenhuma parte minha que não se condoesse por ele.

– Não sei qual é a sensação, por isso não vou fingir que entendo – eu disse.

Os lábios dele continuaram fechados.

– Mas eu sinto muito, Mal. E sei que isso não ajuda nada. Não vai mudar nada.

Nenhuma reação ainda.

– Não tenho como ajudá-lo e odeio isso.

A verdade era que uma parte de querer aplacar a dor de alguém era para que você se sentisse útil. Nada do que eu dissesse, entretanto, dissiparia a dor dele. Eu poderia me desdobrar, dar-lhe tudo o que eu tivesse, e isso ainda não poria um fim no que quer que Lori tivesse.

– Eu nem mesmo tenho um relacionamento saudável com a minha mãe, por

isso não faço a mínima ideia. A verdade é que eu costumava desejar que ela estivesse morta. Agora, eu só quero que ela me deixe em paz. – Falei de uma vez, depois parei, percebendo a minha estupidez. – Droga. É a pior coisa que eu poderia ter te dito agora.

– Continue.

Caramba, ele estava falando sério.

Abri a boca e minha garganta se fechou. As palavras foram arrancadas à força, chutando e gritando:

– Ela... hum... ela desistiu de mim e de Lizzy. Papai foi embora, e ela foi para a cama. Essa foi a solução dela para o problema do esfacelamento da nossa família. Não tentou conseguir ajuda, nada de médicos, apenas ficou deitada no escuro sem fazer nada. Ela basicamente ficou no quarto por três anos inteiros. A não ser pela vez em que o Serviço de Proteção Social a Crianças veio nos visitar. Conseguimos persuadi-los de que ela não era um completo desperdício de espaço. Que piada.

Ele ficou me olhando, os lábios finos e brancos.

– Um dia, cheguei em casa e ela estava sentada na beira da cama com uma fileira de pílulas coloridas na mesinha de cabeceira. Ela segurava um copo de água. Sua mão tremia tanto que ela derrubou a água por toda parte, a camisola ficou toda molhada. Não pensei em fazer nada, a princípio.

Aquele momento estava horrendamente marcado na minha cabeça. Parada à porta do quarto, dividida quanto ao que fazer. Devia ser homicídio ficar de lado e permitir que aquilo acontecesse. Algo desse tipo devia deixar marcas.

– O que quero dizer é que foi tentador... – eu disse, minha voz se partindo. – Pensar em não ter mais que lidar com ela... mas, então, Lizzy e eu seríamos mandadas para o sistema de lares adotivos, provavelmente separadas. Eu não podia arriscar. Ela estava melhor em casa comigo.

O olhar dele estava firme; o rosto, pálido.

– Então, fiquei em casa para ficar de olho nela. Ela tentou se matar mais umas duas vezes, depois desistiu disso também, como se morrer fosse um esforço tremendo. Alguns dias, eu só desejei ter chegado cinco minutos mais tarde, para que ela tivesse conseguido dar cabo de si mesma. Então, eu me sentia culpada por pensar assim.

Ele sequer piscou.

– Eu a odeio tanto por ter nos colocado nessa situação... Sei que a depressão pode acontecer e que é uma doença séria, horrorosa, mas ela sequer tentou encontrar ajuda! Eu agendava horários com médicos, tentava incentivá-la a ler livros a respeito da doença e das informações de que precisava, e ela só... Sabe, ela tinhas filhas, não tinha a porra do luxo de poder desaparecer dentro de si

mesma. – Lágrimas desceram pelo meu rosto sem que eu as enxugasse. – Papai não foi muito melhor, embora mandasse dinheiro. Talvez eu devesse ser grata por ele não ter esquecido de nós por completo. Perguntei a ele o motivo de ter ido embora, e ele simplesmente disse que não conseguia mais fazer aquilo, que lamentava muito, como se tivesse marcado o quadradinho errado num formulário e, depois, tivesse mudado de ideia. Família? Não. Ai, puxa, eu marquei "sim"? Ops! Que idiota. Como se dizer que lamenta muito quando está indo embora pudesse mudar alguma coisa.

– Ninguém imagina o tempo despendido para cuidar de uma casa, pagar as contas, cozinhar e limpar até que tenha que fazer isso. O meu namorado continuou comigo por alguns meses, mas logo se ressentiu porque eu não podia sair aos sábados à noite para ir a festas e me divertir. Ele era jovem, queria sair, se divertir, e não ficar em casa cuidando de uma maníaco-depressiva e de uma garota de treze anos.

Afundei a cabeça, tentando ordenar os detalhes importantes na minha cabeça. Não era fácil, visto que passei muito tempo tentando esquecer.

– Então, Lizzy se rebelou e só piorou a situação. Ela odiava o mundo, e quem poderia culpá-la? Pelo menos, quando ela se comportava como uma garota imatura e egoísta existia um motivo real por trás, já que era uma. Ela foi apanhada roubando numa loja. Consegui convencer o gerente a não prestar queixa. O susto pareceu fazer com que ela saísse daquele estado. Ela sossegou, voltou a se concentrar nos estudos. Uma de nós tinha que ir para a faculdade. Eu tentei, mas não havia como eu ter um bom desempenho estudando sozinha em casa.

Que maldita cena eu estava fazendo. Pisquei furiosamente e enxuguei as lágrimas.

– Sabe, eu queria mesmo era animá-lo ou algo assim...

O silêncio dele estava me matando.

– Então, essa é a minha história. – Lancei um sorriso. Sem dúvida foi tão horroroso quanto eu estava me sentindo.

– Mamãe está com câncer no ovário – ele disse com a voz rouca. – Na melhor das hipóteses, ela tem uns dois meses de vida...

Foi como se o meu coração tivesse parado. O tempo parou. Tudo.

– Mal...

Ele afastou o cabelo, entrelaçando os dedos na cabeça.

– Ela fica tão feliz quando você está por perto. Ficou falando disso no jantar, de como você é maravilhosa. Você é o sonho dela se tornando realidade em relação a mim. Já faz um tempo que ela quer que eu sossegue.

Assenti, tentando melhorar meu sorriso.

– Ela é maravilhosa.

– É... Droga, Anne. Mas não é só por isso que... quero dizer... no começo foi boa parte do motivo. – Ele agarrou a nuca, os músculos se flexionando. – Agora existem outros motivos além de deixá-la feliz, antes que ela... – Ele fez uma pausa, os lábios se retorcendo, incapaz de pronunciar a palavra. – Você sabe que tem mais, não sabe? Não somos mais um fingimento. Sabe disso, né?

– Sei. Sei, sim. – Desta vez, meu sorriso foi radiante. – Está tudo bem.

Então, o nosso começo fora duvidoso. Isso não mudava onde estávamos agora.

– Vem tomar banho comigo? – Ele estendeu a mão.

– Claro.

Ele me lançou uma galante tentativa de sorriso.

O banheiro era espaçoso, feito em mármore branco com decoração dourada. Até tínhamos um piano na sala de estar, caso desse vontade de tocar. Os pais dele ficaram na suíte presidencial, por isso tivemos que nos contentar com a segunda melhor opção. A segunda melhor opção era bem legal.

Ele despiu a cueca. Eu abri a água para ajustar a temperatura, deixando que o cômodo se enchesse de vapor. Mãos escorregaram por mim, vindas de trás, abaixando a minha calcinha e levantando a minha camiseta velha do Stage Dive. Foi a única coisa que ele me deixou vestir para ir dormir na noite anterior, em sua sabedoria ébria. Estávamos no nosso mundinho perfeito, no calor do cubículo do chuveiro. Mal se colocou debaixo da água e molhou os cabelos, deixando que a água escorresse pelo seu belo corpo. Passei os braços ao redor da cintura dele, apoiando a cabeça em seu peito. Os braços que me envolveram fizeram com que tudo ficasse perfeito.

Conseguiríamos lidar sozinhos com essas situações. Claro que poderíamos. No entanto, era muito melhor juntos.

– O pior é sempre de manhã – ele disse apoiando a cabeça no topo da minha. – Por alguns segundos, tudo está bem. Depois eu lembro que ela está doente e... só... eu nem sei como descrever.

Abracei-o com força, como se minha vida dependesse daquele gesto.

– Ela sempre esteve presente. Costumava nos levar de carro para os espetáculos. Sempre foi a nossa maior fã. Quando recebemos o disco de platina, ela fez uma tatuagem do Stage Dive para comemorar. Aos sessenta anos de idade, a mulher fez uma tatuagem... e agora está doente. Não consigo aceitar. – O peito se inflou contra mim quando ele respirou fundo, deixando o ar escapar devagar.

Afaguei as costas dele, percorrendo a extensão da coluna, para cima e para baixo, alisando com a mão a curva de suas nádegas, escorregando meus dedos

pelas costelas. Ficamos debaixo da água quente, e eu o confortei o melhor que pude.

Deixando-o saber que era amado.

Peguei o sabonete e passei pelo seu corpo, ensaboando-o como a uma criança. Primeiro, a parte de cima, desde os ombros até os músculos dos braços, cada centímetro do peito e das costas. Lavar seus cabelos foi mais complicado, por causa da diferença de altura.

– Abaixa. – Coloquei xampu nas mãos e esfreguei, massageando seu couro cabeludo, sem pressa. – Vamos enxaguar.

Ele me obedeceu sem fazer nenhum comentário, levando a cabeça para debaixo do chuveiro. Em seguida, foi a vez do condicionador. Com cuidado, penteei-o com os dedos.

– Você está proibido de cortar os cabelos – informei.

– Ok.

– Em tempo algum.

Ele me lançou um quase sorriso. Estava definitivamente chegando perto.

Depois que a parte de cima foi completada, ajoelhei-me nos ladrilhos, ensaboando os pés e tornozelos. A água batia nas minhas costas, mantendo-me aquecida. Mesmo de cara com o pênis endurecido, ignorei-o. Ainda não era a hora. Os músculos das longas pernas eram bem interessantes. Acho que eu devia mesmo aprender seus nomes. Ele se retraiu quando lavei a parte de trás dos joelhos.

– Coceguinhas? – perguntei, sorrindo.

– Sou másculo demais para coceguinhas.

– Ah. – Passei a mão ensaboada em toda a extensão das coxas, frente e trás. Maldição, ele iria ser o baterista mais limpo e imaculado do rock’n’roll mundial. A água escorria pelo seu corpo, acentuando os montes e vales, a curva dos peitorais e o cetim de sua pele. Eu deveria simplesmente chamá-lo de bolo e comê-lo com uma colher.

– Pretende subir? – O desejo engrossara a voz dele.

– Uma hora... – Ensaboei as mãos e deixei o sabonete de lado. – Por quê?

– Curiosidade.

A “curiosidade” estava apontando para mim, bem grossa e exigente. Segurei-a de lado, passando a outra mão entre as pernas. O pau duro aqueceu minha palma. Uma mulher paciente teria curvado os dedos ao seu redor, apertando-o. Eu era péssima em esperar.

Mal prendeu a respiração, o tanquinho do abdômen se contraindo visivelmente.

– Adoro a sua bunda – eu disse, passando os dedos ensaboados pela fenda

antes de amparar suas bolas. Toda porção dele era sublime, corpo e alma. O bom, o ruim e o complicado. As vezes que eu queria que ele fosse sério e as vezes que eu não tinha ideia do estado dele. Ele sempre me incitava a querer mais, ao mesmo tempo em que me sentia extremamente grata pelo que eu já tinha.

Porque ele era meu, e isso estava evidente desde o olhar.

– Não sei como fui ter tanta sorte. – Esfreguei o nariz no osso do quadril, deslizando os dedos pela pele macia do pênis.

– Você gosta tanto assim da minha bunda?

– Não, acho que é mais uma questão do todo.

Apertei seu pau mais uma vez, e seus olhos ficaram turvos, do jeito que eu tanto gostava. As coisas definitivamente tinham despertado entre as minhas pernas, mas agora a hora era dele. As pontas dos dedos desceram pelas laterais do meu rosto, o seu toque suave, reverente.

Chega de brincadeira.

Guiei a cabeça do pau dele para a minha boca e suguei. Mãos se enterraram nos meus cabelos, segurando firme. Minha língua resvalou a ponta, atiçando a borda sensível antes de mergulhar mais adentro e esfregar o ponto mais vulnerável. Engoli mais fundo, sugando com vigor, de novo e mais uma vez. O quadril dele se projetou, pressionando para dentro da minha boca. Nunca me aperfeiçoara na arte da garganta profunda, sinto muito. Mas Mal fez com que eu quisesse aprender. Algo me dizia que ele não se oporia aos exercícios e treinos. Com uma mão eu amparava suas bolas, massageando-as. A outra permaneceu firme na base do pênis, impedindo-o de ir longe demais e forçar minha garganta. No entanto, eu o tomei o mais fundo que consegui, recuando e deleitando-o com as atenções da minha língua. Tracejando as veias grossas e brincando com a fenda.

Os dedos em meus cabelos seguraram mais firme, provocando uma dorzinha de nada. Tudo bem. Tudo estava bem. Eu simplesmente adorava poder fazer aquilo por ele.

Tomei-o fundo e suguei, estimulando-o. Ele gozou com um grito, entrando na minha boca o quanto a minha mão permitia. E eu engoli.

E disseram que o romance não existia mais...

Ele arquejou, os braços pendendo frouxos e os olhos fechados. Caramba, aquilo foi perfeito. Devagar, fiquei de pé, os joelhos estavam bambos. Depois do sexo oral, parecia que sempre existia esse momento de timidez. Talvez eu devesse ficar convencida, me vangloriar um pouco com alguma dancinha da vitória, mas o fato é que não havia espaço para tanto no chuveiro.

Mal abriu os olhos e me encarou, os braços me envolvendo pelos ombros.

Levou-me para junto dele e depositou beijinhos no meu rosto.

– Obrigado – ele agradeceu, a palavra abafada em minha pele.

– Foi um prazer.

– Sinto muito pelos seus pais, moranguinho. Sinto muito, muito mesmo...

Meus dedos se apertaram no quadril dele num ato involuntário. Um dia eu deixaria de reagir assim e esqueceria o passado.

– Sinto muito pela sua mãe.

– Hum. – Ele esfregou meus braços, deu um beijo na minha testa. – Temos que pensar em coisas boas. E pedir uma montanha de bacon com ovos. E waffles também. Gosta de waffles?

– Quem não gosta?

– Exato! Qualquer um que não goste de waffles deveria ser preso! Tranque-os numa cela e jogue fora a chave!

– Com certeza.

– Chega de tristeza por hoje – ele disse, com voz rude.

Ele apanhou o sabonete e começou a me lavar, prestando uma atenção especial aos seios.

– Só tem mais uma coisa sobre a qual devemos conversar – eu disse, enquanto ele esfregava uma sujeira imaginária no meu mamilo esquerdo. Estava bem gostoso, para falar a verdade.

– Sobre o quê?

– Bem... Sobre o que você disse quando voltamos para cá. Sobre começar uma família.

A mão dele fez uma pausa, cobrindo meu seio direito.

– Começar uma família?

– Sim. Você disse que queria muito isso. Chegou a jogar todos os preservativos pela janela e deu descarga nos meus anticoncepcionais.

– Puxa, isso é sério mesmo. Nós transamos?

Pisquei os cílios para ele e lancei-lhe um olhar inocente, mas, de certa forma, maldoso.

– Não. Claro que não.

O branco dos olhos dele ficou ressaltado.

– Deus... Você quase me fez enfartar.

– Desculpe. – Beijei-o no peito. – Mas você jogou mesmo as camisinhas pela janela. Só não encontrou minhas pílulas. Depois se deitou e começou a batizar todos os nossos filhos.

– Todos?

– Deduzo que não vamos mais ter treze?

As sobrancelhas dele se ergueram.

– Cacete. Hum... Talvez não...?

– Melhor assim. Você poria o nome de David em três deles. Acho que ia acabar em confusão.

– Quanta asneira falei ontem? Só por curiosidade...

– Não muita. Caiu da cama algumas vezes, tentando lamber meus dedos dos pés, e depois acabou dormindo.

Ele enxaguou o sabonete das mãos e pegou o frasco de xampu, massageando meu couro cabeludo em seguida.

– Ai – arfei. – Devagar.

– O que foi?

– Não lembra?

Ele virou a cabeça ligeiramente de lado e me olhou de esguelha.

– O que foi agora?

– Você pode ter, acidentalmente, chutado a minha cabeça enquanto levantava do banco da bateria.

– Ah, não. Porra, Anne...

– Você não me machucou. É só um galo.

Com o rosto contraído, ele enxaguou o xampu com cuidado e passou o condicionador. Ficava balançando a cabeça, com a testa toda enrugada.

– Ei – eu disse, segurando o queixo dele. – Está tudo bem. Sério.

– Vou compensar você por isso.

– Já fez isso. – Apoiei a mão sobre o coração dele, sentindo-o bater em minha palma. – Você ouviu a minha história sem me julgar. Contou-me o que estava acontecendo com você. Essas duas coisas são muito importantes, Mal. São, sim. Estamos bem.

– Vou compensá-la ainda mais. Isso não vai mais acontecer.

– Ok.

– Sério.

– Sei que é.

Ele me lançou um olhar meio torto, depois sorriu de repente.

– Já sei o que vou te dar. Já faz um tempo que venho pensando nisso.

– Você não precisa me dar nada. Embora os waffles sejam uma boa ideia, já que estou morrendo de fome. – Terminei de enxaguar o cabelo, pronta para sair do banho.

– Você vai receber mais do que waffles. – Seus braços passaram por trás de mim e uma mão escorregou por entre as pernas. Com toques sutis, ele começou a massagear os lábios do meu sexo, para frente, para trás. – Mas antes você precisa gozar.

– Ok.

Ele riu no meu ouvido.

– Tão obsequiosa com os seus orgasmos. Gosto disso.

Passei os braços ao redor do pescoço dele com vigor. Ele levou uma mão à boca, molhando alguns dedos. Em seguida, um deles escorregou pela fenda do meu sexo, provocando-me. Senti um formigamento da cabeça aos pés. Com lentidão, ele pressionou mais fundo, depois recuou para atiçar minha entrada, espalhando a umidade. Ele me excitou sem nenhuma demora, a respiração se acelerando. Torci meu corpo ao encontro da mão dele.

– Você tem que ficar parada, Anne – ele me repreendeu, pousando uma mão no meu estômago. Dois dedos me penetraram, esfregando alguma coisa deliciosa ali dentro. – Vamos lá, cê não tá nem tentando.

– Não consigo.

– Mas precisa. Não consigo fazer isso direito se você não ficar quieta.

– Ah! – Arfei quando o polegar resvalou meu clitóris, lançando um raio de luz pela minha espinha.

– Viu? Fez meu dedo escorregar.

O modo como ele adorava me provocar era tanto uma benção quanto uma maldição. Os dedos recuaram, deixando-me vazia, e toda a atenção dele se voltou para o meu clitóris. Ele esfregou os dois lados ao mesmo tempo, fazendo-me gemer.

– Parada...

– Estou tentando.

– Tente com mais vontade. – De leve, ele deu um tapa no alto do meu sexo. A reação foi imediata, meus quadris se projetando para a frente. Ninguém nunca fizera isso antes. Todas as minhas terminações nervosas pareceram prestes a explodir.

– Gostou da repercussão? – ele perguntou.

– Nossa – foi a única palavra que emiti.

Ele cantarolou com os lábios fechados em meu ouvido e voltou a trabalhar ainda rápido no meu clitóris. A pressão só aumentava. Tão perto...

– Mal. Por favor...

Ele me deu outro tapinha, e eu desmoronei. Gritei, e meu corpo cedeu. Se ele não estivesse ali para me sustentar, eu teria caído no chão. O homem provavelmente precisava ser trancado para a proteção das mulheres de todo o mundo.

A água parou de cair. Ele me enrolou numa toalha e me colocou como uma boneca de pano na bancada do banheiro.

– Ei, olhe pra mim – ele disse, diante de mim.

– Oi.

Ele colocou meu cabelo atrás das orelhas com carinho.

– Sinto que a gente precisa falar sobre essa coisa de relacionamento. E eu deveria dizer alguma coisa profunda. Mas não sei se consigo. Ainda mais hoje... – Ele exalou com força. – Você é ótima pra transar, uma garota incrível, eu odeio quando você está triste e não gosto quando não está por perto. Estou até me acostumando com as brigas e todo o dramalhão de vez em quando, porque o sexo quando fazemos as pazes é de fazer a terra tremer. E, além disso, você vale a pena.

A ponta da língua dele passou pelo lábio superior.

– Basicamente é isso. Não necessariamente nessa ordem... Ok?

– Ok. – Eu ri, mas só um pouco. Afinal, ele estava sendo sincero.

– Você é a minha garota. Tem que saber isso. – Ele sorriu e apoiou as mãos nos meus joelhos. – Precisa de mais alguma coisa de mim?

Fiz uma pausa, pensei um pouco.

– Somos monogâmicos?

– Somos.

– Vamos ver onde isto vai dar?

– Uhum.

– Então, tudo bem por mim.

Ele assentiu, deu um apertão nos meus joelhos.

– Se precisar de alguma coisa de mim, espero que me diga.

– O mesmo vale para você. Qualquer coisa.

– Obrigado, moranguinho. – Ele sorriu e me beijou. – Pronta pra turnê, senhorita Rollins?

– Com certeza.

CAPÍTULO 22

O primeiro dia das nossas férias oficiais e tempo de turnê juntos, nós passamos praticamente na cama. Pedimos waffles e comemos. No fim da tarde, saímos do santuário do nosso quarto para jantar com seus pais na suíte deles. Mais uma vez, Neil se mostrou corajoso e silencioso, ficando sempre perto de Lori, que foi a alegria da noite. As histórias que ela contou sobre Mal enquanto criança o aborreceram e me fizeram urrar de tanto rir.

A minha favorita foi da época em que um Mal de onze anos de idade e seu pai construíram uma rampinha de skate no quintal, e ele fraturara um braço, dois dedos e uma perna, em dois meses e meio. Lori obrigou Neil a pôr fogo na rampa. Mal ensaiou uma greve de fome que durou mais ou menos duas horas e meia.

Para compensar a perda da rampa, a mãe lhe prometera uma bateria.

E assim a lenda começou.

Foi uma noite maravilhosa. A mãe dele não mencionou a doença, então, nós também não. Se Lori não estivesse tão magra e fragilizada, e os homens tão preocupados, seria possível imaginar que não havia nada errado. Quanto mais tempo eu passava com ela, mais eu entendia a devastação de Mal. Destruidora de rampas de skate ou não, Lori Ericson era maravilhosa. Agora que eu sabia disso, o desespero silencioso no olhar de Neil parecia óbvio. Ele estava morrendo por dentro ao passar por aquilo ao lado dela.

Esse era o problema com o amor: ele não durava. De um modo ou de outro, tudo chegava a um fim. As pessoas sofriam.

Quando voltamos para o quarto, Mal ficou retraído, calado. Coloquei um filme de ação, cheio de explosões. Assistimos juntos, sua cabeça no meu colo. Quando o filme terminou foi que a noite começou de fato. O sexo foi lento e intenso. Durou e perdurou até quase eu nem me lembrar mais do meu nome. Ele fixou o olhar no meu, movendo-se acima e dentro de mim, como se o tempo não tivesse importância.

Como se aquilo pudesse durar para sempre.

No segundo dia, todos os equipamentos e instrumentos foram levados do local

de ensaios para o palco do show. Mal teve de verificar o som, depois foi a uma reunião de negócios. Eu tinha os meus planos. Lizzy veio para fazer companhia a mim e aos planos de eu não chamar atenção. Pelo que fiquei sabendo, uns dois repórteres praticamente armaram acampamento na frente da livraria e do meu prédio, ainda tentando cavar alguma matéria. Uma foto antiga e borrada dos meus tempos de colégio foi o melhor que conseguiram arranjar. Ela fora publicada no jornal no dia anterior, sem nenhum motivo específico.

Felizmente, dada a fascinação dela por Ben, Lizzy já tinha um compromisso marcado e não poderia ir ao show.

Naquela noite, a turnê começaria.

Eu tinha menos do que uma semana até voltar para o trabalho.

Ficamos nos bastidores com os rapazes até Adrian, o empresário, chegar, batendo palmas bem alto.

– Cinco minutos, rapazes. Prontos pra começar?

Ele era seguido por um homem que tinha fones e um microfone acoplado na cabeça, além de uma prancheta ou computador de algum tipo na mão. Vi alguns como ele por perto. Eu não fazia ideia exata dos recursos necessários para trazer o Stage Dive para a cidade.

Ev e eu ficamos assistindo ao show na lateral do palco, ao lado de uma coleção de enormes amplificadores. Puxa vida, os gritos da multidão e a energia enchendo o imenso espaço eram incríveis. Eu não era profundamente espiritualizada, mas, parada ali, olhando para tantos milhares de pessoas, reconhecia que era algo impressionante. Havia uma energia no ar.

O Stage Dive vendera o maior número de ingressos em Portland em tempo recorde. O *tour* contemplava nove cidades em diversos estados, e depois seguiriam para a Ásia. Participariam de diversos festivais na Europa na primavera e no verão seguintes, juntamente com algumas outras apresentações. De alguma forma, nesse intervalo, ele também passaria um tempo nos estúdios de gravação. Aparentemente, David estivera ocupado escrevendo mais canções sobre a glória de transar com a esposa.

Ah, amor verdadeiro e coisa e tal.

A música era incrível assim de perto. Eu me diverti demais, até notar uma mulher logo na frente, com o nome do meu namorado escrito nos peitos, em grandes letras vermelhas. Difícil não reparar quando ela insistia em mostrá-los para ele.

– Aguente firme e sorria – disse Ev, com os olhos pregados no show.

– Ela que se foda. – Voltei minha atenção para o baterista, que estava tocando muito. Ele movia rapidamente a cabeça, os cabelos loiros enlouquecidos, o suor voando dele. Meu coração deu um salto. Melhor não comentar o que meu

quadril fazia.

Depois de mais ou menos uma hora, Lori e Neil se juntaram a nós. Os dois usavam protetores auriculares e traziam um sorriso no rosto. Seus olhares de orgulho ao verem o filho fez meus olhos marejarem. Lori deve ter notado, pois passou o braço ao redor da minha cintura, recostando-se em mim. Envolvi seus ombros com um braço, enquanto a banda tocava mais uma canção, e depois mais outra. Aos poucos, ela foi cedendo seu peso para mim. Ela não pesava muito, mas quando ela começou a oscilar, enviei um olhar de alerta para Neil.

Ele colocou uma mão debaixo do cotovelo dela, inclinando-se para a frente com um sorriso sutil. Lori se aprumou, dispensando-o, posicionando-se mais ereta. Pouco depois, entretanto, seus joelhos se dobraram. Neil e eu a seguramos, impedindo que ela caísse. Infelizmente, tudo isso aconteceu entre canções. Jimmy estava conversando com o público animado, bem na frente do palco. E, apesar de todo o brilho das luzes, Mal viu Lori cambalear. Levantou-se do banquinho, ficando de pé, nos observando. A ansiedade marcava seu rosto.

Sem demora, Neil tomou Lori nos braços e a levou dali. Levantei a mão para Mal e assenti, desejando que ele entendesse a mensagem de que eu os seguiria e faria o que pudesse. Ele deve ter entendido porque retribuiu o aceno e voltou a se sentar.

– Venha – disse Ev, segurando minha mão. Corremos atrás dos pais de Mal, desviando de pessoas e de equipamentos. Lena nos encontrou do lado de fora da sala em que estivemos antes, nos bastidores. Ao seu lado estava um descontente Adrian, mas duvido que um dia eu veria uma versão feliz dele.

– Avisem se precisarem que eu chame um médico – ela disse.

– Obrigada.

Neil deitara Lori num sofá e segurava um copo de suco junto aos seus lábios. Um passarinho teria bebido mais do que ela. Sua pele estava pálida e muito fina; os olhos, confusos.

– Não há necessidade de tanto estardalhaço – ela advertiu Neil. Quando me viu, sua boca se abriu em evidente desalento. – Ah, Anne, você não precisava vir. Estava aproveitando tanto o show.

– Eles estão quase acabando. E Mal gostaria que eu tivesse vindo para ver como você está, tenho certeza disso.

– Bem, agora você já viu. Estou bem. Pode voltar para lá.

Droga. Eu conhecia muito bem esse “bem”. Graças ao exemplo precoce da minha mãe, eu era a rainha do maldito “bem”. Encostei na ponta do sofá enquanto Neil se agachava do outro lado. Assim de perto, o rosto dela estava acinzentado.

– Sei que você está doente, Lori. Mal me contou.

O ar sibilou ao sair de dentro dela.

– Eu disse a ele que não queria que ninguém soubesse e que seguisse em frente. É a vida, querida. Nós todos temos que ir um dia.

– Ele me contou que você tem no máximo um ou dois meses – disse.

Lori e Neil trocaram um olhar do qual não gostei nem um pouco.

– Você precisa contar alguma coisa para o seu filho?

– Pode ser menos do que isso agora. Fomos ao médico em Spokane antes de vir para cá. – O queixo dela se ergueu. – Mas isso não faz nenhuma diferença. Não vou passar os meus últimos dias num hospital.

Algo ficou preso na minha garganta.

– Os seus últimos dias?

– Semanas – ela retificou. – Eles acreditam que eu tenha mais uma semana. Duas, no máximo. Vamos voltar para casa amanhã à tarde. Eu gostaria de estar lá...

Neil inalou fundo e desviou o olhar. A mão escorregou para a da esposa, os dedos se entrelaçaram.

– Você precisa contar isso para ele – eu disse. Havia lâminas afiadas na minha garganta, arame farpado, pregos, ferragens diversas e acessórios pontiagudos. Era tudo extremamente desconfortável.

– Imagino que você tenha razão.

Com um grunhido, Neil deu um aperto final nos dedos dela e se levantou.

– Contarei assim que ele sair do palco. Não podemos pedir que Anne esconda isso dele.

– Não, não podemos – Lori concordou. – Apenas me ajude a sentar. Todos logo entrarão, e eu estarei deitada aqui como uma boba.

Aquilo não podia estar acontecendo. Droga.

Com cuidado, Neil e eu a ajudamos a se sentar. Depois ele partiu para esperar pelo filho. Assumi a tarefa de lhe dar suco. Pelo menos segurar o copo me dava uma atividade.

– Fico feliz que ele tenha você – disse Lori, ajeitando a saia do vestido verde claro. – Sei que já disse isso antes, mas a minha partida vai afetá-lo muito. Ele fala alto, é expansivo, mas meu filho tem a alma sensível. Ele vai precisar de você, Anne.

Estendi minha mão livre para ela. A minha estava suada; a dela, não.

– Gosto muito mesmo do seu filho – eu disse. Porque eu tinha que dizer alguma coisa. Portanto, claro, foi algo angustiante e inadequado, como sempre quando se referia a sentimentos.

– Sei que gosta, minha querida. Notei como olha para ele.

– Com olhos apaixonados?

– Sim. – Ela riu com suavidade. – Com olhos apaixonados.

Lá fora, a multidão gritou, e as batidas dos pés quase derrubaram a construção. Engraçado, ali atrás, a música não passava de um fragmento. Quase insignificante. Ou talvez isso se devesse às pancadas no meu crânio. Eu sentia a aproximação de uma dor de cabeça. Toda aquela situação era mais do que pesada, era paralisante. Não havia como endireitar ou consertar aquilo.

As pessoas começaram a jorrar para dentro da sala. Uma longa mesa com comida e bebida fora preparada. Pelo visto, uma festa pós-apresentação fora planejada. Adrian estava à porta, recepcionando as pessoas com apertos de mão e rindo alto dos comentários que as pessoas faziam. Era tudo tão surreal. Lá fora, em algum lugar, Neil devia estar contando tudo para Mal, naquele mesmo instante.

– Tudo vai ficar bem. – Lori deu um tapinha na minha mão. Engraçada a maneira como ela se atinha à minha palavra predileta. Talvez existisse algum alívio em encontrar um parceiro que lembrasse seu pai. O que era absurdamente errado e aterrorizante. Eu não queria pensar nisso. Mal não era nada parecido com o meu pai.

Logo ele entrou furiosamente. Mal, não o meu pai. Uma camiseta envolvia sua mão direita, sangue escorria pelos seus dedos.

– O que diabos aconteceu? – Saltei de pé, correndo na direção dele.

Neil voltou para o lado de Lori. Jimmy foi direto para a mesa cheia de bebidas e petiscos *gourmet*. Ele enfiou a mão num balde cheio de cervejas estrangeiras com uma dedicação inenarrável.

– Jimmy. O que você está fazendo? – Lena segurou o braço dele.

Com um olhar de aborrecimento puro, Jimmy se inclinou para baixo e sussurrou alguma coisa no ouvido dela. O olhar de Lena disparou para Mal e depois desceu para a mão dele. Olhou de um lado para o outro na mesa, procurando por alguma coisa.

– Mal? – A fragrância dele foi um chute no meu estômago, como sempre. Mas que diabos estava acontecendo?

– Oi, moranguinho. Não é nada. – Ele não olhou para mim. Também evitou o olhar preocupado da mãe, de propósito.

Jimmy voltou com as mãos cheias. Ele e Lena transformaram uma toalha de mesa numa bolsa de gelo.

– Toma.

– Obrigado. – Devagar, Mal desenrolou a camiseta ensanguentada. Debaixo dela, os nós dos dedos estavam em carne viva, com feridas abertas. O maxilar dele se retesou quando ele segurou a bolsa de gelo na mão.

O empresário idiota, Adrian, abriu caminho às cotoveladas até o nosso círculo.

– Mal, meu chapa. Ouvi que houve um acidente lá em cima?

– Hum, pois é, Adrian, importa-se de dar um jeito nisso? Mal, sem querer, fez um buraco na parede. Só uma daquelas coisas, sabe? – David apoiou uma mão no ombro do homem, afastando-o dali.

Eu duvidava muito que tivesse sido sem querer, dada a situação atual.

– Precisamos chamar alguém para dar uma olhada na mão dele – disse Adrian.

Eles continuaram falando, mas eu não prestei atenção. Encostei a mão no rosto do Mal, incitando-o a olhar para mim.

– Ei...

Seus olhos me provocariam pesadelos, tamanha a tristeza dentro deles. Ele se inclinou para a frente, capturou minha boca na dele e me deu um beijo ardente, frenético. Sua língua invadiu minha boca, exigindo todo o espaço dela. E eu dei. Claro que dei.

Por fim, ele se acalmou, encostando a testa na minha.

– Tá tudo ferrado.

– Eu sei.

– Ela só tem mais uma, duas semanas no máximo.

Não havia nada que eu pudesse dizer.

Ele fechou os olhos com força. O suor do rosto umedecia sua pele. Ele estava nu da cintura para cima, e a sala estava fria, o ar condicionado trabalhando a toda, sem nenhum motivo. Aquilo não era necessário naquela época do ano.

– Vamos reidratá-lo – eu disse, grata por qualquer coisa que eu pudesse fazer por ele. – Vou encontrar outra camiseta para você vestir. Ok? Você vai gelar rápido aqui.

– Ok.

– Fique com ele – Ev disse com a mão no meu ombro. – Eu pego.

– Evvie. – Mal laçou os braços sobre minha cabeça num abraço desajeitado, ainda segurando o gelo na outra mão. – Algo pesado.

A testa dela se enrugou.

– Uísque ou algo do tipo – Mal disse. – Por favor.

Com um suspiro, ela se virou, partindo na direção da multidão agrupada. Não podia haver hora pior para uma festa.

– Melhor a gente ir para lá – Mal disse, virando o rosto para os pais.

Neil estava empoleirado no braço do sofá, um braço ao redor da esposa. Os lábios de Lori estavam contraídos de preocupação.

– Oi, mãe – Mal a cumprimentou, mantendo-me bem junto dele. – Que bom que vocês puderam vir. Sofri um pequeno acidente com a mão.

– Você está bem?

– Ah, sim, claro. Não se preocupem.

Os rapazes ficaram por perto, afastando alguns fãs, mantendo os tipos da indústria longe do nosso canto da sala. Logo, Sam e mais um cara de terno preto assumiram seus postos. Ben e Jimmy ficaram nas imediações, conversando com as pessoas, fazendo seu trabalho, socializando. Seus olhares, entretanto, mantinham-se em Mal.

Ev deve ter corrido, porque logo voltou com uma camiseta da turnê do Stage Dive para ele vestir, uma garrafa de Smirnoff e outra de Gatorade.

– Eles não tinham uísque.

– Isso serve. – Ele me entregou o pano molhado de gelo enquanto vestia a camisa, que tinha uma grande caveira feita de doces na frente. – Obrigado, Evvie.

– Filho – Neil disse. Ocorreu muita comunicação em apenas uma palavra.

– Pai, tá tudo bem – exclamou Mal, subitamente mudando seu estado de humor para exuberante. – É assim que a gente faz depois de um show. Você sabe disso!

Neil não disse nada. O último disco do Stage Dive e as conversas de umas cem pessoas da festa pairavam no ar. Mal tomou metade da garrafa de Gatorade. Depois a entregou para que eu a segurasse e sorveu grandes goladas de vodca.

Ai, caramba. Aquilo seria como ver um carro se acidentar.

– Amor – eu disse, passando o braço pela sua cintura, levando-o para perto. – Pare um segundo e respire.

– Você me chamou de amor. – Ele sorriu.

– Chamei.

– E no outro dia você me chamou de meu bem.

– Foi você quem pediu um apelido romântico idiota.

– Ah, minha Anne. – Ele esfregou o rosto no meu, como se estivesse me marcando. A barba curta arranhou minha pele, e meu corpo inteiro se aqueceu em brasas. As emoções eram demais, completamente desarmantes.

– Mal.

– Não faz essa carranca, não precisa se preocupar. Faz um favor pra mim e vai conversar com a minha mãe? Eu... hum... não consigo falar com ela agora. Ainda não.

Ele levou a garrafa de novo aos lábios, inclinou a cabeça para trás e bebeu, enquanto eu engolia em seco. Ele estava se automedicando com a bebida por causa daquela situação, mas eu estaria mentindo se dissesse que aquilo não me assustava mesmo assim. Ele abriu os olhos e exalou.

– Assim está melhor. Melhor pra cacete.

– Acho que Adrian vai chamar alguém pra dar uma olhada na sua mão – David disse, aproximando-se de nós.

– Não precisa.

Tentei limpar a garganta.

– Deixe que alguém dê uma olhada na sua mão, Mal.

– Moranguinho...

Chega daquilo.

– Você quer que eu não me preocupe? Deixe que alguém olhe a sua mão. Esse é o acordo.

Ele me avaliou lentamente.

– Adoro quando você dá uma de durona comigo. Ok. Se faz você feliz, vou deixar.

– Obrigada.

Outra golada da garrafa.

Ev se colocou debaixo do braço de David, os dois observando-o com ansiedade. Havia uma preocupação e uma tensão nos rostos de todos, e Mal só continuava a beber. O fim da garrafa já se aproximava. Por algum motivo, aquilo me deixou furiosa.

– Já chega. – Tirei a garrafa da mão dele. Evidentemente Mal não estava esperando por isso, porque não se opôs. Grandes olhos verdes piscaram para mim, depois se estreitaram em sinal de raiva.

– Mas que porra foi essa? – ele disse num tom baixo.

– Encontre outra maneira de lidar com isso.

– Não é você quem decide.

– Quer mesmo que as últimas recordações dela sejam vê-lo se embriagar?

– Ah, pare com isso. Mamãe esteve perto desde o começo. Ela sabe como são as festas nos bastidores, Anne. Ela quer normalidade? Estou dando normalidade pra ela.

– Estou falando sério. Pare.

Ele me lançou mais um olhar zangado. Sem problema. Se ele queria uma competição de olhares furiosos, tudo bem por mim. Eu disse que cuidaria dele. E isso significava protegê-lo até de si mesmo.

– Olhe ao seu redor – eu disse. – Todos eles acabaram de ver Jimmy passar por isso. Estão morrendo de medo por você, Mal.

– Não tem nada a ver uma coisa com a outra – ele grunhiu.

– Ainda não.

– Não é função sua me dizer o que eu devo fazer, moranguinho. Nem de longe.

– Mal...

– Faz quanto tempo que a gente tá junto? Uma semana? E você já sabe o que é melhor? – Ele olhou de cima para mim, o queixo virando de um lado para o

outro. – Pois é, Anne está no comando...

– Ah, puta que o pariu... – David praguejou, dando um passo à frente. – Cale a boca, idiota, antes que você acabe dizendo alguma merda de que vai se arrepender depois. Ela tem razão. Não tenho nenhuma vontade de vê-lo na reabilitação também.

– Caraca, me dá um tempo – Mal ralhou. – Reabilitação? Não está sendo muito dramático, não, Davie?

– Acha mesmo? – David perguntou, ficando cara a cara com ele. – Você fica tão bêbado que acaba chutando a sua namorada na cabeça. Fica tão puto que soca a parede. Como isso te parece, hein? Parece alguém que tá com tudo sob controle?

Mal se retraiu.

– Tem coisas acontecendo.

– Eu entendo isso. Todos entendemos. Só que Anne tem razão, você se ferrar toda noite não vai adiantar nada.

Os ombros de Mal penderam, toda a animosidade abandonando-o.

– Vá se foder, Ferris.

– Pra mim, tanto faz. Peça desculpas para a sua namorada e seja sincero.

Seu olhar triste se voltou para mim.

– Desculpe, moranguinho.

Assenti, tentei formar um sorriso.

– Vem, você precisa de um respiro. – David segurou Mal pela nuca e o arrastou para junto dos convidados. Felizmente, Mal não se opôs. Vi-os se afastarem com relativa tranquilidade. Claro, tudo ficaria bem. No entanto, independente do que fosse acontecer, eu não queria me virar. Eu sentia o peso do olhar de Lori queimando um buraco no meio das minhas costas. Ela e Neil devem ter ouvido e visto tudo. O que eu poderia dizer?

Eu era horrível nessa coisa de família e de relacionamentos. Desejei que Lizzy estivesse ali. Ela saberia o que fazer. Ela era muito melhor com pessoas do que eu.

– Vai ficar tudo bem – disse Ev, segurando a minha mão na dela.

Um gesto gentil, mas eu duvidava muito disso.

CAPÍTULO 23

– FESTA! – Uma hora mais tarde, Mal estava em seu modo maníaco e bem expansivo.

Ele só segurava uma garrafa de água na mão. Pelo menos, nossas palavras foram compreendidas e aceitas por ele. E, assim como na primeira noite em que o vi, ele estava sobre uma mesinha de centro, dançando. Existiam várias mulheres dispostas a atender ao seu chamado festivo. Diversas mulheres belas e arrumadas cobiçando meu homem com olhos avarentos. Era algo com que eu teria de me acostumar. Eu não poderia matar todas elas. Quero dizer, onde eu conseguiria esconder tantos corpos?

Aquele papo de namorar um astro do rock era mais difícil do que parecia.

Uma das garotas tentou subir na mesa com ele e não, não. Nada disso.

Segurei-a pelo braço.

– Esquece.

– Tire a sua mão de mim – ela rebateu.

– MORANGUINHO! – minha alegria retumbante exclamou dali de cima.

Puta merda, meus ouvidos estavam tinindo.

A mulher levantou o olhar e lançou um sorriso sedutor para Mal. Sua expressão quando voltou a olhar para mim não era nada amigável.

– Lamento – eu disse (mentira deslavada ali). – Ele já está comprometido.

– Quem diabos você é?

– Sou a moranguinho – O “rá, vadia” foi silencioso, mas não se engane, ele estava presente.

Ela estreitou os olhos de uma maneira muito esquisita, depois virou de costas, desaparecendo no meio da multidão. Vislumbrei rapidamente os sapatos de salto, mas logo ela se foi. Lindos sapatos. Eu estava com minhas botas de sempre e uma saia, jeans desta vez, uma camisa preta de mangas compridas e uns acessórios de resina completavam o visual. Sendo sincera, eu não sabia como a namorada de um astro do rock deveria se vestir, mas no quesito conforto, aquilo servia. Aqueles sapatos, no entanto... Eu bem que gostaria de saber onde ela os comprara. Agora, a possibilidade de ela me contar estava entre jamais e nunca.

Lori e Neil ainda estavam estacionados no sofá do canto. David e Ev faziam companhia a eles enquanto eu protegia meu homem das outras mulheres. Ou algo assim. Francamente, eu não estava me divertindo. A discussão de antes me deixara nervosa e eu não me encaixava com aquele pessoal. Estavam ali jornalistas da música e executivos da indústria musical, um misto de ricos e famosos, todos juntos para o pontapé inicial da turnê.

– Moranguinho? – Mal me chamou de novo.

Virei-me para ele.

– Ah, aí está você. Ei, tenho um anúncio a fazer! – exclamou. – Todos! Atenção!

A multidão se aquietou, todas as cabeças se virando para ele. Eu não tinha um bom pressentimento quanto àquilo.

– Muitas coisas ruins têm acontecido. E elas me fizeram pensar a respeito de alguns pontos... – Seu olhar se desviou para os pais. – A vida é curta, e você tem que fazer valer a pena, aproveitar para ficar com quem você ama, mantendo-as perto de você. Por isso, eu... eu tomei uma decisão. Aqui, agora.

Ele me encarou, as sobrancelhas quase se encostando sobre o nariz. Em seguida, ajoelhou-se sobre a mesinha de centro. A mão se esticou na direção da minha, e eu a segurei, com os dedos entorpecidos de surpresa.

– Case comigo, Anne.

Meu coração parou. Puta que o pariu dos infernos! Ele não podia estar falando sério.

– O quê?

– Isso mesmo, case comigo... hoje – ele disse com uma voz segura. – Pegamos o voo noturno para Vegas. Voltamos para o café da manhã.

Flashes espocaram ao nosso redor, cegando-me. Contudo, nada mais existia. Somente o rosto lindo e esperançoso desaparecendo das minhas vistas.

– Que romântico... – alguém suspirou.

– Podemos levar os caras com a gente – ele disse. – Apanhamos Lizzy no caminho. Podemos até levar Reece, se você quiser.

Eu não conseguia respirar.

– Eu compro pra você a porra da maior aliança que existir.

Sério, onde estava o oxigênio daquele lugar?

– Sei que é cedo demais. E sei que você tem umas ressalvas com essa coisa de casamento, mas somos só você e eu. Estamos firmes nessa.

Não, não estávamos não. Acabamos de ter uma briga. Estávamos sempre brigando e só fazia o quê... quantos dias que estávamos juntos? Sim, a gente podia se dar muito bem, mas estávamos apenas no começo; de jeito nenhum estávamos prontos para o próximo passo.

– Vamos lá, Anne.

– Faz só uma semana...

– Preciso que você faça isso por mim.

– Eu me caso com você, Mal! – Alguma vaca no fundo da sala exclamou. Outras murmuraram a mesma coisa.

– Por quê? – Vasculhei sua expressão, meu coração batia mais que acelerado.

– Por muitos motivos.

Balancei a cabeça, atordoada.

– Por favor – ele disse, olhando-me bem dentro dos olhos.

Neil amparava Lori. Os dois estavam logo ali, a poucos metros, observando toda a cena. Meu estômago virou de ponta-cabeça. Havia tanta esperança no rosto de Lori. Ela apertava as mãos junto ao peito, os olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. Ev estava de pé ao lado dela com David, e seus lábios estavam apertados, mas os olhos... Caramba, eles diziam que aquela insanidade podia muito bem dar certo. Bem, acho que Ev deveria pensar isso mesmo, já que fizera aquelas doideiras em Vegas.

Aquilo, no entanto, não era um romance. Era uma loucura.

– Preciso que você faça isso por mim – ele repetiu. – Arrisque-se, Anne.

Arriscar-me a ter o coração partido e a ser abandonada. Toda a dor e o sofrimento que eu conhecia tão bem. Eu mal estava conseguindo me manter num relacionamento, e ele já queria legalizar a coisa, ligando-nos um ao outro por toda a eternidade até que alguém decidisse que já bastava.

Meus ombros penderam.

– Mal... não faz isso...

O olhar dele varreu meu rosto.

– Você e eu, em Vegas. Vamos, vai ser divertido.

Aproximei-me dele, tentando ter um pouco de privacidade.

– Não posso me casar com você só para fazer a sua mãe feliz.

– É mais do que isso.

– Não, não é. Se ela não estivesse doente, de jeito nenhum você estaria me pedindo isso.

– Mas...

– Sinto muito. Não.

– Anne...

Consegui identificar o exato momento em que ele percebeu que não me convenceria a fazer aquilo. Que ele não conseguiria o que queria. Seu maxilar enrijeceu e ele soltou a minha mão. Num movimento fluido, ele saltou da mesa de centro e seguiu na direção da porta. Quaisquer palavras possíveis ficaram presas na minha garganta.

E lá foi ele. Saindo, saindo, saindo.

Saiu.

Todos os olhos da sala se pregaram em mim. David seguiu Mal, e Ev apareceu junto de mim. Eles já estavam craques em lidar com situações estranhas e constrangedoras, incluindo todos os dramas ao estilo Stage Dive. Jimmy e Ben detiveram Adrian antes que ele seguisse David e Mal. O empresário me lançou um olhar encorajador para que eu me enroscasse em mim mesma e morresse. Eu estava tão cansada de tudo aquilo.

Algo dentro de mim se partiu. A dor era excruciante.

O melhor era deixar as coisas do jeito em que estavam.

O olhar de Lori foi hesitante, triste.

– Ah, Anne...

– Sinto muito – eu disse, e depois saí correndo de lá.

—

Mal não voltou para o nosso quarto de hotel naquela noite. Não recebi nenhuma mensagem dele no dia seguinte. Voltei para casa.

CAPÍTULO 24

Passei o resto das minhas férias limpando o apartamento. Lizzy e Lauren se alternavam ao meu lado no sofá de dois lugares, observando-me ficar frenética. Frenética era uma palavra usada por elas, não por mim. Eu estava indo muito bem, levando em consideração o meu coração partido. Não me meti na cama como a minha mãe, recusando-me a sair de lá. Eu era mais forte, e o meu apartamento estava muito, muito limpo.

– Olhe só aquele vaso sanitário – eu disse, apontando para o banheiro com a luva de borracha cor-de-rosa e a escova sanitária. – Dá pra comer nele.

– Meu amor, que bom pra você, mas não vou inspecionar o seu vaso sanitário. – Lauren cruzou as pernas, balançando um pé para frente e para trás.

– É sério, ele está brilhando.

– Acredito em você.

A porta da frente se abriu e Lizzy entrou.

– Ela ainda está nisso?

Sim, em momentos especialmente infelizes, as duas estavam ali, comentando meus feitos bem na minha cara. Isso era tão útil... Amigos e família não prestavam, mas também eram a melhor coisa do mundo, nos ajudando em tempos de insanidade temporária.

– Sim, ela está. Por favor, bata antes de entrar – eu respondi.

Mal ficaria irritadíssimo. Ele odiava que as pessoas ficassem entrando daquela maneira. Não que ele estivesse ali para se importar, então, tanto faz. Talvez eu devesse esfregar a cozinha mais uma vez. Voltar para o trabalho no dia seguinte seria muito bom. Isso me manteria ocupada. Reece veio ontem me trazer alguns frascos de multilimpador de superfícies ecologicamente corretos e uma escova nova (eu gastei a minha antiga). Ele entendia a minha vontade de me manter ocupada. Ou, se não entendia, pelo menos tinha o bom senso de ficar afastado e não mencionar nenhum baterista famoso.

– E você não fechou a porta direito, Lizzy.

Minha irmã olhou para mim por cima dos óculos escuros.

– Isso porque você tem outra convidada chegando. Espero que você seja mais

agradável com ela.

– Sou agradável com todos.

Lauren fez uma careta.

– Não. Não é. Nos últimos tempos, você tem sido bem desagradável. Mas nós te amamos e entendemos que está sofrendo, por isso estamos aqui.

Minha testa parecia permanentemente enrugada. Talvez elas tivessem razão. Talvez fosse hora de tocar o barco. Se fiquei com ele apenas uma semana, então, lamentar sua perda por meia semana devia estar de bom tamanho. Uma pena que o meu coração não concordasse.

– Olá! – exclamou Ev, aparecendo na soleira da porta. – Ei, uau. Puxa, Lizzy, ela precisa de ajuda.

– Eu te disse – Lauren falou, levantando-se para abraçá-la.

– Hum... Anne? – Ev se aproximou de mim com extrema cautela, tirando o casaco de lã. – Tire essas luvas e vista alguma roupa que não tenha furos. Talvez você queira tomar banho antes, quem sabe lavar o cabelo? Não seria legal?

– Eu estava fazendo faxina – expliquei, levantando a escova como prova. – Não uso roupas boas enquanto estou limpando a casa.

Lizzy me virou na direção do banheiro.

– Quando você começa a apontar uma escova sanitária por aí, vangloriando-se da beleza do seu vaso, provavelmente é uma boa hora para parar e repensar a vida.

– Volte para lá e limpe a si mesma agora – ordenou Lauren. – Vou pegar uma roupa para você.

– Espere. – Eu me virei para Ev. – Por que está aqui? Por que não está na turnê?

Ela fez uma careta.

– A turnê foi cancelada. Postergada até o ano que vem. É melhor assim. Estão dizendo que Lori só tem mais alguns dias, então os rapazes foram para Coeur d'Alene.

Ah, Deus... Pobre Mal. Senti minhas costelas se apertarem.

– Por que você não está com eles? – perguntei.

– Vou até lá hoje à tarde. – Ela falou devagar, com cuidado. – Antes, no entanto, eu queria vir pra cá para participar da sua intervenção. E perguntar se talvez você não quer ir comigo...

Fiquei só olhando para ela.

– Acho que ele vai gostar mesmo de ter você lá, Anne. Sei que as coisas ficaram num pé estranho entre vocês, mas acho mesmo que ele gostaria do seu apoio agora. E Lori deve querer se despedir.

– Recusei o pedido de casamento do filho dela, duvido que ela queira isso.

Ev levantou só um ombro.

– Ela ficou triste, mas... acho que não ficou brava com você.

– Isso não tem importância. Não posso ir. – Andei na direção do banheiro, guardei a escova e tirei as luvas de borracha. Ev, Lauren e Lizzy pairaram na soleira da porta, observando-me. Lavei as mãos, ensaboando-as muito bem. – Olha só, meninas, agradeço esta intervenção, não que eu acredite precisar. Só estou me mantendo ocupada até voltar a trabalhar.

– Claro que sim – disse Lizzy. – É por isso que você esfregou o teto.

– Ele estava empoeirado.

– Foco, meninas. – Lauren estalou a língua. – Anne, você precisa ir com Ev. Vá falar com ele.

Sequei as mãos numa toalha. A garota no espelho estava desarrumada, o cabelo sujo e a pele oleosa. Elas tinham razão, já tive uma aparência melhor.

– Vocês dois eram ótimos juntos – disse Ev. – Ele se empolgou com essa ideia do casamento, mas acho que já entendeu.

– Hum, não sei, não. Não acredito que existam muitas maneiras boas de aceitar a recusa a um pedido de casamento. – Dei uma risada. – Acho que não tem volta. Obrigada pela consideração, Ev, mas ele não me quer lá.

Ela balançou a cabeça.

– Você não tem como saber isso...

– Sim, eu sei. – Apoiei as mãos nos quadris. Isso não me pareceu muito confortável, por isso cruzei os braços diante do peito. – Mandei uma mensagem para ele no outro dia, perguntando se havia alguma coisa que eu pudesse fazer. Se ele me queria lá ainda que fosse como amiga. Ele disse não.

E, sim, a resposta monossilábica de Mal me irritou e me magoou. O fato de eu ter me dado de presente um novo celular de aniversário estava de alguma forma relacionado a isso. Bem como a marca na parede do meu quarto, sobre a qual eu teria de passar uma demão de tinta. No fim, descobri que meu braço era melhor em lançar coisas do que eu imaginara.

Ev, Lauren e Lizzy limitaram-se a me fitar. Maravilha. Eu bem que podia ficar com o coração partido sem que isso ficasse à mostra para quem quisesse ver. E esse era um pensamento idiota.

– Sério, meninas, obrigada. Por tudo. Vou seguir o conselho de vocês e tomar um banho.

– Você demonstrou coragem ao procurá-lo – Lizzy comentou.

– Eu tinha que tentar.

Lauren franziu a testa para o chão.

– Precisamos de bebida. E de comida.

– Isso mesmo – concordou Lizzy.

Meu sorriso começou a repuxar nos cantos. Não consegui formar um sorriso completo.

– Parece uma boa ideia.

Ev assentiu com seriedade. Depois fez uma pausa.

– Anne, você é mais inteligente do que ele. Se ele significar alguma coisa para você, se você tiver outra chance... Não desista com tanta facilidade.

Eu não sabia o que dizer. Só fiquei olhando para ela, perdida, sem saber como reagir e nem o que fazer. Eu vinha me sentindo assim desde que Mal se afastara de mim naquela noite.

– Vá tomar um banho. – Lizzy me deu um abraço por trás, envolvendo-me com os braços e me apertando. – Vou cuidar da comida e da bebida.

– Ah, mas eu posso fazer isso depois que...

– Anne, por favor. Deixe que eu cuido de você, só pra variar.

Assenti devagar, à beira das lágrimas uma vez mais.

– Ok. Obrigada.

Lizzy apoiou o queixo no meu ombro, sem me soltar.

– Você é uma irmã mais velha incrivelmente forte, e eu te amo. Mas tem permissão para precisar de ajuda de vez em quando. Você não tem que consertar tudo sozinha, sabe?

– Eu sei. – Eu não sabia exatamente, mas estava começando a sentir isso. Era acolhedor, maravilhoso e tudo o mais. Não ficar sozinha naquela situação, tê-las todas ali comigo era algo maravilhoso.

– Obrigada.

—

O meu aniversário não parecia o meu aniversário. Os dois últimos foram legais, já que fiz compras com Lizzy e saí para jantar com Reece. Mas o deste ano? Nem tanto. Foi mais ou menos como voltar a estar com mamãe e estampar um sorriso falso no rosto para o bem de Lizzy. Fazer um bolo e depois ficar enjoada após comer metade dele, porque é isso o que a gente faz.

Fazia três dias que eu voltara ao trabalho. A “intervenção” havia sido péssima, mas pelo menos não me envolvi mais em nenhuma maratona tresloucada de limpeza. Sendo bem justa, o apartamento não tinha como estar mais limpo, mesmo que eu me esforçasse. Não tive mais notícias de Mal e não esperava ter. Fim da história.

Meu vestido de jérsei de listras definitivamente estava adequado para meu jantar com Reece. Um coração partido podia ser encoberto por um milhão de coisas, inclusive um bolo e um vestido listrado.

Malditos astros do rock com seus malditos pedidos de casamento e seus malditos cheiro, rosto, corpo, voz, senso de humor, cabeça, espírito generoso e todo o resto (não necessariamente nessa ordem).

Maldição a tudo aquilo. Mas, especialmente, maldito Mal.

Reece estava quinze minutos atrasado. Fiquei batendo minhas botas marrons que chegavam aos joelhos no piso gasto, produzindo um ritmo agitado. Não havia necessidade de mencionar com quem adquiri esse hábito. Talvez esperar do lado de fora fosse melhor, lá no vento frio. Desci as escadas e saí pela porta ao mesmo tempo em que mandava uma mensagem para Reece, só para me certificar de que ele não tinha se esquecido.

Ele não tinha.

Soube disso porque ele estava rolando no pequeno gramado na frente do prédio com alguém. Não de êxtase, mas de agonia. Muita agonia, se os gemidos e os grunhidos fossem algum indicador. Um buquê de rosas estava largado de lado. O que era aquilo?

– Reece?

Nenhuma resposta.

Pisquei, olhei de novo. Aquilo era totalmente...

– Mal?

Sim, Mal e Reece estavam brigando no jardim da frente. Sangue escorria de um corte no supercílio de Mal e no lábio de Reece. Uma marca escura cobria o rosto de Mal e a camisa de Reece estava aberta. Eles brigavam, trocando socos e produzindo sons animalescos.

– Filho da mãe... – Mal socou o estômago de Reece.

Reece grunhiu e rebateu tentando chutá-lo na virilha. Em vez disso, acertou a coxa do Mal. A julgar pela forma como o rosto de Mal se contorceu, deve ter doído.

– Foi você o filho da mãe que a deixou! – ralhou Reece.

Juntaram-se de novo, socos e sangue voando. Senti a bile no fundo da garganta e a engoli de novo. Droga, droga, droga. O que fazer? Peguei o celular e liguei para Lauren.

– Oi, Anne.

– Vocês estão no apartamento? Preciso de Nate no gramado, por favor. Depressa.

– O que está acontecendo?

– Mal e Reece estão tentando se matar.

Houve imprecações e murmúrios.

– Estamos voltando para casa. Chegamos em cinco minutos.

Desliguei. Cinco minutos. Eles podiam se machucar mais em cinco minutos,

causando sérios estragos, se é que já não causaram. Eu não podia esperar cinco minutos. Eu precisava fazer alguma coisa agora.

Amparei a boca com as mãos, parada no primeiro degrau.

– Ei! Que droga vocês dois idiotas pensam que estão fazendo?

Reece desviou o olhar e Mal o acertou no queixo. Mais do que irados, os dois partiram um para cima do outro de novo.

Bem, minha interferência não deu certo.

Em seguida, Reece deu um golpe certeiro no rosto de Mal, fazendo-o recuar um passo. Mal tentou se equilibrar, desnorteado por um instante. De jeito nenhum eu poderia ficar assistindo ele se machucar ainda mais. Aquilo não estava em mim. Reece recuou o braço, os lábios ensanguentados repuxados, revelando os dentes.

– Reece, não! – Não parei para pensar. Em vez disso, dei uma de doida e corri para a frente, totalmente focada em defender o meu homem.

Mal se virou.

– Anne.

Corri direto para ele. O punho de Reece me acertou no olho e eu caí. A dor encheu o meu mundo, cegando minha mente. Cacete, como doeu.

– Você está bem? – Mal perguntou.

– Ah... – Foi o melhor que consegui dizer.

– Anne, puta que o pariu, desculpe – Reece balbuciou.

– Devagar, devagar – disse Mal. A minha cabeça foi erguida com cuidado e colocada sobre uma coxa firme coberta por jeans.

– Ei... oi... – eu disse, meio atordoada e confusa. Cobri o olho socado com as duas mãos, respirando apesar da imensa agonia.

– Moranguinho, que porra deu em você, correndo assim desse jeito?

– Eu estava salvando você. Ou alguma coisa assim. Sabe...

Eles tinham parado de brigar. Foi uma espécie de sucesso.

Uns choramingos excitados saíram de uma caixa ao meu lado. Uma cabecinha se pôs para fora, depois desapareceu. O que significava aquilo? Quero dizer, toda aquela cena, eu não podia restringir a pergunta a apenas uma das coisas que estava acontecendo naquela noite, no jardim em frente ao meu prédio. A grama estava fria e úmida debaixo de mim. Eu estava deitada de costas, observando a noite estrelada. Minha cabeça latejava. Mal olhava para mim, os olhos repletos de preocupação, o rosto uma bagunça ensanguentada.

– Como está se sentindo? – ele perguntou.

– Ai.

– Anne, eu sinto muito, muito mesmo – disse Reece, parecendo tão arrependido e preocupado quanto podia. – Você está bem?

– Vou sobreviver. – Basicamente. – Advil e gelo devem ajudar.

– Uhum, deixe eu levá-la pra cima. – Mal afastou o cabelo do meu rosto com cuidado.

Desta vez, um arquejar saiu de dentro da caixa, junto com um latido longo e agudo.

– Está tudo bem, Killer. A mamãe está bem. – Mal pôs uma mão na caixa e ergueu um corpinho peludo branco e preto, que não parava de se mexer. Uma coleira chique, cheia de tachas, estava ao redor do seu pescoço, com um enorme laço vermelho no topo. Ele era maior do que o cachorro. – Mamãe estava tentando salvar o papai do malvado tio Reecey, não estava? Uma coisa legal de fazer, mas o papai vai bater na mamãe por ser tão boba e se meter numa briga. Sim, eu sei, o papai é o melhor, não é?

– Ai, pelo amor de Deus – murmurou Reece.

– Feliz aniversário, peguei um filhotinho pra você. – Mal estendeu o cachorrinho para perto do meu rosto, e uma língua rosada e úmida apareceu, lambendo o meu queixo. Ele tinha olhinhos pretos lindos. – Eu o batizei de Killer.

– Uau. – Que lindos, tanto o homem quanto o cachorro. – Mal, você não pode chamar uma coisinha tão pequena de matador.

– Ele fez por merecer. Matou um dos meus All-Star logo depois que eu o busquei, hoje à tarde. Fez um buraco de um lado ao outro.

O filhote me lambeu de novo, quase acertando meus lábios dessa vez.

– Que nojo, carinha. – Sorri. – Eu sei onde você coloca essa língua.

Mal sorriu, depois entregou o bichinho para Reece.

– Tome aqui, leve ele lá pra cima. Mas não o deixe cair.

– Não vou deixá-lo cair.

– É bom mesmo.

Mais grunhidos da parte de Reece e alguns latidinhos de Killer. Sério, aquela noite estava sendo surreal.

– Espera, Mal. E sua mãe? – perguntei. – Como ela está?

A boca dele se firmou e suas sobrancelhas despencaram.

– Nada bem. Ela não tem mais muito tempo.

– O que você está fazendo aqui?

O rosto dele se contraiu todo e ele me lançou um olhar sofrido.

– É uma longa história. Eu te conto lá em cima.

Um carro encostou, freando alto ao lado da calçada, e Nate e Lauren saíram apressados de dentro dele. Acenei meio tonta para eles.

– Está tudo bem. Eles pararam de brigar.

– Ai, olha só o filhotinho! – exclamou Lauren.

– Seus idiotas. Quem fez isso com ela? – Nate se agachou ao meu lado, com a cara fechada, avaliando o meu olho inchado. O mundo era um borrão só desse lado. – Como está a sua cabeça, Anne?

Ele se virou para Lauren, que ainda estava ocupada fazendo carinhos em Killer.

– Lauren, deixe esse cachorro em paz e ligue para aquela sua amiga enfermeira. Se a gente levar a Anne assim pra qualquer lugar, é bem provável que as pessoas comecem a fazer perguntas que, imagino, ela não queira responder.

– Desculpe. Hum, isso... Boa ideia. – Lauren apanhou o celular da bolsa.

– Não, por favor, não precisa – eu disse. – Eu estou bem.

Lauren hesitou, olhando para mim, para Mal e para Nate.

– Verdade – insisti, tentando parecer animada. – Vou ficar com o olho roxo, mas estou bem.

– Eu carrego ela – grunhiu Mal quando Nate tentou me levantar.

– Vou andando. Só me ajude a levantar. – Estendi as mãos e Nate, gentilmente, me ajudou a ficar de pé. Atrás de mim, Mal se levantou num salto. Ele agarrou meu quadril, me firmando quando o mundo girou.

– Epa! – Minha cabeça não parava de girar.

– Devagar. – Mal se pôs ao meu lado, deixando que eu me apoiasse nele até me reequilibrar. – Droga, Anne. Eu sinto muito.

– Nunca fiquei com o olho roxo antes.

– Podia ter continuado a viver sem ter um por minha causa. – Ele resvalou os lábios na minha orelha. – Deixe que eu carrego você.

– Ok. – Lutar era tolice. Mal e Reece lutando, e eu resistindo a ser carregada.

Mal me ergueu em seus braços grandes e fortes enquanto eu me deixava levar como a heroína de um romance.

– Estou achando que a minha carreira como lutadora mal começou e já terminou. – Apoiei a cabeça no ombro dele, inspirando o perfume tão familiar. Cara, como senti falta desse cheiro! Mal apenas balançava a cabeça. Acho que ele ainda não estava pronto para ver o lado engraçado de eu ter sido atingida.

Nate abriu a porta do prédio e o resto entrou atrás de mim e de Mal, Reece carregando o filhote e Lauren ainda tentando afagá-lo.

– Você voltou e me trouxe um filhote? – Essa ideia ainda me parecia estranha. Podia ser devido ao meu recente ferimento cerebral. Passei um braço ao redor do pescoço dele, tomando liberdades enquanto ainda podia. Quem poderia saber quanto tempo ele ficaria desta vez? Ou o motivo de ele ter voltado?

– Você não teve nenhum quando era criança.

– Não posso ter animais de estimação neste prédio, Mal.

– É, eu sei. Também te comprei um apartamento novo. Pra que fazer as coisas pela metade, né?

– Certo... – Fiquei com a sensação que ele não estava brincando.

Subimos as escadas. Nate fuçou minha bolsa até encontrar a chave, então abriu a porta do apartamento.

– Coloque-me no sofá, por favor – pedi. – Obrigada. Ah, tem uma bolsa de gelo no freezer.

Sem dizer nada, Mal me colocou onde pedi e foi à procura da bolsa de gelo. Não doeu tanto vê-lo se afastar, não em comparação com o meu olho. Mantive uma mão sobre ele, protegendo-o da luz forte demais.

– Obrigada por terem voltado, gente – disse para Nate e Lauren. – Desculpe atrapalhar a noite de vocês.

Eles só ficaram olhando para mim, meio que ainda atordoados. Lauren estava de jeans, mas de salto alto, evidentemente pronta para uma noite na cidade.

– Desculpe atrapalhar a saída de vocês. E, Reece, relaxe – eu disse, gesticulando. – Foi um acidente.

Ele me lançou um olhar culpado.

Mal voltou apressado com a bolsa de gelo envolvida numa toalha, uma garrafa de água e o frasco de Advil.

– Obrigada. – Engoli dois comprimidos de uma vez e segurei a bolsa de gelo sobre o olho. – Reece, Mal, vocês têm que parar de brigar. Podem me dar isso como presente de aniversário, por favor?

Sem nenhuma demora, Mal estendeu a mão para um cumprimento amigável.

– Tá, tudo bem. – Reece passou o cachorrinho para o outro braço e apertou a mão de Mal.

– Obrigada.

– Tome – ele me entregou o meu cachorro. O grande laço vermelho tinha virado e estava na frente do focinho dele, que rosnava e o puxava com os dentes. Coisa mais linda do mundo. Eu não sabia que queria tanto um cachorro, e apesar do olho latejante, não consegui conter um sorriso. Reece o acomodou no meu colo. Na mesma hora, ele tentou me escalar e lamber o meu queixo. Dos três machos ali presentes, ele, sem dúvida, era o meu favorito, apesar de ser o mais agitado.

– Sossega, carinha. – Mal se sentou ao meu lado no sofá de dois lugares, colocando uma mão sobre Killer para contê-lo.

– Tem certeza de que está bem? – Lauren perguntou, esticando a mão para dar uma última coçada atrás das orelhas do cachorro.

– Sim, vou ficar. Obrigada.

– Quer que a gente vá embora pra você poder chutar o traseiro do Mal?

– Por favor.

Ela assentiu, agarrou um carrancudo Nate e o arrastou porta afora. Porque as garotas entendiam. Os homens, nem tanto.

– Olhe só, Anne – disse Reece. – Desculpe o escândalo aí na frente. E por acertá-la e tudo o mais.

– Sei que sente, Reece, mas agora, eu preciso gritar com Mal. Podemos jantar outro dia?

– Não vai gritar comigo?

– Não. Vou gritar com ele porque eu o amo.

Mal endureceu ao meu lado, a mão que afagava Killer perdeu o compasso.

– Certo – disse Reece. – O que significa que, definitivamente, você não me ama e eu preciso desistir e dar um tempo.

– Sinto muito, Reece.

– Tudo bem. – Reece me deu um sorriso triste, depois se inclinou e me deu um beijo no rosto. – Vou me lembrar disso na próxima vez. Só me faz um favor? Não vá trabalhar nos próximos dias. Fique em casa e dê um tempo pro seu olho sarar e pra minha culpa sumir, ok?

– Pode deixar.

– Sinto muito mesmo.

– Eu sei. Foi sem querer, Reece. Não vou guardar mágoa.

– Ok, sem mágoas – ele repetiu com suavidade. Depois acenou sem muita vontade e saiu, fechando a porta atrás de si. E lá estávamos nós: eu, Mal e Killer. O apartamento ficou estranhamente silencioso por um tempo, desconsiderando os barulhinhos do filhote. Mal o pegou e o colocou com cuidado no chão.

– Quero gritar com você pela maneira como me deixou no outro dia, por ter desaparecido – eu disse, tirando a bolsa de gelo do rosto. – Mas não posso, porque a situação com a sua mãe é horrível e sei que você está sofrendo. E por algum motivo idiota, sinto culpa por não concordar em casar com você, mesmo que o seu pedido tenha sido insano, ridículo e não tinha tido nada a ver comigo.

– Isso não é verdade. E fica com o gelo no rosto.

Voltei a cobrir a minha ferida de guerra.

– Não consigo vê-lo se você ficar sentado desse lado.

Ele suspirou e se ajoelhou na minha frente, com as mãos nos meus joelhos.

– Consegue me ver agora?

– Sim. Por que você não está com a sua mãe? Era onde você deveria estar.

– Ela queria que eu estivesse com você no seu aniversário. Eu queria estar com você no seu aniversário. Nenhum de nós queria que outro cara te levasse pra jantar. Só de pensar nisso eu ficava louco. – O rosto dele ficou tenso, e as mãos subiram e desceram sobre minhas coxas cobertas por meias de lã justas. –

Mamãe e eu conversamos... sobre você e sobre tudo. Ela me ajudou a descobrir algumas coisas.

– Como o quê?

– Você acabou de dizer a Reece que me ama.

– Sim, mas o que a sua mãe te ajudou a descobrir?

Ouvimos um grunhido vindo dos pés deo Mal. Nós o ignoramos.

– Não sei... O que é um relacionamento, o que é o amor. Muitas coisas. Vê-la com o papai esses últimos dias... – Ele afastou meus joelhos, aproximando-se mais. – Sabe, também te amo. Eu só... forcei demais na hora errada, no lugar errado, pelo motivo errado. Foi muita coisa errada ao mesmo tempo, moranguinho.

– Pois é.

Ele assentiu.

– Garota certa, todo o resto errado.

Meu olho bom se encheu de lágrimas. O ruim ainda não tinha parado de lacrimejar, mas por outro motivo.

– Obrigada, mas a situação ficou uma droga e você desapareceu de novo. Você precisa parar de fazer isso. Estou estabelecendo um limite, Mal. Esse não é o tipo de coisa que posso permitir da sua parte.

– Não vou mais desaparecer. Juro. Vamos resolver as coisas juntos.

– Ok. – Funguei e sorri. – É melhor você voltar para perto da sua mãe.

– Amanhã de manhã. Aluguei um jatinho pra levar a gente de volta. Ela... hum... acham que em um ou dois dias... – Ele fechou os olhos com força e pressionou a testa no meu colo. – Esta é a semana mais difícil da minha vida. Não dormi quase nada. Você pode dormir comigo, Anne? Eu preciso mesmo que você durma comigo.

Coloquei a mão sobre a cabeça dele, afagando os fios macios.

– O que você precisar...

—

Onze e quarenta reluzia no meu rádio-relógio quando acordei. Tínhamos apagado todas as luzes e deitado juntos na minha cama (ainda apenas um colchão no chão). Os analgésicos tinham me derrubado, como sempre faziam. Eu não fazia ideia de onde Mal estava. Ao longe, ouvi passos na escada, a porta se abrir e pequenas unhas estalando pelo piso. Em seguida, Killer estava pulando em cima de mim, superenergético. Tendo me cumprimentado como achava que devia, foi se acomodar sobre o meu vestido no chão. Eu o tinha jogado sobre a cômoda, mas ele escorregou. Pelo visto, ele formava uma caminha perfeita para

um filhotinho.

– O nosso filho precisava dar uma mijadinha – disse Mal, tirando o agasalho e as botas.

– Você é um bom pai.

– Sou mesmo, né? Sou o melhor. – Seu jeans foi a peça seguinte e não havia nada por baixo. Se ao menos houvesse mais do que a luz do poste da rua para iluminá-lo... Ele engatinhou para baixo das cobertas comigo. – Como você está, moranguinho? O seu olho está meio acabado.

– Eu sei. Não consigo enxergar desse lado. Mas era para você me dizer que sou bonita, não importando o que aconteça.

– Você é linda, não importa o que aconteça. Também tem um incrível olho roxo. No futuro, nada de apartar brigas. – Ele me deu um beijo suave e carinhoso. Depois me deu outro beijo profundo e molhado, deslizando a língua pela minha. Seu gosto era o meu lar, a sensação das suas mãos amparando a minha cabeça era a pura perfeição. Passei meus dedos por seu tórax e pelos ombros largos, voltando a me familiarizar com ele. Minhas coxas ficaram tensas, senti-me intumescer e umedecer entre as pernas, pronta para ele.

– Feliz aniversário – ele sussurrou.

– Agora que você está aqui é um aniversário feliz.

– Caramba, como senti a sua falta.

– Também senti a sua.

– Você adormeceu tão rápido. O que temos aqui embaixo? – Ele brincou com a barra da minha camiseta.

– Já se esqueceu?

Ele puxou minha camiseta por cima da cabeça e a largou de lado.

– Ah, seios. Melhor presente de todos. Obrigado, moranguinho.

– De nada. Sou a favor de dar no meu aniversário. – Arfei quando ele lambeu um mamilo, depois o outro. Eles se enrijeceram, doendo de um jeito gostoso. – Espere até ver o que mais eu tenho para você.

– Aqui? Mostre pra mim. – Os dedos se engancharam na minha calcinha, arrastando-a para baixo. – Legal. Preciso dar uma espiada mais de perto.

Ele engatinhou entre as minhas pernas, os dedos subindo e descendo pelas minhas coxas com o toque de uma pluma. Com uma tortura lenta, ele lambeu um rastro do alto do meu sexo até o esterno. Toda parte que ele tocava formigava. Sua boca cobriu a minha e a mão massageou o meu sexo, um dedo escorregando para dentro de mim com facilidade.

– Acho que você gosta de mim.

– Cala a boca e me beija.

Ele gargalhou. O dedo que estava dentro se mexeu e ele esfregou um ponto

sensível que me enlouqueceu por completo. Arfei. Meu pescoço se arqueou e meus olhos se arregalaram, fitando o teto sem ver nada.

– Jesus, Mal.

– Isso... – O polegar circundou meu clitóris, fazendo com que os músculos das minhas pernas se enrijecessem. Aquilo seria bem rápido e bem intenso, sem dúvida nenhuma. Eu posso ter negligenciado os meus orgasmos durante a ausência dele. A minha libido tirara férias. Agora, voltava a toda força. A boca sensual se fechou sobre meu mamilo, sugando com vontade, caçoando com a língua.

Gemi e o segurei com força.

– Mais!

Um segundo dedo se juntou ao primeiro, esticando-me um pouco, tornando o contato com meu ponto sensível muito mais eficiente. Meus calcanhares afundaram no colchão. Dessa vez, era capaz de ele me matar mesmo, mas valeria a pena.

– Diga que me ama – ele provocou, ainda atiçando meu mamilo.

– Eu te amo.

– Não, não ama não. Só está dizendo isso porque quer gozar. – Ele se levantou para me olhar nos olhos com um sorriso malicioso. Eu estava perdida. – Não acredito nem um pouco em você.

Segurei o rosto dele, esmagando nossos lábios, beijando-o com ardor. Mostrei a ele como eu me sentia. Entre as pernas, sua mão nunca deixou de me afagar. Quase bastava, mas não de fato. Deus, o nó que se avolumava dentro de mim. Tão perto...

– Você me ama, Anne? – Ele se acomodou sobre os calcanhares, deslizando os dedos para dentro e para fora, fazendo com que a pressão aumentasse.

– Sim.

Da beira da cama, ele apanhou um preservativo, abrindo a embalagem com os dentes.

– Muito?

Assenti, já sem ar.

– Como? Muito, mas muito mesmo? Ou só um pouco de muito?

– O quê?

Com um sorriso, ele ajustou o preservativo.

– Quanto você me ama? Quantos “muitos” você me ama?

– Mal... – Eu não entendia a pergunta. Minhas mãos agarraram o travesseiro embaixo da minha cabeça.

– Viu, é disso que estou falando. – Ele apoiou um braço ao lado da minha cabeça e se abaixou sobre mim. Lentamente, escorregou os dedos para fora do

meu sexo e alinhou seu pau. Tentei ficar com os olhos abertos, mas era uma batalha perdida. Minhas pálpebras desceram. Perdi-me em sensações ao longo do seu pau grosso, que me pressionava por dentro, criando um lugar permanente para si. Nós nos encaixávamos na medida certa.

– Eu te amo mais – ele disse. Em seguida, seus dedos circundaram meu clitóris, me dando aquilo de que eu precisava, aplicando a pressão perfeita e me acendendo por dentro. Explodi. O fogo dentro de mim ardeu descontrolado. Contanto que eu me segurasse a ele, tudo ficaria bem. Minhas pernas o prendiam com força, minhas mãos o ancoraram a mim, ligando-me ao seu sexo. Os músculos ao redor da minha vagina se contraíram, ávidos e desejosos.

E ele gemeu, pressionando o rosto ao meu.

Voltei lentamente à realidade, à consciência, muito gradualmente. Mal começou a se mover, devagar a princípio, entrando e saindo. Pequenos tremores me lançavam à deriva a cada investida.

– Mentiroso – sussurrei, lembrando-me do que ele dissera. – Eu te amo mais.

Ele sorriu, penetrando-me.

– Prove.

Envolvi-o com minhas pernas e braços, capturando sua boca com a minha, dando-lhe tudo. Confiando-lhe tudo. Porque eu finalmente encontrara alguém que aceitaria tanto o bom quanto o ruim, a tristeza e a alegria. E queria fazer o mesmo por ele.

Ele estava sendo tão cuidadoso, mas havia muita emoção represada dentro dele. Eu conseguia sentir, correndo em sua pele, ardendo em seus olhos.

– Mais – incitei-o.

Ele acelerou.

– Pare se de controlar.

– Anne... – O maxilar dele ficou tenso, os olhos verdes se iluminaram.

– Vai. Vem com tudo. Eu aguento.

Mal não precisou de mais incentivo. Ele me abraçou ao seu encontro, as nossas peles se raspando uma na outra, conforme ele me penetrava. Nossos quadris se chocaram, seu pau invadiu o meu cerne. Era como estar no meio de uma tempestade, algo tanto assustador quanto lindo. Nunca confiei em ninguém para fazer um sexo tão selvagem, para levar as coisas assim tão adiante. Ele me açoitava. Seus dentes cravaram meu pescoço, marcando-me, e com uma mão, ele me segurou na nádega, prendendo-me a ele. Seu corpo inteiro estremeceu ao meu encontro, enquanto ele se enterrava fundo e gozava. Ele gritou meu nome, sua boca ainda pressionada na minha pele.

Mantive os braços e as pernas firmes ao seu redor, fazendo com que ele caísse sobre mim. Seu peso me pressionou na cama. Eu seria capaz de abraçá-lo para

sempre.

Ficamos deitados em silêncio. O meu rosto estava molhado na região onde ele pressionara o seu. Suor ou lágrimas, não sei dizer, mas ele ficou tremendo por um bom tempo. Afaguei seus cabelos e suas costas, deslizando os dedos pela sua coluna.

– Eu te amo – eu disse. – Tanto que nem sei descrever.

Ele tracejou os lábios ao longo do meu maxilar.

– Acredito em você.

EPÍLOGO

Um mês depois...

– Não tenho tanta certeza quanto a isso. – Eu estava sentada na lateral da nossa cama, afagando Killer. Ele tolerava isso por períodos curtos, mas o modo como o traseiro dele balançava me dizia que esse tempo estava chegando ao fim. Filhotinhos de cachorro tendiam a ter apenas duas velocidades, de acordo com a minha parca experiência: parados e correndo. Não era estranho encontrá-lo completamente adormecido, com o focinho na tigela de ração, depois de um dia de brincadeiras intensas.

– O que você quer fazer? – Mal perguntou.

– Não sei.

Ele olhou ao redor do quarto, apoiando o quadril na ponta da nossa nova e gigantesca cama de dossel. Mal insistira que precisávamos dela e detalhara os planos para o seu uso. Ao que tudo levava a crer, eu teria que desempenhar o papel do cordeiro sacrificado, sendo regularmente amarrada e oferecida aos deuses do sexo oral. No que se referia a destinos, eu não considerava esse nem um pouco terrível. Além do quê, essa cama era muito mais firme do que aquela do meu apartamento. *Se* e *quando* decidíssemos ficar pulando na cama, ele me garantiu que ela não nos deixaria na mão.

Mal fazia com que viver fosse algo divertido. Hoje, contudo, era um dia totalmente diferente.

– Logo elas vão chegar – ele disse. – Você se esforçou muito para isso. Toda a comida está pronta. Tudo foi organizado e você quis fazer isto. Esta ideia foi sua, mas se achar mesmo que desistir e se esconder como um leão covarde é o melhor a fazer, então também está bom para mim. Eu até ajudo você a viver com a vergonha e o arrependimento pelo resto da vida.

Meus ombros se curvaram.

– Ai, Deus, você não presta.

– Eu te amo, moranguinho.

– Também te amo. Só não sou muito boa nesse tipo de coisa. – Deixei Killer

no chão, e ele imediatamente foi perseguir uma garrafa de Coca Diet. Era seu brinquedo predileto desde que fora forçado a desistir dos All-Star de Mal. Suas tias anormais, Lizzy, Ev e Lauren compraram-lhe todo tipo de brinquedo canino existente, mas ele não podia ser dissuadido de seus hábitos proletários. Aquele cachorro era demais.

Alguém bateu à porta da sala de estar. Killer pode ter sido o meu primeiro presente de aniversário, mas o verdadeiro fora o apartamento em frente ao de David e Ev, onde Mal e eu agora morávamos juntos. Ali, animais de estimação eram permitidos. O que dizer para um cara que comprava um apartamento só para que você pudesse ter o cachorro que não teve na infância? Na verdade, eu não disse nada. Fiz um boquete nele depois que parei de chorar. Ele pareceu agradecido. Além disso, ele já sabia que eu o amava. Eu repetia isso constantemente.

Alguém voltou a bater.

Senti os ombros penderem.

– Pronta? – ele perguntou.

Assenti. Ele estendeu a mão, e eu a aceitei, deixando-o me guiar pelo corredor, até a sala de estar.

– Você não vai sair, vai? – perguntei, odiando o modo como meus joelhos estavam fracos.

– Não vou sair. Vou ficar ao seu lado o tempo todo.

– Ok. – Sorri. – Não que eu seja uma coisinha patética que precisa de uma muleta ou de um cobertorzinho de segurança, nem nada assim.

– Ei – ele disse, segurando meu queixo com carinho. – Você tem sido a minha muleta no último mês e meio. Deu-me tudo de que eu precisava sempre que podia. Nós nos apoiamos um no outro, moranguinho. Está tudo bem.

– Obrigada.

Ele fez uma mesura.

– De nada.

Era, na verdade, bem ridículo o monstro em que transformei aquela situação, dentro da minha cabeça. Entretanto, eu podia enfrentar dragões com ele ao meu lado. Sem dúvida nenhuma. Alinhei as costas, respirei fundo.

– Estou bem.

– Sim, você está. Todos os nossos amigos estão vindo para cá. Todos estão do seu lado, Anne – ele disse. – Este será o melhor jantar de véspera de Dia de Ação de Graças da história.

Passaríamos o Dia de Ação de Graças na casa da irmã mais velha dele, em Idaho. Lori morrera não muito depois de termos chegado em Coeur d'Alene, no dia seguinte ao nosso reencontro. Aquilo baqueara demais Mal. E ainda

baqueava, mas ele nunca mais socou a parede, nem enxugou garrafas de Jack Daniel’s em noites alternadas. Ele ficava calado e se retraía de tempos em tempos, mas sempre voltava para mim.

– Você consegue – disse. E eu acreditei nele.

Mal abriu a porta e lá estavam Lizzy e mamãe, que me deu um sorriso incerto. Seus cabelos cor de cenoura tinham mais fios grisalhos do que eu me lembrava, e as rugas suavizaram seu rosto. Se servia de ajuda, ela parecia mais nervosa do que eu, a julgar pelo modo como torcia os dedos diante do corpo.

– Oi, mãe. – Dei um passo à frente, quase beijando-a no rosto. Quase, mas ainda não. Faltou pouco. Quem sabe da próxima vez? – Mãe, este é Mal. Mal, esta é minha mãe, Jan.

– Olá, Jan. Prazer em conhecê-la. – Mal se adiantou para cumprimentá-la, todo sorrisos, mas sua mão não soltou da minha.

A preocupação marcou mais o rosto dela ao ver Mal. No entanto, suas palavras foram gentis enquanto eles trocaram amenidades. Tudo ficaria bem. Passaríamos por aquilo. Porque a verdade era que a vida ali era boa. Fora antes de Mal aparecer. E agora estava ainda melhor. Astronomicamente melhor. Se minha mãe e eu pudéssemos seguir em frente e manter algum tipo de relacionamento, seria maravilhoso. Se não desse, eu sobreviveria.

– Venha conhecer a casa, mãe. Ela é linda. Mal comprou para Anne de presente de aniversário. – Lizzy piscou para mim, conduzindo mamãe para dentro do apartamento, dando-me um momento para recobrar o fôlego. Que Deus a abençoasse por isso.

Eu tinha uma sorte tremenda porque a nossa casa, de fato, era maravilhosa. O piso era recoberto por ladrilhos italianos pretos reluzentes, muito modernos. Nossas paredes eram de um branco imaculado e a mobília cinza tinha toques de turquesa. Apesar de o design ser o mesmo, tinha uma atmosfera diferente da casa de David e Ev. Falando neles, os dois eram excelentes vizinhos. Adoravam dar uma de babá de Killer. Ou pelo menos, Ev adorava. David ainda demonstrava algum ressentimento pelo fato de o meu cachorro ter mordido a tira de couro de uma ou duas de suas guitarras e por ter feito xixi no tapete deles. Algumas pessoas gostavam muito de julgar...

Mal e David passavam bastante tempo juntos, já que Ben e Jimmy iam e vinham entre as casas deles e os nossos apartamentos. A família Stage Dive nunca sequer piscou com a minha inclusão, algo pelo qual sou extremamente grata. Até fizeram com que Lizzy se sentisse bem-vinda. Apesar de sua queda por Ben me deixar de sobreaviso.

– Olhe só o tamanho da banheira deles, mãe – a voz de Lizzy ecoou pelo corredor junto com as palavras de admiração da nossa mãe. Era uma banheira

grande. Mal e eu fazíamos um bom uso dela. Eu quase nem sentia saudades da antiga banheira de pés em garra do meu antigo apartamento.

– Tudo bem? – ele perguntou baixinho, ignorando as arranhadas de Killer na sua perna.

– Sim. – Virei meu rosto para ele e passei a mão ao redor do seu pescoço. Sem dizer nada, ele se abaixou, encaixando a boca na minha, me dando tudo e mais um pouco. Quando ele terminou o que estava fazendo, eu estava arfando, sentindo-me corada.

– Parem com isso – Ben gemeu, balançando um buquê de flores nas mãos. – Vocês têm convidados, comportem-se, pelo amor de Deus.

– Ah, que gentileza. Você me trouxe flores, Benny? – Mal perguntou, esfregando a mão nas minhas costas.

– Diabos, não. Trouxe flores para a sua namorada gostosa. – Ele me entregou o buquê pesado nos braços.

– Obrigada, Ben. – Sorri encantada.

– Bem, para a sua namorada gostosa e a irmãzinha dela, igualmente gostosa.

Estreitei o olhar na direção dele.

O homenzarrão sorriu. Ele adorava provocar.

– Onde está o restante? – Ben perguntou. Apanhou Killer do chão e se acomodou num canto do sofá, ligando a TV. Com uma mão ele mudava de canal, com a outra, ele continuava acarinhando meu cachorro. Logo, latidos infantis enlouquecidos preencheram o ar, junto a grunhidos e barulhos de mordida. Killer adorava Mal, mas Ben não ficava muito atrás com seus carinhos caninos.

– Eles logo chegam – respondeu Mal.

– Ficou sabendo que Lena pediu demissão?

Fiquei muito surpresa.

– O quê? Não. Quando?

– Uns dias atrás. Jimmy não está nada satisfeito.

Mal deu um assobio baixinho, mas não teceu comentários. O olhar dele disparou para o corredor, onde mamãe e Lizzy vinham terminando o *tour,* visto que já não tinham nenhum cômodo para ver.

– Rápido – Mal disse, aproximando meu rosto do dele.

– O quê?

– Isto. – Cobriu a minha boca com a dele, deslizando a língua para dentro. Ou seja, me beijando até me deixar tonta. Não notei qualquer comentário zombeteiro que Ben tenha feito. Beijar Mal era o que importava. Suas mãos amparavam minhas nádegas, os dedos massageavam. Os dedos dos meus pés se curvaram e meus sentidos enlouqueceram. Quando ele recuou, meus lábios estavam úmidos, assim como a região mais abaixo. Precisei de um longo minuto

para recobrar o fôlego.

– Não podemos malhar na frente da sua mãe – ele explicou. – Ops. Eu meio que acabei com o seu batom. Mais do que da última vez. Desculpe.

– Valeu a pena.

– Valeu? – ele perguntou, a paixão e o afeto e uma centena de outras coisas reluziam em seus lindos olhos verdes.

– Ah, sim. Você é o melhor. – Retribuí com um amplo sorriso.

– Ei, moranguinho. Claro que sou!

AGRADECIMENTOS

Quaisquer letras de músicas foram uma cortesia da *Soviet X-Ray Record Club*. Você pode saber mais sobre a banda por meio do site: www.sovietxrayrecordclub.com.

Muito obrigada à minha incrível agente Amy Tannenbaum, à minha maravilhosa agente Rose Hilliard, da *St. Martin's Press*, a Cate, Haylee, Danielle, a todos da *Macmillan* da Austrália (vocês são demais) e da *Macmillan* do Reino Unido, além de Joe, Mark e Tara, da *Momentum*. Também agradeço a Chas e a todos da *Rockstar* e da *Literary Services*, por todo o trabalho árduo.

Agradeço imensamente às minhas rainhas de crítica: Jo (você não é tão ruim quanto imaginei, na maior parte do tempo), Sali Benbow-Powers, Kendall Ryan e Hang Lee. O tempo que despenderam e o cuidado empregado em me dar suas honestas opiniões são sempre muito apreciados.

Meu muitíssimo obrigada às amigas Joanna Wylde, Kim Karr, Katy Evans, Kim Jones e Renee Carlino por serem a fartura de sanidade e meu apoio sempre.

Agradeço a todas as blogueiras e leitoras, especialmente do *Dear Author*, Jen e Gitte; do *Totally Booked*, Aestas, Natasha; do *Smut Book Club*; *Shh Mommy's Reading*; *Up All Night Book Blog*; *Smexy Books*; *The Book Publishers*; *Twinsie Talk*; *Book Chatter Cath*, Katrina, Dawn; *Under the Covers*, Kaetrin, Amber, Angie, Lori e todo mundo do *Groupie Talks*. Certamente, devo ter me esquecido de pessoas importantes, que foram generosas e me apoiaram. Minhas sinceras desculpas e muito obrigada. Eu gostaria de poder lhes dar o seu próprio astro do rock como presente de Natal.

OUTROS TÍTULOS DE KYLIE SCOTT

• Lick (Vol. 1 da série *Stage Dive*)

Elogios à série *Stage Dive*

“Provenientes do mesmo material dos meus sonhos com astros do rock. Verdadeira adrenalina. Senti meu estômago afundar em cada queda vertiginosa dessa montanha-russa. E quero voltar para mais um passeio. Para toda garota que já se apaixonou por um astro do rock, esta será a fantasia suprema.” – *Maryse’s Book Blog*

“Este livro balançou meu mundo! *Lick* é uma mistura viciante de uma paixão ardente, com diversão leve. Você conseguirá se perder nessa história. O romance perfeito de um astro do rock!” – *Aestas Book Blog*

“Uma leitura envolvente, sensual e emocionante.” – *Dear Author*

“Excelente e delicioso. Sem dúvida, vai ficar na minha lista dos dez melhores livros do ano!” – *The Book Pushers*